«LEITURA OBRIGATÓRIA.»
ENTERTAINMENT WEEKLY

DANIEL SILVA

A MARCA DO ASSASSINO

SÉRIE MICHAEL OSBOURNE # 1



NÚMERO 1 DO *NEW YORK TIMES*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DANIEL SILVA

(1960)

A Marca do Assassino

Titulo original inglês

THE MARK OF THE ASSASSIN

1998

Tradução

LUÍS SANTOS

Bertrand, 2007

DANIEL SILVA
A MARCA DO ASSASSINO
Tradução de Luís SANTOS
BERTRAND EDITORA, Lisboa 2007
Título Original: The Mark of the Assassin
Copyright (c) 1998 by Daniel Silva
Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1 0-499 Lisboa
Telefone: 21 762 61 00
Fax: 21 762 61 50
Correio eletrônico: editora@bertrand.pt
Imagens de capa. Getty Mages
Revisão: Eda Lyra
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Impressão e acabamento: Tipografia Peres Depósito legal nº 265 636/07
Acabou de imprimir-se em Outubro de 2007
ISBN: 978-972-25-1621-1

SINOPSE

Um ataque terrorista explode o Voo 002 sem deixar pista que conduza aos autores do crime. Mas um cadáver encontrado junto aos destroços do avião tem o cartão de visita de um assassino implacável e esquivo: três marcas de balas no rosto. Michael Osbourne, agente da CIA especialista em terrorismo, conhece essa marca. Bem demais. Impelido por uma obsessão que ameaça consumir a carreira, a família e a própria vida, Osbourne segue agora febrilmente o rastro do assassino. Mas num mundo de sombras e mentiras, intriga e disfarce, o homem com uma missão expõe-se ao assassino mais brutal e diabólico da face da Terra.

Para Esther Newberg, minha agente literária e amiga.

E, como sempre, para Jamie, que torna tudo possível, e para meus filhos, Lily e Nicholas.

Conhecereis a verdade
E a verdade vos libertará.

CREDO DA CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, RETIRADO DO LIVRO DE JOÃO.

Conhecereis a verdade
E a verdade vos lixará.

VERSÃO DOS AGENTES.

PRÓLOGO

FRONTEIRA AUSTRO-TCHECA

AGOSTO DE 1968

O holofote percorreu o campo aberto. Estavam numa vala no lado checo da fronteira: um homem, uma mulher e um adolescente. Nas noites anteriores outros tinham passado por ali ─ dissidentes, reformistas, anarquistas ─ na esperança de fugir aos russos que tinham invadido a Tchecoslováquia e esmagado a experiência de liberdade levada a cabo por Alexander Dubcek, já conhecida como "Primavera de Praga". Alguns tinham conseguido. A maior parte fora detida. O próprio Dubcek fora sequestrado e levado para a União Soviética. Segundo os boatos que corriam, havia quem tivesse sido levado para um batatal próximo e fuzilado.

As três pessoas na vala não estavam preocupadas com o fato de conseguirem ou não fugir. Tinha-lhes sido ordenado que fossem àquela hora, e garantido que a passagem para o Ocidente correria sem problemas. Não tinham motivos para duvidar do que lhes fora dito, pois os três eram agentes do Comité Soviético para a Segurança do Estado, mais conhecido como KGB.

O homem e a mulher serviam no Primeiro Direktorado do KGB. As suas ordens eram infiltrarem-se nas comunidades de checos e russos dissidentes no Ocidente. O rapaz estava ligado ao Departamento V, os assassinos.

O homem rastejou até o alto da vala e perscrutou a noite. Deitou o rosto na erva fresca e úmida quando a luz lhe passou por cima. Com o regresso da escuridão, voltou a erguer-se e observou.

A lua em quarto pairava no horizonte, o que garantia luz suficiente para se ver com clareza: a torre de vigia, a silhueta do guarda fronteiriço, um segundo policial a caminhar ao longo do caminho de cascalho que dava acesso à vedação. O homem olhou para o mostrador luminoso do relógio. Virou-se e murmurou em checo.

─ Fiquem aqui. Vou ver se estão prontos para nós. Rastejou sobre o topo da vala e desapareceu.

A mulher olhou para o rapaz. O jovem não tinha mais do que dezesseis anos e ela passara as noites acordada com fantasias sexuais com ele desde a sua chegada à Checoslováquia, havia três semanas. Era demasiado bonito para rapaz: cabelo preto, olhos azuis profundos, como um lago siberiano. A tez era pálida, quase branca. Até àquela noite nunca estivera em campo, mas não mostrava sinais de medo. Apercebeu-se de que ela o fitava. Respondeu-lhe ao olhar com uma franqueza animal que a fez arrepiar-se. O homem regressou dali a cinco minutos.

— Depressa — indicou. — Venham depressa e não digam nada. Estendeu a mão e puxou a mulher para fora da vala. Ofereceu ajuda ao rapaz, que a recusou e saiu pelos seus meios. O guarda fronteiriço juntou-se a eles na vedação. Caminharam cinquenta metros, até o local onde o arame fora cortado. O guarda puxou a rede e, um a um, os três agentes da KGB entraram na Áustria.

Os agentes de controle do Centro de Moscou tinham-lhes definido os movimentos. Teriam de andar até a aldeia mais próxima e encontrar um polícia austríaco. Pela experiência sabiam que os agentes seriam levados para um centro de detenção com outros refugiados de Leste. O interrogatório por parte dos agentes de segurança austríacos seria inevitável, para garantir que não eram espiões. As identidades checas tinham demorado meses a serem construídas. Não tinham falhas. Se tudo corresse de acordo com o plano, dali a semanas seriam libertados para o Ocidente e dariam início à missão que lhes fora atribuída pelo KGB. O Departamento V tinha outros planos para o rapaz.

Não havia segurança do lado austríaco da fronteira. Cruzaram um campo aberto. O ar estava denso com o fedor de estrume e com o estrépito dos grilos. A paisagem escureceu quando a Lua se ocultou por trás das nuvens. A vereda encontrava-se exatamente onde os agentes de controle tinham indicado. Quando chegarem à estrada, dirijam-se para sul, tinham-lhes dito. A aldeia fica nessa direção, a três quilômetros de distância.

O caminho era irregular e estreito, quase nem tendo largura suficiente para uma carroça, e ondulava ao acompanhar a paisagem suave. Caminharam rapidamente, o homem e a mulher à frente, o rapaz alguns passos mais atrás. Meia hora depois, o horizonte tremeluzia com o brilho de postes. Em seguida, o campanário de uma igreja deixou-se ver acima de uma colina baixa. Foi então que o rapaz levou a mão ao casaco, retirou uma pistola com silênciador e alvejou o homem na nuca. A mulher virou-se rapidamente, os olhos arregalados de terror.

O braço do rapaz ergueu-se e disparou três vezes no rosto.

OUTUBRO

AO LARGO DE LONG ISLAND, NOVA YORK

Tentaram na terceira noite. A primeira não fora adequada: céu carregado, chuva intermitente, rajadas de vento. A segunda noite esteve limpa, com uma boa Lua no céu, mas um vento frio de noroeste encrespou demasiado o mar. Até mesmo o iate de mar alto foi agitado. Seria infernal a bordo do pequeno barco a motor. Precisavam de um mar calmo para levar a cabo o que tinham a fazer a partir do barco, por isso afastaram-se mais da costa e passaram uma noite de enjoo à espera. Nessa manhã, a terceira alvorada, a previsão do estado do tempo para a costa foi prometedora: vento fraco, mar calmo, uma frente lenta com bom tempo na sua esteira.

A previsão mostrou-se acertada. A terceira noite estava perfeita.

O seu nome verdadeiro era Hassan Mahmoud, mas sempre o considerara inócuo para um guerreiro da liberdade islâmico, por isso oferecera a si próprio um *nom de guerr*e mais audaz, Abu Jihad. Nascera na Faixa de Gaza e fora criado por um tio na cidade de Gaza. A sua política fora moldada pelas pedras e pelo fogo da Intifada. Aderiu ao Hamas, lutou contra israelenses nas ruas, sobreviveu a dois irmãos e perdeu a conta a quantos amigos. Ele próprio foi ferido uma vez, ficando com o ombro direito destroçado por uma bala do exército israelense. Os médicos disseram que nunca recuperaria o uso total do braço. Hassan Mahmoud, também conhecido por Abu Jihad, aprendeu a atirar pedras com o braço esquerdo. 16

O iate tinha trinta e três metros de comprimento, com seis cabines privadas, um salão amplo e um convés de popa grande o suficiente para albergar uma festa de sessenta pessoas. A ponte era topo de gama, com sistemas de navegação e de comunicação por satélite. Fora concebida para uma tripulação de três elementos, mas dois homens capazes poderiam dar conta do assunto com facilidade.

Tinham zarpado oito dias antes do minúsculo porto de Gustavia, na ilha caribenha de Saint-Barthélemy, e navegado sem pressas ao longo da costa leste dos Estados Unidos. Mantiveram-se bem ao largo das suas águas territoriais, mas não deixaram de sentir o leve toque da vigilância americana durante a viagem: o avião P-3 Orion que os sobrevoava todos os dias, os barcos da Guarda Costeira dos EUA que cortavam as ondas no mar aberto à distância. Tinham uma história

preparada, para o caso de serem abordados. O navio estava registrado em nome de um abastado investidor francês, e deslocavam-se das Caraíbas para a Nova Escócia. Aí, o francês subiria a bordo do iate, acompanhado por um grupo de doze pessoas, para um cruzeiro de um mês nas Caraíbas. Não havia qualquer francês ─ fora criado por um oficial de um serviço secreto amigo ─ e, seguramente, não havia nenhum grupo de doze elementos.

Quanto ao Canadá, não faziam sequer tenção de se aproximarem.

Nessa noite, limpa e bastante fria, agiram em condições de extinção de luzes.

A brilhante Lua em quarto garantia luz suficiente para que se deslocassem com facilidade nos conveses. O motor estava desligado, para o caso de um avião ou um satélite equipado com infravermelho passar por cima do barco. O iate ondulava suavemente no mar calmo.

No salão escurecido, Hassan Mahmoud fumava nervoso. Vestia jeans, tênis Nike e um pulôver de lã da L. L. Bean. Ergueu o olhar para o outro homem. Estavam juntos havia dez dias, mas o companheiro falava apenas quando necessário. Certa noite quente, ao largo da costa do estado da Geórgia, Mahmoud tentara meter conversa. O homem limitara-se a resmungar e dirigira-se à sua cabine. Nas raras ocasiões em que comunicava verbalmente, falava com o árabe correto e átono de quem estudara a língua com afinco sem, no entanto, ter dominado as subtilezas. Quando Mahmoud lhe perguntou o nome, o homem passou a mão pelo cabelo negro curto, esfregou o nariz e respondeu que se fossem necessários nomes, poderia chamar-lhe Yassim.

Não era, de todo, um Yassim. Mahmoud era bastante viajado para um rapaz dos campos de Gaza. O ofício do terror a isso o obrigava. Estivera em Roma e em Londres. Passara muitos meses em Atenas e escondera-se em Madrid com uma célula palestina durante todo um Inverno. O homem que desejava ser chamado de Yassim e que falava com uma pronúncia estranha não era árabe. Enquanto o observava, Mahmoud tentou atribuir uma posição geográfica e uma etnia à mistura de feições estranhas do cúmplice silencioso. Olhou para o cabelo: quase preto, com laivos grisalhos nas fontes. Os olhos eram de um azul penetrante, a tez tão pálida que era quase branca. O nariz era comprido e estreito ─ o nariz de uma mulher, pensou ─ os lábios cheios e sensuais, as maçãs do rosto largas. Talvez grego, pensou, talvez italiano, ou espanhol. Talvez turco, ou curdo. Durante um momento insano, chegou a pensar que fosse israelense. Mahmoud observou o homem, que desejava ser chamado Yassim, a desaparecer pela escada para o convés inferior. Regressou dois minutos depois, com um objeto comprido e esguio.

Mahmoud apenas tinha um nome para ele: Stinger.

Quando falou, Yassim tratou Mahmoud como se este não percebesse nada de Stingers. No entanto, Mahmoud conhecia-os bastante bem. Sabia que a versão do míssil lançada ao ombro tinha um metro e meio e pesava exatamente dezessete quilos, duzentos e cinquenta gramas. Sabia que possuía sistemas de orientação de busca de calor, de infravermelhos e ultravioletas passivos. Sabia que o alcance efetivo era de cerca de cinco quilômetros. Nunca disparara uma dessas armas, eram demasiado preciosas e caras para se desperdiçarem com um teste, mas treinara dezenas de horas e sabia exatamente o que esperar.

— Já foi programado para procurar um avião grande de quatro motores — dizia Yassim. — A ogiva foi preparada para penetrar no alvo antes de explodir.

Mahmoud aquiesceu e não disse nada.

— Aponta o míssil ao alvo — explicou Yassim pacientemente, no seu árabe monocórdico. — Quando o sistema de orientação encontrar o alvo e se fixar, vais ouvir um som no ouvido. Quando ouvires o sinal, dispara.

Mahmoud tirou outro Marlboro e ofereceu o tabaco a Yassim, que recusou com um gesto da mão e prosseguiu com a palestra.

— Depois de o míssil ser disparado, deixa o tubo de lançamento vazio no barco e volte para o iate.

— Disseram para jogar o tubo na água — replicou Mahmoud.

— E eu estou dizendo para trazer para cá. Quando o avião cair, os americanos vão varrer o leito do oceano com sonar. É bem provável que o encontrem. Por isso, traga-o. Livramo-nos dele mais ao largo.

Mahmoud aquiesceu. Recebera ordens diferentes, mas a explicação para a mudança de planos era razoável. Não disseram nada durante vinte minutos. Mahmoud brincou com o punho do tubo de lançamento do Stinger. Yassim serviu-se de café e bebeu-o no convés de popa, ao ar frio da noite.

Depois Yassim subiu até a ponte e escutou o rádio. Mahmoud, ainda instalado no salão, podia ouvir as indicações dos controladores aéreos do Aeroporto Internacional JFK.

Dois barcos mais pequenos estavam amarrados à ré do iate, um barco de borracha, Zodiac, e um navio-baleeiro de Boston, Dauntless, com seis metros. Mahmoud desceu até junto à água, puxou o navio—

— baleeiro mais para o iate e passou por cima da amurada para os bancos da frente. Yassim seguiu-o pelas escadas e entregou-lhe o Stinger. O navio-baleeiro tinha uma consola dupla, dividida por uma passagem que ligava os bancos da frente dos posteriores. Mahmoud pousou o Stinger no convés de ré, sentou-se aos comandos e ligou o motor. Yassim soltou o navio-baleeiro, atirou a corda para o convés e empurrou o barco mais pequeno com um movimento rápido do pé.

Mahmoud acelerou e o navio-baleeiro cruzou a água em direção à costa de Long Island.

O Voo 002 da TransAtlantic Airlines parte todas as noites do Aeroporto Internacional JFK às 7:00 e chega a Londres na manhã seguinte às 6h55. O capitão Frank Hollings já perdera a conta às vezes que fizera a viagem, muitas delas no mesmo Boeing 747 que pilotaria nessa noite, o N75639. A aeronave foi a centésima quinquagésima a sair da linha de montagem dos Boeing 747, em Renton, Washington, e tivera poucos problemas durante as suas três décadas no ar. A previsão meteorológica indicava bom tempo durante a maior parte do percurso e uma aproximação chuvosa a Heathrow. Hollings esperava um voo calmo. Às 6:55, a chefe de cabine informou o capitão Hollings de que todos os passageiros se encontravam a bordo. Exatamente às 7:00, o Capitão ordenou que se fechassem as portas da aeronave e o Voo 002 da TransAtlantic afastou-se do portão de embarque.

Mary North dava aulas de Inglês na Bay Shore High School de Long Island e era conselheira do Clube de Drama. Na altura, acompanhar os membros do clube a Londres, para cinco dias de teatro e de turismo, parecera uma boa ideia. O projeto exigira mais esforço do que ela imaginara: inúmeras vendas de bolos, lavagens de carros e rifas. Mary pagara as suas próprias despesas, mas isso significara ter de deixar o marido e os dois filhos nos Estados Unidos. John ensinava Química na Bay Shore, e o orçamento não permitia uma viagem a Londres para alguns dias de teatro.

Os alunos pareciam animais. Tivera início na van a caminho do aeroporto: os gritos, a música rap e Nirvana aos berros nos receptores. Os filhos tinham quatro e seis anos, e todas as noites ela rezava para que não chegassem à puberdade. Agora os alunos estavam a atirar pipocas uns aos outros e faziam comentários sugestivos sobre as assistentes de bordo. Mary North fechou os olhos. Talvez se cansassem rapidamente, pensou. Talvez dormissem.

Uma pipoca foi bater-lhe no nariz.

Se calhar perdeste a cabeça de vez Mary, pensou.

Enquanto o Voo 002 se dirigia para o fim da pista, Hassan Mahmoud estava a bordo do Dauntless, a cruzar as águas para o extremo ocidental da Fire Island, a ilha esguia na costa sul de Long Island.

A viagem desde o iate decorrera sem percalços. A Lua baixa brilhava no céu oriental, o que lhe permitia navegar sem luzes. Do distrito de Queens, à sua frente, emanava uma pálida luz amarela.

As condições atmosféricas eram perfeitas: céu limpo, mar calmo, quase sem vento. Mahmoud confirmou o indicador de profundidade e desligou o motor. O Dauntless deslizou sobre as águas até parar. À distância podia ouvir o

ronco de um navio de carga a sair do porto de Nova York. Ligou o rádio e sintonizou a frequência adequada.

Cinco minutos depois, Mahmoud ouviu o controlador aéreo a dar ao Voo 002 da TransAtlantic a autorização final para a descolagem. Pegou no Stinger e ligou os sistemas de disparo e de orientação. Depois colocou-o ao ombro e olhou para o céu noturno através do mecanismo de pontaria.

Mahmoud ouviu o avião antes mesmo de o conseguir ver. Dez segundos depois, avistou as luzes de navegação do 747 e seguiu-as pelo firmamento negro. Depois ouviu o sinal sonoro que o avisava de que o Stinger se fixara no alvo. O navio-baleeiro agitou-se com violência quando o combustível sólido do Stinger se inflamou e o míssil deixou o tubo de lançamento com um rugido. "Os americanos gostam de chamar ao seu precioso Stinger uma arma de disparar e esquecer", dissera-lhe o instrutor durante uma das sessões de treino. O instrutor era um afegão que perdera um olho e uma mão a matar russos. Disparar e esquecer, pensou Mahmoud. Disparar e esquecer. Tão simples quanto isso. Agora vazio, o tubo de lançamento era bastante mais leve. Largou-o para o convés, tal como Yassim lhe dissera para fazer. Depois ligou o motor do navio-baleeiro e afastou-se velozmente da costa, olhando brevemente sobre o ombro para ver o Stinger a rasgar o manto negro da noite a uma velocidade supersônica.

O capitão Frank Hollings pilotara bombardeiros B-52 sobre o Vietname do Norte e já vira mísseis terra-ar. Durante um breve instante, permitiu-se acreditar que poderia ser outra coisa, um avião pequeno em chamas, um meteoro, fogo-de-artifício desgarrado. Depois, à medida que o míssil se aproximava deles como um raio, apercebeu-se de que não podia ser mais nada. O cenário de pesadelo tornara-se realidade. ─ Santa Mãe de Deus ─ murmurou. Virou-se para o copiloto e fez menção de falar. O avião estremeceu com violência. No instante seguinte, foi rasgado por uma potente explosão e sobre o mar choveu fogo.

Quando ouviu o Dauntless a aproximar-se, o homem chamado Yassim acendeu rapidamente uma poderosa lanterna de sinalização três vezes. O barco mais pequeno deixou-se ver. Mahmoud reduziu a potência e o Dauntless deslizou até a popa do iate.

Mesmo no luar fraco, podia ver a expressão no rosto do rapaz: o entusiasmo febril, o medo, a excitação. Era visível nos brilhantes olhos palestinos de um castanho profundo, nas mãos agitadas que percorriam os controles do Dauntless. Por sua conta, Mahmoud passaria a noite em claro, e o dia seguinte também, a reviver o momento, a recontar cada pormenor, a explicar vezes sem conta como se sentira no instante em que o avião irrompera em chamas. Yassim detestava ideólogos, abominava a forma como envergavam o

sofrimento como uma armadura e disfarçavam o medo com uma máscara de valor. Desconfiava de todos os indivíduos que se dispunham a ter uma vida assim. Apenas confiava em profissionais.

O Dauntless bateu ao de leve na popa do iate. O vento aumentara de intensidade nos últimos minutos e ondas suaves chapinhavam no casco dos barcos. Yassim desceu a escada enquanto Hassan Mahmoud desligava o motor e se deslocava para a zona dos bancos. Estendeu a mão para que Yassim o ajudasse a sair do barco, mas o homem limitou-se a sacar da cintura uma pistola Glock 9mm com silenciador e alvejou rapidamente o jovem palestino três vezes no rosto.

Nessa noite, estabeleceu a rota do iate para oriente e ligou o sistema de navegação automática. Ficou acordado na sua cabine, deitado na cama. Mesmo agora, depois de mortes incontáveis, não conseguia dormir na primeira noite após um assassinato. Quando fugia, ou quando ainda estava em público, conseguia sempre manter-se concentrado e frio. Mas à noite chegavam os demônios. À noite via os rostos, um a um, como fotografias num álbum. Primeiro vivos e vibrantes, depois contorcidos com o véu da morte, ou desfeitos pelo seu método preferido de matar, três balas no rosto. Então chegava a culpa, e dizia a si mesmo que não escolhera aquela vida. Fora escolhida para si. De madrugada, com o primeiro raio de luz da alvorada a espreitar pela janela, acabou finalmente por adormecer. Levantou-se ao meio-dia e deu início à rotina dos preparativos para a partida. Barbeou-se e tomou duche, depois vestiu-se e guardou o resto da roupa numa pequena mala de pele. Fez café e bebeu-o enquanto via a CNN no magnífico sistema de televisão via satélite do iate. Era uma pena: a dor dos familiares no Kennedy e em Heathrow, a vigília numa escola secundária algures em Long Island, os jornalistas a especularem quanto à causa do acidente.

Percorreu uma última vez cada cabine do iate, para confirmar que não deixara vestígios da sua presença. Verificou as cargas explosivas.

À hora exata que lhe tinha sido indicada, às seis da tarde, pegou um pequeno objeto preto de um armário na cozinha da embarcação. Não era maior do que uma caixa de charutos e assemelhava-se vagamente a um rádio. Levou-o para o exterior, para o convés de popa, e pressionou um único botão. Não se ouviu qualquer som, mas sabia que a mensagem fora enviada através de uma microrrajada codificada. Mesmo que a NSA americana a interceptasse, não passaria de uma algaraviada incompreensível.

O iate rumou a oriente durante mais duas horas. Eram oito da noite. Programou as cargas e vestiu um colete de lona com um mosquetão pesado de metal à frente. A noite estava mais ventosa, o ar mais frio e havia nuvens altas. O

Zodiac, amarrado em cunho na popa, subia e descia ao ritmo das ondas de um metro. Entrou para o barco de borracha, soltou-o e puxou a corda de arranque do motor, que ganhou vida à terceira tentativa. Afastou-se do iate e acelerou. Ouviu o helicóptero vinte minutos mais tarde. Desligou o motor do Zodiac e apontou uma lanterna de sinalização para o céu. O helicóptero pairou por cima dele, enchendo a noite com as batidas dos rotores. Um cabo caiu-lhe do ventre. O homem prendeu-o ao colete e puxou duas vezes com força para indicar que estava pronto. No instante seguinte, foi içado com suavidade do Zodiac.

Ouviu explosões à distância. Virou a cabeça a tempo de ver o grande iate a ser erguido da água pela força dos rebentamentos e depois começar a lenta descida até o fundo do Atlântico.

SÃO FRANCISCO

O presidente James Beckwith foi informado da tragédia enquanto passava férias na sua casa em São Francisco. Esperara alguns dias de descanso: uma tarde calma no gabinete sobranceiro à Golden Gate Bridge, um jantar descontraído com velhos amigos e apoiantes políticos em Marin. Acima de tudo, um dia a velejar, a bordo da sua adorada galeota de dez metros Democracy, mesmo que isso significasse ser perseguido por um bando de repórteres e de operadores de câmara da Casa Branca através das águas da baía de São Francisco. Os passeios diurnos na Democracy representavam sempre o tipo de imagens que os seus conselheiros políticos mais gostavam: o presidente, em forma e jovial apesar dos sessenta e nove anos de idade, ainda capaz de manobrar o barco apenas com Anne a bordo. O rosto bronzeado, o corpo esguio a deslocar-se com leveza pelo convés, os óculos de sol elegantes de estilo europeu por baixo da pala do boné do Air Fone

O escritório particular na grande casa de Beckwith, no Marina District, refletia na perfeição o seu gosto e a sua imagem: elegante, confortável, tradicional, mas com suficientes toques modernos que transmitissem a noção de que se encontrava ligado ao mundo atual. A secretária era de vidro com um leve tom de cinzento, o computador preto. Orgulhava-se em saber tanto de computadores como a maior parte dos seus quadros mais jovens, se não mais.

Levantou o receptor do telefone preto e pressionou uma única tecla. Uma telefonista da Casa Branca ficou em linha.

— Sim, Senhor Presidente?

— A menos que o chefe de gabinete telefone, não me passe chamadas por agora, Grace. Gostaria de ter alguns momentos a sós.

— com certeza, Senhor Presidente.

Ouviu a linha a ficar muda. Pousou o receptor e dirigiu-se à janela. Pesasse embora o vidro à prova de bala imposto pelos Serviços Secretos, a vista era espantosa. O Sol encontrava-se baixo no horizonte e banhava a cidade com tons suaves de púrpura e laranja. A neblina do fim de tarde cobria a Golden Gate. Lá em baixo, papagaios de papel coloridos flutuavam sobre a margem da baía. A panorâmica exerceu a sua magia. O presidente perdera a noção de quanto tempo ali estivera de pé, a observar a cidade silenciosa, as águas encrespadas da baía, as colinas castanhas de Marin à distância. A última luz do entardecer desapareceu e, após alguns minutos, Beckwith era fitado pelo seu próprio reflexo no vidro.

Beckwith não gostava do termo "patrício", mas até mesmo ele tinha de admitir que era uma boa descrição da sua aparência e do seu porte. Os conselheiros gracejavam, dizendo que se Deus tivesse criado o candidato político perfeito, seria ele, James Beckwith. Destacava-se onde quer que entrasse. Tinha mais de um metro e oitenta e a cabeça ainda coberta de cabelo cintilante que se tornara grisalho aos quarenta anos. Tinha uma aura de força, uma agilidade física que o acompanhava desde os dias de estrelato como jogador de futebol e de basebol em Stanford. Os olhos eram de um azul-claro e descaídos nos cantos, as feições estreitas e contidas, o sorriso ponderado, mas confiante. A pele exibia um bronzeado permanente, fruto das horas que passava a bordo da Democracy.

Quando Beckwith assumira a presidência, havia quatro anos, fizera uma promessa a si próprio: Não deixaria que o cargo o consumisse, tal como acontecera com tantos dos seus antecessores. Corria trinta minutos por dia na passadeira e passava outros trinta a levantar pesos no ginásio da Casa Branca. Outros homens tinham-se tornado desleixados durante o mandato. James Beckwith perdera peso e acrescentara dois centímetros de músculo ao peito.

Beckwith não procurara a política. Fora esta que o encontrara. Era o principal promotor de justiça do gabinete do Ministério Público de São Francisco quando chamou a atenção da elite republicana do estado. Com Anne e os três filhos a seu lado, Beckwith venceu com facilidade todas as corridas em que entrou. A ascensão parecera simples, como se estivesse destinado à grandeza. A Califórnia elegeu-o procurador-geral, e depois vice-governador. Sentou-o no Senado durante dois mandatos e depois trouxe-o de volta a Sacramento, para um mandato como governador, a preparação final para a entrada na Casa Branca. Ao longo da sua carreira política, os profissionais que o rodeavam construíram uma imagem cuidadosa. James Beckwith era um conservador de bom senso. James Beckwith era um homem em quem o país podia confiar. James Beckwith conseguia fazer coisas. Era exatamente o tipo de homem de que o Partido Republicano estava à procura, um moderado com feições agradáveis, uma alternativa decente aos conservadores de linha dura do Congresso. Depois de oito anos de controle democrático da Casa Branca, o país estava disposto a mudar. O país escolheu Beckwith.

Agora, quatro anos depois, o país já não tinha a certeza de ainda o querer. Afastou-se da janela, dirigiu-se à secretária e serviu-se de uma chávena de café de um jarro térmico cromado. Beckwith acreditava que todos os males vinham sempre por bem. Abater um avião comercial americano ao largo de Long Island era um ato flagrante de terrorismo internacional, uma ação covarde e selvagem que não podia ficar sem resposta. Em breve o eleitorado teria

conhecimento daquilo que Beckwith já sabia: o Voo 002 da TransAtlantic fora abatido por um míssil Stinger, ao que parecia lançado de uma pequena embarcação ao largo da costa. O povo americano ficaria assustado e, a julgar pelo passado, procuraria nele conforto e garantias.

James Beckwith detestava os jogos políticos, mas era suficientemente esclarecido para perceber que os terroristas lhe tinham dado uma oportunidade de ouro. Ao longo do ano anterior, os níveis de contentamento tinham descido abaixo dos cinquenta por cento, o que representava a morte de um presidente eleito. O discurso de tomada de posse na Convenção Nacional Republicana fora monótono e sem vida. A imprensa de Washington considerara a expectativa de Beckwith para o segundo mandato um "primeiro mandato requentado". Certos membros da elite jornalística começaram a redigir o seu obituário político. Apenas a um mês das eleições, estava atrás do opositor, o senador democrata Andrew Sterling, do Nebraska, entre três a cinco pontos na maior parte das sondagens nacionais.

No entanto, o mapa eleitoral parecia ter um aspeto diferente. Beckwith cedera a Sterling Nova York, a Nova Inglaterra e o Midwest industrial. O seu apoio permanecia sólido no Sul, nos estados cruciais da Florida e do Texas, e na Califórnia e no Ocidente montanhoso. Se Beckwith os conquistasse a todos, seria o vencedor. Se algum deles caísse nas mãos de Sterling, a eleição estaria perdida.

Sabia que a queda do Voo 002 mudaria tudo. A campanha seria interrompida.

Beckwith iria cancelar uma digressão pelo Tennessee e pelo Kentucky, e regressaria a Washington para lidar com a crise. Se a gerisse bem, a satisfação dos eleitores subiria e Beckwith anularia a desvantagem. E tudo no conforto e segurança da Casa Branca, sem andar a correr pelo país a bordo do Air Force One, ou de um qualquer ônibus de campanha, a apertar as mãos de velhos e a repetir o mesmo discurso vezes sem conta.

Os homens grandiosos não nascem grandes, pensava. Os homens grandiosos alcançam a grandeza porque aproveitam as oportunidades. Regressou com o café à janela e pensou: Mas será que quero mesmo um segundo mandato? Ao contrário da maior parte dos antecessores, pensara bastante nessa questão. Interrogava-se se teria a energia necessária para uma derradeira campanha nacional: a interminável angariação de fundos, o escrutínio microscópico do seu currículo, as viagens constantes. Ele e Anne acabaram por detestar viver em Washington. Beckwith nunca fora aceite pela elite que dominava a cidade, jornalistas, advogados e lobistas ricos, e a residência oficial viera a tornar-se mais uma prisão do que um lar. Mas deixar a cadeira presidencial após um único

mandato era inaceitável. Perder a reeleição para um senador do Nebraska que cumpria ainda o segundo mandato e deixar Washington derrotado...?

Beckwith tremia só de pensar nisso.

Em breve iriam buscá-lo. Ao lado do gabinete havia uma casa de banho privada, onde um adido deixara as suas roupas penduradas no cabide por trás da porta.

O presidente entrou e deu uma vista de olhos à roupa. Sabia que fora escolhida pessoalmente pelo chefe de gabinete e amigo de longa data Paul Vandenberg. Paul tratava dos pormenores. Paul tratava de tudo. Sem ele, Beckwith estaria perdido.

Por vezes, até mesmo Beckwith se sentia embaraçado pelo extremo a que Paul Vandenberg chegava no domínio da vida do Presidente. A comunicação social costumava referir-se a ele como o "primeiro-ministro", ou o "poder por trás do trono". Sempre consciente da imagem que deixaria para a posteridade, Beckwith receava ser considerado um peão de Paul Vandenberg. Este, contudo, dera a sua palavra a Beckwith: nunca se assumiria como tal. O Presidente confiava nele. Paul Vandenberg sabia guardar segredos. Acreditava no exercício subtil do poder. Tinha uma personalidade intensamente privada, era discreto e tecia comentários aos jornalistas apenas quando tal era absolutamente necessário. Surgia com relutância nos *talk shows* televisivos de domingo de manhã, mas só quando o secretário de imprensa da Casa Branca lhe implorava. Beckwith considerava-o um péssimo convidado: a confiança e a genialidade revelada nas reuniões e nos encontros políticos privados evaporavam-se assim que a luz vermelha da câmara se acendia.

Despiu os jeans e o pulôver de algodão e vestiu a roupa que Paul lhe escolhera: calças de lã azuis, camisa azul, uma blusa leve, um blazer azul. Digno, mas ao mesmo tempo confortável. A equipe de segurança nacional ia reunir-se dali a dez minutos, na sala de jantar do rés-do-chão. Não seriam permitidas câmaras de televisão, apenas um fotógrafo da Casa Branca que registraria o momento para a imprensa e para a posteridade. James Beckwith, a lidar com a mais importante crise do seu mandato. James Beckwith, a desprezar a campanha de reeleição para se ocupar com as responsabilidades do cargo. James Beckwith, líder.

Olhou uma última vez para o seu reflexo no espelho.

Os homens grandiosos não nascem grandes. Os homens grandiosos alcançam a grandeza porque aproveitam as oportunidades.

WASHINGTON, D. C.

Elizabeth Osbourne passara a semana com receio daquele momento. Entrou com o Mercedes prateado no estacionamento do Georgetown University Medical Center e encontrou um lugar perto da entrada. Olhou para o relógio do painel. Quatro e meia. Estava quinze minutos adiantada. Desligou o motor. Uma tempestade tropical deslocara-se do Golfo do México e instalara-se sobre a cidade. Chuvadas fortes marcaram a tarde. Rajadas de vento arrancaram árvores por todo o noroeste de Washington, levaram ao encerramento do National Airport e afastaram os turistas dos monumentos e dos museus.

A chuva martelava no tejadilho e corria em rios pelo para-brisa. No instante seguinte, o resto do mundo desapareceu atrás de uma cortina de água. Elizabeth apreciava a sensação de não conseguir ver mais nada à sua volta. Fechou os olhos. Gostava de imaginar poder mudar de vida, abrandar o ritmo, deixar Washington e instalar-se com Michael em algum sítio calmo e tranquilo. Sabia que era um sonho tolo e nada realista. Elizabeth Osbourne era uma das mais respeitadas advogadas de Washington. O marido, que dizia ser consultor comercial internacional, era um dos oficiais mais graduados da Central Intelligence Agency.

O celular tocou baixinho. Ainda de olhos fechados, pegou no aparelho e atendeu: ─ Sim, Max.

Max Lewis era o seu secretário executivo de vinte e seis anos. Na noite anterior, sozinha no quarto com um copo de vinho e uma pilha de relatórios, Elizabeth apercebera-se de que era com Max que mais falava.

O fato deixara-a bastante deprimida.

─ Como sabias que era eu? ─ perguntou Max.

─ Tu e o meu marido são as únicas pessoas que conhecem este número, e sabia que não podia ser ele. ─ Pareces desapontada.

─ Não, apenas um pouco cansada. O que foi?

─ O David Carpenter está a ligar de Miami.

─ Diz ao senhor Carpenter que lhe telefono assim que chegar a casa. A experiência diz-me que as conversas com o David Carpenter não devem ser mantidas ao celular. ─ Ele diz que é urgente. ─ Normalmente é o caso.

─ A que horas lhe digo que telefonas?

─ Por volta das sete, mas talvez me atrase um pouco, dependendo de como as coisas corram por aqui.

─ O secretário do Braxton telefonou.

Samuel Braxton era o sócio-gerente da Braxton, Auworth & Kettlemen, e o maior angariador de negócios da firma. Servira duas administrações republicanas, uma delas como chefe de gabinete adjunto da Casa Branca e outra como secretário adjunto do Tesouro, e era um dos nomes prováveis para Secretário de Estado, caso Beckwith fosse eleito para um segundo mandato. Via Elizabeth com desconfiança, pois não gostava das suas cores políticas. O pai dela era Douglas Cannon, um democrata liberal de Nova York que cumprira dois mandatos no Senado, e Elizabeth saíra por duas vezes da firma para trabalhar com senadores democratas. Braxton referia-se habitualmente a ela como "a esquerdista cá da casa". Quando durante as reuniões questionava os vários elementos presentes, regra geral conseguia arrancar gargalhadas virando-se para Elizabeth e dizendo: "E agora Elizabeth Cannon-Osbourne, com o ponto de vista da ACLU*."

**ACLU é sigla de American Civil Liberties Union, União Americana das Liberdades Civis.*

O conflito com Samuel Braxton tinha ainda um lado mais sério. Braxton batera-se para impedir que Elizabeth fosse aceita como sócia, cedendo apenas quando os demais sócios o convenceram de que a empresa se veria a braços com um processo por discriminação sexual. Agora, três anos depois, a relação entre os dois assumira os contornos de trégua periclitante. Em geral, Braxton tratava-a com respeito e esforçava-se verdadeiramente por consultá-la em todas as principais decisões sobre o futuro da firma. Convidava-a com regularidade para acontecimentos sociais e, no ano anterior, na festa de Natal da Casa Branca, referira-se a ela como "uma das nossas estrelas", ao apresentá-la ao Chefe de Gabinete Paul Vandenberg.

— O que deseja Lorde Braxton, Max?

Max riu. Elizabeth confiava-lhe a vida, e o sentimento era mútuo. Seis meses antes, Max contara-lhe algo que não dissera a mais ninguém: era soropositivo. — Sua Senhoria deseja que estejas presente num jantar, quinta-feira à noite. — Vai realizar-se no solar?

— Não, vai ser organizado por um dos clientes importantes dele. O secretário de sua Senhoria deu a entender que a tua presença não era opcional.

— Quem é o cliente?

— Mitchell Elliott.

— O Mitchell Elliott da Alatron Defense Systems?

— O próprio.

— Onde vai ser o jantar?

— Na casa de Elliott, em Kalorama. Mais exatamente na Califórnia Street. Tens uma caneta à mão?

Elizabeth procurou uma caneta e a agenda na pasta e anotou o endereço ditado por Max.

— A que horas?

— Sete e meia.

— Posso levar acompanhante?

Os cônjuges são permitidos. Elizabeth, vais chegar atrasada à consulta. Elizabeth olhou para o relógio.

— Oh, merda! Mais alguma coisa?

— Nada que não possa esperar até amanhã.

— Para onde vou amanhã?

— Chicago. Coloquei os bilhetes na aba da tua pasta. Elizabeth levantou a aba e viu o envelope da passagem de primeira classe da American Airlines. — Sem você estaria perdida, Max.

— Eu sei.

— Teve notícia de Michael?

— Nem um pio.

— Amanhã de manhã telefono do avião.

— Ótimo — replicou. — E boa sorte, Elizabeth. Estou torcendo por você.

Elizabeth desligou e marcou o número do telefone do carro de Michael. O telefone chamou cinco vezes antes de uma voz gravada anunciar que o cliente não estava disponível naquele momento. Elizabeth desligou, furiosa. Deixou-se ficar imóvel por alguns segundos, a ouvir o tamborilar da chuva.

Murmurou: — Michael Osbourne, se não entrar neste estacionamento nos próximos cinco minutos, juro por Deus que eu...

Esperou cinco minutos. Depois debateu-se para vestir a gabardina e saiu para a tempestade, deixando para trás o calor do carro. Abriu o chapéu-de-chuva e começou a percorrer o estacionamento, mas uma rajada de vento arrancou-o das suas mãos. Observou-o aos saltos por um momento, em direção à Reservoir Road. A imagem fê-la soltar uma gargalhada. Aconchegou o colarinho da gabardina e correu à chuva o restante percurso.

— O doutor está alguns minutos atrasado.

A recepcionista sorriu, como se tivesse acabado de dizer as palavras mais interessantes do dia. Elizabeth entrou, despiu a gabardina e sentou-se. Era a última doente do dia e deu graças a Deus por estar sozinha. A última coisa que queria era manter conversa de ocasião com outra mulher que sofresse do mesmo problema. A chuva fustigava a janela sobranceira ao estacionamento. Elizabeth virou-se e olhou para a rua. Uma fileira de árvores soltava folhas ante a investida do vento. Procurou o Jaguar de Michael, mas não avistou qualquer sinal do carro.

Procurou na mala, tirou um dos dois celulares que sempre usava para garantir a possibilidade de ter duas conversas ao mesmo tempo e teclou o número de Michael. Mais uma vez ninguém atendeu. Queria ligar para o escritório do marido mas, se ainda estivesse em Langley, nunca conseguiria chegar a tempo. Levantou-se e percorreu lentamente a sala. Era naquelas alturas que Elizabeth odiava ser casada com um espião. Michael detestava que ela o chamasse de espião. Explicava-lhe com paciência que era agente de casos, não um espião. Elizabeth considerava que era um termo idiota para aquilo que Michael fazia. ─ Até parece que és uma espécie de conselheiro, ou de assistente social ─ dissera Elizabeth no dia em que Michael lhe tentara descrever o seu trabalho pela primeira vez. Ostentara o seu sorriso cuidadoso e replicara: "Bem, isso não anda muito longe da verdade."

Apaixonara-se por Michael antes de saber que ele trabalhava para a CIA. Um amigo convidara-a para velejar na baía Chesapeake, e Michael também fora convidado. Era um dia abafado de finais de Julho, com muito pouco vento. Enquanto o barco se arrastava pela água calma, Elizabeth e Michael permaneceram à sombra das velas indolentes, a beber cerveja gelada e a falar. Ao contrário da maior parte dos homens de Washington, Michael pouco falou sobre o trabalho. Disse que era consultor internacional, que morara vários anos em Londres e que acabara de ser transferido para o escritório de Washington da empresa. Nessa noite, comeram omelete de caranguejo e beberam vinho branco fresco num pequeno restaurante em Annapolis com vista para a água. Elizabeth fitou-o durante toda a refeição. Era o homem mais bonito que já vira. O dia passado a velejar tinha-o mudado. O sol bronzeara sua pele e deixara madeixas douradas no cabelo escuro. Os olhos eram de um verde profundo, salpicados de amarelo, como a erva silvestre do Verão. Tinha um nariz comprido e direito, e em várias ocasiões Elizabeth viu-se obrigada a conter-se para não lhe tocar nos lábios perfeitos. Considerava-o exótico, como se fosse italiano, turco, ou espanhol.

Nessa noite, Michael seguiu-a de volta à cidade pela Route 50, e ela levou-o para a cama. Tinha trinta e quatro anos e quase desistira da ideia de se casar. Mas nessa noite, ao recebê-lo no seu corpo pela primeira vez, apaixonou-se perdida e desesperadamente por um homem que conhecera oito horas antes, e sobre o qual não sabia quase nada.

Michael contou-lhe dois meses depois, durante um fim-de-semana prolongado na casa de Verão do pai de Elizabeth, em Shelter Island. Estava-se nos finais de Setembro. Os dias eram quentes mas, quando à noite o vento se levantava, podia sentir-se a pontada agreste do Outono. Depois de jantar vestiam blusas e calças, e bebiam café na praia.

— Tenho de falar com você sobre o meu trabalho — disse Michael sem aviso e, mesmo no crepúsculo, Elizabeth pôde ver que a expressão do companheiro se tornara inesperadamente séria. O trabalho dele incomodava-a desde há semanas. Considerava estranho que nunca o abordasse, a menos que ela o questionasse. Também a perturbava o fato de ele não lhe telefonar durante o dia e de nunca a ter convidado para almoçar. Quando lhe ligava para o gabinete, uma mulher atendia o telefone e registrava a mensagem, mas era sempre uma mulher diferente. Por vezes passavam-se horas até que ele telefonasse de volta. Quando o fazia, nunca podia falar mais do que um minuto ou dois.

— Não sou, nem nunca fui, consultor internacional — começou por dizer. — Trabalho para a CIA. Fui obrigado a te enganar até ter a certeza de que podia confiar em você. Elizabeth, você tem que compreender que nunca quis magoar você...

Elizabeth esbofeteou-o.

— Seu filho da mãe! — gritou, tão alto que um bando de gaivotas que estava na praia alçou voo sobre a água. — Mentiroso de merda! De manhã te levo ao ferry-boat. Pode apanhar o ônibus para a cidade. Nunca mais quero ver você. Maldito seja, Michael Osbourne!

Ficou na praia até que o frio a forçou a entrar. O quarto estava às escuras. Entrou sem bater e encontrou-o deitado na cama. Despiu-se em silêncio e encostou o corpo no dele. Michael tentou falar, mas ela cobriu os lábios dele com a boca e disse: — Agora não. É proibido falar. Mais tarde, murmurou: — Não me interessa quem você é, nem o que faz para ganhar a vida. — Acariciou-lhe o peito com os lábios. — Amo a pessoa que está aqui dentro, e não quero te perder.

— Desculpe não ter contado antes. Não podia.

— Seu nome é mesmo Michael Osbourne?

— Sim.

— Já matou alguém?

— Não. Só nos filmes é que matamos pessoas.

—Já viu alguém ser morto?

— Sim.

— Pode falar sobre isso?

— Não, ainda não.

— Nunca mais vai me mentir, não é, Michael?

— Nunca vou mentir, mas há coisas que não poderei contar. Pode viver com isso?

— Ainda não sei, mas prometa que nunca vai me mentir.

— Nunca vou mentir.

Elizabeth beijou-lhe os lábios. ─ Por que você virou espião?

─ Não nos tratamos por espiões. Somos agentes.

─ Certo. Por que virou agente?

Michael soltou uma das suas habituais gargalhadas controladas.

─ Não faço ideia.

O pai achou que era uma loucura casar-se com um agente da CIA. Servira no Senate Selet Intelligence Committee e, embora detestasse generalizações por princípio, acreditava que os espiões da nação eram um bando de malucos e de alucinados. Abriu uma exceção com Michael. Os dois homens passaram um dia a velejar em Gardiners Bay e o senador abençoou com fervor a união. Havia muita coisa que Elizabeth odiava no trabalho de Michael: as horas extraordinárias, as viagens para locais perigosos, o fato de não saber ao certo o que ele fazia. Tinha noção de que a maior parte das mulheres consideraria inaceitável o casamento que ela tinha. Gostava de pensar que era mais forte do que a maior parte das mulheres, mais Sra. de si, mais independente. Contudo, era naquelas alturas que desejava que o marido tivesse um emprego normal.

A sala estava em silêncio, salvo pelo televisor que apresentava continuamente um programa de vendas apresentado por uma mulher que Elizabeth detestava. Queria alguma coisa para ler, mas o tema das revistas era a educação de crianças, um assunto desagradável para uma mulher de quarenta anos sem filhos. Tentou mudar de canal para ver as notícias, mas o televisor não o permitia. Procurou baixar o som, mas o volume estava bloqueado. Acabaram de abater um avião de passageiros e estou encurralada com esta loura sonsa a tentar vender-me creme para bebês, pensou. Voltou à janela e procurou uma última vez o carro de Michael. Era uma tolice ainda esperar que Michael chegasse. Uma das poucas coisas que sabia acerca do trabalho do marido era que tinha a ver com contraterrorismo. Teria sorte se ele voltasse a casa nessa noite.

A enfermeira apareceu no corredor.

─ O doutor vai recebê-la agora, Sra. Osbourne. Por aqui.

Elizabeth agarrou na pasta e na gabardina e seguiu a enfermeira pelo corredor estreito.

Quarenta minutos depois, Elizabeth desceu de elevador até o hall e saiu para o passeio coberto. Ergueu o colarinho e aventurou-se na chuva torrencial. O vento empurrava-lhe o cabelo para o rosto e fustigava-lhe a capa.

Elizabeth parecia nem notar. Sentia-se dormente.

As palavras do médico ecoavam em sua mente como uma melodia irritante que não conseguia esquecer. “Não pode ter filhos naturalmente... Há um problema com suas trompas... A fertilização artificial pode ajudar... Só podemos ter certeza se tentarmos... Sinto muito, Elizabeth...”

Quase foi atropelada no lusco-fusco. Elizabeth pareceu nem reparar quando o condutor buzinou e voltou a arrancar. Tinha vontade de chorar. Apetecia-lhe vomitar. Pensou em fazer amor com Michael. O casamento tinha as suas falhas, demasiado tempo afastados, demasiadas distrações causadas pelo trabalho, mas na cama eram perfeitos. O ato do amor era familiar, mas excitante. Conheciam bem o corpo um do outro, e sabiam como se dar prazer mutuamente. Elizabeth sempre imaginara que quando estivesse pronta para ter um filho, isso aconteceria de forma tão natural e agradável como fazer amor. Sentia-se traída pelo corpo. O Mercedes estava sozinho a um canto do estacionamento. Procurou as chaves no bolso. Apontou o controle remoto e pressionou o botão. As portas destrancaram-se e as luzes acenderam-se. Entrou rapidamente, fechou a porta e voltou a trancá-la. Tentou enfiar a chave na ignição, mas as mãos tremiam-lhe e as chaves caíram ao chão. Ao tentar agarrá-las, bateu com a cabeça no painel. Elizabeth Osbourne acreditava na compostura: na sala de audiências, no escritório, com Michael. Nunca deixava que as emoções a dominassem, nem mesmo quando Sam Braxton dizia uma das suas piadas. Mas, naquele momento, sozinha no carro, com o cabelo colado à face, a compostura abandonou-a. O corpo tombou lentamente até a cabeça ficar apoiada no volante. Foi então que as lágrimas chegaram e começou a chorar.

WASHINGTON, D. C.

Vinte minutos depois, na zona da cidade conhecida como Kalorama, um sedan preto da Casa Branca parou junto ao passeio. Os carros e as limusinas pretas do governo eram habituais naquele bairro. Aninhada nas colinas arborizadas no extremo de Rock Creek Park, a norte da Massachusetts Avenue, Kalorama albergava alguns dos mais poderosos e influentes habitantes da cidade.

Por norma, Mitchell Elliott detestava as cidades da Costa Leste. Passava a maior parte do tempo em Colorado Springs, ou na sua casa na encosta, em Los Angeles, perto da sede da Alatron Defense Systems. No entanto, a mansão de três milhões de dólares em Kalorama ajudava-o a tolerar as viagens frequentes a Washington. Chegara a pensar em adquirir uma propriedade na terra dos cavalos, no estado de Virgínia, mas o percurso até a cidade através da Interstate 66 era um pesadelo, e Mitchell Elliott não tinha tempo a perder. Kalorama ficava a dez minutos do National Airport e de Capitol Hill, e a cinco minutos da Casa Branca.

Faltavam cinco minutos para as sete. Elliott descontraía-se na biblioteca do primeiro andar, sobranceira ao jardim. O vento lançava a chuva contra o vidro. Estava frio para Outubro, e um dos empregados acendera a grande lareira.

Elliott caminhava devagar pela sala, enquanto beberricava malte de trinta anos de um copo de vidro lapidado. Era um homem de baixa estatura, com pouco mais de um metro e sessenta e cinco, que há muito aprendera a manter uma pose imponente. Nunca permitia que um oponente se agigantasse. Quando alguém entrava no seu gabinete, Elliott permanecia sempre sentado, as pernas cruzadas, as mãos nos braços da cadeira, como se o espaço não chegasse para lhe albergar o corpo.

Elliott era versado na arte da guerra e, acima de tudo, na arte do engano. Acreditava na ilusão, nos engodos. Dirigia a empresa como se se tratasse de uma agência de espionagem, funcionando no princípio da "necessidade de saber". A informação era rigidamente segmentada. O chefe de uma divisão pouco sabia acerca do que se passava nas outras divisões, tendo conhecimento apenas do que precisava de saber. Raras eram as vezes em que Elliott fazia reuniões com a presença de todos os diretores. As ordens eram dadas cara a cara em reuniões privadas e nunca através de memorandos escritos. Todas as reuniões com Elliott eram encaradas como confidenciais e os executivos estavam proibidos de as discutir com outros executivos. Os boatos eram castigados com o despedimento e se um dos funcionários começasse com mexericos, em breve Elliott teria conhecimento do fato. Os telefones estavam sob escuta, o correio eletrônico era lido e as câmaras e os microfones de vigilância cobriam cada centímetro quadrado da zona de escritórios.

Mitchell Elliott não via nada de mal nisso. Acreditava que Deus lhe concedera o direito, mais do que isso, a responsabilidade, de fazer o que fosse preciso para proteger a sua empresa e o seu país. A crença de Elliott em Deus impregnava tudo o que fazia. Acreditava que os Estados Unidos eram a terra escolhida por Deus e os Americanos o povo eleito. Acreditava que Cristo lhe dissera para estudar aeronáutica e engenharia elétrica, e que fora Cristo quem lhe dissera para entrar para a Força Aérea e combater os ímpios comunistas chineses na Coreia.

Depois da guerra instalou-se no Sul da Califórnia, casou-se com Sally, a namorada do liceu, e começou a trabalhar para a McDonnell-Douglas. Mas Elliott sempre se sentiu insatisfeito. Rezava ao Todo-poderoso por orientação. Três anos depois criou a sua própria empresa, a Alatron Defense Systems. Elliott não pretendia de todo construir aviões. Sabia que seriam sempre essenciais à defesa da nação, mas acreditava que Deus lhe concedera um vislumbre do futuro, e este pertencia ao míssil balístico, as flechas de Deus, como chamava. Elliott não construía os próprios mísseis. Desenvolvia e fabricava, isso sim, os sofisticados sistemas de orientação que lhes diziam onde cair. Dez anos depois de ter criado a Alatron, Mitchell Elliott era um dos homens mais ricos da

América, bem como um dos mais influentes. Fora confidente de Richard Nixon e de Ronald Reagan. Desde Robert McNamara que era tratado pelo nome por todos os secretários da defesa. Podia entrar em contato telefônico com metade dos membros do Senado numa questão de minutos. Mitchell Elliott era um dos homens mais poderosos de Washington e, ainda assim, operava constantemente na sombra. Poucos compatriotas sabiam o que ele fazia, ou sequer conheciam o seu nome.

Sally morrera de cancro da mama há dez anos e os tempos de grandes investimentos na defesa já pertenciam ao passado. A indústria fora devastada, milhares de trabalhadores estavam no desemprego e a economia da Califórnia era um caos. Acima de tudo, Elliott acreditava que a América estava mais fraca na atualidade do que nos últimos anos. O mundo era um lugar perigoso, algo que Saddam Hussein provara. O mesmo fizera um terrorista armado com um único míssil Stinger. Elliott queria proteger a sua pátria. Se um terrorista era capaz de abater um avião comercial e matar duas centenas de pessoas, o que impedia um Estado pária como a Coreia do Norte, a Líbia, ou o Irã de matar dois milhões de pessoas com um míssil nuclear disparado contra Nova York, ou Los Angeles? O mundo civilizado depositara a confiança em tratados e no controle dos mísseis balísticos. A confiança de Mitchell Elliott estava reservada ao Todo-poderoso e não acreditava em promessas redigidas em papel. Acreditava nas máquinas. Acreditava que a única forma de defender a nação de armas exóticas era com armas ainda mais exóticas. Nessa noite, teria de defender o seu ponto de vista com o Presidente.

A relação de Elliott com James Beckwith fortalecera-se graças a anos de apoio financeiro constante e de conselhos sábios. Elliott nunca pedira um único favor, nem mesmo quando Beckwith se tornara uma força poderosa no Armed Services Committee, durante o segundo mandato no Senado. Isso estava prestes a mudar.

Um dos assistentes bateu ao de leve à porta. O seu corpo de assistentes era recrutado nas fileiras das Forças Especiais. Mark Calahan era como todos os outros. Tinha um metro e oitenta, sendo alto quanto bastasse para ser imponente, mas não a ponto de se agigantar sobre Elliott. Tinha cabelo escuro curto, olhos escuros, o rosto bem escanhoado, e usava terno e gravata sóbrios. Todos andavam sempre com uma pistola automática .45, pois Elliott acumulara inimigos a par dos seus milhões, e nunca surgia em público sem proteção.

— O carro chegou, senhor Elliott.

— Desço daqui a pouco.

O assistente aquiesceu e retirou-se em silêncio. Elliott aproximou-se mais do lume e terminou o uísque. Não gostava da ideia de ser convocado. Sairia

quando estivesse pronto e não quando Paul Vandenberg lhe dissesse. Se não fosse por Elliott, Vandenberg estaria ainda a vender seguros de vida. Quanto a Beckwith, seria um advogado desconhecido de São Francisco, a viver em Redwood City e não na Casa Branca. Ambos podiam esperar.

Elliott acercou-se do bar com lentidão e serviu-se de mais um dedo de uísque. Regressou à lareira e ajoelhou-se à frente do lume, a cabeça baixa, os olhos fechados. Rezou por perdão, tanto pelo que fizera, como pelo que estava prestes a fazer.

— Somos o teu povo escolhido — murmurou. — Sou o teu instrumento. Dá-me forças para cumprir a tua vontade e a grandeza será tua.

Susanna Dayton sentia-se uma idiota. Só nos filmes é que os jornalistas ficavam sentados em carros estacionados, a beber café de um copo de plástico, enquanto faziam vigilância como um qualquer investigador privado. Ao sair da redação, uma hora antes, não dissera ao editor onde ia. Tratava-se apenas de um palpite, e podia não dar em nada. Não queria que os colegas soubessem que estava a perseguir Mitchell Elliott, como um detective de um filme policial de segunda categoria.

A chuva toldava-lhe a visão. Acionou uma alavanca na coluna de direção e os limpadores de para-brisas afastaram a água. Limpou o vidro embaciado com um guardanapo da loja da baixa onde tinha comprado o café. O carro preto continuava no mesmo sítio, com o motor a trabalhar e os faróis desligados. No primeiro andar da casa enorme via-se uma única luz acesa. Deu mais um gole no café e aguardou. Era quase intragável, mas pelo menos estava quente.

Susanna Dayton fora correspondente do *Washington Post* na Casa Branca, o auge do poder e do prestígio no mundo do jornalismo americano, mas detestara o cargo. Odiava ter de enviar todos os dias para a redação basicamente o mesmo artigo que outras duas centenas de repórteres. Abominava ser conduzida como gado pelo pessoal do gabinete de imprensa da Casa Branca, gritar perguntas ao Presidente Beckwith atrás de linhas divisórias, em acontecimentos encenados e coreografados. Os trabalhos assumiram um tom mordaz, o que levou Vandenberg a queixar-se com regularidade às altas instâncias do *Post*. Por fim, o editor sugeriu-lhe uma nova abordagem, dinheiro e política. Susanna aceitou sem hesitar.

O novo cargo foi a sua salvação. Teria de descobrir que indivíduos, organizações e empresas davam dinheiro a que candidatos e a que partidos. Teriam essas contribuições um efeito indesejado sobre a política ou sobre a legislação? Estariam os políticos e os doadores a seguir as regras? O dinheiro era gasto devidamente? Estaria alguém a transgredir a lei? Susanna sentia-se

realizada com o trabalho, pois adorava estabelecer as ligações. Sendo uma advogada formada em Harvard, tornara-se uma jornalista meticulosa e cuidadosa. Aplicava a regra das provas a quase todas as informações que descobria. Seria admissível em tribunal? É um testemunho direto ou um boato? Existem nomes, datas e locais que possam ser confirmados? Existem testemunhos que o corroborem? Preferia documentos a fugas de fontes anônimas, pois os documentos não podem mudar a sua versão da história.

Susanna Dayton concluíra que o sistema de financiamento político da nação se baseava em subornos e pressões organizadas, sancionadas pelo governo federal. A linha que separava a atividade legal da ilegal era muito tênue. Tomou nas mãos a tarefa de identificar e denunciar os transgressores. A sua personalidade era adequada ao trabalho. Odiava os vigaristas que conseguiam levar a sua avante. Desprezava as pessoas que passavam à frente nas filas do supermercado.

Ficava furiosa quando um condutor agressivo se atravessava à sua frente na autoestrada. Abominava os indivíduos que procuravam subir à custa dos outros. O seu trabalho era garantir que eles não seriam bem sucedidos.

Dois meses antes, o editor de Susanna entregara-lhe uma tarefa complicada: Estabelecer a cronologia da longa relação, financeira e pessoal, entre o

Presidente James Beckwith e Mitchell Elliott, presidente da administração da Alatron Defense Systems. Os jornalistas utilizam um chavão quando um indivíduo ou um grupo é esquivo e difícil de investigar: sombrio. Mitchell Elliott merecera o epíteto "sombrio".

Ao longo dos anos dera milhões de dólares ao Partido Republicano, e um grupo de proteção dos direitos do cidadão contara-lhe que ele canalizara para o partido vários outros milhões através de meios questionáveis, ou mesmo totalmente ilegais. O principal beneficiário da generosidade de Elliott era James Beckwith. Elliott contribuíra com milhares de dólares para as campanhas e para os comités de ação política de Beckwith, e servira como conselheiro confidencial bastante próximo. Um dos antigos executivos de Elliott, Paul Vandenberg, era chefe de gabinete da Casa Branca. Beckwith era hóspede frequente das casas de férias de Elliott em Maui e em Vale. Susanna tinha duas questões principais: Teria Mitchell Elliott feito contribuições ilegais a James Beckwith e ao Partido Republicano ao longo dos anos? E exerceria uma influência excessiva sobre o Presidente?

Naquele momento, Susanna não tinha respostas para qualquer das questões. O editor queria publicar o artigo dali a duas semanas, integrado numa seção especial sobre o Presidente Beckwith e o seu primeiro mandato. Tinha

muito trabalho pela frente, até que estivesse pronto. Mesmo então, Susanna sabia que pouco mais faria, para além de levantar questões sobre Elliott e sobre a sua relação com a Casa Branca. Mitchell Elliott fizera um bom trabalho a ocultar o seu rastro. Era completamente inacessível. O arquivo fotográfico do Post tinha apenas uma fotografia já com dez anos, e a Alatron Defense Systems nem sequer dispunha de porta-voz. Quando Susanna pedira para marcar uma entrevista, o homem do outro lado da linha soltou uma gargalhada abafada e replicou: "O senhor Elliott não tem por hábito falar com jornalistas."

Uma fonte do National Airport dissera-lhe que Elliott chegara a Washington nesse dia, a bordo do seu avião privado. O Congresso encerrara as atividades e a maior parte dos membros regressara a casa para a campanha. O Presidente cancelara uma digressão de campanha para tratar do caso da queda do Voo 002. Susanna interrogava-se sobre o motivo que levara Elliott à cidade naquele momento.

Isso explicava o fato de ela estar à porta da mansão de Kalorama, à chuva. A porta da mansão abriu e surgiram duas figuras, um homem alto com um guarda-chuva e outro mais baixo, de cabelo grisalho: Mitchell Elliott. O homem mais alto ajudou Elliott a entrar para a parte de trás do carro, depois contornou o veículo e sentou-se do outro lado. Os faróis acenderam-se e iluminaram a estrada. O carro afastou-se do passeio e dirigiu-se à Massachusetts Avenue.

Susanna Dayton ligou o motor do seu pequeno Toyota e seguiu o outro automóvel, mantendo uma distância segura. O grande carro preto avançou com rapidez para leste pela Massachusetts, ao longo de Embassy Row. Em Dupont Circle juntou-se ao trânsito da faixa exterior e virou para sul, na Connecticut Avenue.

Ainda era cedo, mas a Connecticut estava quase deserta. Susanna reparara que uma calma estranha se abatera sobre a cidade nas quarenta e oito horas desde a queda do avião comercial. Os passeios estavam vazios, com apenas alguns bêbados a saírem de uma taberna mais a sul e um grupo de empregados de escritório a correr à chuva para a estação de metropolitano de Farragut North. Susanna seguiu o carro ao longo da K Street quando a Connecticut passou a 17th Street. Atravessou a Pennsylvania Avenue e passou pela fachada iluminada do Old Executive Office Building. Imaginava onde Elliott jantaria naquela noite.

O carro cortou várias vezes à esquerda e, dois minutos depois, parou junto ao Portão Sul do terreno da Casa Branca. Um agente fardado dos Serviços Secretos avançou, olhou para a parte de trás do sedan e ordenou ao condutor que avançasse.

Susanna Dayton não parou. Precisava de um lugar onde esperar. Nos tempos que corriam, ficar sentada dentro de um carro estacionado nas redondezas da Casa Branca não era boa ideia. Após uma série de ataques à mansão, os Serviços Secretos tinham apertado a segurança. Podia ser abordada e interrogada, após o que talvez se seguisse um relatório.

Estacionou na 17th Street. Havia um pequeno café do outro lado do Old que ficava aberto até tarde. Pegou na mala, atafulhada com jornais, revistas e o computador portátil, e saiu. Correu pela rua à chuva e entrou no café, que estava vazio. Pediu uma sanduíche de atum e uma caneca de café e acomodou-se a uma mesa à janela enquanto esperava.

Tirou o computador portátil da mala, ajustou a tela e ligou-o. Depois inseriu um disquete no drive e abriu um arquivo. Ao surgir na tela, o arquivo apareceu como uma série de letras e de caracteres sem sentido. Susanna era cuidadosa por natureza, preferindo muitos dos colegas o termo "paranoica", e utilizava software de codificação para proteger os arquivos mais importantes. Inseriu um código de sete letras e o arquivo ganhou vida. A sanduíche e o café foram servidos. Susanna percorreu o arquivo: nomes, datas, locais, quantias. Tudo o que sabia acerca do esquivo Mitchell Elliott e das suas ligações ao Presidente Beckwith. Acrescentou aos arquivos os acontecimentos daquela noite.

Depois desligou o computador e preparou-se para uma longa espera.

LONDRES

O fax chegou à redação do Times pouco depois da meia-noite, tendo permanecido na máquina durante quase vinte minutos, até que um jovem assistente se deu ao trabalho de o ir buscar. O assistente deu-lhe uma vista de olhos rápida e levou-o ao editor noturno, Niles Ferguson. Sendo um veterano com uma experiência de trinta anos, Ferguson já vira inúmeros faxes como aquele, do IRA, da OLP, da Jihad Islâmica e dos malucos que se limitavam a reivindicar a responsabilidade sempre que alguém morria de forma violenta. Aquele não parecia obra de um lunático.

Ferguson tinha um número de telefone especial para situações como aquela. Marcou-o e aguardou. Respondeu-lhe uma voz de mulher, agradável, vagamente erótica.

— Fala Niles Ferguson, do The Times. Acabou de chegar um fax bastante interessante à nossa redação. Não sou perito, mas parece-me autêntico. Talvez lhe devessem dar uma vista de olhos.

Ferguson fez uma cópia do fax e guardou o original. Levou-o em mão até o hall e esperou. Cinco minutos depois chegou o carro. Um jovem com marcas de bexigas e um cigarro entre os lábios entrou no hall e recebeu o fax. Niles Ferguson voltou à redação.

O homem com marcas de bexigas trabalhava para o Serviço de Segurança britânico, mais conhecido por MI5, responsável pela contraespionagem, pela subversão interna e pelo contraterrorismo nas ilhas britânicas. Levou a cópia do fax até a sede de vidro e aço do MI5 sobranceira ao Tamisa e apresentou-o ao oficial de serviço responsável.

Este fez rapidamente dois telefonemas. O primeiro foi realizado sem grande vontade para o seu homólogo do Serviço Secreto de Espionagem, mais conhecido por MI6, responsável pela recolha de informação no estrangeiro, considerando-se, por isso mesmo, a mais importante das duas agências. O segundo telefonema foi efetuado para o oficial de ligação do M15 na generosamente equipe da Estação de Londres da CIA, situada no interior do complexo da embaixada americana, em Grosvenor Square.

No espaço de dois minutos, uma cópia da carta era enviada para Grosvenor Square através de um fax seguro. Dez minutos depois, um datilógrafo introduzira-a no sistema informático e enviara-a para a sede da CIA, em Langley, na Virgínia. O sistema informático da agência distribui automaticamente cabogramas baseados em palavras-chave e em classificações.

O cabograma de Londres seguiu para os gabinetes do diretor, dos diretores adjuntos de informação e operações, do diretor executivo e do oficial de dia do departamento do Oriente Médio. Também foi enviado diretamente para o Centro de Contraterrorismo da Agência.

Segundos depois, surgiu na telado computador do agente responsável pelo grupo extremista islâmico chamado Espada de Gaza. O nome do agente era Michael Osbourne.

SEDE DA CIA, LANGLEY, VIRGÍNIA

O pai de Michael Osbourne sempre dissera que a sede era o local para onde os bons agentes de campo iam definhar e morrer. O pai fora agente de caso no Departamento Soviético e recrutara e comandara agentes desde Moscou a Roma, passando pelas Filipinas. James Angleton, o afamado agente de contraespionagem da CIA que se dedicara durante vinte anos a uma destrutiva caça a agentes infiltrados, arruinara-lhe a carreira, do mesmo modo que arruinara a carreira de centenas de outros agentes leais. O pai de Michael passou os últimos anos a redigir avaliações inúteis e a remexer em papéis, tendo deixado a Agência como um homem amargo e desiludido. Morrera de cancro três anos depois de se ter reformado.

O regresso de Michael à sede foi tão relutante como o do pai, mas devera-se a circunstâncias diferentes. A oposição sabia qual o seu nome e ocupação verdadeiros e já não era seguro fazer trabalho de campo sob disfarce. Aceitara o seu destino como um prisioneiro modelo aceita uma sentença de prisão perpétua. Mesmo assim, nunca se esquecera do aviso do pai quanto aos perigos da vida em Langley.

Trabalhavam juntos numa sala única, conhecida afetuosamente como o curral, no Corredor F do quinto piso. Fazia lembrar mais a redação de um diário metropolitano em decadência do que o centro nevrálgico da operação contraterrorista da CIA. Havia Alan, um contabilista livresco da CIA que seguia o fluxo secreto de dinheiro ilícito através dos bancos mais discretos e sórdidos do mundo. Havia

Cynthia, um anjo louro de ascendência britânica que sabia mais sobre o IRA do que qualquer outra pessoa no mundo. O seu cubículo apinhado estava repleto de fotografias de guerrilheiros irlandeses, incluindo a do rapaz que rebentara com a mão do irmão dela. Fitava-os durante todo o dia, tal como uma moça olharia para o pôster do mais recente arrasa-corações de adolescentes. Havia Stephen, vulgo Eurotrash, cuja tarefa era acompanhar os vários

movimentos terroristas e nacionalistas da Europa Ocidental. E havia Blaze, um gringo de um metro e noventa do Novo México, que falava espanhol, português e pelo menos dez dialetos índios. Blaze concentrava-se nos guerrilheiros e nos terroristas da América Central e do Sul. Vestia-se como os seus alvos, com sandálias e vestes índias largas, apesar dos repetidos avisos escritos do Departamento de Pessoal. Considerava-se o equivalente moderno de um samurai, um verdadeiro guerreiro poeta, e praticava artes marciais com Cynthia quando o trabalho não abundava.

Michael estava sentado a um canto ao lado de Gigabyte, um rapaz cheio de borbulhas de vinte e dois anos, que passeava o dia inteiro na Internet, vagueando no éter em busca de comunicações terroristas. Rock alternativo saía-lhe aos berros dos receptores, e no seu ecrã Michael vira coisas que o acordavam a meio da noite. Erguera uma barreira de pastas antigas para bloquear a visão, mas sempre que Gigabyte soltava risadinhas, ou quando a música que ouvia aumentava subitamente de volume, Michael sabia que era melhor fechar os olhos e pousar a cabeça na secretária.

O relógio de parede estava pendurado ao lado de uma silhueta de noventa centímetros em cartão de um pistoleiro, carimbado com o símbolo redondo vermelho internacional da proibição. Eram quase oito da noite e Michael trabalhava desde as cinco da manhã. O curral estava longe de estar deserto. O Sendero Luminoso do Peru raptara um ministro do governo e Blaze andava de um lado para o outro ao telefone. A Ação Direta de França fizera rebentar uma bomba numa estação de metro de Paris. Eurotrash estava curvado sobre o teclado, a ler o tráfego de mensagens. O IRA assassinara um empreiteiro protestante à frente da mulher e dos filhos. Cynthia estava ao telefone com Londres numa linha segura, a transmitir informações ao MI5 britânico. Felizmente, Gigabyte fora a um clube noturno com um grupo de amigos que julgava que ele criava páginas de Internet.

Michael tinha quinze minutos antes de informar o diretor executivo sobre os desenvolvimentos do caso. A reivindicação do atentado ao avião fora reencaminhada para Langley há uma hora. Michael leu-a pela quinta vez. Reviu as análises forenses realizadas pelo laboratório do FBI ao navio-baleeiro encontrado nessa manhã à deriva, ao largo de Long Island. Estudou as fotografias do cadáver descoberto a bordo da embarcação.

Passaram-se dez minutos. Podia descer ao fosso da lavagem e comer alguma coisa, ou podia telefonar a Elizabeth. Faltara à consulta em Georgetown e sabia que provavelmente teriam uma discussão. Não queria ter essa conversa a um telefone da Agência. Desligou o computador e saiu do curral.

O corredor estava mal iluminado e deserto. A Comissão de Belas Artes da Agência tentara alegrar o corredor com arte folclórica indonésia, mas continuava tão frio e estéril como uma unidade de cuidados intensivos. Seguiu o corredor até uma série de elevadores grandes, apanhou um deles até a cave e depois percorreu mais um corredor anônimo até o fosso da lavagem. Era tarde e a seleção de comida pior do que o habitual. Pediu uma sanduíche de peixe e batatas fritas à mulher de olhos exaustos atrás do balcão. A empregada agrediu a caixa registradora como se lhe desejasse mal, sacou o dinheiro de Michael e entregou o troco.

Michael comeu enquanto andava. O que comprara tinha um sabor horrível, pois estava frio e fora cozinhado há horas, mas era melhor do que mais um pacote de fritos. Comeu meio sanduíche e algumas batatas e deitou o resto para dentro de um balde do lixo. Viu as horas: cinco minutos. Tempo suficiente para um cigarro. Subiu de elevador um piso e depois saiu por uma porta de vidro para um grande pátio interior. William Webster proibira o tabaco no interior do edifício. Os que ainda sofriam do vício eram obrigados a encolher-se como refugiados no pátio, ou à volta das saídas. Depois de anos de trabalho secreto na Europa e no Oriente Médio, os cigarros e o ato de fumar tinham passado a fazer parte do mister. Michael não conseguia, nem queria, deixar de fumar só por agora estar na sede.

Folhas mortas rodopiavam por toda a extensão do pátio. Michael virou-se de costas contra o vento e acendeu um cigarro. A noite estava fria e muito escura. A única luz era a do brilho das janelas dos gabinetes lá em cima, tingida de verde pelos vidros à prova de som. Antigamente, fazia das vielas de Berlim, de Atenas, ou de Roma o seu gabinete. Ainda se sentia mais à vontade num café do Cairo do que num Starbucks de Georgetown. Olhou rapidamente para o relógio. Mais um jantar agradável. Enfiou o cigarro num cinzeiro cheio de areia e voltou a entrar.

A sala de briefing ficava do outro lado do corredor do curral e era pequena, atravancada, e em grande parte ocupada por uma grande mesa retangular de madeira. Numa das paredes estavam pendurados os emblemas de todas as agências governamentais que desempenhavam algum papel no Centro. Na parede em frente à porta encontrava-se uma tela de projeção. Michael chegou exatamente às 23:45. Estava a endireitar a gravata quando dois homens entraram na sala. O primeiro era Adrian Carter, diretor do Centro de Contraterrorismo e um veterano com vinte anos nas operações. Era baixo e de tez pálida, com cabelo grisalho escasso e papos por baixo dos olhos que lhe concediam um ar de enfado constante. Michael e Carter tinham uma relação profissional e pessoal de quinze anos. O segundo era Eric McManus, o diretor-adjunto do Centro.

McManus era grande e franco, com um sorriso agradável, uma juba de cabelo ruivo e grisalho e um leve toque do sul de Boston na voz. Pertencia ao FBI e tinha todo o aspeto disso: terno marinho, camisa branca engomada, gravata vermelha. Quando o pai de Michael trabalhava na Agência, um agente do FBI com um cargo tão elevado na CIA seria considerado uma heresia. Os oficiais da CIA da velha guarda acreditavam que tudo o que os agentes do FBI sabiam acerca de espionagem cabia na parte de trás dos distintivos de ouro. Não era esse o caso de McManus, um advogado formado em Harvard que trabalhara durante vinte anos na contraespionagem do FBI antes de ser destacado para o Centro.

Tal como era seu hábito, Monica Tyler foi a última a entrar na sala, exatamente cinco minutos atrasada. Considerava o seu tempo inestimável, nunca devendo ser desperdiçado com os outros. Um par de factótuns idênticos seguiu-a em silêncio, cada um deles agarrando com fervor um caderno de reunião encadernado a pele. Exceto o Departamento de Pessoal, ninguém na Agência sabia quem eram, ou de onde tinham aparecido. As más-línguas diziam que tinham sido despachados com Monica da sua firma de investimentos de Wall Street, juntamente com a casa de banho privada e com a mobília de escritório em mogno. Eram esguios e ativos, de olhos escuros atentos, e silenciosos como agentes funerários. Pareciam mover-se num uníssono lento, como executantes de um bailado subaquático. Uma vez que ninguém sabia os seus nomes verdadeiros, tinham sido batizados como Tweedledee e Tweedledum. Os detratores de Monica referiam-se aos dois como os eunucos de Tyler.

McManus e Carter levantaram-se sem entusiasmo quando Monica entrou na sala. Passou pela figura volumosa de McManus e assumiu o lugar habitual à cabeceira da mesa, onde podia ver a tela e o apresentador com um movimento breve da sua cabeça real. Tweedledee depositou um caderno com capa de pele na mesa à frente dela, como se se tratasse de um documento vetusto, e sentou-se junto à parede, ao lado de Tweedledum.

— Monica, este é Michael Osbourne — apresentou Carter. Michael passou a maior parte da carreira a lidar com contraterrorismo e tem vindo a dedicar-se à Espada de Gaza desde o surgimento do grupo.

Tyler olhou para Michael e aquiesceu, como se tivesse sido informada de algo que não sabia. Michael tinha noção de que não era o caso. Monica era afamada por ler os arquivos de qualquer agente com quem estivesse em contato. Dizia-se que nem sequer se cruzava com um agente junto à máquina de água sem antes ter lido os atestados de robustez física.

Desviou a atenção de Michael para a tela vazia. O cabelo louro curto tinha um corte perfeito e a maquilhagem acabara de ser retocada. Vestia um casaco preto sobre uma blusa branca de colarinho alto. Uma das mãos repousava

em cima da mesa, enquanto a outra segurava uma caneta de ouro, cuja ponta ia mordiscando. Monica Tyler não tinha vida fora do trabalho, sendo a única caraterística pessoal que não tentava ocultar dos colegas. O diretor levara-a para a Agência por ela o ter acompanhado em todos os cargos governamentais que assumira. Não sabia nada sobre espionagem, mas era brilhante e aprendia com extrema facilidade. Regra geral podia ser encontrada à noite, no gabinete do sexto andar, a ler relatórios e arquivos antigos. Possuía o dom de saber qual a pergunta exata a colocar. Michael já a vira reduzir a pó apresentadores mal preparados. Carter fez sinal a Osbourne, que baixou as luzes e deu início à sessão de briefing. Premiu um botão num painel ao fundo da sala e na tela surgiu uma fotografia.

— Este é Hassan Mahmoud. Nasceu em Gaza, cresceu num campo de refugiados e juntou-se ao Hamas durante a Intifada. É um revolucionário islâmico dedicado e opõe-se à paz com Israel. Foi treinado nos campos do Líbano e do Irã. É um especialista em bombas exímio e um pistoleiro mortífero. Saiu do Hamas depois da assinatura dos tratados de paz e juntou-se à Espada de Gaza. É suspeito do assassinato de um empresário israelense em Madrid e da tentativa falhada de assassinato do primeiro-ministro jordano em Paris, no ano passado.

Michael fez uma pausa.

— A fotografia seguinte é um pouco violenta. — Mudou de imagem. Tanto Carter como McManus semicerraram os olhos. O rosto de Monica Tyler não deixou transparecer qualquer emoção.

— Acreditamos que este seja Hassan Mahmoud agora. O corpo foi encontrado a bordo de um navio-baleeiro, vinte milhas ao largo de Long Island. Foi alvejado três vezes no rosto. Ao seu lado estava o tubo de lançamento de um míssil Stinger. As primeiras análises confirmam que o míssil foi disparado do navio. A popa da embarcação estava escurecida e o laboratório encontrou resíduos do tipo de combustível sólido utilizado pelos Stingers.

— Quem o matou e por quê? — indagou Monica. — Como conseguiu fugir?

— Ainda não temos respostas para essas perguntas. Mas temos uma teoria.

Monica ergueu uma sobrancelha e desviou a atenção da tela para Osbourne. Tinha o olhar fixo e sem expressão de um terapeuta. Michael podia sentir que os olhos procuravam fraquezas.

— Então vamos ouvi-la — indicou.

Michael mudou de imagem para uma fotografia aérea de um grande iate de alto-mar rebocando um barco.

— Esta fotografia foi tirada ao largo da costa da Flórida quatro dias antes da queda do avião. O iate está registrado em nome de um cidadão francês. Pesquisamos e temos quase certeza de que o francês em questão não existe. Sabemos, contudo, que a embarcação deixou a ilha caribenha de Saint-Barthélemy oito dias antes do atentado. O barco atrás é uma baleeira de Boston de seis metros, o mesmo modelo onde o corpo foi encontrado.

— Onde está o navio neste momento?

— No laboratório do FBI — respondeu McManus.

— E o iate?

— Não há sinal dele — explicou Michael. — A Marinha e a Guarda Costeira continuam à procura. Estão analisando imagens de satélite dessa parte do Atlântico.

— Portanto, na noite do atentado — resumiu Tyler — a embarcação pequena aproxima-se de Long Island, enquanto o iate permanece ao largo, em segurança, fora das águas territoriais americanas.

— Assim parece.

— E quando o indivíduo que disparou o míssil voltam ao iate, os colegas o matam?

— Assim parece.

— Mas por quê? Por que deixar o corpo? Por que deixar o tubo de lançamento?

— São questões pertinentes, para as quais de momento não temos resposta.

— Continue, Michael.

— No início desta noite foi enviada por fax ao *Times* de Londres uma reivindicação do atentado, em nome da Espada de Gaza.

— No entanto, um atentado desta natureza não se enquadra no perfil deles.

— Não, não se enquadra. — Michael premiu o botão e a imagem seguinte surgiu na tela, uma breve cronologia da Espada de Gaza.

— O grupo formou-se em 1996, depois da eleição de Benjamin Netanyahu em Israel. Seu único objetivo é destruir o acordo de paz, assassinando todos que o apoiam, quer sejam árabes ou judeus. Nunca agiu em Israel, nem nos territórios ocupados. Em vez disso, opera acima de tudo na Europa e no mundo árabe. O grupo é pequeno, extremamente compartimentado e muito profissional. Acreditamos que tenha menos de trinta agentes operacionais ativos e uma equipe de apoio de uma centena de elementos. Não possui uma sede permanente, e raras são as vezes em que sabemos onde se encontram os membros de uma semana

para a outra. Recebe praticamente todos os fundos de Teerã, mas também mantém instalações de treino na Líbia e na Síria.

Michael mudou a imagem.

— Eis alguns atentados atribuídos ao grupo. A morte do empresário israelense em Madrid, levada a cabo por Hassan Mahmoud. — A imagem voltou a mudar, passando para um cenário de carnificina numa rua de Paris. — O atentado fracassado contra o primeiro-ministro jordano. Ele sobreviveu, mas seis elementos da comitiva não tiveram a mesma sorte. — Outra imagem, dessa vez de sangue e de corpos numa capital árabe. — Um atentado bombista em Tunes, que matou o ministro dos negócios estrangeiros adjunto do Egito, a par de vinte e cinco transeuntes inocentes. E a lista continua. Um diplomata israelense em Roma. Outro em Viena. Um adido de Yasser Arafat no Cairo. Um empresário palestino em Chipre.

— Mas nunca um atentado contra um avião de passageiros — confirmou Tyler, quando a última imagem desapareceu da tela.

— Pelo menos de que tenhamos conhecimento. Na verdade, achamos que nunca tenham visado um alvo americano.

Michael acendeu as luzes e Monica Tyler adiantou:

— O Diretor vai atualizar o Presidente amanhã de manhã, às oito. Durante a reunião, o Presidente vai decidir quanto ao bombardeio dessas instalações de treino. O Presidente quer respostas. Cavalheiros, é sua opinião que a Espada de Gaza é responsável pela queda do avião?

Michael olhou primeiro para Carter e depois para McManus. Devido à posição mais elevada, Carter assumiu a responsabilidade de prestar esclarecimentos. Antes de falar, pigarreou de leve.

— Monica, segundo as informações de que dispomos neste momento, tanto pode ter sido a Espada de Gaza como os Washington Redskins.

— Aquela última resposta foi um golpe de gênio — comentou Michael ao saírem do edifício para o ar da noite. Ergueu o colarinho para se proteger do frio e acendeu um cigarro.

Carter caminhava a seu lado, uma mão a agarrar uma pasta, a outra enfiada no bolso. Carter tinha a capacidade de parecer sempre um pouco perdido e vagamente irritado. Quem não o conhecia tinha a tendência de o subestimar, uma mais-valia quer em trabalho de campo, quer no mundo burocrático de Langley. Falava seis idiomas e era capaz de se adaptar às ruelas de Varsóvia, de Atenas, ou de Beirute com igual facilidade.

Possivelmente alguém ter-lhe-ia dito que aprimorasse o guarda-roupa para a sede, pois surgia sempre imaculado, com dispendiosos ternos ingleses e

italianos. A roupa de qualidade não assentava bem na sua estrutura baixa e curvada: um Armani de mil dólares acabava por parecer uma cópia reles comprada nas lojas dúbias da Wisconsin Avenue, em Georgetown. Michael sempre o considerara um pouco ridículo, à semelhança de um empregado de uma loja de roupa masculina exclusiva que veste ternos que não pode comprar. Mas Carter era um obcecado que nunca deixava nada em mãos alheias, quer se tratasse do ofício, da esposa e da família, ou do seu jazz. A paixão mais recente era o golfe, que treinava sem parar com bolas de plástico no diminuto gabinete de paredes de vidro. Certo dia, Michael juntara uma bola verdadeira às réplicas. Carter lançara-a através de uma das paredes, durante uma chamada em conferência com Monica Tyler e com o Diretor. No dia seguinte, Carter recebeu a conta dos estragos e uma reprimenda do Departamento de Pessoal.

Ela às vezes dá comigo em doido ─ resmungou Carter em voz baixa. Fora agente de controle de Michael, quando este trabalhava sem cobertura oficial e não se podia dirigir às embaixadas. Mesmo naquele momento, em que se encaminhavam para o estacionamento oeste da sede, agiam como se levassem a cabo uma troca de informações em ambiente hostil. ─ Ela julga que recolher informações é tão simples como elaborar um relatório de contas.

─ O Diretor confia totalmente nela, por isso tem de ser tratada com cuidado. ─ Ouçam só o que ele está a dizer. De repente passaste a ser o típico agente da sede.

Michael jogou o cigarro para a escuridão.

─ Há qualquer coisa neste atentado que cheira muito mal.

─ Para além do fato de duzentas e cinquenta pessoas terem ido parar ao fundo do Atlântico?

─ Aquele corpo no barco não faz sentido.

─ Nada disto faz sentido.

─ E não é só isso.

─ Ai, meu Deus. Estava à espera dessa.

─ A forma como o Mahmoud levou três tiros na cara. Pararam de andar. Carter virou-se e olhou para Osbourne.

─ Michael, deixa-me dar-te um conselho. Esta não é uma boa altura para voltares a perseguir o teu Chacal.

Caminharam em silêncio até o carro de Michael.

─ Porque é que andas com um Jaguar prateado e moras em Georgetown, e eu tenho um Accord e moro em Reston?

─ Porque tenho uma reserva melhor e porque sou casado com uma advogada rica. ─ Tu nem sabes a sorte que tens, Osbourne. Se fosse a ti, tinha cuidado para não deitar tudo a perder. ─ E o que queres dizer com isso?

Quero dizer que águas passadas não movem moinhos. Vai para casa dormir. O pai de Michael acabou por vir a odiar a Agência mas, algures na sua vida, quer fosse sua intenção ou não, incutiu no filho a base do agente de espionagem perfeito. Michael chamou a atenção da Agência durante o primeiro ano em Dartmouth. O caçador de talentos era um professor de Literatura Americana que trabalhara para a Agência em Berlim durante a Segunda Guerra Mundial, e que viu no estudante universitário desalinhado e de barba a essência de um agente de campo perfeito: inteligência, capacidade de liderança, carisma, atitude e o conhecimento de várias línguas.

O que o professor não sabia era que o pai de Michael trabalhara no serviço clandestino e que Michael e a mãe o tinham seguido de destacamento em destacamento. Aos dezesseis anos já falava cinco línguas. Quando a Agência o abordou pela primeira vez, Michael rejeitou a proposta. Vira o que o trabalho fizera ao pai e sabia bem o preço que a mãe pagara por isso.

Mas a Agência queria-o e não desistiu. Michael veio a ceder depois de se formar, pois não tinha perspectivas de trabalho, nem qualquer ideia melhor. Foi enviado para Camp Perry, o campo de treinos da CIA nos arredores de Williamsburg, no estado de Virgínia, mais conhecido como a Quinta. Aí aprendeu a recrutar e a dirigir agentes. Aprendeu a arte da comunicação clandestina. Aprendeu a reconhecer a vigilância inimiga. Aprendeu artes marciais e condução defensiva. Depois de um ano de formação, recebeu uma identidade falsa, um pseudônimo da Agência e uma missão simples: Penetrar nas mais violentas organizações terroristas do mundo.

Michael seguiu ao longo da Route 123, virou na George Washington Parkway e dirigiu-se à cidade. O caminho estava deserto. As árvores imponentes que flanqueavam a estrada contorciam-se com as rajadas de vento e uma Lua brilhante deixava-se ver por entre as nuvens. Por instinto, olhou várias vezes para o espelho retrovisor, com o intuito de garantir que não era seguido. Pisou o acelerador e o velocímetro marcou cento e dez. O Jaguar acompanhou a suave ondulação da paisagem. As árvores abriram-se à sua esquerda e o Potomac cintilou ao luar. Minutos depois surgiram os pináculos de Georgetown. Saiu em Key Bridge e cruzou o rio para Washington.

A M Street estava deserta, com apenas alguns sem-abrigo a beber em Key Park e um grupo de alunos de Georgetown a falar no passeio à frente da reprografia Kinko local. Virou à esquerda para a 33rd Street. A iluminação e as lojas brilhantes da M Street desapareceram. A casa tinha um estacionamento privado nos fundos, ao qual se acedia por um beco estreito, mas Michael preferia deixar o carro na rua, bem à vista. Virou à esquerda para a N Street e encontrou um lugar. Depois, tal como era seu hábito, observou a frente da casa por um

instante, antes de desligar o motor. Michael gostava de ser agente de campo, da sedução de um bom recrutamento, da satisfação de uma informação atempada, mas esta era a parte do trabalho de que não gostava, da ansiedade que sentia de cada vez que entrava na sua própria casa, do receio de os inimigos conseguirem finalmente vingar-se.

Michael sempre vivera com um certo elemento de risco pessoal devido ao modo como desempenhava o seu trabalho. Segundo o léxico da CIA, era um NOC, o acrônimo da Agência que significava que não tinha cobertura oficial. Isso significava que em vez de trabalhar a partir de uma embaixada, com uma cobertura providenciada pelo Departamento de Estado, tal como a maior parte dos agentes, Michael estava por sua conta. Formara-se em gestão, em Dartmouth, por isso, regra geral, o seu disfarce envolvia consultoria ou vendas internacionais. Michael preferia que assim fosse. A maior parte dos agentes da CIA que trabalhava com a embaixada era conhecida pelo outro lado. Isso fazia com que a tarefa de espionagem fosse ainda mais difícil, especialmente quando o alvo era de uma organização terrorista. Michael não tinha o estigma da embaixada às costas, mas também não podia contar com ela para sua proteção. Se um agente com uma cobertura oficial se deparasse com problemas, podia sempre fugir para a embaixada e alegar imunidade diplomática. Se Michael ficasse em apuros, caso um recrutamento corresse mal, ou se o serviço de espionagem adversário tomasse conhecimento da verdadeira natureza do seu trabalho, podia ser preso, ou pior. Depois de tantos anos na sede, a ansiedade perdera alguma da sua força, mas nunca desaparecera por completo. O medo que mais o afligia era que os inimigos procurassem aquilo que ele mais amava. Já antes o tinham feito.

Saiu do carro, trancou-o e ligou o alarme. Dirigiu-se para oeste, para a 34th Street, sempre a observar os automóveis, a confirmar qualquer indício. Lá chegado, atravessou a estrada e fez o mesmo do outro lado.

Degraus curvos de tijolo subiam do passeio até a porta de entrada da ampla casa de estilo federal. Em tempos, Michael fora sensível ao tema da casa de dois milhões de dólares em Georgetown, pois a maior parte dos colegas vivia nos subúrbios menos dispendiosos de Virgínia, à volta de Langley.

Implicavam constantemente com a casa luxuosa e o carro, questionando em voz alta se Michael teria seguido o exemplo de Rick Ames e começado a vender segredos por bom preço. A verdade era bastante menos interessante: Elizabeth ganhava quinhentos mil dólares na Braxton, Allworth & Kettlemen, e Michael herdara um milhão de dólares quando a mãe morrera.

Destrancou a porta de entrada, primeiro o ferrolho, depois a tranca. O alarme soou baixinho quando entrou. Fechou a porta com suavidade, voltou a

trancá-la e desligou o alarme. Ouviu Elizabeth a virar-se na cama, no piso de cima. Deixou a pasta em cima do balcão central da cozinha, tirou uma cerveja do frigorífico e bebeu meia garrafa na primeira golada. O ar cheirava vagamente a tabaco. Era mau sinal, pois Elizabeth deixara de fumar. Largara o tabaco havia dez anos, mas fumava quando estava zangada, ou nervosa. A consulta em Georgetown não devia ter corrido bem. Michael sentia-se mal por ter faltado. Tinha uma desculpa plausível ─ o trabalho, a queda de um avião comercial ─ mas o trabalho de Elizabeth também exigia bastante dela, que alterara os compromissos para ir à consulta do médico.

Olhou à sua volta, para a cozinha, que era maior do que o primeiro apartamento que tivera. Deixou a mente vaguear até a tarde, cinco anos antes, em que tinham assinado a escritura daquela casa. Lembrava-se de percorrer as grandes divisões vazias, com Elizabeth a falar com entusiasmo, a dizer o que colocaria onde, como iriam decorar os quartos, de que cor os pintariam. Queria filhos, muitos filhos, a correr pela casa, a fazer barulho, a partir coisas. Michael também queria. Tivera uma infância maravilhosa, em paragens exóticas um pouco por todo o mundo, mas não tivera irmãos e sentia que faltava alguma coisa na sua vida. A incapacidade de terem filhos custara um preço bem alto. Por vezes, a casa parecia vazia e triste, demasiado grande apenas para eles os dois, fazendo lembrar um museu e não um lar. Em certas ocasiões, parecia a Michael que em tempos ali tinha havido crianças, mas estas tinham sido levadas. Sentia-se como se tivessem sido condenados a morar ali juntos, os dois sozinhos, magoados, eternamente.

Apagou as luzes e levou o resto da cerveja para o quarto, no andar de cima. Elizabeth estava sentada na cama, o queixo apoiado nos joelhos, os braços a envolver as pernas. No teto abobadado brilhava uma luz suave. Na lareira cintilava o resto das brasas. O cabelo louro claro estava desalinhado e os olhos mostravam que não dormira. A expressão era ausente. Três cigarros meio fumados estavam no cinzeiro em cima da mesa-de-cabeceira e uma pilha de dossiês encontrava-se espalhada no lado da cama de Michael. Estava zangada e lidara com a situação da sua forma habitual, mergulhando no trabalho. Michael despiu-se em silêncio.

─ Que horas são? ─ perguntou Elizabeth, sem olhar para o marido.

─ É tarde.

─ Por que não telefonou? Por que não me disse que ia chegar tão tarde?

─ Houve desenvolvimentos no caso. Pensei que estivesse dormindo.

─ Não tenho problema em ser acordada, Michael. Precisava ouvir tua voz.

— Sinto muito, Elizabeth. As coisas estavam um caos, não podia vir embora.

— Por que não foi à consulta?

Michael desabotoava a camisa e parou para olhar para ela. Elizabeth tinha o rosto corado, os olhos molhados.

— Elizabeth, sou o agente destacado para o grupo terrorista que pode ter abatido aquele avião comercial. Não posso sair no meio do dia para ir a Washington a uma consulta.

— Por quê?

— Porque não posso, só por isso. O Presidente dos Estados Unidos está tomando decisões com base naquilo que nós lhe dizemos. Numa situação destas, é impossível conseguir sair do escritório, nem por duas horas.

— Eu também trabalho, Michael. Pode não ser tão importante como trabalhar para a CIA, mas para mim representa muito. Neste momento estou tratando de três casos, tenho o Braxton nos calcanhares e estou desesperada tentando...

Elizabeth cedeu por um momento.

— Sinto muito, Elizabeth. Eu queria ir, mas não pude. Foi um dia terrível. Sinto-me muito mal por ter faltado à consulta. O que disse o médico?

Elizabeth fez menção de falar, mas as palavras não saíram. Michael percorreu o quarto, sentou-se na cama ao lado da mulher, e puxou-a para si. Elizabeth apoiou a cabeça no ombro do marido e chorou em silêncio.

— Ele não sabe ao certo qual é o problema. Não consigo engravidar. As minhas trompas podem ter algum problema. Ele não tem a certeza. Quer experimentar mais uma coisa: fertilização in vitro. Diz que a Cornell, em Nova York, é a melhor clínica. Podem nos receber no mês que vem.

Elizabeth olhou para o marido, o rosto molhado pelas lágrimas.

— Não quero ficar com grandes esperanças, Michael, mas nunca me vou perdoar se não tentarmos tudo.

— Concordo.

— Isso significa passarmos algum tempo em Nova York. Vou preparar tudo para trabalhar na filial de Manhattan. Papai vai ficar na ilha, para podermos usar o apartamento.

— Vou falar com Carter sobre a possibilidade de trabalhar a partir da Estação de Nova York. Posso ter de ir e vir algumas vezes, mas creio que não vai haver problema.

— Obrigada, Michael. Desculpa ter brigado com você. Estava tão zangada.

— Não peças desculpa. A culpa foi minha.

— Eu sabia no que estava me metendo quando me casei com você. Sei que não posso mudar aquilo que fazes, mas às vezes preciso que estejas mais tempo comigo. Até parece que nos encontramos por acaso de manhã, e depois outra vez só à noite.

— Podemos mudar de emprego.

— Não podemos mudar de emprego. — Beijou-lhe os lábios. Tire a roupa e venha para a cama. Já é tarde.

Michael levantou-se e dirigiu-se à casa de banho principal. Acabou de se despir, escovou os dentes e lavou o rosto sem olhar para o espelho. O quarto estava às escuras quando regressou, mas Elizabeth continuava sentada na cama, os braços novamente a abraçar as pernas.

— Consigo vê-lo no seu rosto, sabia?

— De que está falando?

— Aquela expressão.

— Qual expressão?

— A expressão com que fica sempre que alguém é morto em algum lugar no mundo.

Michael deitou-se e apoiou-se sobre o cotovelo para a encarar.

— Vejo essa expressão e me pergunto se voltou a pensar nela — comentou Elizabeth.

— Não estou pensando nela, Elizabeth.

— Como se chamava? Nunca me disse.

— Sarah.

— Sarah — repetiu Elizabeth. — É um nome muito bonito. Você a amava?

— Sim, amava.

— Ainda a ama?

— Amo você.

— E não me respondeu.

— Não, não a amo mais.

— Mente tão mal. Pensei que os espiões tinham de ser bons enganando.

— Não estou mentindo. Nunca te menti. Só oculto o que não posso contar.

— Costuma pensar nela?

— Penso no que aconteceu a ela, mas não penso nela.

Elizabeth deitou-se, virando-lhe as costas. Na escuridão, Michael pôde ver que os ombros dela tremiam. Quando a tocou, ela disse: — Desculpe, Michael. Sinto muito.

— Por que está chorando, Elizabeth?

— Porque estou zangada com você, e porque te amo muito. Porque quero ter um filho com você e tenho muito medo do que possa nos acontecer se não conseguir.

— Não vai nos acontecer nada. Amo você mais do que tudo no mundo.

— Já não a ama, não é, Michael?

— Amo você, Elizabeth, e só você.

Elizabeth virou-se na escuridão e puxou o rosto do marido para junto do seu. Michael beijou-a na testa e limpou-lhe as lágrimas dos olhos. Abraçou-a durante algum tempo, escutando o vento nas árvores perto da janela do quarto, até que a respiração dela assumiu o ritmo do sono.

CASA BRANCA

Anne Beckwith tinha uma regra ao jantar: Falar sobre política era estritamente proibido. A política dominara as suas vidas nos vinte e cinco anos desde que o marido fora sugado para a máquina do Partido Republicano na Califórnia, e Anne estava determinada a ter uma hora por dia em que a política não se intrometesse. Jantaram nos aposentos da família na mansão oficial: o Presidente, a Primeira-Dama e Mitchell Elliott. Anne adorava a cozinha italiana e acreditava em segredo que o país seria melhor se "fôssemos um pouco mais como os Italianos e menos como os Americanos". A bem da sua carreira política, Beckwith pedira a Anne que guardasse esse tipo de opinião para si. Todos os verões resistia ao desejo de Anne de passar férias na Europa, escolhendo locais "mais americanos". No último Verão tinham ficado em Jackson Hole, ao qual Anne, no quarto dia, apelidara de "Fossa".

Fazia-lhe a vontade no que dizia respeito à comida. Nessa noite, à luz suave das velas, ela escolhera fettuccini com pesto, natas e ervilhas, seguido de medalhões de vitela, uma salada e queijo, tudo regado por uma dispendiosa garrafa de quinze anos de vinho tinto toscano.

Ao longo da refeição, à medida que os funcionários da Casa Branca iam entrando e saindo em silêncio com cada prato, Anne Beckwith orientou com cuidado a conversa, de um tópico seguro para o seguinte: filmes novos que ela queria ver, livros novos que lera, velhos amigos, os filhos, a pequena vivenda na zona do Norte de Itália de Piedmont, onde tencionava passar o primeiro Verão "depois de termos cumprido as nossas penas e de termos voltado a ser livres".

O Presidente tinha um ar exausto. Os olhos, normalmente de um azul-pálido, estavam vermelhos e cansados. O dia fora extenuante, passara a manhã com os diretores das agências que investigavam o atentado ao avião: o FBI e a National Transportation Safety Board. À tarde viajara até Nova York, para se encontrar com os familiares das vítimas. Percorreu a zona da queda ao largo de Fire Island a bordo de um escaler da guarda-costeira e seguiu de helicóptero até a vila de Bay Shore, onde assistira a um serviço religioso em honra de um grupo de estudantes do liceu local que morrera na tragédia. Teve um encontro comovente com John North, um professor de química cuja esposa Mary acompanhava os jovens na viagem a Londres.

Vandenberg encenara os acontecimentos na perfeição. Na telada televisão, o Presidente deixara transparecer uma expressão de liderança, calmamente em pleno domínio da situação. Regressou a Washington e reuniu-se

com o gabinete de segurança nacional: os secretários da Defesa e de Estado, o conselheiro para a segurança nacional, o diretor da CIA. Exatamente às 18:20, Vandenberg informou os jornalistas da Casa Branca. O Presidente estava a avaliar a possibilidade de uma retaliação militar contra os terroristas que se acreditava serem responsáveis pelo atentado. Navios de guerra da Marinha americana estavam a deslocar-se para o Mediterrâneo oriental e para o golfo Pérsico. Às 18:30, os correspondentes na Casa Branca da ABC, da CBS e da NBC alinharam-se lado a lado no Relvado Norte e informaram o povo americano de que o Presidente poderia levar a cabo uma ação decisiva para vingar o ataque. Mitchell Elliott sabia que na manhã seguinte as intenções de voto seriam bastante favoráveis. Mas, naquele momento, sentado à mesa à frente de James Beckwith, Elliott ficou abismado com a fadiga patente no rosto do Presidente. Questionou-se se o velho amigo teria ainda energia para lutar.

— Não fosse por coisas, Anne, e diria que está pronta a partir já, e não daqui a quatro anos — aventou Elliott.

O comentário raiava o tema da política. Em vez de mudar de assunto, como era seu hábito, Anne Beckwith cruzou o olhar com o de Elliott e semicerrou os olhos azuis numa rara exibição de fúria.

— Francamente, Mitchell, não me interessa se parto daqui a quatro anos ou daqui a quatro meses — contrapôs. — Ao longo dos últimos quatro anos, o Presidente deu tudo o que tem a esta nação. A nossa família fez sacrifícios terríveis. Se o povo quer eleger um senador desconhecido do Nebraska para ser o seu líder, pois que assim seja.

O comentário era típico de Anne Beckwith, que gostava de fingir que se encontrava acima da política, que a vida no poder era um fardo e não uma recompensa. Elliott sabia a verdade. Por trás da fachada plácida, Anne Beckwith era um animal político implacável por direito próprio, que exercia um poder enorme nos bastidores.

Entrou um criado que levantou os pratos e serviu café. O Presidente acendeu um cigarro. Anne obrigara-o a deixar de fumar há vinte anos, mas acedia a que fumasse um por noite, com o café. Numa exibição surpreendente de autodisciplina, Beckwith fumava o seu único cigarro todas as noites. Quando o empregado saiu, Elliott disse:

— Ainda falta um mês para as eleições, Anne. Podemos dar a volta na situação. — Mitchell Elliott, até parece um daqueles representantes que aparecem nos programas de televisão mais idiotas e que vomitam lugares-comuns sobre como o povo americano ainda não está concentrado nas eleições. Sabe tão bem quanto eu que os resultados das sondagens não vão mudar até o dia da eleição. — Admito que, de fato, normalmente é esse o caso. Mas, há duas noites, um

terrorista árabe mandou pelos ares um avião comercial americano. O Presidente ficou com o palco todo só para ele. Sterling saiu de cena. O Presidente tem agora uma oportunidade maravilhosa para exibir a sua experiência na gestão de crises.

— Meu Deus, Mitchell, morreram duzentas e cinquenta pessoas e você está todo entusiasmado porque acha que isso vai nos ajudar a alterar a intenção de voto!

— Mitchell não disse isso, Anne — interveio Beckwith. — Preste atenção à comunicação social. Tudo o que acontece em ano de eleições é visto através do prisma da política. Seria ingênuo fingir que não é o caso.

Anne Beckwith levantou-se de repente. — Pois bem, esta velha ingênua já teve o bastante para uma noite.

O Presidente e Elliott se levantaram. Anne beijou a face do marido e ofereceu a mão ao convidado. — Ele está cansado, Mitchell. Não tem dormido muito desde que lhe surgiu esta sua maravilhosa oportunidade política. Não o deixe muito tempo acordado.

Quando Anne saiu, os dois homens desceram ao rés-de-chão e percorreram o acesso exterior coberto até a Sala Oval. A lareira estava acesa e a intensidade das luzes tinha sido reduzida. Paul Vandenberg aguardava. Beckwith sentou-se numa poltrona junto ao lume e Vandenberg acomodou-se a seu lado, o que deixou um dos baixos sofás brancos para Elliott. Quando este se sentou, afundou-se na almofada macia. Sentia-se mais baixo do que os outros dois homens, algo que não era do seu agrado. Apercebendo-se do desconforto de Elliott, Vandenberg permitiu que um sorriso lhe dançasse nos lábios.

Beckwith fitou o chefe de gabinete e depois Elliott.

— Muito bem, cavalheiros — disse. — E se me contassem o que há?

— Senhor Presidente, quero ajudá-lo a ser reeleito, para bem deste nosso maravilhoso país e para bem do povo americano. E acredito saber como consegui-lo — declarou Elliott.

O Presidente ergueu uma sobrancelha, claramente intrigado.

— Vamos ouvir o que tem a dizer, Mitchell.

— Daqui a nada, Senhor Presidente — garantiu Elliott. — Primeiro, julgo que é apropriado que oremos ao Todo-Poderoso.

Mitchell Elliott ergueu-se do seu lugar, ajoelhou-se na Sala Oval e começou a rezar.

— Acha que ele vai fazê-lo, Paul?

— É difícil dizer. Quer dormir sobre o assunto. É bom sinal.

Durante a curta viagem desde a Casa Branca tinham trocado algumas palavras rápidas, ou ficado em silêncio. Nenhum deles gostava de falar em espaços fechados, o que incluía carros do governo em andamento. Caminhavam

agora lado a lado, subindo a leve inclinação de Califórnia Street, ao longo das grandiosas mansões iluminadas de Kalorama. Um vento úmido percorria as árvores. Folhas de tons vermelho e dourado agitavam-se suavemente à pálida luz amarelada dos postes. Era uma noite calma, salvo pelo vento e pelo murmúrio do trânsito na Massachusetts Avenue. O carro avançou e estacionou à frente da casa de Elliott, onde o motor foi desligado e os faróis apagados. O guarda-costas de Elliott seguia alguns passos atrás deles, onde não podia ouvi-los.

— Nunca o tinha visto de tão mau humor — comentou Elliott.

— Está cansado.

— Mesmo que decida avançar, espero que tenha energia e paixão para apresentar o caso aos eleitores e ao Congresso.

— É o melhor ator que já ocupou aquele cargo desde Ronald Reagan. Se lhe dermos um bom guia, ele vai descontar as falas e acertar nas deixas todas.

— Então veja se o guia que seja mesmo bom.

— Já encomendei o discurso.

— Santo Cristo! Se é assim, com certeza que amanhã vou ler sobre o assunto no *Post*.

— Tenho minha melhor redatora de discursos trabalhando na primeira versão. Está trabalhando em casa. Não há nada no sistema de informática da Casa Branca, onde poderia cair nas mãos de alguém.

— Muito bem, Paul. Fico aliviado por saber que continua astuto como sempre.

Vandenberg não respondeu. Um carro passou por eles, um pequeno Toyota que virou à esquerda na 23rd Street. As luzes traseiras desapareceram na escuridão. Fez-se sentir uma rajada de vento. Vandenberg ergueu o colarinho da gabardina. — Foi uma bela apresentação, Mitchell. O Presidente estava visivelmente sentido. De certeza que de manhã vai acordar e perceber a sabedoria contida na sua abordagem. Vou entrar em contato com as estações de televisão para que façam a transmissão em direto de um comunicado presidencial a partir da Sala Oval.

— Será que as estações vão na conversa?

É claro. Já reclamaram no passado, quando julgam que utilizamos o privilégio de um discurso na Sala Oval por motivos claramente políticos, mas neste momento ninguém pode apresentar um argumento desses. Além disso, a sua própria iniciativa vai ser o segundo assunto da ordem de trabalhos. O primeiro é a declaração de que as forças armadas americanas levaram a cabo um ataque devastador contra a Espada de Gaza e os seus financiadores. Duvido que até mesmo os presidentes das estações tenham a arrogância de negar ao Beckwith uma cobertura ao vivo num momento destes.

— Seria de esperar que alguém com o teu percurso se recusasse a subestimar a arrogância dos media, Paul.

— Dizem que sou o poder por trás do trono. Levo com as culpas quando as coisas correm mal, mas fico com os louros quando elas correm bem.

— Sugiro que faças por que isto corra bem.

— Não se preocupe, assim farei.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Pode sair da cidade tão rápida e discretamente quanto possível.

— Receio que tal não seja possível.

— Céus, pedi-lhe que se mantivesse discreto.

— É só um pequeno jantar, amanhã à noite. O Braxton, alguns dos sócios maioritários e um senador cujas botas tenho de lamber.

— Junte-me à lista de convidados.

— Pensei que estivesses ocupado, Paul.

— O discurso vai ser apresentado entre nove e nove e quinze. Saio logo em seguida. Guarde um lugar na mesa.

Vandenberg entrou no banco de trás do carro da Casa Branca. A ignição do motor quebrou o silêncio da Califórnia Street. O carro afastou-se, virou à esquerda na Massachusetts e desapareceu. Segundos depois, um Toyota passou em frente à casa, o mesmo que tinham visto minutos antes.

Mitchell Elliott esperou que Mark Calahan o acompanhasse até a entrada da casa.

— Viu a placa daquele carro?

— É claro, senhor Elliott.

— Investigue. Quero saber quem é o dono.

— Imediatamente.

Quando o assistente regressou, vinte minutos depois, Elliott estava lendo na biblioteca.

— O carro está registrado em nome de Susanna Dayton. Vive em Georgetown.

— Susanna Dayton é a repórter do *Washington Post* que está fazendo matéria sobre minha ligação com Beckwith.

— Talvez seja uma coincidência, senhor Elliott, mas desconfio que ela esteja vigiando a casa.

— Quero-a sob vigilância. Traga os homens que julgar necessários para um trabalho bem feito. Quero saber o que está fazendo e com quem se encontra. Entre na casa dela o mais depressa possível. Coloque a casa e os telefones sob escuta. Não descuidem de nada.

O assistente fechou a porta quando saiu. Mitchell Elliott pegou no telefone e marcou o número da Casa Branca. Trinta segundos depois, a chamada estava a ser reencaminhada para o carro de Paul Vandenberg.

— Alô, Paul? Receio que tenhamos um pequeno problema em mãos.

WASHINGTON, D. C.

Pomander Walk é um toque da França oculto no coração de Georgetown, dez pequenas casas perto de Volta Place, acedidas por um beco demasiado estreito para carros. Susanna Dayton apaixonou-se pela pequena rua à primeira vista: os exteriores em tijolo caiado, as armações das janelas pintadas com cores garridas, as flores em vasos nos degraus de entrada. Volta Park ficava do outro lado da rua, sendo o lugar perfeito para levar o seu golden retriever a passear. Quando finalmente uma das dez casas foi posta à venda há dois anos, vendeu o apartamento de Connecticut Avenue e mudou-se.

Estacionou em Volta Place, pegou na mala e saiu. A chuva parara e a rua estava coberta por um tapete de folhas molhadas. Susanna fechou a porta e atravessou a rua. Pomander Walk estava silenciosa, como era habitual. O brilho suave de um televisor tremeluzia pela janela da sala de estar da casa em frente à sua. Carson ladrou quando Susanna subiu os degraus e enfiou a chave na fechadura.

O animal correu até a cozinha e regressou com a trela na boca.

— Daqui a pouco, querido. Deixa-me trabalhar um bocado e mudar de roupa. A casa era pequena mas confortável para uma pessoa: dois quartos no andar de cima, cozinha e sala de estar no rés-do-chão. Ainda casada, vivera com o marido numa casa maior a dois quarteirões dali, na 34th Street. Foi vendida aquando do divórcio e a soma obtida dividida entre os dois. Jack e a nova esposa, uma instrutora de aeróbica no ginásio dele, compraram uma casa com vista para Rock Creek, em Bethesda. Susanna ficou satisfeita por ele se ter mudado. Queria ficar em Georgetown sem se preocupar em esbarrar com Jack e com a esposa troféu dia sim, dia não. Usava o quarto adicional como escritório. O chão estava coberto de papéis e de pastas de arquivo, e as estantes embutidas estavam atafulhadas de livros. Instalou o computador portátil em cima da secretária e ligou-o. Escreveu rapidamente durante cinco minutos. Carson ficou sentado à porta, de trela na boca, os olhos fitos na dona. Foi uma noite espantosa. Mitchell Elliott passara três horas na Casa Branca, para todos os efeitos com o Presidente. Depois vira-o a caminhar à porta da sua casa de Califórnia Street com Paul Vandenberg, o chefe de gabinete do Presidente. Por si só, esta informação não era condenatória mas, se a conseguisse encaixar no resto do enigma, talvez fosse capaz de elaborar uma história verdadeira. Nada mais podia fazer nessa noite. Falaria com o editor pela manhã, contar-lhe-ia o que descobrira e decidiria onde procurar de seguida.

Protegeu o arquivo e gravou-o no disco rígido e em dois disquetes. Retirou o segundo disquete e levou para o quarto. Era tarde, já passava das onze, mas estava agitada por ter passado a noite no carro e no café. Despiu a blusa e a saia, e tirou as meias e a roupa interior. Da gaveta da cômoda escolheu um par de calças de lycra azuis e um pulôver de algodão, que vestiu rapidamente. Na casa de banho tinha um blusão de nylon que também vestiu, após o que se debruçou sobre o lavatório e retirou a maquilhagem que tinha quinze horas.

Secou o rosto e olhou para o reflexo no espelho. Aos quarenta anos, Susanna Dayton ainda se considerava uma mulher relativamente atraente: cabelo escuro encaracolado que lhe dava pelos ombros, olhos de um castanho profundo, pele cor de azeitona. No entanto, o esforço começava a evidenciar-se no rosto. Desde que se divorciara de Jack que mergulhara no trabalho. Dezesseis horas por dia eram a regra, não a exceção. Saíra com alguns homens, chegara mesmo a dormir com dois, mas agora o trabalho estava sempre em primeiro lugar. Canon andava pelo corredor do primeiro andar.

— Anda, vamos embora.

Susanna pegou o disquete e seguiu o animal até o térreo. Enquanto fazia o aquecimento, teclou no telefone sem fio o número do vizinho, um lobista ambiental chamado Harry Scanlon.

— Vou levar Carson para passear — indicou. — Se não voltar daqui a meia hora, peça ajuda.

— Aonde vai?

— Não sei. Talvez até Dupont Circle.

— Onde esteve até esta hora?

— Trabalhando, como de costume. Quando sair deixo mais uma na sua caixa do correio.

— Certo.

— Boa noite, querido.

— Boa noite, meu amor.

Desligou. Guardou o pager e o celular numa bolsa, prendeu-a à cintura e saiu de casa. Sabia que era uma tolice ir correr àquela hora da noite, ouvia com frequência os sermões dos amigos, mas levava sempre um celular e tinha Carson para a proteger.

Subiu os degraus da casa de Harry e enfiou o disquete na caixa do correio. Susanna gostava de ter cópias das cópias de segurança e, se a sua casa ardesse, ou fosse assaltada, pelo menos Harry teria uma reserva dos seus apontamentos. Harry pensava que era doida, mas fazia-lhe a vontade. Tinham um sistema: Quando Susanna deixava umo disquete nova na caixa de correio de Harry, este devolvia a antiga, regra geral na manhã seguinte.

Saiu de Pomander Walk. Carson fez as necessidades contra uma árvore. Depois Susanna fechou o blusão para se proteger do frio e começou a correr para leste, atravessando Georgetown na escuridão, com Carson a seu lado.

O homem no carro estacionado em Volta Place observou a mulher a sair. Sabia que não ia dispor de muito tempo. Era tarde e provavelmente ela não iria correr para muito longe. Teria de trabalhar rapidamente.

Saiu do carro, fechou a porta com cuidado e atravessou a rua. Vestia calças pretas, uma camisa escura e um blusão de couro preto, e levava uma pequena pasta de couro na mão direita. Mark Calahan não ia perder tempo. Pertencera às Forças Especiais, aos Navy Seals, mais exatamente, e sabia como entrar com discrição em prédios. Sabia como sair sem deixar vestígios.

Pomander Walk estava em silêncio e apenas uma das pequenas casas mostrava sinais de vida. Trinta segundos depois de chegar à rua tinha aberto a fechadura de Susanna e estava dentro de casa.

Permaneceu no seu interior quinze minutos e saiu tão discreta─ mente como entrara.

Michael acordou às quatro da madrugada, com a chuva. Tentou voltar a adormecer, mas não conseguiu. Sempre que fechava os olhos via o avião a despenhar-se no mar e o rosto de Hassan Mahmoud, desfeito por três balas. Saiu da cama em silêncio, atravessou o corredor até o escritório, ligou o computador e sentou-se.

Os arquivos passaram à frente dos seus olhos: fotografias, relatórios da polícia, memorandos da Agência, relatórios de serviços de espionagem aliados. Reviu-os mais uma vez. O assassinato de um agente do governo em Espanha, reivindicado pelo movimento separatista basco ETA, mas posteriormente negado. A morte de um agente da polícia de Paris, reivindicada pela Ação Direta, mais tarde negada. O assassinato de um diretor da BMW em Francoforte, reivindicado pela Fação do Exército Vermelho, mais tarde negado. O assassinato de um comandante da OLP em Tunes, reivindicado por uma fação palestina rival, mais tarde negado. A morte de um empresário israelense em Londres, reivindicada pela OLP, mais tarde negada. Todos os atentados tinham ocorrido em momentos críticos e vieram piorar a situação. Todos tinham algo em comum: as vítimas foram alvejadas três vezes no rosto.

Michael abriu outro arquivo. A vítima era Sarah Randolph. Era uma estudante de arte abastada e bela, com tendências esquerdistas. Osbourne, ignorando o bom senso, apaixonara-se perdidamente por ela enquanto trabalhava em Londres. Sabia que a Segurança de Pessoal ficaria nervosa quanto às convicções políticas da jovem, por isso Michael quebrou as regras da Agência e não declarou a relação. Quando foi assassinada na Represa de Chelsea, a

Agência partiu do princípio de que o disfarce de Michael tinha sido revelado e que já não podia fazer trabalho de campo enquanto NOC.

Abriu a fotografia. Era a mais bela mulher que alguma vez vira, mas um assassino roubara-lhe a beleza e a vida: três balas no rosto, munições de 9 mm, tal como os outros. Michael vira de relance o assassino. Acreditava que era o mesmo homem que abatera as outras pessoas, o mesmo indivíduo que matara Hassan Mahmoud.

Quem seria ele? Trabalharia para um governo, ou agiria por conta própria? Porque matava sempre da mesma forma? Michael acendeu um cigarro e colocou a si próprio outra questão: Será que ele existe mesmo, ou estará apenas na minha imaginação, um fantasma nos arquivos? Carter julgava que Michael estava a ver coisas. Carter ia tratar-lhe da saúde, caso Michael voltasse a sugerir a sua teoria. O mesmo faria Monica Tyler. Desligou o computador e voltou para a cama.

WASHINGTON, D. C.

Na manhã seguinte, Paul Vandenberg folheou uma pilha de jornais enquanto o sedan preto com motorista percorria rapidamente a George Washington Parkway, em direção à Casa Branca. A maior parte dos elementos da administração preferia passar os olhos por um resumo das notícias, preparado todas as manhãs pelo gabinete de imprensa da Casa Branca, mas Vandenberg, um leitor rápido e prodigioso, queria o material verdadeiro. Gostava de ver o tratamento que era dado a um artigo. Encontrava-se na metade superior ou inferior da página do jornal? Estava na primeira página, ou escondida no interior? Além disso, não confiava em resumos. Gostava de informação pura, de dados não adulterados. A sua mente conseguia armazenar e processar doses enormes de informação, ao contrário do patrão, que necessitava de porções mínimas. Vandenberg gostou do que viu. O atentado ao Voo 002 dominava as primeiras páginas dos mais importantes jornais do país. A campanha presidencial parecia ter deixado de existir. O Los Angeles Times tinha o grande furo da manhã: agentes da segurança interna americana tinham atribuído a responsabilidade à Espada de Gaza. O jornal expunha o caso em pormenor, acompanhado de uma representação gráfica exata do atentado e de um esboço biográfico do terrorista envolvido, Hassan Mahmoud. Vandenberg sorriu. A ideia de transmitir uma fuga de informação ao Los Angeles Times fora sua. Era o jornal mais importante da Califórnia e a administração precisaria de um empurrãozinho ou dois na reta final antes do dia das eleições.

O restante material também era bom. A viagem de Beckwith a Long Island fora alvo de uma grande cobertura. O New York Times e o Washington Post publicaram a transcrição integral dos seus comentários no serviço fúnebre. Todos os jornais exibiam a mesma fotografia, da Associated Press, de Beckwith a consolar a mãe de uma das jovens vítimas. Beckwith como figura paternal. Beckwith como principal figura de luto. Beckwith como anjo vingador. Sterling fora ofuscado. A digressão de campanha pela Califórnia não recebeu praticamente qualquer atenção. Era perfeito.

O carro chegou à Casa Branca. Vandenberg apeou-se e entrou na Ala Oeste. O seu gabinete era amplo e fora mobilado com bom gosto, tendo portas de correr que permitiam o acesso a um pequeno pátio em laje que dava para o Relvado Sul. Instalou-se à secretária e folheou uma pilha de mensagens telefônicas. Deu uma vista de olhos à agenda do Presidente. Vandenberg cancelara tudo o que não tivesse a ver com o Voo 002. Queria Beckwith

repousado e descontraído quando surgisse à frente das câmaras, nessa noite. Não havia dúvidas de que seria o momento mais importante do seu mandato, com efeito, até mesmo da sua carreira.

Uma das três secretárias de Vandenberg espreitou à porta do gabinete.

— Café, Senhor Vandenberg?

— Obrigado, Margaret.

As sete e meia, os principais elementos da administração entraram-lhe no gabinete: o secretário de imprensa, o diretor de orçamento, o diretor das comunicações, o conselheiro para a política interna, o adido de ligação com o Congresso e o conselheiro adjunto para a segurança nacional. Vandenberg gostava de reuniões céleres e informais. Cada membro trazia um bloco de notas, uma caneca de café e um donut, ou um bolo seco. Vandenberg presidiu à reunião. Percorreu rapidamente a assistência, de quem obteve atualizações e a quem deu ordens, e ignorou problemas. A reunião terminou exatamente às sete e quarenta e cinco. Tinha quinze minutos antes de se encontrar com Beckwith.

— Margaret, não quero visitas, nem telefonemas, por favor.

— Com certeza, Senhor Vandenberg.

Paul Vandenberg estava ao lado de James Beckwith há vinte anos, desde Capitol Hill e Sacramento, mas aquele seria o mais importante de todos os seus encontros. Abriu as portas e saiu para o pátio banhado pelo sol, onde inspirou o ar fresco de Outubro. Os órgãos de comunicação social comentavam eternamente o seu poder, mas até mesmo a imprensa experiente de Washington ficaria chocada com a verdadeira influência de Vandenberg. A maior parte dos seus antecessores acreditava que tinha como dever ajudar o Presidente a tomar decisões, através de encontros com as pessoas certas e do conhecimento da informação correta. Vandenberg encarava o seu trabalho de outra forma: Era ele quem tomava as decisões, que depois vendia ao Presidente. As suas reuniões nunca se afastavam muito do guia. Beckwith escutava com atenção, pestanejava, aquiescia e fazia alguns apontamentos. Por fim, diria: "O que achas que devemos fazer, Paul?" E Vandenberg dizia-lhe.

Esperava que naquela manhã as coisas corressem da mesma forma. Vandenberg iria escrever o argumento e encenar os diálogos. O Presidente debitaria as falas. Se tivessem sorte, e se Beckwith não estragasse tudo, talvez conseguissem um segundo mandato.

Elizabeth Osbourne estava na esquina da 34th Street com a M Street, com um agasalho colorido e tênis de corrida. Ainda era cedo, mas o trânsito que atravessava Key Bridge para Georgetown já era intenso. Inclinou-se para a frente e fez alongamentos com as pernas. Um homem de carro buzinou e apertou os lábios de modo sugestivo. Elizabeth ignorou-o e resistiu à tentação de fazer o seu

próprio gesto obsceno. Carson foi o primeiro a chegar, descendo a pequena colina de Prospect Street. Susanna chegou pouco depois.

Esperaram que o semáforo abrisse, e dirigiram-se ao C&O Canal. Atravessaram o canal por uma estreita ponte pedonal de madeira e começaram a correr ao longo do caminho de sirga ladeado por árvores. Carson corria à frente delas, a ladrar aos pássaros e perseguindo um par de esquilos aterrorizados.

— Onde anda o Michael, esta manhã?

Teve de ir cedo para o trabalho — respondeu Elizabeth. Detestava ter de mentir a Susanna acerca do trabalho de Michael.

Tinham-se conhecido na Faculdade de Direito de Harvard e, ao longo dos anos, mantiveram-se amigas chegadas. Moravam a poucos quarteirões uma da outra, corriam as duas e jantavam juntas com regularidade. Tinham-se aproximado ainda mais depois de Susanna se ter divorciado de Jack. Este era sócio da Braxton, Allworth & Kettlemen, e Elizabeth vira-se na posição nada invejável de mediadora oficiosa enquanto os dois resolviam a vida.

— E como está Jack? — indagou Susanna. A conversa entre elas acabava sempre por chegar a Jack. Susanna amara-o loucamente e Elizabeth imaginava que ainda assim fosse.

— O Jack está bem.

— Não me digas que ele está bem. Diz-me que está péssimo. — Muito bem, é um advogado terrível e um palerma. Que tal?

— Está muito melhor. Como está o docinho dele?

— Na semana passada levou-a a uma festa no escritório. Devia ter visto o vestido dela. Mas tenho muita inveja daquele corpo. Braxton mal conseguia manter a língua dentro da boca.

— Tinha um aspecto vulgar? Diga que tinha um aspeto vulgar.

— Muito vulgar.

— O Jack está sendo fiel?

— Por acaso, diz-se à boca cheia que tem um romance com uma das advogadas novas. — Não me admirava nada. Acho que o Jack é fisicamente incapaz de ser fiel. Não dou mais do que três anos ao casamento dele com o docinho.

A correnteza de árvores terminou e as duas amigas foram banhadas pela luz do Sol. Elizabeth tirou as luvas e a fita da cabeça e guardou-as no bolso do blusão. Uma bicicleta de montanha passou por elas como um raio. À sua esquerda, uma equipe de canoagem de Georgetown subia com graciosidade o rio, esforçando-se contra a corrente suave.

— O que aconteceu ontem no médico? — perguntou Susanna, abordando o tema com cautela.

Elizabeth contou-lhe tudo. Salvo Michael e o seu trabalho, não havia segredos entre as duas.

— Ele acha que a fertilização in vitro vai dar certo? 80

— Não faz ideia. É como jogar barro na parede. Quanto mais vamos aprendendo sobre os tratamentos de infertilidade, mais descobrimos o pouco que eles sabem.

— Como você se sente?

— Estou bem. Só quero encerrar o assunto. Se não pudermos ter filhos, quero deixar isso para trás e continuar com a nossa vida.

Correram em silêncio durante alguns minutos. Carson regressou, com um ramo de um metro na boca, que trouxera das árvores.

— Quero quebrar uma regra implícita da nossa amizade — indicou Susanna.

— Queres fazer-me uma pergunta sobre um caso da nossa firma?

— Não é bem um caso. É um cliente. Mitchell Elliott.

— É cliente do Braxton. Por acaso esta noite vou jantar com ele. — A sério?

— Sim, ele veio à cidade. O Braxton ordenou-me que comparecesse. — Sei que ele está na cidade porque ontem jantou na Casa Branca. Depois do jantar, o Paul Vandenberg levou-o a casa e os dois andaram a passear na

Califórnia Street.

— Como sabes isso? — Estive a segui-los.

— Susanna!

Contou a Elizabeth da história que lhe fora atribuída pelo editor, e tudo o que descobrira até então sobre Mitchell Elliott e as contribuições duvidosas a Beckwith e ao Partido Republicano.

— Preciso da sua ajuda, Elizabeth. Tenho de saber mais sobre a relação entre Braxton e Elliott. Preciso de saber se o Braxton está a ajudá-lo de alguma forma, ou se tem algum papel na circulação do dinheiro.

— Sabe que não posso fazer isso. Não posso trair a confiança de um dos nossos clientes. Seria despedida. Meu Deus, seria impedida de exercer!

— O Elliott é sujo e se o Braxton estiver a ajudá-lo, também é sujo.

Mesmo assim, não te posso ajudar. Não seria ético.

— Sinto muito por estar a utilizar a nossa amizade, mas o meu editor não me larga por causa do artigo. Além disso, as pessoas como o Mitchell Elliott enojam-me.

— Estás só a fazer o teu trabalho, a meter o nariz onde não és chamada. Estás perdoada.

— Posso telefonar-te logo à noite para saber o que se passou no jantar?

— Quanto a isso não há problema.

Chegaram à Fletcher's Boat House. Pararam, fizeram alguns alongamentos e regressaram a Georgetown. Um homem alto de roupa de treino azul-escuro cruzou-se com elas. Usava óculos escuros e um boné de basebol.

O homem no caminho de cascalho não era um corredor normal. Na mão direita tinha um sensível microfone direcional. Preso ao abdômen trazia um gravador sofisticado. Seguia Susanna desde que esta saíra de casa. Era uma tarefa agradável: uma manhã fria de Outono, uma paisagem muito bonita, e as mulheres corriam suficientemente depressa para lhe proporcionar um treino decente. Correu cerca de cem metros para lá da ponte em Fletcher's Boat House. Depois deu meia volta de repente e acelerou, os passos longos encurtando rapidamente a distância que o separava das duas mulheres. Abrandou e manteve-se a cerca de trinta metros atrás delas, com o microfone na mão direita apontado diretamente às duas figuras mais à frente.

Paul Vandenberg sentia sempre um leve arrepio quando entrava na Sala Oval. O Presidente chegou ao gabinete às oito horas em ponto, sendo seguido por cinco homens numa sucessão rápida. O antecessor de James Beckwith procurava a diversidade na sua administração, mas Beckwith queria que os conselheiros mais próximos fossem como ele, fato que assumia sem reservas. Os homens instalaram-se: o Vice-Presidente Ellis Creighton, o Conselheiro para a Segurança Nacional William Bristol, o Secretário de Estado Martin Claridge, o Secretário da Defesa Allen Payne e o Diretor da CIA Ronald Clark.

Tecnicamente, o Presidente dirigia as reuniões importantes como aquela, mas Vandenberg servia de mestre-de-cerimônias. Mantinha a ordem de trabalhos, dirigia o rumo das conversas e garantia que a discussão não se perdia.

— O primeiro ponto da ordem de trabalhos é o ataque proposto à Espada de Gaza — indicou. — Ron, importa-se de começar?

O Diretor da CIA trouxe mapas e fotografias de satélite ampliadas. — A Espada de Gaza possui três instalações de treino principais — começou. — No deserto líbio, a cento e cinquenta quilômetros de Tripoli. Nos arredores da povoação de Shahr Kord, no oeste do Irã. E aqui — bateu com o dedo no mapa pela última vez —, em Al Burei, na Síria. Se atacarmos estes três locais infligimos um golpe psicológico bem forte.

Beckwith franziu o sobrolho.

— Por que apenas psicológico, Ron? Quero que seja um golpe definitivo.

— Senhor Presidente, se me permite a franqueza, não creio que esse seja um objetivo realista. A Espada de Gaza é um grupo pequeno, esquivo e extremamente móvel. Bombardear os campos de treino vai fazer com que nos

sintamos bem, e vai proporcionar uma certa dose de vingança, mas posso dizer com bastante certeza que não a vai tirar do mapa.

— Qual é a sua recomendação, Ron? — perguntou Vandenberg.

— Sugiro que ataquemos os sacanas com tudo o que temos. Mas o ataque terá de ser cirúrgico. Não queremos rebentar com um prédio de apartamentos e dar mais algumas centenas de mártires ao islamismo radical.

Vandenberg olhou para o Secretário da Defesa Allen Payne. — É a sua área, Allen. Podemos fazê-lo? Payne levantou-se.

— É claro, Senhor Presidente. Neste momento temos o cruzador Aegis Ticonderoga a patrulhar a zona norte do Golfo Pérsico. Os mísseis de cruzeiro do Ticonderoga podem eliminar esses campos de treino com uma precisão devastadora. Temos imagens de satélite dos campos e os mísseis já foram programados com essa informação. Não vão falhar.

E quanto aos campos da Síria e da Líbia? — indagou o Presidente.

— John F. Kennedy e o seu grupo de combate assumiram posições no Mediterrâneo. Vamos utilizar mísseis de cruzeiro contra a base na Síria. A Líbia é a principal base de operações do grupo. Esse campo é o maior e o mais complexo. Para o eliminar vai ser preciso um ataque mais intenso. Assim sendo, vamos utilizar caças furtivos com base em Itália.

O presidente virou-se para o Secretário de Estado Martin Claridge.

— Martin, qual o impacto de um ataque sobre a nossa política no Oriente Médio? — Não é fácil de avaliar, Senhor Presidente. Com toda a certeza irá inflamar os radicais islâmicos, e vai agitar ainda mais a situação em Gaza e na Cisjordânia. Quanto à Síria, fará com que seja ainda mais difícil sentar Assad à mesa de negociações, mas ele também não tem demonstrado grande pressa em alcançar a paz. Servirá, no entanto, para enviar uma mensagem poderosa aos estados que continuam a apoiar o terrorismo. Assim sendo, tem o meu apoio, Senhor Presidente.

— Quais são os riscos, cavalheiros? — indagou Vandenberg. William Bristol, o Conselheiro para a Segurança Nacional, pigarreou.

— Temos de aceitar o fato de haver o risco de o Irã, a Síria, ou a Líbia poderem decidir ripostar.

— Se assim for — interveio o Secretário da Defesa Payne —, irão pagar muito caro. Temos forças mais do que suficientes no Mediterrâneo e no Golfo para infligir um golpe bastante forte a qualquer uma dessas nações. — Existe outra ameaça — acrescentou Clark, o Diretor da CIA.

— Uma retaliação na forma de um aumento do terrorismo. Teremos de colocar as nossas embaixadas e o nosso pessoal num estado de alerta máximo, um pouco por todo o mundo.

— Já foi feito — garantiu o Secretário de Estado Claridge. Ontem à noite emitimos uma comunicação secreta.

Por fim, Beckwith dirigiu-se a Vandenberg.

— Qual a tua opinião, Paul?

Acho que temos de ser bastante duros, Senhor Presidente. É uma reação ponderada, é decisiva e mostra determinação. Prova que o governo dos Estados Unidos está disposto a proteger o seu povo.

E, a nível político, será o equivalente a uma volta no resultado nos últimos segundos de jogo. O Sterling vai ver-se obrigado a apoiá-lo. Qualquer outro tipo de ação será visto como pouco patriota. Vai ficar encurralado. O silêncio abateu-se sobre a sala enquanto todos aguardavam que o Presidente falasse.

— Considero a Espada de Gaza uma ameaça real aos cidadãos e aos interesses dos Estados Unidos — acabou por dizer. — Foi levado a cabo um ato covarde e bárbaro contra esta nação, que tem de ser castigado. Quando poderemos atacá-los?

— Quando der a ordem, Senhor Presidente.

— Esta noite — indicou. — Façam-no esta noite, meus senhores. Vandenberg olhou para os seus apontamentos. Tudo fora bem orquestrado e o Presidente tomara a decisão pretendida e sentia-se bem com a posição assumida. Vandenberg fizera um bom trabalho.

— Antes de darmos a reunião por encerrada, temos ainda mais um ponto na ordem de trabalhos — declarou Vandenberg. — Quer dizer-lhes, Senhor Presidente, ou prefere que eu o faça?

Calahan reproduziu a gravação para Mitchell Elliott na biblioteca da mansão de Kalorama. Elliott ouviu com atenção, o indicador apoiado no nariz, os olhos fitos nas árvores do jardim. A qualidade era boa, embora algumas interferências ocasionais tornassem inaudíveis certas partes da conversa. Quando a gravação chegou ao fim, Elliott permaneceu imóvel. Planeara as coisas com o máximo de cuidado, mas uma jornalista demasiado curiosa poderia deitar tudo a perder. — Ela é um problema, senhor Elliott — admitiu Calahan, ao tirar a cassete da sofisticada aparelhagem de Elliott.

— Infelizmente, neste momento não podemos fazer grande coisa, a não ser observar e aguardar. Que tipo de vigilância estão a levar a cabo?

— Escutas na casa e no telefone.

— Não chega. Também quero o carro sob escuta.

— Não vai haver problema. Ela deixa-o na rua, à noite.

E o computador. Quero que entrem sempre que possível e que copiem a informação no disco rígido.

Calahan aquiesceu.

— Temos de a vigiar com mais atenção enquanto estiver a trabalhar. O Rodriguez que se meta imediatamente num avião. Vai trabalhar no *Post*.

— O que sabe o Rodriguez de jornalismo?

— Nada. Não é esse tipo de trabalho que tenho em mente. Calahan parecia estupefato.

— O Rodriguez cresceu no bairro mais duro de Bakersfield explicou Elliott. — Fala espanhol como um rapaz do barria. Se lhe tirarmos os ternos elegantes de seiscentos dólares e o penteado aprumado, vai parecer um agricultor de Salvador. Arranja-lhe documentos de imigração falsos e um trabalho na firma de limpeza do *Post*. Quero-o lá dentro amanhã à noite, o mais tardar.

— Boa ideia.

— Quero saber tudo sobre ela: finanças, o divórcio, tudo. Se pensa que vai armar-se em esperta, meteu-se com a pessoa errada.

Calahan ergueu a fita. — O que devo fazer com isso?

— Destrua.

WASHINGTON, D. C.

Se há coisa pior do que um jantar formal em Washington, é ir sozinha a um jantar formal em Washington, pensou Elizabeth Osbourne. Chegou quinze minutos atrasada à mansão de Kalorama de Mitchell Elliott. Deixou o Mercedes com o arrumador de serviço, um rapaz que mal parecia ter idade para conduzir, e dirigiu-se à entrada. Michael telefonara ao fim da tarde a dizer que não podia sair, pois ia acontecer algo importante. Elizabeth tentara encontrar um acompanhante, mas não conseguiu descobrir ninguém tão em cima da hora. Até mesmo Jack Dawson, o ex-marido de Susanna, recusara o convite.

Elizabeth premiu o botão e ouviu-se o dobrar solene de um sino algures no interior da casa imponente. Um homem elegante de smoking veio abrir a porta. Aceitou-lhe o casaco e olhou para a rua, em busca do acompanhante. ─ Estou sozinha ─ indicou Elizabeth, arrependendo-se de imediato. Não tenho de dar explicações a um mordomo, pensou.

O mordomo informou-a de que as bebidas estavam a ser servidas no jardim. Elizabeth percorreu o hall central para o interior da casa. Portas de correr davam acesso a um magnífico jardim de dois níveis. Aquecedores a gás afugentavam o frio da noite de Outono. Elizabeth saiu e um empregado ofereceu-lhe um copo de Chardonnay fresco. Bebeu metade rapidamente. Olhou à sua volta para os outros convidados e sentiu-se ainda mais embaraçada.

Estava cercada pela elite republicana de Washington: o líder da maioria do Senado, o líder da minoria da Câmara de Representantes, um bando de elementos menos importantes, e a primeira liga dos advogados, lobistas e jornalistas da cidade. Um famoso comentador televisivo conservador discursava nas margens da piscina. Elizabeth aproximou-se da sua órbita, empunhando o vinho como um escudo. Beckwith estava em apuros, declarava o comentador, pois traíra os princípios conservadores do Partido. A audiência aquiesceu com lentidão. Assim falara o Oráculo.

Elizabeth olhou para o relógio: oito horas. Interrogou-se se seria capaz de aguentar o serão. Tentou imaginar quem seria o primeiro a comentar o fato de estar sozinha. Alguém lhe gritou o nome. Virou-se para o som e viu Samuel Braxton a vir na sua direção. Era um advogado brilhante e impiedoso, encurralado dentro do corpo de um jogador de futebol amolecido pela idade e pela prosperidade. Pendurada no braço carnudo estava a sua última aquisição, uma loura de grandes seios chamada Ashley. Era a esposa número três, ou número quatro, Elizabeth não tinha a certeza. Tinham ficado ao lado uma da

outra durante um jantar, numa altura em que ainda era Ashley DuPree, à espera da conclusão do divórcio para que finalmente pudesse "fazer do Samuel um homem honesto". Era rica. A família conseguira a fortuna com cavalos e algodão, algum do qual estava dentro da sua cabeça, fazendo-se passar por cérebro. Adequava-se na perfeição às necessidades de Braxton: boa linhagem, dinheiro próprio e o corpo de uma coelhinha da Playboy, apesar dos respeitáveis trinta e oito anos de idade.

— Onde está seu marido? — perguntou Braxton com um tom de voz bem alto. — Queria exibir a Ashley.

O Oráculo parou de falar e a audiência virou-se para ouvir a resposta. — Teve de se ausentar da cidade em trabalho — respondeu Elizabeth. Sentiu-se corar, apesar do esforço da advogada para manter a compostura exibida em tribunal. O pior era ter de mentir. Seria muito mais simples se por uma vez pudesse dizer a verdade: O Presidente está prestes a ordenar um ataque aéreo à Espada de Gaza, o meu marido trabalha para a CIA e neste momento não pode deixar o trabalho para comparecer a este jantar ridículo.

Braxton olhou com exuberância para os outros convidados espalhados pelo jardim.

— Bem, Elizabeth, hoje parece que está em minoria. Se não me engano, é o único membro do Partido Democrata aqui presente.

Elizabeth conseguiu ostentar um sorriso cauteloso.

— Pode não acreditar, Samuel, mas sou uma das poucas pessoas que por acaso gosta de republicanos.

Mas Braxton não ouviu o comentário, pois já olhava para Mitchell Elliott, que acabara de entrar no jardim. Abandonou Ashley e voou por entre os convidados na direção do seu cliente mais lucrativo. Durante a meia hora que se seguiu, Ashley e Elizabeth discutiram cavalos e os benefícios de um treinador pessoal. Elizabeth ouviu educadamente enquanto terminava o primeiro copo de vinho e bebia rapidamente um segundo.

Pouco antes das nove, Elliott pediu a atenção de todos.

— Senhoras e senhores, o Presidente vai dirigir-se à nação. Por que não ouvimos o que nos tem a dizer antes do jantar?

Elizabeth seguiu a multidão para a espaçosa sala de estar. Dois televisores de ecrã gigante tinham sido instalados nesse espaço. Os convidados aglomeraram-se em seu redor. tom Brokaw falava num deles e Peter Jennings no outro. Por fim, os grandes-planos dissolveram-se e um James Beckwith de expressão sombria fitou a câmara.

Paul Vandenberg não acreditava em exibições públicas de stresse, mas nessa noite estava nervoso e esse fato era evidente. Tudo tinha de ser perfeito.

Acompanhou Beckwith à sala de maquilhagem e reviram o discurso uma última vez. Observou os monitores de televisão, para garantir que o enquadramento estava perfeito. Ordenou que se confirmasse o bom funcionamento do teleponto. Não queria que o aparelho falhasse, deixando James Beckwith a fitar a câmara como um veado imobilizado pelos faróis de um carro.

O discurso estava marcado para ter início exatamente às 21:30, hora oriental. Isso concedia às estações de televisão noventa segundos para darem uma vista de olhos ao discurso com os seus correspondentes na Casa Branca. Vandenberg agitara cuidadosamente as águas. Dissera aos jornalistas, nos bastidores, claro está, que o Presidente iria comentar uma resposta militar ao atentado ao Voo 002, e uma nova iniciativa de defesa importante. Não entrou em pormenores.

Como resultado, havia uma sensação de premência a pairar sobre Washington quando o Presidente entrou na Sala Oval.

Faltavam dois minutos para o início da transmissão, mas Beckwith cumprimentou com vagar todos os elementos da equipe de reportagem, desde o produtor executivo à assistente de realização. Sentou-se por fim à secretária. Um assistente de produção prendeu o microfone à gravata carmesim.

— Trinta segundos! — bradou a assistente de realização.

Beckwith aprumou o casaco e cruzou as mãos em cima da secretária. As feições dignas assumiram uma expressão determinada. Vandenberg permitiu-se esboçar um sorriso. O velhote ia sair-se bem.

— Cinco segundos! — gritou a assistente de realização. Apontou em silêncio para James Beckwith e o presidente começou a falar.

Michael Osbourne tencionava assistir ao discurso do Presidente na sua secretária mas, pouco antes das nove horas, Adrian Carter entrou no curral e fez-lhe sinal para que o seguisse. Cinco minutos depois, entravam no Centro de Operações.

O DCI Ronald Clark estava recostado numa cadeira de executivo, a fumar um cigarro. Monica estava a seu lado. Tweedledee e Tweedledum pairavam numa órbita incerta.

O rosto de Beckwith surgiu de repente numa parede de monitores de televisão: a CNN, as estações públicas, a BBC. Imagens fantasmagóricas captadas por câmaras de infravermelhos tremeluziam em três tela maiores: imagens de satélite ao vivo dos campos de treino da Espada de Gaza na Líbia, na Síria e no Irã.

— Bem-vindo ao melhor lugar da cidade, Michael — declarou Carter.

Boa noite, meus compatriotas americanos — começou Beckwith, após o que fez uma breve pausa para causar um efeito dramático. — Há duas noites, o

Voo 002 da TransAtlantic Airlines foi abatido ao largo de Long Island por um terrorista armado com um míssil Stinger roubado, matando todos os que se encontravam a bordo. Foi um ato covarde e bárbaro, sem justificação possível. Ao que parece, os animais responsáveis julgavam que essa ação não lhes traria consequências. Enganaram-se.

O Presidente fez uma nova pausa, permitindo que as palavras surtissem o seu efeito. Vandenberg fora para o seu gabinete assistir ao discurso pela televisão. Sentiu um arrepio na espinha quando Beckwith apresentou a sua deixa na perfeição.

— As agências da lei e de espionagem desta nação concluíram que o grupo terrorista palestino conhecido por Espada de Gaza foi o responsável pelo atentado. Agora irão pagar pelo que fizeram. Neste momento, os homens e as mulheres das forças armadas dos Estados Unidos estão a iniciar um ataque cuidadoso e estudado aos campos de treino da Espada de Gaza, localizados em vários países do Oriente Médio. Não se trata de vingança. Trata-se de justiça. Beckwith voltou a fazer uma pausa, interrompendo a continuidade do guia. O operador do teleponto acompanhou-o.

— Que fique bem claro: Não se trata de vingança. Trata-se de justiça. Estamos a enviar uma mensagem aos terroristas de todo o mundo. Os Estados Unidos não podem, nem vão, ficar parados a ver os seus habitantes a serem chacinados. Não fazer nada seria imoral. Não fazer nada seria um ato de covardia. "Tenho algo a dizer à Espada de Gaza e aos governos que lhe fornecem as ferramentas para a prática do terror. — Beckwith semicerrou os olhos. — Não façam mais nada, e tudo termina por aqui. Matem mais um americano, um que seja, e terão de pagar um preço muito caro. Dou-lhes a minha palavra de honra. "Peço-lhes que rezem pelo regresso em segurança de todos os que estão a participar na ação desta noite. Peço-lhes também que se juntem a mim e que orem pelas vítimas deste ato bárbaro e pelas suas famílias. São esses os verdadeiros heróis.

Beckwith fez uma pausa e trocou as folhas com o discurso, sinal de que ia mudar de assunto.

Vou ser brutalmente direto convosco por um instante. Existem medidas que podem ser tomadas para garantir que um atentado desta natureza nunca mais se repetirá. Podemos vigiar as nossas costas com mais cuidado. As nossas agências de espionagem podem aumentar o nível de vigilância. Mas nunca teremos cem por cento de certeza de que algo do gênero não voltará a repetir-se. Se esta noite vos dissesse que era esse o caso, estaria a mentir, e eu nunca vos menti. Mas há algo que este governo pode fazer para proteger os seus cidadãos dos terroristas e das nações terroristas, e é sobre isso que vos quero falar. "Os

Estados Unidos possuem a tecnologia e a capacidade de construir um escudo defensivo sobre este país, um escudo que o protegeria de um ataque com mísseis acidental, ou intencional. Algumas das nações que apoiam os grupos de selvagens como a Espada de Gaza tentam, ao mesmo tempo, adquirir a tecnologia dos mísseis balísticos. Em resumo, querem mísseis que possam atacar o solo americano. De forma lenta, mas inexorável, estão a consegui-lo. Se um único míssil, equipe do com uma ogiva nuclear, caísse sobre uma cidade como Nova York, Washington, Chicago, ou Los Angeles, o número de baixas poderia ascender aos dois milhões, em vez de duas centenas.

"Em conjunto com os nossos aliados, estamos a tentar evitar que nações como a Síria, o Irã, o Iraque e a Coreia do Norte consigam a tecnologia para a construção de mísseis balísticos. Infelizmente, demasiadas nações e demasiadas empresas estão dispostas a ajudar essas nações, tendo como único motivo a ganância pura e simples. Se forem bem sucedidas e nós não estivermos preparados, a nossa nação, a nossa política estrangeira, poderá ser posta em causa. Não podemos permitir que tal aconteça.

"Assim sendo, rogo ao Congresso que aprove rapidamente os fundos necessários para dar início à construção de uma defesa nacional contra mísseis. Desafio o Congresso e o Departamento de Defesa a terem o sistema operacional no fim do meu segundo mandato, caso receba de vossa parte a permissão para vos continuar a servir. Não será fácil. Não será barato. Vai exigir disciplina. Vai exigir sacrifícios de todos nós. Mas não fazer nada, conceder uma vitória a esses terroristas, seria imperdoável. Que Deus vos abençoe a todos, e que Deus abençoe a América.

A câmara fez um fade out e James Beckwith desapareceu das telas.

O Senador Andrew Sterling acompanhava o discurso de Beckwith numa Ramada Inn, em Fresno, no estado da Califórnia. Estava sozinho, salvo pelo amigo de longa data e gestor de campanha Bill Rogers. A janela de correr estava aberta e recebia o agradável ar fresco da noite, a par do barulho do trânsito na Highway 99. Quando Beckwith surgiu no ecrã, Sterling disse:

— Importa-se de fechar a janela, Bill? Não consigo ouvir o sacana.

Sterling era um liberal confesso, um liberal sensível que acreditava nos impostos para financiar as despesas do Estado. Defendia que o governo federal gastava demasiado em armas de que não precisava, e muito pouco com os pobres e com as crianças. Queria abolir os cortes na segurança social e na assistência médica. Queria subir os impostos aos ricos e às grandes empresas. Opunha-se ao comércio livre. O partido concordava e, após um combate cerrado nas primárias, designaram Sterling como seu candidato. Para surpresa da classe política

dominante, Sterling saíra da Convenção Democrata Nacional com cinco pontos de vantagem, e aí se mantivera.

Sabia que a vantagem era frágil. Sabia que tudo dependia da manutenção da Califórnia, onde Beckwith tinha a vantagem de jogar em casa, o que explicava por que passar a noite num Ramada Inn, em Fresno.

À medida que Beckwith falava, o rosto de Sterling foi ficando vermelho, após o que assumiu um tom próximo do roxo. Sempre votara contra o programa nacional de defesa contra mísseis. Beckwith encerrara-o numa caixa e pregara a tampa. Se Sterling apoiasse Beckwith, pareceria um ato de um vira-casaca. Caso se opusesse, a máquina republicana iria atacar com o argumento de que ele não acreditava na defesa. Havia ainda um outro fator mais importante: se o sistema de defesa contra mísseis fosse construído, a indústria da defesa da Califórnia seria rejuvenescida. Se Sterling fosse contra, Beckwith não o largaria. A Califórnia voltaria a pertencer aos republicanos e a eleição estava perdida. ─ Ora mas que bela surpresa de Outubro ─ comentou Sterling quando Beckwith acabou de falar.

Rogers levantou-se e desligou a televisão.

─ Temos de apresentar uma declaração, Senador.

─ Canalha do Vandenberg. É um sacana esperto. Podemos apoiar Beckwith nos ataques à Espada de Gaza. A política tem limites e todos sabem disso. Mas somos obrigados a nos opor ao sistema de defesa contra mísseis. Não temos escolha.

─ Temos sim, Bill ─ contrapôs Sterling, que ainda fitava a tela agora escura do televisor. ─ Por que não vai lá embaixo buscar cerveja? Acabamos de perder a merda das eleições.

Michael Osbourne viu os primeiros mísseis de cruzeiro atingirem os alvos quando o Presidente ainda estava falando. No Irã, em Shahr Kord, deviam estar a ouvir o discurso com um rádio de ondas curtas, pois uma dúzia de homens saiu a correr do maior edifício do complexo quando Beckwith anunciou um ataque iminente. "Tarde demais, meninos e meninas", murmurou Clark. Segundos depois, dez mísseis de cruzeiro, disparados do cruzador Aegis Ticonderoga, estacionado no golfo Pérsico, atingiam em simultâneo o campo, dando origem a uma bola de fogo espetacular.

Uma cena semelhante teve lugar na Síria, em Al Burei, com os mesmos resultados. O campo líbio era o maior e o mais importante. Para esse alvo, o Pentágono escolheu caças furtivos armados com bombas guiadas por laser, conhecidas por bombas SMART. Os aviões penetraram no espaço aéreo líbio antes mesmo do início do discurso do Presidente. Estavam sobre os alvos

quando Beckwith apresentou o ponto-chave do discurso. Segundos depois, o deserto líbio irrompia em chamas. Ronald Clark levantou-se e saiu em silêncio da sala, com Tyler e respectivos acólitos atrás dele. Carter olhou para Osbourne, que fitava os monitores.

— Bem — disse Carter —, lá se vai a paz no Oriente Médio.

O homem de cabelo grisalho curto sentado no último andar de um moderno edifício de escritórios de Telaviv pensava o mesmo. O prédio servia de quartel-general do Instituto Central de Espionagem e Tarefas Especiais, mais conhecido como Mossad ou, simplesmente, o Instituto. O homem de cabelo grisalho era Ari Shamron, o diretor-adjunto das operações da Mossad. Quando Beckwith acabou de falar, Shamron desligou a televisão. Um adido bateu à porta e entrou no gabinete.

— Temos relatórios da rádio síria. Al Burei foi atacado. O campo está em chamas. Shamron aquiesceu em silêncio e o adido saiu. Shamron esfregou a cana do nariz com o polegar e com o indicador e tentou afastar a fadiga. Eram 4 e 15 da manhã e estava à secretária há quase vinte e quatro horas. Tendo em conta o desenrolar dos acontecimentos, provavelmente continuaria aí por mais vinte e quatro.

Acendeu um cigarro, serviu-se de chá preto de um termo e dirigiu-se à janela. A chuva fustigava o vidro espesso. Lá em baixo, Telaviv dormia tranquilamente. Em parte, isso se devia a Shamron. Passara a vida inteira nos serviços secretos, a eliminar aqueles que desejavam destruir Israel.

Tendo crescido na Galileia, Ari Shamron entrara para a Força de Defesa israelense com dezoito anos, sendo transferido de imediato para a Sayeret, as forças especiais de elite. Após três anos de serviço ativo, mudara-se para a Mossad. Em 1972, o seu francês fluente e a sua habilidade para matar granjearam-lhe uma nova missão. Foi enviado para a Europa para assassinar os membros do grupo terrorista palestino Setembro Negro, que participara no rapto e morte dos atletas israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique. A missão era simples. Nada de detenções, apenas sangue. Vingança, pura e simples. Aterrorizar os terroristas. Sob o comando de Mike Harari, a equipe da Mossad assassinara doze terroristas palestinos, alguns com armas com silenciador, outros com bombas detonadas à distância. Shamron, letal com uma pistola, matara quatro. Depois, em abril de 1973, liderara uma equipe de tropas israelenses em Beirute e assassinara outros dois membros do Setembro Negro e um porta-voz da OLP.

Shamron não tinha escrúpulos em relação ao trabalho que fazia. Em 1964, guerrilheiros palestinos tinham entrado na casa da sua família e assassinado os seus pais enquanto dormiam. O ódio que nutria pelos palestinos e

seus líderes não conhecia limites. Mas agora esse ódio virara-se contra os israelenses que desejavam criar um acordo de paz com assassinos como Arafat e Assad.

Passara a vida a defender Israel. Sonhava com um Israel grandioso, que se estendesse do Sinai à Cisjordânia. Agora os pacifistas queriam abdicar de tudo.

O primeiro-ministro falava da possibilidade de entregar o Golan, para atrair Assad para a mesa de negociações. Shamron recordava-se dos dias negros antes de 1967, quando granadas sírias caíam sobre o Norte da Galileia. Arafat dirigia Gaza e a Cisjordânia. Queria um estado palestino independente, com Jerusalém como capital. Jerusalém! Shamron nunca o permitiria.

Jurara utilizar todos os meios ao seu alcance para deter o suposto processo de paz. Se tudo continuasse de acordo com o planeado, talvez visse esse desejo concretizado. Agora Assad nunca se sentaria à mesa das negociações. Os árabes de Gaza e da Cisjordânia ferveriam de raiva quando acordassem e tivessem conhecimento dos ataques americanos. O exército teria de intervir. Haveria mais uma jornada de terror e de vingança. O processo de paz seria interrompido.

Ari Shamron terminou o chá e apagou o cigarro. Fora o melhor milhão de dólares que já gastara.

Cinco mil quilômetros a norte, em Moscou, decorria uma vigília semelhante na sede do Serviço de Espionagem Exterior, o sucessor do KGB. O homem à janela era o general Constantin Kalnikov. Amanhecera e o dia estava desagradável para Outubro, mesmo segundo os padrões de Moscou. A neve, soprada por ventos siberianos, rodopiava na praça lá em baixo. Dali a poucas semanas iria em trabalho para a ilha das Caraíbas de St. Marteen. Uma pausa do frio interminável seria bem-vinda.

Kalnikov arrepiou-se e fechou os cortinados pesados. Sentou-se à secretária e começou a tratar de uma pilha de papéis. Constantin Kalnikov, um comunista empenhado, fora recrutado pelo KGB em 8. Chegou à liderança do Segundo Diretorado Principal, a seção do KGB responsável pela contraespionagem e por eliminar a subversão interna. Quando a União Soviética ruiu, e com ela o KGB, Kalnikov manteve um cargo elevado no novo serviço, o SVR. Kalnikov dirigia agora as operações de espionagem russas na América Latina e nas Caraíbas. O trabalho era uma anedota. Tinha um orçamento tão pequeno que não dispunha de dinheiro para pagar a agentes, ou a informantes. Era impotente, tal como o resto da Rússia.

Kalnikov observara Boris Yeltsin e o seu sucessor a arrasarem a economia russa.

Vira o antigamente orgulhoso Exército Vermelho ser humilhado na Chechênia, os tanques enferrujando por falta de peças sobressalentes e combustível, as tropas passando fome. Assistira ao vaidoso KGB a transformar-se no alvo da chacota do mundo da espionagem. Sabia que nada podia fazer para inverter o rumo que a Rússia tomara. Era como um navio imenso a agitar-se no mar revolto. Demoraria muito tempo a mudar de rota, muito tempo a parar. Kalnikov desistira da sua Rússia, mas não de si próprio. Afinal de contas, tinha família: uma mulher, Katya, e três belos filhos. As suas fotografias eram o único toque pessoal no gabinete frio e estéril.

Kalnikov decidira utilizar a sua posição para enriquecer. Era o líder de um grupo de homens, oficiais do exército e da espionagem, membros da mafiya, que vendia o material militar russo em mercado aberto à melhor oferta. Kalnikov e os seus homens tinham vendido tecnologia nuclear, urânio para armas e tecnologia de mísseis ao Irã, à Síria, à Líbia, à Coreia do Norte e ao Paquistão. Com isso tinham arrecadado dezenas de milhões de dólares. Sintonizou a CNN e escutou um painel de peritos que discutia a apresentação do Presidente Beckwith. Este queria construir um sistema de defesa contra mísseis, um escudo que protegesse os Estados Unidos dos loucos internacionais. Em breve esses loucos iriam bater à porta de Kalnikov. Pretenderiam apoderar-se de tanto material quanto possível, e depressa. O Presidente Beckwith dera início a uma corrida internacional ao armamento, uma corrida que deixaria Kalnikov e os seus comparsas ainda mais ricos. Constantin Kalnikov sorriu consigo mesmo.

Fora o melhor milhão de dólares que gastara.

Elizabeth Osbourne dirigia na chuva ao longo da Massachusetts Avenue, em direção a Georgetown. Fora uma noite muito longa e sentia-se exausta. Rock Creek passou lá em baixo. Procurou no porta-luvas, encontrou um maço antigo de cigarros e acendeu um. Estava seco e bolorento mas, mesmo assim, o fumo sabia-lhe bem. Fumava apenas alguns cigarros por dia e dizia para com os seus botões que poderia largar o vício quando quisesse. Se engravidasse, deixaria de fumar de certeza. Meu Deus, pensou, dava tudo só para poder engravidar. 97

Afastou o pensamento. Cruzou Sheridan Circle e desceu para a Q Street. Pensou no jantar. Na mente recordava excertos de conversas disparatadas. À frente dos olhos passavam-lhe imagens da mansão de Mitchell Elliott, como se fossem filmes antigos. Muito depois de chegar a casa, já deitada na cama à espera de Michael, uma dessas imagens insistia em permanecer-lhe no pensamento. Era a imagem de Mitchell Elliott e de Samuel Braxton, chegados um ao outro no jardim escurecido como um par de adolescentes, a brindarem com champanhe.

NOVEMBRO

SHELTER ISLAND, NOVA YORK

Foi The New Yorker quem primeiro batizou o Senador Douglas Cannon de “Péricles da atualidade" e, ao longo dos anos, Cannon não fez nada para desencorajar a comparação. Cannon era um estudioso e um historiador, um liberal impassível e um reformista democrata. Utilizava os milhões da sua fortuna herdada para promover as artes. O espaçoso apartamento da Quinta Avenida servia de local de encontro dos mais famosos escritores, artistas e músicos de Nova York. Esforçava-se por preservar a herança arquitetônica da cidade. Ao contrário de Péricles, Douglas Cannon nunca comandara homens em combate. Com efeito, detestava armas e armamento por princípio, exceto arco e flecha. Em jovem fora um dos melhores arqueiros do mundo, uma destreza que passara à sua filha única, Elizabeth. Apesar da desconfiança inata pelas armas e pelos generais, Cannon considerava-se apto a gerir a política militar e externa da nação. Já esquecera mais história do que a maior parte dos homens de Washington alguma vez viria a saber. Ao longo dos seus quatro mandatos no Senado, Cannon servira como presidente do Armed Services Committee, do Foreign Relations Committee, e do Selet Committee on Intelligence.

Quando a esposa Eileen ainda estava viva, passavam os dias da semana em Manhattan e os fins-de-semana em Shelter Island, na luxuriante mansão da família, com vista para Dering Harbor. Depois da morte dela, a cidade passou a ter cada vez menos significado, por isso foi alongando as permanências na ilha, sozinho com o barco à vela e com os retrievers, e com Charlie, o caseiro.

Pensar no pai sozinho naquela enorme casa perturbava Elizabeth. Sempre que possível, ia com Michael passar alguns dias à ilha. Elizabeth pouco vira o pai durante a infância, pois ele morava em Washington, e Elizabeth e a mãe em Manhattan. Ia a casa na maior parte dos fins-de-semana, mas o tempo que passavam juntos era breve e faltava-lhe espontaneidade. Além disso, tinha de se encontrar com eleitores e participar em ações de angariação de fundos, e havia sempre pessoal de olhos exaustos a disputarem a sua atenção. Agora os papéis invertiam-se. Elizabeth queria compensar o tempo perdido. A mãe morrera e, pela primeira vez na vida, o pai precisava mesmo dela. Seria fácil assumir uma posição amarga, mas ele era um homem notável, que tivera uma vida notável, e Elizabeth não queria que os últimos anos fossem desperdiçados.

A reunião de Michael com Carter e McManus atrasou-se e Elizabeth ficou retida ao telefone com um cliente. Apressaram-se a chegar ao National Airport em carros separados, Elizabeth no Mercedes a partir da baixa de Washington, Michael no Jaguar, tendo saído da sede em Langley. Perderam o voo das sete horas por alguns minutos e beberam cerveja até as oito num bar deprimente do aeroporto. Chegaram a La Guardiã pouco antes das nove e apanharam o ônibus da Hertz para irem buscar o carro alugado. Os ferries estavam a funcionar com o horário de Inverno, o que dava a Michael noventa minutos para percorrer cento e cinquenta quilômetros em estradas congestionadas. Voou para leste, ao longo da Long Island Expressway, ziguezagueando com perícia por entre o trânsito, a cento e trinta quilômetros por hora.

— Pelo visto, as aulas de direção defensiva que te obrigaram a fazer em Camp Perry têm aplicação prática — comentou Elizabeth, com as unhas cravadas no apoio para o braço.

— Se quiser, posso mostrar como se salta de um carro andando sem que ninguém perceba.

— Para isso não precisamos da pasta especial que tem no gabinete? Como é que se chama? Uma dança?

— Lança — corrigiu-a Michael. — É uma lança, Elizabeth.

— Desculpe. Como é que funciona?

— Como aquelas caixas que têm dentro um boneco com uma mola. Acionamos o dispositivo e sai o boneco de tamanho natural. Quando estamos sendo seguidos, parece que há duas pessoas no carro.

— Santo caracol! — comentou Elizabeth, com um certo sarcasmo.

— São muito úteis para o governo...

— Não brinque.

— Não, Carter anda sempre com uma no carro. Quando está atrasado para o trabalho, aperta o botão e abracadabra. Uma carona instantânea.

— Ai, meu Deus, é tão bom ser casada com um espião.

— Não sou um espião, Elizabeth. Sou...

— Já sei, já sei. Um agente. Não passe dos cento e cinquenta, está bem, Michael? O que acontece se a polícia te manda parar?

— Também aprendemos algumas coisas para essas situações.

— Por exemplo?

Michael sorriu.

— Posso disparar nele um dardo tranquilizante com a minha caneta.

O rosto de Elizabeth foi dominado por uma expressão de incredulidade.

— Acha que estou brincando?

— Às vezes você tão bobo, Michael.

— Já me disseram isso algumas vezes.

Às dez horas, ligou o rádio para ouvir o noticiário da WCBS.

— O Presidente James Beckwith diz que já escolheu quem vai ocupar o Departamento de Estado durante o segundo mandato. Trata-se do amigo de longa data e aliad político Samuel Braxton, advogado poderoso e destacado de Washington. Braxton se disse honrado e surpreso com a nomeação.

Elizabeth gemeu ao mesmo tempo em que a voz gravada de Sam Braxton se fazia ouvir no rádio. Michael passara os últimos dias de campanha embrenhado no caso mas, tal como grande parte de Washington, encarava a espetacular vitória de Beckwith com prudência. A corrida à Casa Branca alterara-se no momento em que o Voo 002 foi abatido, com Andrew Sterling a ser virtualmente eliminado. Nada do que ele dizia ou fazia captava a atenção dos media, saturados da campanha interminável e sedentos por uma história mais excitante. O discurso da Sala Oval selara o desuno de Sterling. Beckwith castigara com celeridade a Espada de Gaza pelo atentado, fazendo-o de modo decisivo e habilidoso. A iniciativa do sistema de defesa antimíssil condenara Sterling na Califórnia. Na manhã após o discurso, os principais jornais californianos publicaram artigos que descreviam o impacto positivo do programa na economia do estado. O avanço de Sterling na Califórnia dissolveu-se quase que da noite para o dia. Na noite das eleições, Beckwith arrecadou o seu estado natal com uma vantagem de sete pontos percentuais. Michael desligou o rádio.

— Está nas nuvens — disse Elizabeth.

— Quem?

— Braxton.

— E tem razão para isso. O candidato dele ganhou e agora foi nomeado Secretário de Estado.

— A firma organizou uma festa para ele quando voltou da conferência de imprensa na Casa Branca. Só dizia que tinha sido a decisão mais difícil de toda a vida. Disse que começou por recusar o convite do Presidente porque não queria abandonar a empresa. Mas o Presidente insistiu e ele não podia recusar uma segunda vez. Só mentira! Todos sabem que há semanas ele fazia campanha pelo cargo. Talvez devesse ter sido litigante e não promotor de acordos.

— Vai dar um bom Secretário de Estado.

— Lembro-me de um presidente que disse: "Minha cadela Millie sabe mais de política externa do que o meu oponente." Isso se aplica a Braxton.

— É inteligente, aprende depressa e sai-se muito bem na televisão. Os profissionais podem tratar dos pormenores políticos. Braxton só precisa tomar decisões difíceis e vendê-las aos americanos e ao resto do mundo. Se fizer isso, vai ter sucesso.

Elizabeth contou a conversa com Susanna Dayton.

— Ela me pediu ajuda. Disse a ela que não podia, que não seria ético e que podia me levar a ser banida. Não insistiu.

— Fez bem. Por que ela não continuou com o artigo?

— Não tinha material.

— Isso nunca deteve Susanna.

— Michael!

— Elizabeth, do meu ponto de vista a imprensa é um pouco diferente.

— Ela disse que tinha material, mas os editores não concordaram. Rejeitaram o artigo e disseram para continuar a investigar. Ficou furiosa. Se a história tivesse aparecido antes das eleições, seria uma bomba.

— Ela continua a trabalhar no caso?

— Diz que sim. Até disse que está fazendo grande progresso. — Elizabeth riu. — Sabe, os dois maiores vencedores em tudo isso são Sam Braxton e o cliente dele, Mitchell Elliott. Braxton vira Secretário de Estado e Elliott vai ganhar dez bilhões de dólares para construir KKVs para o programa antimíssil.

— Acha que existe alguma ligação?

— Nem sei o que pensar. Devia tê-los visto no jantar, quando Beckwith fez a declaração. Até pensei que fossem se beijar.

A autoestrada terminou e atravessaram a vila de Riverhead. Michael dirigiu-se para norte, ao longo de uma estrada de campo ladeada por campos imensos de batatas e de pasto. A lua cheia pairava no céu oriental. Viraram para a Route 25 e viajaram a grande velocidade para leste, através de North Fork. De vez em quando as árvores interrompiam-se e o vulto de Long Island Sound brilhava ao luar.

Elizabeth acendeu um cigarro e baixou um pouco o vidro da janela. Era sinal de que estava nervosa, zangada, ou infeliz. Elizabeth gastava as energias a disfarçar no trabalho. Em casa, ou quando cercada por amigos, era patologicamente incapaz de ocultar as emoções. Quando estava feliz, os olhos cintilavam e a boca curvava-se num sorriso permanente. Quando se encontrava perturbada, assumia um porte diferente, respondia mal e franzia o sobrolho. Elizabeth nunca fumava quando se sentia feliz.

— Diz-me o que se passa. — Sabes bem o que se passa.

— Pois sei. Julguei que pudesses querer dizê-lo.

— Está bem. Estou cheia de nervos, com medo que isto possa não resultar, e que possa não conseguir dar-nos um bebê. Pronto, já disse. E sabes que mais? Ainda me sinto mal.

— Quem me dera poder fazer alguma coisa.

Elizabeth estendeu o braço e apertou a mão do marido.

— Basta que esteja a meu lado, Michael. É a única coisa que pode fazer por mim. Preciso que você esteja lá, se não der certo. Preciso que me diga que está tudo bem, e que vai continuar a me amar.

Sua voz fraquejou. Michael apertou-lhe a mão.

— Vou te amar sempre, Elizabeth — garantiu.

Sentia-se impotente. Era uma sensação estranha, de que não gostava. Por natureza e por treino estava capacitado para identificar e resolver os problemas. Naquele caso, havia muito pouco que pudesse fazer. A sua contribuição física teria lugar num pequeno quarto escuro, numa questão de minutos. Depois disso poderia dar apoio e carinho, mas seria Elizabeth e o seu corpo a tratar do resto. Queria poder fazer mais. Pedira autorização a Carter para trabalhar a partir da Estação de Nova York, e uma redução de horário. Carter acedera. O Departamento de Pessoal andava a pressionar todos os chefes e supervisores, para que estes elevassem o moral da Agência. Carter resmungava que a Agência devia mudar seu credo "conhecei a verdade e a verdade vos libertará" para "pessoas que se preocupam".

— Vou dizer mais uma coisa, Michael. Não vou perder a cabeça por isso. Vou tentar uma vez. Se não conseguir, desisto e continuamos com nossa vida. Posso contar com seu apoio?

— Cem por cento.

— Susanna e Jack tentaram quatro vezes. Custou cinquenta mil dólares e ela ficou doida. — Elizabeth hesitou. — Ficou convencida de que Jack a deixou porque ela não conseguia dar-lhe filhos. Ele só pensa nisso. Quer um filho que perpetue o nome da família. Acha que é um rei antigo.

— Ainda bem que ela não teve um filho. Jack ia deixá-la do mesmo jeito, e ela seria uma mãe solteira trabalhando.

— O que você sabe que eu não sei?

— Sei que ele nunca foi feliz e que já queria acabar com o casamento há muito tempo.

— Não sabia que eram assim tão chegados.

— Não suporto o cara. Mas ele bebe e fala. E eu sou um bom ouvinte. Fui treinado para ser um bom ouvinte. Por conta disso, no meu tempo fui vítima de alguns embaraços.

— Adoro Susana. Ela merece ser feliz. Espero que encontre alguém depressa.

— E vai encontrar.

— Não é tão simples como parece. Olha quanto tempo demorei para te encontrar. Conhece algum homem solteiro decente?

— Todos os solteiros que eu conheço são espiões.

— Agentes, Michael. Agentes.

— Desculpe, Elizabeth.

— Tens razão. A última coisa que eu quero que a Susanna faça é casar com um maldito espião.

Michael entrou no ferry com cinco minutos de avanço. Soprava um vento gelado. O barco fez-se às águas agitadas de Gardiners Bay. As ondas rebentavam contra a proa, molhando o para-brisa do carro alugado. Michael saiu para a noite gélida de Novembro e apoiou-se à amurada. Do outro lado da água, na margem da ilha, podia ver a mansão branca dos Cannon, toda iluminada. O senador adorava deixar as luzes acesas quando eles o iam visitar. Michael imaginou-se a levar crianças no ferry. Imaginou passar os Verões com elas na ilha. Também queria filhos, tanto quanto Elizabeth, se não mesmo mais. Guardava esses sentimentos para si. Definitivamente, não queria contribuir para aumentar a pressão sobre ela.

Chegaram à ilha e atravessaram as ruas escuras da aldeia de Shelter Island Heights. As lojas estavam encerradas. O Outono chegava ao fim e a ilha regressara ao estado normal de calma. A propriedade dos Cannon ficava a pouco mais de um quilômetro da aldeia, numa língua de areia com vista para o porto de um lado, e para Gardiners Bay do outro. Quando entraram no caminho de acesso, Charlie saiu da sua casa, de lanterna na mão e retrievers atrás. — O senador recolheu-se cedo — indicou. — Ele pediu-me que vos ajudasse a instalarem-se.

— Está tudo bem, Charlie — respondeu Elizabeth. O casal mantinha roupas na casa, para que pudesse ir de fim-de-semana sem se preocupar com bagagem. — É melhor entrar antes que morra de frio.

— Está bem — replicou. — Boa noite aos dois.

Entraram em silêncio na casa e subiram até os grandes quartos sobranceiros ao porto. Elizabeth abriu as portadas. Gostava de acordar com a visão da água e com o tom alaranjado das madrugadas de Inverno.

Um aguaceiro passageiro acordou-os pouco depois da meia-noite. Elizabeth voltou-se na escuridão e beijou a nuca de Michael. Ele mexeu-se e Elizabeth reagiu pegando sua mão e puxando-o para cima dela. Despiu a camisola de flanela floral. O corpo quente do marido pressionou-lhe os seios. — Oh, Michael, quem me dera fazer um filho com você assim.

Michael entrou no corpo da esposa, que se ergueu ao seu encontro. Elizabeth ficou surpresa com a rapidez com que sentiu o corpo se soltar. O orgasmo percorreu-a, onda após onda maravilhosa. Abraçou-o com força e começou a rir.

— Não faça barulho, se não vai acordar seu pai.

— Aposto que dizes o mesmo a todas as moças. Voltou a rir.

— Qual é a graça?

— Nada, Michael. Nada. Sou eu que te amo muito.

Douglas Cannon adorava velejar, mas detestava sair com o barco no Verão. Nessa altura, as águas de Gardiners Bay encontram-se repletas de chalupas, barcos à vela, barcos a motor e, o que era pior, motas de água, as quais, para Cannon, eram um sinal claro do fim do mundo que se aproximava. Tentara proibi-las nas águas em redor da ilha, mas sem sucesso, mesmo depois de uma menina de dez anos ter sido abalroada e morta ao largo de Upper Beach. Michael esperara uma tarde descontraída à lareira, com uma pilha de jornais, um livro e um bom vinho da vasta adega de Cannon. No entanto, ao meio-dia a chuva parou e um sol tímido mostrou-se por entre as nuvens. Cannon apareceu com uma blusa grossa de lã e um casaco de oleado.

— Vamos embora, Michael.

— Deve estar a brincar. Estão cinco graus lá fora.

— Perfeito. Anda. Precisas de exercício.

Michael olhou para Elizabeth, em busca de ajuda. Ela estava deitada no sofá, a trabalhar numa série de casos.

— Vai com ele, Michael. Não o quero lá fora sozinho.

— Elizabeth!

— Não sejas tão piegas. Além disso, o papá tem razão. Estás a ficar um bocado mole. Vamos, eu levo-os.

Assim, vinte minutos depois Michael estava a bordo da Athena, a chalupa de dez metros de Cannon, enrolado num pulôver de malha e num casaco de lã, a puxar um cabo da bujarrona gelado, como se fosse um lendário pescador de Gloucester. Cannon bradava ordens a partir da roda do leme, enquanto Michael corria pelo convés de proa escorregadio, a esticar as velas e a travar os cabos, fustigado por um vento de trinta quilômetros por hora. Tropeçou num cunho e quase caiu. Interrogou-se quanto tempo sobreviveria nas águas gélidas, se caísse borda fora, e se Cannon, de setenta anos, teria reflexos suficientes para lhe salvar a vida.

Lançou um derradeiro olhar à casa. O vento enfunava as velas da Athena. O casco ergueu-se da água e inclinou-se ligeiramente para estibordo. Conseguia ver Elizabeth no relvado, de arco e flecha em riste, a cinquenta metros do alvo, a acertar no centro repetidas vezes.

Cannon estabeleceu uma rota ampla pela baía. O barco ergueu a proa e quase voou pela superfície da água de um tom verde acinzentado, em direção a Gardiners Island. Michael estava sentado a barlavento, na esperança de aquecer

ao sol. Esforçou-se por acender um cigarro, o que conseguiu após dois minutos a contorcer o corpo contra o vento.

— Cristo, Douglas, pelo menos podia bolinar, para não sentirmos tanto o vento.

— Gosto quando ele aderna! — replicou Cannon, que gritava para se fazer ouvir por cima do vento.

Michael percorreu o barco com o olhar e viu água a galgar a proa. — Não seria melhor adernarmos um pouco menos?

— Não, isto é perfeito. Neste momento o barco está a navegar com a máxima eficiência.

— Certo, mas se houver uma rajada de vento, vamos virar-nos e acabamos dentro de água.

— É impossível virar este barco.

— Foi o que disseram do Titanic. — Mas neste caso é verdade.

— Então como explica o seu pequeno desastre marítimo, no ano passado? Em Outubro, o Athena virara-se devido a uma rajada de vento inesperada, ao largo de Montauk Light. Cannon foi salvo pela Guarda Costeira, mas recuperar o barco custou-lhe dez mil dólares. A partir dessa ocasião, Elizabeth implorou-lhe que não voltasse a velejar sozinho.

— Foi por causa de uma previsão marítima deficiente — justificou Cannon. — Falei com o chefe do instituto meteorológico e disse-lhe umas quantas verdades.

Michael soprou as mãos geladas.

— Deus do céu, com o vento até parece que estão vinte graus negativos.

— Por acaso são quinze. Já confirmei.

— Você é completamente louco. Se os eleitores soubessem que tem tendências suicidas, nunca o tinham colocado no Senado.

— Para com as lamúrias, Michael. Lá em baixo há café dentro de um termo. Se queres ser útil, vai servir-nos uma caneca.

Michael desceu com dificuldade a escada da coberta. O senador estivera a bordo de praticamente todos os navios da marinha, e a cozinha ostentava uma coleção de canecas pesadas, gravadas com a insígnia de várias embarcações diferentes. Michael escolheu um par do West Virgínia, um submarino nuclear, e encheu-as com café fumegante.

Quando Michael voltou a subir, Cannon fumava um dos seus cigarros. — Não digas à Elizabeth — pediu, ao aceitar o café. — Se ela souber que de vez em quando fumo às escondidas, vai dizer a todas as lojas da ilha para não me venderem cigarros.

Cannon bebeu um gole profundo de café e corrigiu o rumo.

— Qual a tua opinião sobre as eleições? — O Beckwith deu uma grande reviravolta.

— Cá para mim, foi tudo uma grande treta. Serviu-se do que se passou com o Voo 002 e os Americanos nem repararam, de tão enfadados e perturbados. Dei-lhe o meu apoio quanto à retaliação mas, no que diz respeito ao sistema de defesa antimíssil, acho que não passa de uma compensação a uma série de amigos que o têm financiado ao longo dos anos. — Não pode negar a existência da ameaça.

— Imagino que exista mas, na minha opinião, é de pouca relevância. Os apoiantes da defesa antimíssil dizem que a instabilidade política na Rússia, ou na China, pode levar a um ataque acidental contra os Estados Unidos. Mas os chineses tiveram a Revolução Cultural, e os soviéticos perderam o império, e ninguém disparou nada contra nós por acidente. E preocupo-me ainda menos com aquilo a que eles chamam de Estados-pária. Os norte-coreanos nem sequer conseguem alimentar o povo, quanto mais construir um míssil balístico capaz de chegar aos Estados Unidos. As tiranias regionais como Irã e Iraque querem ameaçar os vizinhos, não os Estados Unidos, por isso investem em armas de curto alcance. E não nos podemos esquecer de outra coisa: Continuamos a ter o maior arsenal nuclear do mundo. A dissuasão funcionou durante a Guerra Fria, e acredito que vá continuar a funcionar. Será que acreditamos que os líderes dessas nações estão mesmo dispostos a cometer suicídio nacional? Não me parece, Michael.

— Por que acha que é uma compensação?

— Porque uma empresa chamada Alatron Defense Systems vai ganhar bilhões de dólares se um sistema desse tipo for desenvolvido e fabricado. O dono da Alatron Defense Systems é...

— ... Mitchell Elliott — terminou Michael.

— Exatamente. E Mitchell Elliott já injetou mais dinheiro em Washington do que qualquer outro americano. Dá tudo o que pode legalmente e, se quer dar mais, descobre forma de fazer por baixo da mesa. O maior beneficiário da generosidade de Elliott tem sido James Beckwith. Que diabo, foi ele que praticamente financiou a carreira política do Beckwith.

Michael pensou em Susanna Dayton e no artigo que estava escrevendo para o *Post*. — E não esqueça de outra coisa — prosseguiu Cannon. — Paul Vandenberg, o chefe de gabinete da Casa Branca, já trabalhou para Elliott na Alatron. Foi Elliott que o mandou trabalhar com Beckwith, quando este era procurador-geral na Califórnia. Tinha olho para o talento, e sabia que Beckwith tinha potencial para chegar ao topo. Elliott queria ter um homem de confiança lá

dentro, e conseguiu. ─ Cannon puxou uma baforada do cigarro. O vento levou a fumaça de sua boca. ─ Vandenberg também trabalhou para a seu pessoal.

Michael ficou espantado. ─ Quando?

─ No Vietnã.

─ Pensei que ele fosse do exército.

Cannon abanou a cabeça. ─ Não, na Agência. Na verdade, pertencia àquele programa maravilhoso conhecido por Operação Fênix. Imagino que se lembre do programa Fênix, Michael. Não foi um dos momentos mais iluminados de seus homens.

O objetivo do programa Fênix era identificar e eliminar a influência comunista no Vietnã do Sul. A Operação Fênix tinha a fama de ter aprisionado 28 mil comunistas suspeitos e eliminado outros 20 mil.

─ É como dizem, não é, Michael? Uma vez na agência, sempre da agência. Por que não faz uma pesquisa nos computadores de Langley com o nome de Vandenberg, para ver o que aparece?

─ Acha que o contrato para o sistema de defesa antimíssil foi comprado?

─ Vi os dados de teste. Os aparelhos produzidos pela Alatron eram bem superiores aos das outras empresas de defesa. Elliott ganhou o contrato com toda a justiça. Mas o programa pouco apoio tinha dos republicanos e foi rejeitado pelos democratas. Não ia ser desenvolvido. Foi preciso um apelo dramático, com um cenário dramático por trás, para conquistar o apoio do Congresso.

Michael hesitou antes de pronunciar as palavras seguintes.

─ E se lhe dissesse que não acredito que a Espada de Gaza abateu o avião? ─ acabou por perguntar.

─ Eu responderia que imaginava que você andasse desconfiado de alguma coisa. Mas se eu fosse você não falaria muito alto, Michael. Se as pessoas erradas ouvirem, você teria problemas.

O sol desapareceu atrás de uma nuvem e o ar ficou subitamente mais frio. Cannon olhou para o céu e franziu o sobrolho.

─ Parece que vai chover ─ indicou. ─ Muito bem, Michael, ganhou. Preparar para regressar.

ST. MAARTEN, CARAÍBAS

Ao subir a encosta, a caravana de Range Rovers levantou poeira avermelhada do estreito caminho esburacado. Os veículos eram idênticos: pretos, com vidros fumados espelhados para ocultar a identidade dos passageiros. Cada homem chegara à ilha a partir de um ponto de embarque distinto: América Latina, Estados Unidos, Oriente Médio, Europa. Todos partiriam na manhã seguinte, após o final da conferência. Estava-se no início da época alta e a ilha estava apinhada de americanos e de europeus ricos. Os indivíduos nos Range Rovers preferiam assim. Gostavam de multidões, de anonimato. A caravana atravessou com estrépito uma aldeia miserável. Crianças descalças na beira da estrada acenaram com entusiasmo aos veículos. Ninguém lhes respondeu.

A mansão era extravagante, mesmo segundo os padrões de St. Maarten: doze quartos principais, duas salas de estar amplas, uma sala de multimídia, uma sala de bilhar, uma piscina grande, duas quadras de tênis e um heliponto. Fora encomendada seis meses antes por um europeu anônimo, que pagara uma exorbitância para que o trabalho estivesse pronto a tempo.

A construção fora um pesadelo, pois a mansão ficava no meio da ilha, no alto de uma montanha, com vistas para o mar de cortar a respiração por todos os lados. Exceto a cerca eletrificada, os vinte hectares de terreno tinham sido deixados no seu estado natural, cobertos de vegetação rasteira densa e de árvores.

Uma equipe de segurança chegou com uma semana de avanço e instalou câmaras de vídeo, sensores laser e aparelhos de interferência de comunicações. O centro de comando foi montado na sala de bilhar.

A Sociedade para o Desenvolvimento e Cooperação Internacionais era uma organização totalmente privada que não aceitava donativos externos, nem membros novos, à exceção dos que ela selecionava. A sede oficial era em Genebra, num pequeno gabinete com uma placa de ouro de muito bom gosto sobre a porta austera, embora um visitante fosse encontrar o gabinete vazio, e um telefonema para o número não identificado não fosse atendido.

Aqueles que sabiam da existência do grupo conheciam-no apenas como a Sociedade. Apesar do nome, a Sociedade não pretendia fazer do mundo um lugar mais pacífico. Os membros incluíam oficiais de espionagem apóstatas, políticos, traficantes de armas, barões da droga, organizações criminosas internacionais e magnatas poderosos.

O diretor executivo era um antigo oficial do serviço de espionagem britânico, o MI6. Era conhecido simplesmente como "o Diretor", e nunca era tratado pelo nome verdadeiro. Dirigia a administração e as operações da Sociedade, mas não possuía qualquer poder de decisão adicional. Este encontrava-se nas mãos do conselho executivo do grupo, onde cada membro tinha direito a um voto. A nível interno, a Sociedade praticava a democracia, embora a maior parte dos seus membros acreditasse que se tratava de um conceito deveras incômodo no mundo real.

O credo base da Sociedade declarava que a paz era perigosa. Os membros defendiam que uma constante tensão global controlada servia os interesses de todos. Evitava a complacência. Estimulava a vigilância. Desenvolvia a identidade nacional. E, acima de tudo, dava-lhes dinheiro, muito dinheiro.

Alguns chegaram sozinhos, outros aos pares. Havia quem não trouxesse proteção e quem viesse com um guarda-costas. Ari Shamron chegou a meio da tarde e jogou três sets de tênis com o líder de um cartel de cocaína colombiano. Os seguranças do barão da droga, vestidos de preto e fortemente armados, correram atrás das bolas 116 perdidas ao sol escaldante das Caraíbas. Constantin Kalnikov chegou uma hora depois. Ficou duas horas junto à piscina, até que a pálida tez eslava assumiu um tom vermelho brilhante, e depois foi para o quarto, para uma tarde de sexo com uma das moças. O Diretor trouxera-as do Brasil. Todas tinham sido cuidadosamente investigadas. Todas eram bem versadas na arte do prazer físico. Todas tinham sido submetidas a análises ao sangue, para garantir que não possuíam doenças sexualmente transmissíveis.

Mitchell Elliott não tinha tempo, nem apetência, por tais atividades. Detestava os membros da Sociedade. Lidaria com eles a nível profissional para alcançar os seus objetivos, mas não se divertiria com tais elementos numa ilha caribenha.

A conferência estava marcada para as nove horas. O Gulfstream de Elliott aterrou no aeroporto às 20:30. Um helicóptero aguardava-o. Embarcou de imediato com Mark Calahan e outros dois seguranças, e voou até a mansão. Durante a primeira hora, o conselho executivo tratou de assuntos internos rotineiros. Por fim, o Diretor avançou para o primeiro verdadeiro ponto de interesse na ordem de trabalhos. Olhou para Mitchell Elliott por cima dos óculos de leitura com lentes em meia-lua.

— Tem a palavra.

Elliott permaneceu sentado.

— Em primeiro lugar, cavalheiros, desejo agradecer-lhes pela vossa colaboração. A operação correu muito bem e os resultados foram os esperados.

O Presidente Beckwith foi reeleito e os Estados Unidos vão desenvolver o projeto de defesa antimíssil, um empreendimento que virá a provar ser vantajoso para todos os presentes.

Elliott fez uma pausa, até que os aplausos da audiência esmorecessem. ─ Escusado será dizer que, na eventualidade da ocorrência de uma fuga de informação, e do envolvimento da Sociedade neste caso, os resultados serão desastrosos. Assim sendo, preciso que me concedam autorização para eliminar qualquer elemento que não se encontre nesta sala, e que saiba da verdade. O Diretor ergueu o olhar, no rosto uma expressão vagamente irritada, como se desapontado com um prato de solha de Dover.

─ Pelas minhas contas, são quatro homens.

─ Exatamente.

─ E como sugere que se proceda?

─ Proponho que se utilize o elemento que tomou parte na operação ao largo de Nova York.

─ Imagino que se refira ao que ainda está vivo? Elliott permitiu-se esboçar um sorriso raro. ─ Sim, Diretor.

─ Obviamente, este homem tem conhecimento, pelo menos, de parte da verdade... que a Espada de Gaza não é responsável pelo atentado.

─ Concordo, mas ele é um dos melhores assassinos do mundo, e uma missão deste gênero exige alguém com os seus talentos. ─ E quando o trabalho estiver concluído? ─ Será liquidado, tal como os outros.

O Diretor aquiesceu. Acima de tudo, gostava de clareza e de decisão. ─ Como propõe que seja realizado o financiamento? Uma operação como a que descreveu será dispendiosa. Acabou de receber dividendos substanciais. Talvez a despesa deva ficar por sua conta.

─ Concordo, Diretor. Não peço o apoio financeiro da Sociedade, apenas a sua bênção.

O Diretor espreitou sobre os óculos para os outros homens reunidos à volta da mesa.

─ Alguma objeção? Silêncio.

─ Muito bem, tem o apoio do conselho executivo na concretização deste trabalho. ─ O Diretor olhou para os papéis, como se estivesse um pouco confuso. ─ bom, cavalheiros, ponto número dois. O senhor Hussein, do Iraque, está interessado na aquisição de algumas propriedades e, mais uma vez, gostaria de contar com a nossa assistência.

A conferência terminou às quatro da madrugada. Mitchell Elliott deixou de imediato a mansão, desceu a montanha no helicóptero e embarcou no Gulfstream que o esperava no aeroporto. Os restantes membros do comité

executivo permaneceram na mansão e dormiram algumas horas. Constantin Kalnikov, desesperado por apanhar algumas horas de sol antes do seu regresso à sombria Moscou, dormitou numa espreguiçadeira junto à piscina. Shamron e o barão da droga voltaram ao corte de tênis para um jogo de desforra, pois Shamron derrotara-o da primeira vez e o barão da droga, como era seu hábito, queria vingança. Quando chegou a hora de partir, desceram a montanha nos Range Rovers. O Diretor saiu com a equipe de segurança ao meio-dia. Ao embarcar no avião privado, meia hora depois, uma série de explosões tiveram lugar no edifício, e a grandiosa mansão na encosta da montanha de St. Maarten foi rapidamente consumida pelas chamas.

BRÉLÉS, FRANÇA

Adoptara o nome Jean-Paul Delaroche, mas na aldeia o chamavam Le Solitaire. Ninguém se lembrava ao certo da altura em que chegara e se instalara no anexo de pedra de um chalé que se erguia no extremo de um penedo escarpado com vista para o Canal da Mancha. Monsieur Didier, o dono de rosto vermelho da principal loja da aldeia, acreditava que o estranho enlouquecera com o vento. No promontório isolado, o vento era poderoso e incessante. Fazia estremecer dia e noite as janelas pesadas do chalé e arrancava telhas sistematicamente. No rescaldo das grandes tempestades, os transeuntes podiam ver Le Solitaire a contemplar os estragos com impaciência.

— Até parece o Rommel a inspecionar a sua preciosa Muralha do Atlântico — sussurrava Didier com um esgar desdenhoso, enquanto tomavam cognac no café. Seria um escritor? Um revolucionário? Um ladrão de arte ou um padre caído em desgraça? Mademoiselle Plauché, da charcuterie, acreditava que fosse o último descendente do povo megalítico, que vivera na Bretanha milênios antes dos Celtas. Por que outro motivo passaria os dias em comunhão com as pedras vetustas? Por que razão passaria horas sentado, a contemplar o mar a fustigar as rochas? Chamar-se-ia Delaroche se assim não fosse? Já lá estivera, concluía por fim, a faca a pairar sobre uma roda de Camembert. Está a recordar como as coisas eram.

Os homens tinham inveja dele. Os mais velhos invejavam as belas mulheres que chegavam ao chalé uma a uma, permaneciam durante algum tempo e depois partiam discretamente. Os rapazes cobiçavam a bicicleta de corrida italiana feita por encomenda, com que ele, qual demônio, percorria todos os dias as estreitas estradas secundárias da Finistère. As mulheres, até as moças e as idosas, achavam-no belo: o cabelo bastante curto salpicado de grisalho, a pele branca, os olhos de um azul cristalino, o nariz aquilino que poderia ter sido esculpido por Michelangelo.

Não era alto, tinha bem menos de um metro e oitenta, mas, ao deslocar-se pela aldeia todas as tardes, quando fazia as suas compras, ostentava uma pose imponente. Na boulangerie, Mademoiselle Trevaunce procurava em vão meter conversa sempre que ele entrava na loja, mas Delaroche limitava-se a sorrir e a escolher educadamente o pão e os croissants. Na garrafeira, era reconhecido como um cliente refinado, mas frugal. Quando Monsieur Rodin sugeria uma garrafa mais cara, Delaroche erguia as sobrancelhas para mostrar que se encontrava além do seu alcance, e devolvia-a com cuidado.

No mercado de rua, escolhia os legumes, a carne e o marisco com a preocupação dos chefs dos restaurantes e das estâncias. Por vezes, levava a mulher com quem estivesse na altura, sempre uma forasteira, nunca uma bretã, outras vezes ia sozinho. Ocasionalmente os homens que passavam as tardes com vinho tinto, queijo de cabra e cartas convidavam-no para se juntar a eles. Mas o solitário apontava sempre para o relógio, como se tivesse assuntos prementes algures, e empilhava as compras na velha furgoneta Mercedes, para a viagem de regresso ao seu refúgio junto ao mar.

Como se o tempo importasse, em Brélés, comentaria Didier, os lábios revirados para baixo no seu desdém habitual. É o vento, acrescentava. O vento deu com ele em doido.

A manhã de Novembro estava limpa e luminosa, com o vento a soprar vindo do mar enquanto Delaroche pedalava ao longo do estreito percurso costeiro. Dirigia-se para oeste vindo de Brest, a caminho do Pointe-de-Saint-Mathieu. Vestia calças de algodão sobre os calções de ciclismo e uma blusa de gola alta por baixo de um anoraque verde fluorescente, apertado o suficiente para evitar adejar com o vento, mas solto quanto bastasse para ocultar a volumosa pistola 121 automática Glock de 9 mm que trazia debaixo da axila esquerda. Apesar das várias camadas de roupa, o ar salgado cortava como uma faca. Delaroche baixou a cabeça e pedalou com mais força até o promontório. Quando passou pelas ruínas batidas pelo vento de um mosteiro beneditino do século vi, a estrada ficou nivelada durante algum tempo. Depois rumou para norte durante vários quilômetros, sempre com um vento marítimo gelado a acompanhá-lo, a estrada a subir e a descer de um modo ritmado por baixo das rodas. A leve bicicleta italiana aguentava-se bem naquele terreno agreste. Uma subida íngreme apareceu à sua frente. Engrenou outra mudança e pedalou mais depressa. Ao conquistar a elevação entrou na aldeia piscatória de Lanildut.

Comprou dois croissants num café e reabasteceu as garrafas, uma com suco de laranja e a segunda com café au lait fumegante. Delaroche devorou o croissant enquanto pedalava. Passou pelo Presqu'elle de Sainte-Marguerite, um dedo rochoso que rasgava o mar, abençoado com algumas das mais belas paisagens marítimas de toda a Europa. Depois vinha a Côte des Abers, a costa dos estuários, uma vasta extensão plana que abrangia uma série de rios que desciam das terras altas do Finistère até o mar.

Quando entrou na aldeia de Brignogan-Plage sentiu os primeiros sinais de cansaço. Além da povoação, ao fundo de um caminho estreito, ficava uma praia de areia tão branca que lembrava neve. Uma antiga pedra erguida, conhecida na Bretanha como menir, servia de sentinela à entrada. Delaroche desmontou-se e empurrou a bicicleta ao longo do caminho, bebendo os restos do

café au lait enquanto andava. Já na praia, encostou a bicicleta a uma pedra grande e caminhou pela linha de água, a fumar um cigarro.

O ponto da sinalização era uma grande excrescência de pedra a cerca de duzentos metros do local onde deixara a bicicleta. Andou com lentidão, sem rumo, sempre a olhar o mar que lambia a areia. Uma onda grande rebentou na praia. Delaroche afastou-se rapidamente para evitar a água gélida. Terminou o cigarro, atirou a beata para a sua frente e enterrou-a na areia branca com a ponta do sapato de ciclismo.

Parou de andar e acocorou-se junto à base da pedra. Lá estava a marca, duas tiras de adesivo cirúrgico brancas como a cal, dispostas num X grosseiro. Qualquer profissional imaginaria que quem deixara a marca fora treinado na arte do KGB, o que era o caso.

Delaroche arrancou o adesivo da pedra, formou uma bola com ele e atirou-a para a carqueja que acompanhava a praia. Regressou à bicicleta e pedalou de volta a Brélés debaixo do sol luminoso.

Ao meio-dia o tempo continuava bom, por isso Delaroche decidiu pintar. Vestiu calças de ganga e uma grossa blusa de pescador e carregou o material na caixa da Mercedes: o cavalete, uma máquina fotográfica Polaroid, a caixa de tintas e pincéis. Regressou à casa e fez café, que despejou para dentro de uma garrafa térmica de metal brilhante. Da geladeira tirou duas garrafas grandes de Beck's e voltou a sair. Conduziu até a aldeia e estacionou à frente da charcuterie. Aí comprou presunto, queijo e um pedaço do patê bretão local, com Mademoiselle Plauché sempre a namoriscar visivelmente com ele. Saiu da loja, acompanhado pelo tilintar do pequeno sino preso à porta, e dirigiu-se à boulangerie, de onde trouxe uma baguette.

Dirigiu-se para o interior, onde o agreste terreno rochoso da costa dava lugar a colinas arborizadas mais amenas, à medida que penetrava na Finistère. Entrou numa estrada secundária sem sinalização, a qual percorreu durante três quilômetros, até que se transformou num caminho esburacado. A Mercedes agitava-se freneticamente mas, minutos depois, chegou ao seu destino, uma antiga casa de quinta de pedra, imaginava que do século XVII, enquadrada perante um conjunto de árvores esplêndidas, com folhas de tons rubi e dourado. Delaroche fazia quase tudo de forma lenta e cuidadosa, e preparar-se para pintar não era exceção. Retirou metodicamente os apetrechos da caixa da Mercedes, ao mesmo tempo que abarcava a vista da casa. A luz outonal evidenciava os contrastes no trabalho de alvenaria da casa e nas árvores mais atrás.

Capturar no papel a qualidade da luz seria um desafio.

Delaroche comeu uma sanduíche e bebeu um pouco da cerveja enquanto estudava a cena a partir de várias perspectivas diferentes. Encontrou um ângulo

que mais lhe agradou e tirou meia dúzia de fotografias, três a cores, outras tantas a preto e branco. O dono da casa apareceu, uma figura atarracada, com um cão preto e branco a saltitar-lhe aos pés. Delaroche gritou-lhe que era um artista e o homem acenou-lhe com entusiasmo. Cinco minutos depois voltou com um copo de vinho e uma travessa repleta de queijo e de fatias grossas de enchido picante. Vestia um casaco remendado que parecia ter sido comprado antes da guerra. O cão, que tinha apenas três pernas, pediu comida a Delaroche.

Quando se retiraram, Delaroche instalou-se à frente do cavalete. Observou as fotografias, primeiro as tiradas a preto e branco, para ver a forma e os traços essenciais da imagem, e depois as coloridas. Passou vinte minutos a traçar esboços com um lápis de carvão, até que a composição do trabalho lhe pareceu correta. Trabalhou com uma palete simples, vermelho-windsor, azul-windsor, verde-hooker, amarelo-windsor e terra-de-siena natural, sobre papel pesado, esticado em cima de um apoio de aglomerado.

Passou quase uma hora antes que a mensagem na praia de Brignogan-Plage se intrometesse nos seus pensamentos. Era uma convocatória, que lhe dizia para se encontrar com Arbatov no paredão em Roscoff, na tarde do dia seguinte. Arbatov fora o oficial responsável por Delaroche quando este servira no KGB. Durante vinte anos, Delaroche trabalhara com Arbatov e com mais ninguém. Certa vez, quando Arbatov começara a perder sagacidade, o Centro de Moscou tentou substituí-lo por um homem mais jovem chamado Karpov. Delaroche recusou-se a trabalhar com Karpov e ameaçou enviá-lo de volta a Moscou dentro de um caixão, caso Arbatov não voltasse a ser o intermediário. Uma semana depois, Arbatov e Delaroche voltaram a reunir-se em Salzburg. Para castigar os imbecis do Centro de Moscou, realizaram um festim de celebração com vitela austríaca, regada por três garrafas bem dispendiosas de Bordeaux. Delaroche não defendera Arbatov por amor, nem por lealdade. Não amava, nem era leal a ninguém, exceto à sua arte e à sua profissão. Queria Arbatov de volta ao seu cargo, pois não havia outra pessoa em quem confiasse. Sobrevivera vinte anos sem ser preso ou morto, por Arbatov ter desempenhado bem o seu trabalho.

Enquanto pintava a cena idílica, pensou seriamente em ignorar a mensagem de Arbatov. Já não trabalhavam para o KGB, pois não existia KGB, e os agentes da sua área de trabalho não foram absorvidos pelo sucessor mais apresentável, o Serviço de Espionagem Externa. Após o colapso da União Soviética e a extinção do KGB, Delaroche e Arbatov foram deixados ao abandono. Permaneceram no Ocidente, Arbatov em Paris e Delaroche em Brélés, e juntos deram início à prática privada. Arbatov servia de agente a Delaroche. Se alguém precisava de um trabalho feito, dirigia-se a Arbatov. Se

este o aprovasse, sugeria-o a Delaroche. Arbatov recebia pelos seus serviços uma percentagem da quantia avultada cobrada no mercado por Delaroche. O que Delaroche ganhara até então levara-o a considerar seriamente a hipótese de abandonar a sua linha de trabalho. Passara mais de um mês desde a última missão e, pela primeira vez, não se sentia enfadado nem agitado com a inatividade. O último trabalho rendera-lhe um milhão de dólares, o suficiente para viver em Brélés com conforto durante muitos anos, mas também lhe custara algo no seu íntimo. Durante a longa carreira como assassino, primeiro para o KGB, depois como profissional freelance, Delaroche tivera apenas uma regra: Não matava pessoas inocentes. O atentado ao avião ao largo de Long Island levara-o a quebrar essa regra.

Não fora ele a disparar o míssil, mas desempenhara um papel essencial na operação. A sua missão era posicionar o palestino, matá-lo depois do trabalho feito e afundar o iate antes de ser retirado do mar por helicóptero. Realizara o seu trabalho na perfeição e por ele recebera um milhão de dólares. Mas à noite, quando se encontrava sozinho na casa, sem mais nada para além do barulho do mar, via o avião em chamas a cair para o Atlântico. Imaginava os gritos dos passageiros, enquanto esperavam pela morte. Conhecera intimamente todos os alvos dos trabalhos anteriores. Eram pessoas más, envolvidas em assuntos maléficos, que sabiam bem os riscos envolvidos. E matara-os a todos cara a cara. Rebentar com um avião de passageiros civil fora uma violação da sua regra.

Manteria o encontro com Arbatov e escutaria a proposta. Se fosse boa e lucrativa, talvez a aceitasse. Caso contrário, iria reformar-se, pintar o interior bretão e beber vinho no seu chalé de pedra, não voltando a falar com mais ninguém.

Uma hora depois terminou a pintura. Era boa, pensou, mas podia fazer melhor.

O Sol estava a pôr-se e um lusco-fusco violeta dominara a fazenda. Sem o Sol, o ar tornou-se subitamente frio, carregado com o aroma a fumo de madeira e a alho frito. Espalhou patê sobre um naco de pão e bebeu cerveja enquanto guardava os materiais. Colocou as fotografias e os esboços no bolso. Voltaria a utilizá-los para criar uma versão melhor do trabalho, no estúdio. Deixou o copo de vinho, a travessa meio vazia e a aguarela ainda úmida à porta da casa, e regressou em silêncio à Mercedes. O cão de três pernas ladrou-lhe quando Delaroche se afastou com o carro, após o que devorou o resto do enchido.

Na manhã seguinte, quando Delaroche conduziu de Brélés para Roscoff, a chuva caía forte. Chegou ao paredão exatamente às dez horas e encontrou

Arbatov, qual imagem de infelicidade, às voltas no dilúvio. Delaroche estacionou o carro e observou-o por um instante, antes de se aproximar.

Mikhail Arbatov mais parecia um professor envelhecido do que um mestre espião do KGB e, como sempre, Delaroche teve dificuldade em imaginar que dirigira incontáveis assassinatos. Era óbvio que a vida em Paris o estava a tratar bem, pois Delaroche não se recordava dele tão gordo, e as faces debitavam um brilho saudável ilusório, fruto de demasiado vinho e cognac. Trajava a sua habitual blusa preta de gola alta e o casaco impermeável ao estilo do exército, que parecia ter como dono um homem mais alto e magro. Na cabeça trazia um chapéu de abas à prova de água, típico dos reformados de todo o mundo. Os óculos de armações metálicas, que pareciam sempre mais prejudiciais do que úteis, estavam embaciados e escorregavam na encosta íngreme que era o seu nariz de pugilista.

Delaroche saiu do carro e aproximou-se dele pelas costas. Arbatov, sempre um profissional, nem se mexeu quando Delaroche surgiu a seu lado. Caminharam em silêncio durante algum tempo, com Delaroche a esforçar-se por acompanhar o passo cambaleante de Arbatov. Este parecia eternamente à beira de tombar, e por mais do que uma vez Delaroche resistiu à tentação de estender a mão para o equilibrar.

Arbatov parou de andar e virou-se para encarar Delaroche. Avaliou-o com um olhar fixo e levemente divertido, os olhos cinzentos ampliados pelos óculos imensos.

— Minha nossa Sra., estou muito velho para esta treta de rua

— lamentou-se, no seu francês correto e sem sotaque. — Muito velho e muito cansado. Leva-me para um sítio quente com boa comida.

Delaroche levou-o de carro a um bom restaurante com vista para o mar. Arbatov passou a viagem a queixar-se da sujidade deixada no Mercedes pelo equipamento de pintura. Cinco minutos depois, já lhes tinham servido omeletes de Gruyère e cogumelos e canecas de café au lait. Arbatov devorou a comida e acendeu um Gauloise terrível antes de Delaroche ter dado uma segunda garfada. Reclamando do frio, Arbatov pediu um cognac. Bebeu-o em duas goladas e acendeu outro cigarro, soprando estreitas baforadas de fumo para as vigas manchadas do teto. Os dois homens ficaram em silêncio. Um estranho poderia tê-los confundido com pai e filho que tomavam diariamente o pequeno-almoço juntos, algo que não desagradava a Delaroche.

— Querem-te outra vez — informou Arbatov, quando Delaroche acabou de comer. Não foi preciso indagar de quem se tratava. Eram os homens que o tinham contratado para a missão com o avião comercial.

— Qual é o trabalho?

— Só disseram que era extremamente importante e que queriam o melhor.

Delaroche não precisava de lisonja.

— E o pagamento?

— Não adiantaram pormenores. Só comentaram que era mais do que o pagamento anterior. — Arbatov apagou o Gauloise com a unha rachada do polegar grosso. — "Substancialmente mais" foi o termo que utilizaram.

Delaroche fez sinal ao empregado para que levantasse o prato. Pediu outro café e acendeu ele próprio um cigarro.

— Não entraram em pormenores quanto à natureza do trabalho?

— Só um. É uma missão múltipla e os alvos são todos profissionais. O interesse de Delaroche despertou subitamente. Em geral, o seu trabalho aborrecia-o. A maior parte das missões exigia menos capacidades do que as possuídas por Delaroche, pouca preparação e ainda menos criatividade.

Matar profissionais era outro caso.

Querem encontrar-se com você amanhã — indicou Arbatov. Em Paris.

— No terreno de quem?

— Deles, é claro. — Levou a mão ao casaco e retirou do bolso um pedaço de papel empapado. A tinta escorrera, mas a morada continuava legível. — Querem um encontro cara a cara.

— Não aceito esse tipo de encontros, Mikhail. Tu, mais do que qualquer outra pessoa, devias saber disso.

Delaroche protegia a identidade com um cuidado que raiava a paranoia. A maior parte dos homens no seu ramo resolvia o problema com visitas regulares a cirurgiões plásticos, que lhes davam rostos novos. Delaroche agia de outra forma. Raramente permitia que alguém que soubesse o que ele fazia lhe visse o rosto. Nunca deixara que ninguém lhe tirasse uma fotografia e trabalhava sempre sozinho. Abrira somente uma exceção, o palestino na operação do voo comercial, mas recebera uma quantia exorbitante e abatera-o depois de concluído o trabalho. A equipe de resgate não lhe vira o rosto, pois envergara uma máscara preta de lã.

— Sê razoável, meu rapaz — dizia Arbatov. — Estamos num admirável mundo novo. — Continuo vivo por ser cuidadoso.

— Tenho noção disso. E quero que fiques vivo para que eu possa continuar a receber dinheiro. Acredita, Jean-Paul, não te colocaria numa situação que julgasse arriscada. Pagas-me para averiguar ofertas e para te dar bons conselhos. Aconselho-te a ouvir o que estas pessoas têm para dizer, nos termos deles.

Delaroche olhou-o. Estaria a perder qualidades? A perspectiva de um pagamento enorme estaria a toldar-lhe o raciocínio?

— Quantas pessoas vão lá estar? — Disseram-me que apenas uma.

— Armas?

Arbatov abanou a cabeça.

— Vais ser revistado quando entrares no apartamento.

— As armas podem ter todos os tamanhos e feitios, Mikhail.

— Então vais aceitar?

— Vou pensar no caso.

Delaroche gesticulou para o empregado.

C'est tout.

SEDE DA CIA, LANGLEY, VIRGÍNIA

Michael saiu de casa bastante cedo e seguiu pela estrada deserta até a sede à meia-luz cinzenta da alvorada. Foi buscar café e um bolo duro ao fosso da lavagem e subiu as escadas até o Centro. Os últimos elementos do turno da noite ainda lá estavam, de olhos exaustos, agachados sobre ecrãs de computador e documentos antigos em papel, como se fossem monges medievais encurralados na época errada. Eurotrash lia os cabogramas da manhã. Blaze mostrava a Cynthia como matar com uma folha de papel. Michael sentou-se à secretária e ligou o computador.

Segundo a polícia belga, dois supostos agentes operativos da Espada de Gaza tinham sido avistados a bordo de um comboio, a entrar na Holanda. O serviço de segurança britânico, o MI5, interceptara um telefonema de um inteletual islâmico residente em Londres, que sugeria a iminência de um ataque de retaliação algures na Europa. Imagens de satélite do campo de treino em ruínas no Irã mostravam uma reconstrução rápida. A informação mais importante dessa noite foi a última a chegar. Oficiais da espionagem síria tinham viajado para Teerã na semana anterior, para se encontrarem com os homólogos iranianos. Michael já antes vira movimentações do gênero. A Espada de Gaza estava a planear um atentado a um alvo americano na Europa, provavelmente para breve. Pegou no telefone interno e marcou o número do gabinete de Carter, mas ninguém atendeu.

Desligou e fitou o terminal de computador.

Porque não fazes uma pesquisa nos vossos computadores de Langley com o nome do Vandenberg para veres o que te aparece?

Michael digitou o nome de Vandenberg e ordenou ao computador que pesquisasse a base de dados.

Dez segundos depois recebeu uma mensagem em resposta.

ARQUIVOS com ACESSO RESTRITO.

ACESSO NEGADO

— Em que diabo estava pensando para fazer aquilo?

Michael nunca vira Carter tão zangado. Estava sentado à mesa, a bater com a ponta de uma caneta grossa no mata-borrão de pele, a tez normalmente pálida vermelha com o esforço. McManus estava atrás dele, em silêncio, como se esperasse a vez para confrontar um suspeito pouco cooperante. — Foi só um palpite que tive — adiantou Michael debilmente, arrependendo-se de imediato. Pela expressão de Carter, percebeu que apenas tinha piorado a situação.

— Um palpite? Tiveste um palpite e resolveste pesquisar o nome do chefe de gabinete da Casa Branca nos arquivos do Departamento de Pessoal? Osbourne, você é um agente de contraterrorismo. O que achava que o Vandenberg ia fazer, explodir a Casa Branca? Matar o patrão? Desviar o Air Force One?

— Não.

— Estou à espera.

Michael interrogou-se sobre o motivo por que ele estava ali. Os fanáticos da sala de informática deviam tê-lo denunciado. Ou alguém estava a vigiar a atividade do seu computador, ou ativara um alarme no arquivo de Vandenberg, que soara através do sistema quando Michael tentara ler. Parecia obra de Monica Tyler. Michael só tinha uma hipótese: contar parte da verdade e esperar que a relação que mantinha com Carter evitasse mais discussão.

— Uma pessoa de confiança disse-me que ele tinha um passado na Agência e quis confirmá-lo. Foi um erro, Adrian, sinto muito.

Podes crer que foi um erro. Deixa-me explicar-te uma coisa. Os arquivos da Agência não estão aqui para teu deleite. Não são para serem pesquisados. Estou a ser claro, Michael?

— Perfeitamente.

— Já não trabalhas no campo, onde ages segundo os teus próprios métodos.

Trabalhas na sede e obedeces às regras.

— Entendido.

Carter olhou para McManus, que foi fechar a porta.

— Agora, aqui entre nós, eu sei que és um agente dos diabos, e que não ias tentar ler aquele arquivo a menos que fosse importante. Tens alguma coisa que nos queiras contar neste momento?

— Ainda não, Adrian.

Muito bem. Põe-te a andar.

PARIS

Delaroche conduziu até Brest e apanhou o comboio para Paris. Viajava com duas malas, um saco pequeno com uma muda de roupa e uma pasta rectangular grande, que continha uma dúzia de aguarelas. O seu trabalho era vendido numa galeria parisiense discreta, o que lhe garantia um rendimento suficiente para justificar o estilo de vida despretensioso que levava em Brélés.

A partir da estação dos caminhos-de-ferro, seguiu de táxi até um hotel modesto na rue de Rivoli, onde se registrou como um holandês de nome Karel van der Stadt. O neerlandês era uma das suas línguas e possuía três passaportes holandeses excelentes. O quarto tinha uma pequena varanda com vista para o Jardin des Tuileries e o Louvre. A noite estava fria e muito limpa e, à sua direita, podia ver a Torre Eiffel, brilhante com a sua iluminação. À esquerda ficava Notre Dame, de guarda ao tremeluzir negro do Sena. Era tarde, mas tinha trabalho a fazer. Vestiu uma blusa, um blusão de couro e saiu. O recepcionista perguntou a Delaroche se gostaria de lhe deixar a chave. Este abanou a cabeça e respondeu, com um francês carregado de pronúncia holandesa, que preferia levá-la.

O encontro estava marcado para um apartamento no Quinto Arrondissement, na rue de Tournefort. Descobrir vigilância profissional era difícil, na melhor das hipóteses, mas tornava-se quase impossível à noite, numa cidade como Paris. Delaroche caminhou durante algum tempo, cruzou o Sena e passeou ao longo do Quai de Montebello. Fez várias paragens repentinas. Viu os livros nos quiosques. Comprou os jornais vespertinos numa banca. Fez um telefonema falso a partir de um telefone público. Confirmava sempre se estava a ser perseguido, mas não viu qualquer sinal nesse sentido.

Delaroche percorreu as ruelas estreitas do Bairro Latino durante os quinze minutos seguintes. No ar frio da noite podia sentir-se o aroma a especiarias e a tabaco. Delaroche entrou num bar e bebeu cerveja enquanto folheava um jornal. Mais uma vez, não avistou qualquer tipo de vigilância. Terminou a bebida e saiu.

O apartamento batia com a descrição de Arbatov, situando-se no segundo andar de um prédio antigo na rue de Tournefort, perto da Place de la Contrescarpe. Da calçada Delaroche pôde ver que as janelas da frente estavam às escuras. Reparou também numa pequena câmara à porta, para que os inquilinos soubessem quem os visitava.

Na esquina ficava um pequeno restaurante, com uma boa vista do apartamento e da entrada. Delaroche sentou-se a uma mesa junto à montra e pediu frango assado e uma garrafa pequena de Côtes-du-Rhône. Era um bom restaurante de bairro, acolhedor e barulhento, com uma clientela composta na sua maior parte por moradores da zona e por alunos da Sorbonne.

Enquanto comia, Delaroche leu um artigo do correspondente em Washington do Le Maneie, que dizia que os ataques aéreos contra alvos da Espada de Gaza na Síria e na Líbia tinham infligido um rude golpe nas negociações de paz no Oriente Médio. Esses países estavam se equipando com armas novas e perigosas, algumas delas de fabricação francesa. As negociações entre palestinos e israelenses estavam num impasse, depois de semanas de tensão em Gaza e na Cisjordânia. Os peritos em espionagem alertavam para uma nova vaga de terror internacional. Os diplomatas da Europa Ocidental queixavam-se, dizendo que os Americanos se tinham vingado sem pensar nas consequências. Delaroche pousou o jornal na mesa e comeu. Ficava sempre espantado com o pouco que os jornalistas sabiam acerca do mundo secreto.

O homem a entrar no prédio chamou-lhe a atenção.

Delaroche observou-o com atenção: baixo, cabelo louro ralo, um corpo de lutador amolecido pelo deboche. O corte ofensivo do sobretudo mostrava que era americano. Seguia de braço dado com uma bonita prostituta francesa, mais alta do que ele, com cabelo escuro pelos ombros e lábios de um vermelho garrido. O americano abriu a porta e o casal desapareceu pelo hall escurecido. Momentos depois, a luz brilhava no apartamento do segundo andar.

Delaroche animou-se. Receara poder vir a cair numa armadilha. Sozinho num apartamento estranho, sem qualquer rota de fuga, seria presa fácil, caso tivesse sido um dos seus inimigos a organizar o encontro. Mas um agente operacional corrupto a ponto de levar uma prostituta para uma casa de segurança não deveria representar grande ameaça. Só um amador, ou um profissional indisciplinado, se arriscaria dessa forma.

Nesse momento, Delaroche decidiu comparecer ao encontro.

Na manhã seguinte, Delaroche levantou-se cedo e foi correr pelas Tuileries. Vestiu um anorak azul-escuro para se proteger da chuva leve que molhava os jardins. Correu a bom ritmo durante quarenta e cinco minutos, com a cascalho dos caminhos pedestres a ressoar ao ser esmagada debaixo dos seus pés. No último quilômetro esforçou-se ainda mais. Quando terminou, estava na rue de Rivoli, ofegante, com os parisienses a passarem por ele, apressados, a caminho do trabalho.

Chegado ao quarto, tomou uma ducha e mudou de roupa. A Glock de 9 mm esteve sempre ao alcance da mão. Não se sentia bem a deixá-la ficar, mas

iria cumprir as regras do encontro. Vestiu a blusa, guardou a arma no cofre do pequeno quarto e desceu.

Tomou o pequeno-almoço no restaurante do hotel, uma sala agradável com vista para a rue de Rivoli, e deu uma vista de olhos aos jornais da manhã. Foi o último hóspede a deixar a sala.

Da recepção trouxe um mapa das ruas de Paris e um guia turístico. O recepcionista de serviço perguntou-lhe se desejaria entregar-lhe a chave do quarto. Delaroche abanou a cabeça e saiu para a rua.

Apanhou um táxi para a rue de Tournefort e saiu no restaurante de esquina onde jantara na véspera. A chuva parara, por isso sentou-se na esplanada. Apesar das nuvens, usava óculos de sol Ray-Ban com hastes grossas.

Eram 9h45. Delaroche pediu café e um brioche e observou a janela do apartamento de segundo andar do outro lado da rua. O homem de corpo de lutador apareceu por duas vezes na janela da frente. Da primeira vez vestia um roupão de banho e segurava uma caneca de café, como se estivesse de ressaca. Da segunda vez, às 9h55, vestia um terno azul completo e o cabelo louro ralo estava imaculadamente penteado.

Delaroche perscrutou a rua. O passeio estava apinhado de parisienses que corriam para os seus empregos e de estudantes que se dirigiam à Sorbonne. Na rue de Tournefort, um par de trabalhadores preparava-se para descer ao esgoto. Outro varria dejetos de cão. À volta de Delaroche, as mesas foram sendo ocupadas. Poderia estar cercado de vigilância, sem que nunca se apercebesse. Às dez horas deixou dinheiro em cima da mesa e atravessou a rua. Tocou com descontração à campainha e virou as costas à câmara sobre a porta. O trinco eletrônico abriu e Delaroche entrou para o hall.

Não havia elevador, apenas uma escadaria ampla, que Delaroche subiu rapidamente. O prédio estava em silêncio, sem outros inquilinos por ali. Delaroche chegou ao segundo andar sem ser visto. Arbatov indicara-lhe que não deveria tocar à campainha. A porta abriu de imediato e o lutador fez-lhe sinal para entrar com um aceno da mão enorme.

Delaroche olhou à sua volta enquanto o outro homem o revistava lenta e metodicamente, primeiro com as mãos, depois com um magnetômetro. A mobília tinha um ar masculino e confortável: cadeiras e sofás pretos e informais dispostos à volta de uma mesa de centro com tampo de vidro, estantes de teca repletas de volumes de história, biografias e thrillers de autores americanos e ingleses. A restante porção visível de parede estava vazia, com marcas esbatidas de quadros em tempos pendurados. Os livros eram os únicos artigos pessoais. Não se via fotografias de familiares ou de amigos, nem correspondência, nem bloco para recados ao lado do telefone.

— Café? — ofereceu o lutador quando terminou.

Tinha razão. Era americano, e do Sul, a julgar pelo sotaque.

Delaroche aceitou. Tirou os óculos de sol e o americano dirigiu-se à moderna cozinha toda em tons de preto, onde se atarefou a preparar o café. Delaroche sentou-se e perscrutou o resto do apartamento. Ao lado da cozinha ficava uma pequena área de jantar e, mais adiante, um breve corredor de acesso a um quarto. Em cima da mesa estava um computador portátil escuro.

O americano regressou com duas canecas. Entregou uma a Delaroche e ficou com a outra.

— O trabalho consta de quatro alvos — começou a explicar, sem preâmbulos — e deverá ser levado a cabo antes do fim de Janeiro. Receberá um milhão de dólares de adiantamento. Será pago de imediato mais um milhão por cada alvo eliminado. Se não estou em erro, o total será de cinco milhões de dólares.

— Para quem trabalha?

O americano abanou a cabeça.

— Recebi ordens para lhe dizer que trabalho para o mesmo grupo que o contratou para a operação do voo comercial. Já sabe que se trata de uma organização profissional e que trabalha bem. Delaroche acendeu um cigarro. — Tem os arquivos sobre os alvos?

O americano apresentou um disco compacto.

— Está tudo aqui, mas apenas verá os arquivos caso aceite o trabalho. Questões de segurança, senhor Delaroche. Imagino que um homem da sua reputação o compreenda.

Delaroche estendeu a mão para aceitar o disco. O americano sorriu. — Imaginávamos que estivesse de acordo. O primeiro milhão já foi transferido para o seu banco em Zurique. Pode confirmar. Tem ali o telefone. Delaroche manteve a troca de palavras num alemão rápido. Herr Becker, o solícito gerente do banco de Zurique confirmou-lhe que sim, durante a noite fora transferido um milhão de dólares para a sua conta. Delaroche indicou que voltaria a ligar mais tarde com outras instruções e desligou.

— O conteúdo está protegido — explicou o americano, ao entregar o disco a Delaroche. — O seu nome de código do KGB vai permitir o acesso aos arquivos.

Delaroche estava espantado. Desde que entrara no mercado por conta própria nunca divulgara as credenciais do KGB, e nunca utilizara o antigo nome de código, conhecido apenas por Arbatov e por um punhado de oficiais do Centro de Moscou. Era óbvio que os homens que o tinham acabado de contratar

possuíam muito bons contatos. Prova disso era o fato de terem conhecimento do seu nome de código do KGB.

— Imagino que saiba mexer neste aparelho — comentou o americano, enquanto apontava para o computador portátil. — Vai desculpar-me, mas não estou autorizado a ver o conteúdo dos arquivos. Está por sua conta.

Delaroche levou o disco até a mesa da sala de jantar e sentou-se. Inseriu o disco na drive interna do portátil e digitou sete letras.

A tela do computador ganhou vida.

Os arquivos eram os melhores que Delaroche já vira: antecedentes profissionais e pessoais, hábitos sexuais, rotinas diárias, moradas, números de telefone, gravações digitais de voz, fotografias de vigilância, até mesmo imagens de vídeo digitalizadas.

Demorada e sistematicamente, passou duas horas a analisar a informação contida no disco. Não tirou notas. Delaroche possuía uma mente capaz de armazenar, organizar e recordar quantidades enormes de informação.

O americano estava deitado no sofá, a desfrutar o sistema de televisão por satélite de 500 canais. Primeiro viu um jogo de futebol americano, depois um concurso idiota. Acabara por se deter em pornografia sueca. Enquanto trabalhava, Delaroche foi presenteado com sons de sexo lésbico.

Os alvos seriam os mais difíceis da sua carreira. Eram todos profissionais e um encontrava-se sob proteção periódica do governo. O trabalho iria também exigir que levasse a cabo um assassinato nos Estados Unidos, onde Delaroche nunca estivera e muito menos trabalhara. Caso fosse bem sucedido, essas seriam as últimas mortes durante algum tempo. O assassino encarregue dessa missão teria de se esconder durante um período considerável. Os contratadores tinham bem noção disso, razão pela qual o pagamento representava uma vida de rendimentos.

Delaroche abriu a última pasta.

Continha apenas um arquivo, a fotografia do homem que via televisão na sala ao lado. Delaroche fechou o arquivo e saiu do programa. Na tela podia ler:

SE NOS TRAIR, VAMOS ENTREGÁ-LO AO FBI, OU SERÁ MORTO.

Delaroche retirou o disco e levantou-se.

O americano estava embrenhado na pornografia. Delaroche dirigiu-se à sala de estar e agarrou no casaco, que estava dobrado sobre as costas de uma cadeira. O americano levantou-se, o que agradou a Delaroche. Tornaria o passo seguinte mais simples.

— Uma última questão profissional. Como entraremos em contato com você quando der início à missão?

— Não entram. Acabaram-se os encontros pessoais e os contatos com Arbatov.

— Ainda tem a mesma morada na Internet?

Delaroche anuiu e tirou os óculos de sol do bolso do casaco.

— Quaisquer instruções adicionais serão enviadas para lá... codificadas, logicamente. A chave será a mesma palavra de código.

— Não é preciso dizer-lhe que a Internet é vasta, mas bastante insegura. Apenas deverá ser utilizada em caso de emergência.

— Compreendido.

Delaroche apresentou o disco. Quando o americano estendeu a mão para o aceitar, Delaroche deixou-o cair. Os olhos do americano deslocaram-se de Delaroche para o disco por um breve momento, mas apercebeu-se de que cometera um erro fatal. A mão esquerda de Delaroche fechou-se sobre a boca do americano com um aperto férreo e virou ligeiramente a cabeça do homem para aumentar as probabilidades de o matar com um único golpe.

Depois enfiou a haste dos óculos de sol no olho direito do indivíduo. Fora revistado meticulosamente, mas o lutador não se apercebera de que a haste direita dos óculos de Delaroche era aguçada, o que permitia que o golpe atravessasse a cobertura protetora do cérebro e lacerasse a artéria, carótida atrás do olho. A hemorragia foi rápida e catastrófica. Em breve o homem perdia a consciência. Morreria em poucos segundos. Delaroche instalou-o à frente da televisão com a sua pornografia. Retirou os óculos de sol do olho perfurado e lavou-os com cuidado no lava-loiça. Foi buscar o disco que ficara em cima da mesa de centro e guardou-o no bolso do casaco. Depois colocou os óculos e saiu para a manhã parisiense.

Delaroche estava sentado no Musée de L'Orangerie des Tuileries, cercado pelas Ninfas de Monet, quando decidiu matar Arbatov. Na verdade, não foi uma decisão penosa. Assim que terminasse a missão, Delaroche seria um dos homens mais procurados do mundo. Seria procurado pelas mais poderosas agências de lei e de espionagem do planeta. A pessoa que mais o poderia prejudicar seria Arbatov. Caso fosse descoberto, e pressionado o suficiente, Arbatov poderia trair Delaroche para salvar a pele. Era um risco que Delaroche já não estava disposto a correr.

Contemplou os azuis, os verdes e os amarelos suaves do trabalho de Monet e pensou na ação que acabara de desempenhar. Delaroche não retirava prazer da morte, mas nem mesmo assim sentia remorsos. Fora treinado para cometer assassinatos com uma celeridade brutal e mecânica. A rapidez com que

matava protegia-o de qualquer culpa, ou remorso. Era como se tivesse sido outra pessoa a cometer o ato. Não era ele o culpado. Os verdadeiros assassinos eram os homens que tinham ordenado a morte. Delaroche não passava da arma: a faca, a pistola, o objeto rombo. Se não fosse ele o contratado, seria outro no seu lugar.

Passou o resto do dia a descontrair-se. Almoçou no restaurante do hotel, onde voltou a transformar-se em Karel van der Stadt, turista holandês, e dormiu uma hora no quarto. À tarde, visitou a sua galeria e deixou os quadros. O dono considerou-os espetaculares e entregou-lhe um cheque de duzentos mil francos, a parte de Delaroche na venda dos últimos trabalhos.

Ao final da tarde, telefonou para Zurique. Herr Becker, o minucioso gerente do banco suíço confirmou-lhe que sim, um segundo depósito de um milhão de dólares fora efetuado na conta do cavalheiro. Isso significava que o corpo do agente americano fora encontrado. Ou, o que seria mais provável, os contratadores de Delaroche teriam assistido a tudo através de câmaras e microfones de vigilância.

Delaroche pediu o saldo e, após um instante de cálculo, Becker anunciou com gravidade que a conta apresentava um saldo de pouco mais de três milhões e meio de dólares.

Delaroche indicou-lhe que preparasse um levantamento de meio milhão de dólares, em notas de vários valores, que seriam recolhidas em quarenta e oito horas. Depois ordenou a Becker que transferisse três milhões de dólares para três contas separadas nas Baamas.

— Um milhão de dólares para cada conta, Monsieur Delaroche?

— Sim.

— Os números das contas, por favor? Delaroche citou-os de cor.

A reforma deixara Arbatov menos alerta. Tal como grande parte dos idosos que vivem sozinhos, acomodara-se numa rotina diária cuidadosamente planejada, da qual poucas vezes se afastava. Nela incluía-se o passeio do cão, todas as noites antes do jantar. A única coisa mais previsível do que Arbatov era o cão. Todas as noites urinava na mesma árvore e defecava na mesma área de grama no parque junto à casa de Arbatov.

Delaroche esperou ali, oculto na escuridão.

Arbatov aproximou-se à hora certa. Estava frio e voltara a cair uma chuva leve. O parque encontrava-se deserto. Mesmo que houvesse pessoas por perto, Delaroche sabia que levaria a cabo a ação de modo tão rápido e silencioso que nunca seria detectado.

Arbatov passou. Delaroche seguiu-o em silêncio.

O cão parou para urinar, na mesma árvore, cumprindo o horário.

Delaroche fez uma pausa e voltou a andar quando o animal terminou. Olhou à sua volta para confirmar que se encontrava sozinho. Satisfeito, reduziu a distância que o separava de Arbatov com alguns passos rápidos. Alarmado pelo ruído, Arbatov virou-se a tempo de ver Delaroche de braço erguido. O golpe foi de uma precisão brutal e acertou em Arbatov de um dos lados do pescoço, o que lhe despedaçou a coluna de imediato.

O velhote tombou. O cão ladrou furiosamente, debatendo-se na trela, que Arbatov segurava ainda. Delaroche procurou no interior do casaco de Arbatov e retirou-lhe a carteira. Os ladrões de rua não matam com um único golpe no pescoço, disse a si mesmo. Apenas os profissionais o fazem. Os ladrões batem e maltratam. Deu vários pontapés no rosto de Arbatov e afastou-se. A chuva caiu com mais intensidade. Os latidos do cão perderam-se na noite úmida. Delaroche caminhou com um passo normal. Tirou o dinheiro e os cartões de crédito da carteira de Arbatov e deixou-a num canteiro ao lado do caminho. Reparou no sangue no sapato direito à luz amarela e pálida da rua. Limpou-o com um jornal velho e voltou de táxi ao hotel. Ainda tinha tempo para apanhar o comboio. Fez a mala rapidamente e saiu.

Enquanto aguardava pelo comboio, na plataforma de embarque, deitou os cartões de crédito de Arbatov para o balde do lixo. A carruagem estava apinhada. Encontrou um lugar e pediu uma sanduíche e uma cerveja ao empregado. Depois fez uma almofada com o blusão e dormiu até que o comboio chegou a Brest.

WASHINGTON, D. C.

Susanna Dayton passou a tarde de domingo trabalhando do meio-dia às oito, sem interrupção, salvo para abrir a porta no meio da tarde para uma entrega. Tom Logan, o editor do *Post*, exigira mais, e ela o encontrara. O artigo era inatacável. Possuía documentos imobiliários e bancários reais que corroboravam as acusações mais graves. Tinha fontes humanas duplas e triplas que corroboravam as restantes. Nenhum dos mencionados no artigo poderia pôr em causa o que era dito. Os fatos falavam por si, e Susanna estava na posse dos fatos.

O dia foi gasto em escrever. Trabalhou em casa, pois não queria distrações. O artigo estava repleto de informações: números, nomes, datas, locais, pessoas. O desafio de Susanna era transformá-lo numa história interessante. Começou com uma breve descrição da personagem central, James Beckwith, um jovem procurador, um talento promissor sem fortuna pessoal, que poderia auferir no setor privado um rendimento bastante superior ao da política. Surge então Mitchell Elliott, um empresário da defesa e benfeitor republicano extremamente abastado. Continue na política, sugeriu Elliott ao jovem Beckwith, e deixe tudo comigo. Ao longo dos anos, Elliott enriqueceu os Beckwith com uma série de transações imobiliárias e financeiras. E o homem que concebeu muitos dos esquemas foi o principal advogado de Elliott, e lobista de Washington, Samuel Braxton.

O resto derivava dessa premissa. Pelas oito horas, Susanna escrevera um artigo de quatro mil palavras. Iria mostrá-lo a tom Logan na manhã seguinte. Devido à natureza bastante séria das acusações, Logan teria de o submeter ao crivo do editor geral e do editor chefe do jornal. Depois os advogados iriam analisar uma cópia. Sabia que os dias seguintes seriam longos e difíceis.

Ao artigo faltava um derradeiro elemento: comentários da Casa Branca, de Mitchell Elliott e de Samuel Braxton. Susanna procurou no Rolodex, encontrou o primeiro número de telefone e marcou-o.

— Alatron Defense Systems. — Era uma voz masculina, átona e vagamente militar. — Fala Susanna Dayton, do *Washington Post*. Gostaria de falar com Mitchell Elliott, por favor.

— Sinto muito, Sra.. Dayton, mas de momento o senhor Elliott não se encontra disponível.

— Importa-se de lhe transmitir um recado?

— com certeza.

— Tem uma caneta à mão? — E claro, Sra. Dayton.

— Gostaria que o senhor Elliott comentasse a seguinte informação contida num artigo que estou a preparar. — Falou durante cinco minutos, sem nunca ser interrompida pelo homem do outro lado da linha. Imaginou que o telefonema estivesse a ser gravado sem o seu consentimento. — Percebeu tudo?

— Sim, Sra. Dayton.

— E vai transmiti-lo ao senhor Elliott?

— É claro.

— Ótimo. Muito obrigada.

Susanna desligou e voltou a procurar no Kolodex. Ainda tinha o número pessoal de Paul Vandenberg, do tempo em que trabalhara na Casa Branca. Marcou o número.

Vandenberg atendeu pessoalmente.

— Senhor Vandenberg, fala Susanna Dayton. Sou jornalista do...

— Sei quem a Sra. é, Sra. Dayton. Não gosto de ser incomodado em casa. O que posso fazer por si?

Será que gostaria de comentar a seguinte informação que está incluída num artigo que redigi para o *Post*? — Mais uma vez, Susanna falou durante cinco minutos sem interrupção.

— Porque não me envia por fax uma cópia do artigo, para que eu possa analisar com mais cuidado as acusações? — sugeriu Vandenberg, quando Susanna terminou. — Receio não poder fazê-lo, senhor Vandenberg.

— Nesse caso, receio não ter mais nada a dizer-lhe, Sra. Dayton, exceto que produziu um artigo jornalístico desprezível, que não merece ser agraciado com um comentário.

Susanna anotou a citação no bloco de notas.

— Boa noite, Sra. Dayton.

A linha ficou em silêncio. Susanna procurou no Rolodex e encontrou o telefone de casa de Samuel Braxton. Estendia a mão para o telefone quando este tocou.

— Fala Sam Braxton.

— As notícias correm depressa.

— Pelo que sei, está prestes a publicar um artigo que calunia e difama Mitchell Elliott e minha pessoa. Quero que tenha noção das consequências de suas ações.

— Por que não me deixa ler as alegações antes de me ameaçar com um processo?

— Já me resumiram as acusações, Sra. Dayton. Pretende publicar esse relato no jornal de amanhã?

— Ainda não decidimos.

— Vou assumir essa resposta como um não.

Susanna cobriu o bocal e murmurou:

— Raios o partam, Sam Braxton, seu sacana arrogante.

— Por que não nos encontramos pela manhã e discutimos as alegações?

Susanna hesitou. Se discutisse assuntos legais com Braxton sem um advogado do *Post* a seu lado, Tom Logan acabaria com ela. Ainda assim, queria obter declarações de Braxton.

— É um favor que faz a si mesma, Sra. Dayton. Que mal há?

— Onde?

— Café da manhã no Four Seasons, Georgetown. Às oito.

— Lá nos encontraremos.

— Boa noite, Sra. Dayton.

Susanna tinha mais um telefonema a dar, para Elizabeth Osbourne. Estava prestes a publicar um artigo devastador sobre o homem mais poderoso da firma da amiga. Elizabeth merecia ser avisada. Teclou o número.

— Alô?

— Alô, Elizabeth? Escute, acho que precisamos falar.

Quando lhe telefonaram de Colorado Springs, Mark Calahan estava sentado na biblioteca da casa de Kalorama, a rodar os botões de um sofisticado equipamento de áudio. Salvo Susanna Dayton, Calahan sabia mais sobre as alegações presentes no artigo do que qualquer outra pessoa. Colocara sob escuta o telefone de Susanna na redação do *Post*, na 1th Street, o mesmo no telefone de casa. Instalara microfones na sala de estar e no quarto. Ouvia-a comer. Ouvia-a dormir. Ouvia-a falar com o cachorro. Ouviu-a na cama com um repórter televisivo, depois de um jantar no restaurante 1789, em Georgetown. Entrava na casa com regularidade e passava em revista os arquivos do computador. Um antigo criptoanalista da NSA, também a serviço de Mitchell Elliott, quebrara o código pueril de Susanna, o que permitira que Calahan lesse os arquivos à vontade. Só lhe faltava uma coisa: o produto final. — Entre na casa dela o mais depressa que puder. Temos que saber ao certo o que temos — ordenou Elliott.

— Sim, senhor.

— E quero que seja você a tratar disso. Não quero fracasso.

Calahan desligou o telefone e voltou a concentrar-se no equipamento. Aumentou os níveis de áudio dos transmissores no interior da casa de Susanna Dayton. Algo lhe chamou a atenção. Vestiu um blusão de couro preto e correu para a noite.

Dirigiu rapidamente através do noroeste de Washington, de Kalorama para Georgetown, e estacionou atrás da van de vigilância, em Volta Place. Bateu à porta traseira e o técnico deixou-o entrar. Dois minutos mais tarde, avistou Susanna Dayton a sair de Pomander Walk, vestida com um anoraque e calças de lycra, o cão a seu lado.

Calahan esperou até que ela desaparecesse de vista. Saiu da van, atravessou Volta Place e entrou em Pomander Walk. Possuía uma cópia da chave da porta. Segundos depois, tinha entrado.

Susanna atravessou a Wisconsin Avenue e correu para leste, ao longo da P Street. Era tarde e estava escuro, e combinara correr com Elizabeth pela manhã, mas estivera fechada dentro de casa o dia todo e precisava de fazer alguma coisa para aliviar o stresse. Doía-lhe o pescoço de olhar para a telado computador. Os olhos ardiam-lhe. Mas, depois de pouco mais de um quilômetro, sentiu a transpiração por baixo da gola alta. Foi dominada pela magia da corrida e a tensão do dia deixou-lhe lentamente o corpo.

Esforçou-se ainda mais, voando sobre o passeio de tijolo da P Street, passando à frente das grandes casas iluminadas. As patas de Carson ressoavam ritmadamente a seu lado. Passou por uma loja de conveniência, depois por um pequeno café. Jack e a nova esposa estavam sentados em bancos altos junto à montra, a falar bem próximos um do outro. Quando passou à frente deles, Susanna fitou-os como uma idiota. Jack levantou a cabeça e cruzaram o olhar. Depois a esposa viu-a.

Humilhada, Susanna desviou o olhar e correu mais depressa. Estúpida! Grande estúpida! Por que não olhaste para o outro lado? E que raio estavam eles a fazer em Georgetown? Fora por isso que Jack se mudara para Bethesda, para não andarem sempre a esbarrar um no outro. Deus do céu, porque não se limitara ela a olhar para o outro lado? Porque se deixara fitá-los como uma adolescente com uma paixoneta? E porque lhe batia o coração descompassado? A resposta era simples. Ainda amava Jack e nunca deixaria de o amar.

As lágrimas toldaram-lhe a visão. Correu ainda mais depressa. Carson esforçou-se por acompanhá-la. Os pés ressoavam furiosamente nos tijolos. Oh, meu Deus, por que estava ele ali sentado? Porra para ti, Jack. Porra! Não viu a raiz da árvore que se erguera um pouco do passeio. Não se apercebeu do pedaço de tijolo partido que se levantara. Sentiu uma pontada de dor no tornozelo e viu o chão saltar para ela nas trevas.

Susanna ficou inerte no chão, os olhos fechados, a arquejar. Sentia-se como se tivesse levado um coice na barriga. Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu.

Por fim, sentiu alguém sacudir-lhe o ombro, chamando-a pelo nome. Abriu os olhos e viu Jack ajoelhado a seu lado.

— Susanna, você está bem? Consegue me ouvir?

Voltou a fechar os olhos.

— Que diabo está fazendo em Georgetown? — perguntou.

— Sharon e eu tivemos um jantar. Minha nossa Sra., não sabia que tinha de te avisar com antecedência.

— Não, fiquei sobressaltada, só isso.

— Lembra da Sharon, não?

Estava de pé, atrás de Jack, um espanto de vestido formal e casaco curto pretos, que exibiam um par de pernas fenomenal. Era criminosamente magra. O casaco estava desabotoado, revelando um par de seios grandes e redondos. Fazia o tipo de Jack: loura, olhos azuis, grandes seios, cabeça oca.

— Gostaria de poder dizer que é um prazer vê-la, Sharon, mas estaria mentindo — declarou.

— Vamos para seu lado. Damos carona a você?

— Não, obrigada. Preferia ficar morrendo na rua.

Jack segurou-lhe a mão. Carson soltou um rosnado profundo. :

— Não faz mal, Carson. Ele é mau, mas inofensivo.

Susanna levantou-se.

— Vem ali um táxi. Jack, faz alguma coisa de útil e chama. Jack dirigiu-se à estrada e acenou ao táxi, que parou junto ao passeio. Susanna coxeou até o carro e entrou, seguida pelo cão.

— Até à vista, Jack, Sharon.

Fechou a porta e o táxi arrancou. Recostou-se no banco traseiro, agarrada ao tornozelo, a cabeça apoiada no couro frio do assento. Chorou baixinho. Carson lambeu-lhe a mão. Porque teve ele de me ver assim, meu Deus? Logo agora, porquê? O táxi parou entre Volta Place e Pomander Walk. Susanna procurou no bolso da frente do anoraque e tirou uma nota de cinco dólares, que entregou ao taxista.

— Precisa de ajuda? — indagou o homem.

— Não, eu fico bem, obrigada.

Quando Mark Calahan subiu as escadas e entrou no quarto do primeiro andar que Susanna utilizava como gabinete, o computador estava ainda ligado. Sentou-se, retirou umo disquete do bolso do casaco e inseriu-a na drive do computador. Já conhecia bem o sistema, as diretorias onde ela guardava os apontamentos e as cópias. Encontrou o atalho para o artigo e clicou no ícone. O software de encriptação solicitou a palavra-chave. Calahan introduziu-a e o artigo surgiu na tela.

Calahan não se deu ao trabalho de ler. Leria mais tarde, quando dispusesse de mais tempo. Voltou a fechar o arquivo e digitou o comando para o copiar para o disquete. Mais uma vez, o software pediu a chave, que Calahan voltou a fornecer.

Uma vez dentro da casa, decidiu aproveitar a oportunidade para recolher mais informações. Calahan seguira várias das corridas de Susanna, que nunca duravam menos de trinta minutos. Tinha tempo de sobra. Três blocos de notas estavam ao lado do teclado. Abriu a capa do primeiro. As folhas estavam cheias com os gatafunhos esquerdinos de Susanna. Tirou uma microcâmara do bolso, acendeu a luz do abajur na mesa e começou a fotografar.

Estava na metade do segundo bloco quando ouviu a chave ser introduzida na fechadura da porta da rua. Praguejou em silêncio, apagou a luz e puxou da cintura uma pistola 9mm com silenciador.

As dores no tornozelo direito de Susanna eram lancinantes. Fechou a porta e sentou-se no divã da sala. Descalçou o sapato e a peúga e observou o ferimento. O tornozelo estava inchado e roxo. Coxeou até a cozinha, encheu um saco de plástico com gelo e tirou uma garrafa de cerveja do frigorífico. O analgésico estava no armário dos medicamentos da casa de banho. Coxeou escadas acima e ao longo do corredor, apoiada ao corrimão para se equilibrar. Entrou na casa de banho, pousou a cerveja no lavatório e abriu o armário. Encontrou o analgésico e engoliu dois comprimidos com cerveja. Fechou a porta do armário.

No espelho viu o reflexo de um homem atrás de si.

Susanna abriu a boca para gritar, mas uma mão enluvada tapou-lhe a boca, abafando qualquer som.

— Cala-te, cabra, se não mato-te — disse o homem por entre os dentes cerrados. Susanna debateu-se ainda mais. Apoiou o peso no tornozelo ferido, levantou o pé esquerdo e puxou-o atrás contra a canela do indivíduo, tal como aprendera nas aulas de autodefesa urbana. O homem gemeu de dor e afrouxou o aperto. Susanna girou para a direita e atacou com esse cotovelo, acertando na face do atacante.

O homem largou-a e Susanna fugiu.

Cambaleou até o corredor, e depois até o gabinete de trabalho. Ao levar a mão ao telefone, apercebeu-se de que o indivíduo estivera a mexer no computador e nos blocos de notas. Levantou o receptor.

O homem apareceu na entrada e apontou-lhe uma arma.

— Larga a merda do telefone.

— Quem é você?

— Larga o telefone e não te faço mal.

Carson subiu as escadas a correr, a ladrar furiosamente. Agachou-se no corredor, com os dentes arreganhados ao intruso. O homem ergueu calmamente a arma e disparou duas vezes contra o cão. Carson ganiu uma vez e ficou em silêncio.

— Cabrão! Cabrão de merda! Quem é você? Foi Elliott que o enviou? Diga, porra! Foi Mitchell Elliott que o enviou?

— Larga o telefone. Já!

Susanna baixou o olhar e marcou o nove e o um.

O primeiro tiro acertou-lhe na cabeça antes de conseguir marcar o último dígito. Caiu para trás, ainda agarrada ao receptor, ainda consciente. Olhou para cima. O homem agigantava-se sobre ela, a arma mais uma vez apontada para a cabeça.

— Na cara não — implorou. — Pelo amor de Deus, não me dê um tiro na cara. A expressão de fúria do homem suavizou-se por um instante. Baixou a arma alguns graus e o cano apontou ao peito. Susanna fechou os olhos. A arma emitiu dois sons breves. Susanna sentiu apenas um momento de dor lancinante e depois viu um clarão de luz brilhante. Em seguida, apenas escuridão.

Calahan baixou-se, retirou-lhe o receptor da mão e voltou a colocá-lo no descanso. A morte fora rápida, mas não completamente silenciosa. Tinha de agir depressa. A polícia iria dar a volta à casa. Se descobrissem vestígios de que a mulher estava a ser vigiada, talvez associassem a morte a Elliott. A limpeza demorou menos de cinco minutos. Ao sair da casa, Calahan empunhava os blocos de notas, os dois microfones do quarto, o microfone do telefone, a bolsa de Susanna e o computador portátil.

Saiu de Pomander Walk, atravessou Volta Place e entrou na van de vigilância. Mais tarde iria buscar o carro. Enquanto se afastava a alta velocidade, marcou o número privado de Mitchell Elliott no celular. — Receio que nos tenha surgido um pequeno problema, senhor Elliott. Daqui a cinco minutos ligo-lhe, a partir de uma linha segura.

Calahan desligou e atirou o telefone contra o para-brisa.

— Raios partam, porque chegou ela mais cedo? Cabra de merda!

BRÉLÉS, FRANÇA

Delaroche decidiu que precisava de uma mulher.

Chegou a essa conclusão depois de ver o conteúdo do disco uma segunda vez, agora no computador da casa de Brélés. Dois dos três alvos que restavam eram conhecidos mulherengos. Delaroche conhecia os seus hábitos, onde comiam e bebiam, sabia qual a zona onde caçavam. Mesmo assim, seria difícil aproximar-se desses alvos.

Uma mulher tornaria as coisas mais fáceis.

Delaroche precisava de uma mulher.

Tinha mais um dia para gastar em Brélés. Quando terminou com os arquivos, foi andar de bicicleta. O tempo estava bom: limpo, para Novembro, com vento fraco vindo do mar. Sabia que passaria bastante tempo sem bicicleta, por isso fez por se levar ao limite. Pedalou para o interior ao longo de alguns quilômetros, até as colinas arborizadas da Finistère, regressando então à beira-mar. Fez uma pausa nas ruínas em Pointe de Saint-Mathieu e depois dirigiu-se a norte, ao longo da costa, de volta a Brélés.

Dedicou o início da tarde à preparação. Limpou e oleou as suas duas melhores armas, uma Beretta de 9 mm e a Glock, e confirmou várias vezes os mecanismos de disparo e os silenciadores. Tinha uma terceira arma que mantinha presa ao tornozelo, num coldre de velcro, uma pequena Browning automática concebida para ser guardada numa bolsa de mulher. No caso de uma pistola não ser adequada, levaria uma faca, um punhal sólido com lâmina dupla de quinze centímetros e sistema automático.

De seguida reuniu os passaportes falsos, francês, italiano, holandês, espanhol, sueco, egípcio e americano, e organizou as finanças. Tinha os duzentos mil francos da galeria de Paris, e em Zurique levantaria o meio milhão de dólares. Seria mais do que suficiente para financiar a missão. Saiu ainda de dia e dirigiu-se à aldeia. Comprou pão na boulangerie e salsicha, queijo e patê a Mademoiselle Plauché. Didier e os amigos bebiam vinho no café. Acenou a Delaroche para que se lhes juntasse. Num gesto fora do comum, o convite foi aceite. Pediu mais vinho e comeu pão com azeitonas até o pôr do sol. Nessa noite, tomou uma refeição simples no terraço de pedra com vista para o mar. Concordara em matar outros três homens em quatro semanas. Apenas um louco aceitaria tal coisa. Teria sorte se sobrevivesse à missão. Mesmo que vivesse, talvez não pudesse regressar a Brélés.

Delaroche sempre matara sem paixão mas, pela primeira vez em muito tempo, não se recordava quando, sentia uma excitação que lhe percorria o corpo. Era semelhante à sensação que tivera com dezesseis anos, na noite em que matara pela primeira vez.

Levantou os pratos e lavou-os na cozinha. Depois passou a hora seguinte a vasculhar a casa e a queimar tudo o que poderia sugerir a sua existência. Delaroche apanhou o comboio da manhã de Brest para Paris, e o comboio do meio-dia de Paris para Zurique. Chegou uma hora depois de o banco ter fechado. Deixou o pequeno saco na estação e cambiou alguns francos franceses num bureau de change.

Percorreu uma rua cintilante, ladeada por lojas iluminadas e exclusivas. Numa loja da Gucci, utilizou dinheiro vivo para comprar uma pequena mala preta para documentos. Disse ao empregado de balcão que não precisava de saco e, momentos depois, estava de volta ao passeio, com a mala dependurada do braço direito. Quando chegou à entrada austera do banco, nevava ligeiramente. A única indicação da natureza do estabelecimento era a pequena placa dourada ao lado da porta. Delaroche pressionou o botão da campainha e aguardou enquanto o segurança o inspecionava através da lente da câmara de vídeo instalada por cima da porta.

A tranca da porta abriu e pôde entrar numa pequena antecâmara de segurança. Pegou num telefone preto e anunciou que tinha um encontro com Herr Becker. Este chegou momentos depois, imaculadamente vestido, um palmo mais baixo do que Delaroche, e com uma cabeça calva que brilhava na luz fluorescente.

Delaroche seguiu-o ao longo de um corredor silencioso e debilmente iluminado, forrado com carpete bege. Becker levou-o para outra sala de segurança e trancou a porta por onde entraram. Delaroche sentia-se claustrofóbico. Becker abriu um pequeno cofre de onde retirou o dinheiro. Delaroche fumou enquanto Becker contou as notas.

A transação demorou menos de dez minutos a ser concluída. Delaroche assinou o recibo pelo dinheiro e Becker ajudou-o a guardá-lo na pasta.

Na sala de entrada, Becker olhou para a rua.

— Todo o cuidado é pouco, Monsieur Delaroche — disse. — Andam ladrões por aí. — Obrigado, Herr Becker, julgo poder tomar conta de mim próprio. Tenha uma boa noite.

— Igualmente, Monsieur Delaroche.

Delaroche não quis andar muito com o dinheiro, por isso apanhou um táxi até a estação. Levantou o saco do cacifo e comprou um bilhete de primeira classe num comboio noturno para Amsterdam.

Delaroche chegou à Centraalstation de Amsterdam bem cedo na manhã seguinte. Atravessou rapidamente o hall apinhado, os olhos orlados de vermelho pela noite mal dormida, e saiu para o sol brilhante. A visão das bicicletas surpreendeu-o: milhares delas, filas e filas de bicicletas.

Delaroche apanhou um táxi até o Hotel Ambassade, no Central Canal Ring, e registrou-se como Senor Arminana, um empresário espanhol. Passou uma hora ao telefone, mudando de língua para o caso de a telefonista do hotel estar a ouvir a conversa, e utilizando o léxico codificado do submundo do crime. Dormiu um pouco e, ao fim da manhã, estava sentado à janela de um restaurante cheio de fumo, a pouca distância do hotel.

Lá estava a livraria, do outro lado de uma praça movimentada. O estabelecimento granjeara a reputação bem merecida de snobismo, pois especializara-se em literatura e em filosofia, e recusava-se a vender ficção ou thrillers comerciais. O empregado do hotel comentou que certa vez o gerente expulsara à força de braços uma mulher que se atrevera a perguntar pelo novo livro de um famoso escritor americano de romances.

Era o lugar perfeito para Astrid. Avistou-a por duas vezes a arrumar livros na montra, a dar sugestões a um cliente que estava obviamente mais interessado nela do que em qualquer livro que pudesse estar a ser recomendado.

Astrid tinha esse efeito sobre os homens, sempre assim fora.

Era por isso que Delaroche viajara até Amsterdam.

Nascera Astrid Meyer, na vila de Kassel, perto da fronteira da Alemanha Oriental. Quando o pai abandonou a família, em 1967, a mãe voltara a utilizar o seu nome de solteira, que era Lizbet Vogel.

Após o divórcio, Lizbet instalou-se numa casa à beira de um lago, nas montanhas suíças, nos arredores de Berna. Perto do final da guerra, em Julho de 1944, a família fugiu da Alemanha e procurou refúgio numa aldeia próxima. Foi aí, sozinha nas montanhas com a mãe, que teve início o fascínio de Astrid Meyer pelo avô, Kurt Vogel.

Fumador inveterado durante toda a vida, Vogel morreu de cancro dos pulmões em 1949, dez anos antes de Astrid nascer. No fim da vida, Gertrude, a esposa, tentara afastá-lo das montanhas, mas Vogel acreditava que o ar alpino seria a sua salvação. Morreu em casa, sem conseguir respirar.

Trude Vogel pouco sabia acerca do trabalho do marido durante a guerra, mas o que sabia contou a Lizbet e esta transmitiu-o a Astrid. Abandonara uma carreira legal promissora em 1935 para se juntar à Abwehr, os serviços secretos alemães. Fora bastante próximo do chefe da Abwehr, Wilhelm Canaris, executado por traição pelos Nazis, em Abril de 1945. Enganara Trude durante anos, dizendo-lhe que era o conselheiro legal de Canaris. Mais tarde, admitiria a

verdade, que recrutara agentes que eram enviados para Inglaterra, para espiar os britânicos.

Lizbet recordava-se da noite.

O pai mudara a família para a Bavária, pois Berlim já não era segura. Lembrava-se do pai a chegar a casa, muito tarde, recordava-se da sua presença no quarto, enquadrado pela luz tênue que entrava pela porta. Mais tarde, recordava-se do som da mãe e do pai a falarem em voz baixa na cozinha, e do cheiro do jantar do pai. E depois ouviu o barulho de louça a partir-se, o som da mãe a arquejar. Ela e Nicole, a irmã gémea, rastejaram até o alto das escadas e olharam para o rés-do-chão. Lá em baixo, na cozinha, viram os pais e dois homens com as fardas pretas da SS. Não reconheceram um dos homens. O outro era Heinrich Himmler, o homem mais poderoso da Alemanha, logo a seguir a Adolf Hitler.

Durante anos, Lizbet Vogel acreditara que o pai fora um nazi, aliado de Himmler e das SS, um criminoso de guerra que escolhera morrer nas montanhas da Suíça, em vez de enfrentar a justiça na sua pátria. Concluiu que a mãe, em segredo, acreditava no mesmo. Quando a mãe morreu, Lizbet contou a história a Astrid, que cresceu a acreditar que o avô fora um nazi.

Então, durante uma tarde de Outubro de 1970, um homem telefonou para a casa e perguntou se poderia fazer uma visita. Chamava-se Werner Ulbricht, e trabalhara com Kurt Vogel na Abwehr, durante a guerra. Disse saber a verdade acerca do trabalho de Vogel. Lizbet pediu-lhe que lá fosse. Chegou uma hora depois. Era magro, pálido como farinha, apoiava-se numa bengala e usava uma pala negra sobre um olho.

Caminharam durante algum tempo, Werner Ulbricht, Lizbet e Astrid, e depois sentaram-se na margem relvada do lago e beberam café de um termo. Apesar do frio outonal no ar, o rosto de Ulbricht estava coberto de suor devido ao esforço. Descansou um pouco enquanto bebia café, e depois contou-lhes a história.

Kurt Vogel não era nazi. Odiava-os profundamente. Entrou para a Abwehr com a condição de não ser obrigado a aderir ao Partido, e Canaris teve todo o prazer em fazer-lhe a vontade. Não era conselheiro legal de Canaris. Era um angariador de agentes, e muito bom: meticuloso, brilhante, implacável, à sua maneira. Um dos seus agentes na Grã-Bretanha fora uma mulher. Juntos, tinham descoberto o mais importante segredo da guerra: a data e o local da invasão. Também descobriram que os britânicos estavam embrenhados numa fraude maciça para ocultar a verdade. Mas, em Fevereiro de 1944, Hitler despediu Canaris e colocou a Abwehr sob as ordens de Himmler e das SS. Vogel guardou a informação e juntou-se aos conspiradores anti-Hitler da Schware Kapelle, a

Orquestra Negra. Quando o golpe de de julho terminou em desastre, muitos dos elementos da Schware Kapelle foram presos e executados. Vogel fugiu para a Suíça.

Quando Ulbricht concluiu a narrativa, os olhos de Lizbet estavam marejados de lágrimas. Fitou o lago e observou o vento a agitar a superfície. ─ Quem era o outro homem que foi com Himmler a casa da minha mãe? ─ perguntou. ─ Era Walter Schellenberg, um oficial de alta patente das SS. Assumiu a Abwehr quando Canaris foi despedido. O seu pai enganou-o quanto à invasão. -─ E a mulher que era agente dele...? ─ indagou Lizbet, com a voz fraquejando. ─ Estava apaixonado por ela? A mãe sempre pensou que ele estava apaixonado por outra mulher.

─ Foi há muito tempo.

─ Diga-me a verdade, Herr Ulbricht.

─ Sim, ele a amava muito.

─ Como se chamava?

─ Anna Katerina von Steiner. O pai obrigou-a a tornar-se agente. Nunca regressou da Inglaterra.

A obsessão de Astrid pelo avô teve início nessa tarde. O seu avô, aliado de Wilhelm Canaris, um bravo resistente da Schware Kapelle que tentou livrar a Alemanha de Hitler! No sótão, encontrou uma arca com os pertences que a mãe guardara: velhos livros de direito e algumas fotografias antigas, cheias de rachas com a idade, peças de roupa. Observou-as horas a fio. Quando teve idade para isso, chegou a imitar a aparência do avô: o cabelo espetado que parecia ter sido cortado por ele, os óculos com lentes de cristal de rocha, os severos ternos de agente funerário. Tentou visualizar a agente chamada Anna Katerina von Steiner, a mulher que ele amara. Astrid não encontrou vestígios dela nos documentos do avô, por isso compôs um retrato mental: bela, corajosa, implacável, violenta.

Com dezoito anos, Astrid regressou à Alemanha para frequentar a universidade em Munique e envolveu-se de imediato com a política de esquerda. Acreditava que os Nazis ainda governavam a Alemanha. Acreditava que os Americanos eram ocupadores. Acreditava que os industriais escravizavam os trabalhadores. Imaginava o que o avô, o grande Kurt Vogel, teria feito. Iria juntar-se à resistência, é claro.

Em 1979, abandonou os estudos na universidade e aderiu à Fação do Exército Vermelho. Os líderes disseram-lhe que teria de abdicar do nome verdadeiro e assumir um *nom de guerre*. Escolheu Anna Steiner e desapareceu no mundo do terrorismo.

Morava numa casa-barco no Prinsengracht. Às três da tarde saiu da livraria, pegou na bicicleta e cruzou a praça. Delaroche pediu a conta.

Caminhou durante algum tempo, a empurrar a bicicleta, sem pressas. Delaroche seguiu-a calmamente. Pouco mudara desde a última vez que a vira, anos antes. Era alta e um pouco desajeitada, com pernas bonitas mas pouco graciosas e mãos compridas que pareciam buscar eternamente um repouso confortável. O rosto pertencia a outra época: tez pálida luminosa, maçãs do rosto largas, um nariz grande, olhos da cor da água dos lagos das montanhas. O cabelo sempre mudara de acordo com o estado de espírito e com a política adoptada, mas agora, no início da meia-idade, regressara ao estado natural: comprido, louro, preso com uma simples mola preta.

Delaroche seguiu-a para norte, ao longo do Keizersgracht. Astrid cruzou o canal em Reestraat, ao que voltou a dirigir-se a norte ao longo do Prinsengracht. Entrou na sombra da Westerkerk, onde se situa o túmulo anônimo de Rembrandt. Delaroche estugou o passo e reduziu a distância que os separava. Ao ouvir os passos, Astrid virou-se rapidamente, a mão na bolsa e alarme no rosto.

Delaroche segurou-lhe o braço com gentileza.

— Sou eu, Astrid. Não tenha medo.

O Krista tinha treze metros de comprimento, com uma casa de leme na popa, uma proa elegante e uma pintura verde e branca nova.

Estava atracado ao lado de uma barca quadrada e, para subir a bordo, Astrid e Delaroche tiveram de atravessar o convés de ré do vizinho. O interior estava limpo e era surpreendentemente espaçoso, com uma cozinha, um salão e um quarto na proa. A luz débil do final da tarde entrava por um par de claraboias e por uma fileira de vigias ao longo do talabardão.

Delaroche instalou-se no salão, observando Astrid a fazer café na cozinha. Falavam holandês, pois fazia-se passar por uma divorciada de Roterdão e não queria que os vizinhos a ouvissem a falar em alemão. Tal como todos os habitantes da cidade, era obcecada com a bicicleta. Já lhe tinham roubado quatro desde que chegara a Amsterdam. Contou a Delaroche sobre o dia em que passeava ao longo do Singel e passou por um homem que vendia bicicletas usadas. Entre elas, Astrid viu uma das suas bicicletas desaparecidas. Disse ao homem que lhe pertencia e exigiu que a devolvesse. O indivíduo replicou que ela estava maluca. Astrid espreitou por baixo do selim e encontrou a placa com o nome que lá colocara. Ele chamou-lhe mentirosa. Astrid agarrou na bicicleta e declarou que ia levá-la. O homem tentou detê-la. Ela atacou com um golpe lateral do cotovelo, fraturando-lhe a laringe, e depois partiu-lhe o queixo com um pontapé à meia volta. Levantou a bicicleta e afastou-se ao som das palmas, elevada ao estatuto de heroína de todos os habitantes de Amsterdam que já tinham perdido uma bicicleta no mercado negro.

Levou o café para o salão e sentou-se à frente de Delaroche. Soltou a mola do cabelo e deixou que este lhe caísse sobre os ombros. Era uma mulher bastante atraente que aprendera a esconder a beleza para se fundir com o ambiente que a rodeava. Delaroche permitiu-se um momento a apreciá-la.

— E o que te traz a Amsterdam, Jean-Paul? Negócios ou prazer?

— És tu, Astrid. Preciso da tua ajuda.

Abanou lentamente a cabeça e acendeu um cigarro. Delaroche imaginara que pudesse não estar disposta a trabalhar com ele. Matara com frequência e pagara um preço muito elevado por isso, uma vida passada a fugir a todas as forças policiais e serviços secretos do Ocidente. Conseguira acomodar-se tanto quanto possível, e agora Delaroche pedia-lhe que abrisse mão de tudo isso.

— Há muito tempo que deixei esse mundo, Jean-Paul. Estou cansada de matar.

Não gosto tanto de o fazer como tu.

— Eu não gosto de matar. Apenas o faço porque me pagam e porque não sei fazer mais nada. Em tempos foste muito boa.

— Matava porque acreditava em alguma coisa. Há uma grande diferença. E vê só o que consegui — contrapôs, apontando para o que a rodeava. — Bem, imagino que pudesse ser pior. Podia estar em Damasco. Que tempos terríveis.

Delaroche ouvira dizer que ela passara dois anos escondida na Síria, cortesia de Hafez al-Assad e dos seus serviços secretos, e outros dois anos na Líbia, como convidada de Mu'ammar Khadafi.

— Estou oferecendo a liberdade, a oportunidade de largar tudo para trás e dinheiro suficiente para passar o resto da vida num lugar confortável. Quer ouvir mais?

Astrid apagou o cigarro e acendeu outro de imediato.

— Raios te partam.

Delaroche levantou-se.

— Imagino que seja um sim — disse.

— Quantas pessoas vamos matar?

— Volto daqui a meia hora.

Regressou ao hotel, fez as malas e pagou a conta. Trinta minutos depois, descia pela escotilha do Krista, com o pequeno saco de viagem e uma pasta de nylon com o computador portátil. Voltaram a instalar-se no salão, Delaroche ao computador, Astrid sentada numa otomana. Delaroche percorreu os alvos, um a um. Astrid manteve-se imóvel como uma estátua, as pernas cruzadas por baixo do corpo, uma mão comprida a apoiar o queixo, a outra com um cigarro. Não

disse nada, não fez perguntas, pois, tal como Delaroche, tinha uma memória prodigiosa.

— Se me ajudares, pago-te um milhão de dólares — adiantou Delaroche, ao concluir as informações. — E ajudo-te a instalares-te num sítio seguro e um pouco mais agradável do que Damasco. — Quem te contratou?

— Não sei.

Astrid ergueu uma sobrancelha.

— Nem parece teu, Jean-Paul. Devem estar a pagar-te muito dinheiro. — Puxou uma passa do cigarro e soprou uma espiral de fumo para o teto. — Leva-me a jantar. Tenho fome.

Tinham sido amantes, há muito tempo, quando Delaroche ajudou a Fação do

Exército Vermelho com um assassinato particularmente difícil. Regressaram ao

Krista depois do jantar num pequeno restaurante francês com vista para o Herengracht. Delaroche deitou-se na cama. Astrid sentou-se a seu lado e despiu-se em silêncio.

Tinham passado muitos meses desde que levara um homem para a sua cama e, da primeira vez, amou-o rapidamente. Depois acendeu velas, e juntos fumaram cigarros e beberam vinho, com a chuva a martelar na claraboia por cima dos seus corpos. Fez amor com ele uma segunda vez muito lentamente, envolvendo-lhe o corpo com os braços e as pernas compridas, tocando-lhe como se fosse feito de cristal. Astrid gostava de ficar por cima. Gostava de controlar. Não confiava em ninguém, especialmente nos amantes. Pressionou-lhe o corpo durante muito tempo, beijando-lhe a boca, fitando-lhe os olhos. Depois ajoelhou-se, as pernas abertas sobre o corpo do parceiro, e foi como se Delaroche já lá não estivesse. Astrid brincou com o cabelo, afagou os mamilos dos seios pequenos e arrebitados. Depois fechou os olhos e lançou a cabeça para trás. Implorou-lhe que chegasse dentro dela. Quando ele o fez, Astrid estremeceu várias vezes e depois tombou sobre o peito dele, o corpo úmido com a transpiração.

Momentos depois, deitou-se de costas e fitou a chuva a escorrer na claraboia. -— Promete-me uma coisa, Jean-Paul Delaroche — disse-lhe. Promete-me que não me matas quando já não precisares de mim.

— Prometo que não te mato.

Astrid apoiou-se no cotovelo, olhou-o nos olhos e beijou-lhe os lábios.

— Tem visto Arbatov?

— Sim, em Roscoff, há uns dias.

— Como está ele? — perguntou Astrid.

— Como sempre — respondeu Delaroche.

WASHINGTON, D. C.

Naquela manhã fria, Elizabeth Osbourne aguardava à esquina das ruas 34th e M, a correr sem sair do sítio, a soprar as mãos para as aquecer. Olhou para o relógio. Susanna estava cinco minutos atrasada. A amiga tinha muitos defeitos, mas a falta de pontualidade não se incluía na lista. Atravessou a rua e dirigiu-se a um telefone público, onde marcou o número da casa de Susanna. O atendedor de chamadas disparou.

— Susanna, é a Elizabeth. Atende, se aí estiveres. Estou à tua espera à esquina. Vou dar-te mais alguns minutos, mas depois tenho de me ir embora. Volto a ligar-te do trabalho.

Ligou para a extensão de Susanna, no Post. Foi o voice mail quem atendeu.

Elizabeth desligou sem deixar mensagem.

Olhou para a 34th Street, mas não viu sinais de Susanna, nem de Carson. Telefonou para casa e confirmou se Susanna deixara alguma mensagem no gravador de chamadas. A máquina disse-lhe que tinha uma mensagem. Marcou o código de acesso, mas era apenas Max, a dar-lhe conta de que um almoço tinha sido cancelado.

Desligou a pensar: Raios partam, onde é que ela está'?

Pensou no telefonema de Susanna da noite anterior. Estava prestes a publicar um grande artigo sobre Mitchell Elliott e Samuel Braxton. Talvez estivesse ao telefone, a finalizar a peça. Talvez estivesse a falar com os editores.

Virou-se e correu a 34th Street acima. Virou à direita em Volta Place e depois novamente à direita para Pomander Walk. Subiu os degraus da casa de Susanna e tocou à campainha. Ninguém respondeu.

Bateu com o punho na porta de madeira. Voltou a não ter resposta. Do interior não se ouvia nada. Carson estava sempre alerta. Regra geral, começava a ladrar antes de Elizabeth bater à porta. Se o cão estivesse lá dentro, por essa altura já estaria a ladrar.

Virou-se e viu luzes na casa de Harry Scanlon. Cruzou o acesso e bateu à porta. Scanlon veio abrir de roupão.

— Lamento incomodá-lo, Harry, mas a Susanna e eu tínhamos combinado uma corrida e ela deixou-me pendurada. Não é do feitio dela. Estou preocupada. Ainda tem a chave?

— Claro, espere só um instante.

Scanlon desapareceu dentro de casa e regressou momentos depois com uma chave. ─ Eu ajudo-a ─ ofereceu-se.

Dirigiram-se à porta da casa de Susanna. Scanlon enfiou a chave na fechadura e abriu a porta.

─ Susanna! ─ chamou Elizabeth. Não houve resposta.

Deu uma vista de olhos à sala e à cozinha. Tudo parecia normal. Começou a subir as escadas, sempre a chamar por Susanna, com Scanlon atrás dela.

Quando chegou ao patamar, viu o cão.

─ Ai, meu Deus! Susanna! Susanna!

Passou por cima do corpo do animal e espreitou para a casa de banho. Os mosaicos brancos estavam cobertos de vidros da garrafa de cerveja que caíra e se partira. Elizabeth deu mais alguns passos pelo corredor e olhou para o gabinete de trabalho.

Virou-se e gritou.

Elizabeth estava sentada nos degraus da casa de Harry Scanlon, com um cobertor de lã pelos ombros. Meia dúzia de carros da polícia, com as luzes vermelhas e azuis a brilhar, entupiam Volta Place. A van forense já chegara e os técnicos reviravam o interior da casa de Susanna. Tentou falar com Michael, mas este não atendeu o telefone.

Ditou à telefonista um recado urgente e o telefone de Harry Scanlon.

Bolas, Michael, preciso de ti, pensou.

Elizabeth aconchegou-se mais com o cobertor, mas não conseguia parar de tremer. Fechou os olhos, mas viu o corpo lacerado de Susanna no chão, e viu o sangue. Meu Deus, tanto sangue! Apercebeu-se de que alguém a chamava. Abriu os olhos e viu à sua frente um afro-americano de pele clara e olhos de um verde profundo. O distintivo da polícia estava pendurado do paletó do terno azul.

─ Senhora Osbourne, sou o detective Richardson, dos Homicídios. Pelo que sei, foi a Sra. quem encontrou o corpo.

─ É verdade.

─ A que horas?

─ Entre as sete e um quarto e as sete e vinte, se não estou em erro.

─ Conhecia a vítima?

A vítima, pensou Elizabeth. Susanna já perdera o nome. Agora não passava da vítima.

─ Éramos muito amigas, Detetive. Conhecia-a há vinte anos. Tínhamos combinado ir correr esta manhã. Como não apareceu, vim à procura dela. O vizinho tinha a chave e entrei em casa dela.

─ Reparou em alguma coisa fora do normal?

— Tirando o corpo, não.

— Sinto muito, Sra. Osbourne. Onde trabalhava ela?

— Era jornalista do The Washington Post.

— Bem me parecia que conhecia o nome. Trabalhou na Casa Branca durante algum tempo, certo? Costumava participar naquele programa da mesa redonda.

Elizabeth aquiesceu.

— Pode parecer-lhe uma pergunta estranha, mas sabe de alguém que a quisesse matar?

— Ninguém.

— Passava-se alguma coisa anormal na vida dela?

— Não.

— Namorados zangados? Amantes abandonados?

Elizabeth abanou a cabeça.

— Marido?

— Voltou a casar-se.

— Como era a relação entre os dois?

— Trabalho com ele, Detetive. É associado na minha firma. Pode ser um monte de esterco, mas não é um assassino.

— Não encontramos a bolsa dela. Sabe se tinha alguma?

— Sim, deixava-a sempre em cima da bancada da cozinha.

— Não está lá.

— Quem fez isto?

— Não fazemos ideia. Ao que parece, tinha alguém dentro de casa e ela o surpreendeu. Estava vestida com roupa de corrida, mas sem um dos ténis. Parece que torceu o tornozelo. O cão estava preso.

— E a mataram.

— Nesta cidade há muitas pessoas que preferem matar a deixar uma testemunha que as possa identificar mais tarde. — O tom da voz do detective era casual. Levou a mão ao ombro de Elizabeth. Lamento imenso, Sra. Osbourne. Fique com o meu cartão. Se por acaso se lembrar de mais alguma coisa, diga-me. Elizabeth ouviu o telefone tocando dentro da casa. Harry Scanlon surgiu na porta, os olhos vermelhos. — É o Michael — indicou.

Elizabeth levantou-se e entrou, sem grande equilíbrio.

— Michael, vem para casa depressa. Preciso de você.

— O que aconteceu? Por que você está na casa do Harry?

— Susanna morreu. Foi morta dentro de casa. Fui eu que a encontrei. Ai meu Deus, Michael... — As lágrimas embargaram sua voz. — Por favor, Michael, vem depressa para casa.

— Fique aí. Vou buscá-la.

— Não. Vá para casa. Preciso andar. Preciso pegar ar.

Olhou pela janela e viu o corpo de Susanna, enrolado num lençol branco, sendo retirado de maca. Mantivera a compostura até aquele momento, mas ver Susanna daquela forma roubou-lhe as últimas forças.

— Elizabeth, você está aí? Elizabeth, fale comigo.

— Eles a estão levando. Ai, meu Deus, pobre Susanna! Estou só pensando no que ela deve ter sofrido antes de morrer. Não consigo deixar de pensar nisso.

— Saia daí. Vá para casa. Vai se sentir um pouco melhor. Acredite.

— Ande depressa.

— Sim.

Elizabeth desligou o telefone. Scanlon tinha um disquete na mão. — Bem, acho que ela já não precisa dissto. — Fez uma pausa e os olhos encheram-se de lágrimas. — Céus, nem acredito que disse isto.

— O que é?

Scanlon explicou o sistema que usavam, como Susanna fazia sempre cópias do trabalho e as deixava em sua caixa do correio.

— Era paranoica.

— Eu sei. Na faculdade de Direito, guardava as coisas na geladeira, porque tinha lido em algum lugar que geladeiras resistem a incêndios. — Elizabeth sorriu com a recordação. — Sinto tanta falta dela. Nem acredito que isto esteja acontecendo.

Scanlon pousou o disquete na bancada da cozinha.

— Encontrei-a ontem à noite, quando cheguei a casa. Ela deve tê-la deixado quando foi correr. É engraçado, sempre pensei que ela era maluca por correr à noite, mas foi morta dentro de casa.

Elizabeth pensou no telefonema de Susanna na noite anterior. Passara o dia a trabalhar num artigo importante. O que ela escrevera deveria estar naquela disquete.

— Posso ficar com ele? — perguntou Elizabeth.

— Claro, mas não vai conseguir ler o que está aí.

— Por quê?

— Porque ela usava software de encriptação. É como lhe digo, ela era paranoica com o trabalho.

— Não sabe a senha?

— Não, nunca me disse. Imaginava que tivesse dito a você.

Elizabeth abanou a cabeça.

— E os editores do *Post*?

— Nem pensar. Ela não confiava em ninguém, muito menos nas pessoas com quem trabalhava.

— Vou ficar com ele — declarou Elizabeth. — Tenho um amigo que entende um pouco dessas coisas.

Elizabeth mostrou o disquete a Michael quando estavam na cama, cercados pelos lençóis desalinhados. Michael acendeu um cigarro e revirou o disquete na mão. Elizabeth deitou a cabeça na barriga bronzeada do marido e percorreu os pêlos escuros do peito dele com o dedo. Sentia-se culpada por terem feito amor numa altura dessas. Quando chegou a casa queria estar perto dele. Queria abraçá-lo e nunca o perder de vista. Estava com medo, aterrorizada com o que acontecera à amiga, e não queria soltá-lo. Abraçou-o. Beijou-lhe os lábios, os olhos e o nariz. Despiu-o e fez amor com ele, lentamente, gentilmente, como se desejasse que nunca chegasse ao fim. Agora estava deitada ao seu lado, a ver a chuva a escorrer pelas janelas do quarto.

— O Harry diz que está protegida.

— Isso não é problema. Só precisamos de descobrir a palavra-passe.

— E como pretendes fazer isso?

— As pessoas são preguiçosas. Usam datas de nascimento, endereços, todo tipo de palavras e números que possam lembrar com facilidade. Conhece Susanna melhor do que ninguém.

— Precisa de software especial?

— Tenho no meu computador.

— Vamos.

Vestiram os roupões e percorreram o corredor até o gabinete de Michael, que se sentou à secretária. Elizabeth ficou atrás dele, as mãos agarradas aos ombros do marido. — Data de nascimento?

— 17 de novembro de 1957.

Michael introduziu a versão numérica: 17-11-57. Na tela surgiu:

ACESSO NEGADO PALAVRA-CHAVE INCORRETA

— Data de nascimento ao contrário — disse Michael. O computador deu a mesma resposta.

Endereço... Endereço ao contrário... Número de telefone... Número de telefone ao contrário... Telefone do trabalho... Telefone do trabalho ao contrário... Nome... Nome ao contrário... Nome do meio... Nome do meio ao contrário... Sobrenome... Sobrenome ao contrário...

— Podemos ficar aqui eternamente — comentou Elizabeth.

— Eternamente, não.

— Pensei que tivesse dito que ia ser fácil.

— Disse que não era problema. Nomes dos pais?

— Maria e Carmine.

— Maria e Carmine?

— Ela é italiana.

— Ela era italiana.

Michael trabalhou durante as duas horas seguintes. Descobriu mais sobre a vida de Susanna do que julgara possível: namorados, cidade natal, banco, filme preferido, livro predileto. Tentou tudo, para a frente, para trás, de lado, e nada resultou.

— Como se chamava o cão?

— Carson.

— Por que Carson?

Elizabeth sorriu.

— Porque tinha insônia e adorava The Tonight Show.

Michael digitou CARSON. Nada. Experimentou JOHNNY. Nada. Tentou DOC e ED. Nada.

— Tinha gravado os últimos dois programas. Estava sempre revendo.

— Quem foi o convidado do último programa?

— Foi só Johnny, lembra? Foi só ele falando com o público.

— E no anterior?

— Bette Middler. Ela adorava a Bette Middler.

Michael escreveu BETTE. Nada. MIDDLER. Nada. Escreveu os nomes ao contrário.

Nada.

Bateu com a palma da mão na mesa. — Sai da frente — disse Elizabeth.

Inclinou-se sobre o ombro do marido, escreveu THE ROSE e pressionou a tecla ENTER. O computador hesitou durante alguns segundos e a última coisa que Susanna Dayton escrevera apareceu na tela.

Meu Deus — exclamou Michael.

AMSTERDAM

A casa flutuante no Prinsengracht assumira a aparência de uma sala de operações militares. Delaroche chegou a pensar brevemente em regressar a Brélés, mas era uma aldeia, com a normal tendência das aldeias para os mexericos, e sabia que a presença de uma loura alta iria fazer despertar o interesse de Didier e dos seus compinchas. Além disso, o Krista garantia uma

atmosfera descontraída e reservada onde planear os assassinatos. Nas paredes afixou mapas de grande escala das ruas das cidades onde iria levar a cabo as mortes: Londres, Cairo, Washington. Levantava-se cedo todas as manhãs e trabalhava enquanto Astrid dormia. Depois passavam duas horas juntos, a falar e a planear, até que ela se dirigia à livraria, às dez horas.

À tarde, as paredes começavam a oprimi-lo e Delaroche levava emprestada a terrível bicicleta de Astrid e pedalava através das ruelas estreitas à volta do canal. Encontrou uma loja de material de pintura, comprou um pequeno estojo de aguarelas e pintou vários belos quadros das pontes, dos barcos e das casas de fachadas triangulares sobranceiras aos canais. No quarto dia, uma frente fria começou a soprar, vinda do mar do Norte. Nos dois dias seguintes, o Krista encheu-se com os gritos divertidos de centenas de patinadores que deslizavam sobre a superfície gelada do Prinsengracht.

Todas as noites ia buscar Astrid à livraria e levava-a a um restaurante diferente. Depois passeavam ao longo dos canais batidos pelo vento e bebiam cerveja De Konmck nos bares impregnados do odor a cannabis de Leidseplein.

Fez amor com ele duas noites seguidas, e depois rejeitou-o outras duas. Astrid tinha um sono agitado, atormentado por pesadelos. Na véspera da partida acordou em pânico, alagada em suor, à procura da pequena Browning automática que mantinha sempre no chão, ao lado da cama. Poderia ter matado Delaroche, caso este não lhe tivesse retirado a arma das mãos, antes que ela a destravasse. Fez amor com ele loucamente e implorou-lhe que nunca a deixasse.

A manhã seguinte acordou gelada e cinzenta. Fizeram as malas em silêncio e trancaram o Krista com um cadeado. Delaroche destruiu os quadros. Astrid telefonou para a livraria. Surgira-lhe uma emergência familiar e precisava de alguns dias de folga. Iria manter-se em contato.

Foram de táxi até a Centraalstation e apanharam o comboio da manhã para a vila de Hoek van Holland. Seguiram mais uma vez de táxi para o terminal dos ferries e tomaram um pequeno-almoço tardio de pão e ovos num pequeno restaurante à beira da água. Uma hora depois embarcaram no ferry para Harwich, na Grã-Bretanha, do outro lado do mar do Norte.

A travessia costumava demorar seis horas, com bom tempo, oito ou mais, com o mar revolto. Nesse dia, as águas eram fustigadas por uma tempestade gelada vinda do mar da Noruega. Astrid, propensa a enjoos, passou grande parte da viagem na casa de banho, vomitando com violência, sempre a maldizer o nome de Delaroche. Este estava no convés, ao ar gélido, a observar as ondas que rebentavam na proa do ferry.

Pouco antes de chegarem, Astrid mudou a aparência. Apanhou o cabelo louro e cobriu a cabeça com uma peruca preta que lhe dava pelos ombros.

Delaroche envergou um boné de basebol com o nome de um cigarro americano e, apesar do mau tempo, os óculos-de-sol Ray-Ban.

A Comunidade Europeia tornou mais fácil a vida do terrorista internacional pois, uma vez no interior de um Estado membro, a passagem para outro é feita quase sem riscos. Delaroche e Astrid entraram no Reino Unido com passaportes holandeses, fazendo-se passar por turistas solteiros, tendo apenas de se submeter a uma inspeção superficial dos documentos, levada a cabo por um agente britânico enfadado. Mesmo assim, Delaroche sabia que as forças de segurança britânicas gravavam em vídeo todos os passageiros que entravam no país, independentemente do passaporte apresentado. Sabia que ele e Astrid tinham acabado de deixar as primeiras pegadas.

Quando Delaroche e Astrid embarcaram no comboio na estação de Harwich, a noite tombara já sobre a costa inglesa. Noventa minutos depois, chegavam a Londres. Como base de operações, Delaroche escolheu um pequeno apartamento de serviço em South Kensington. Alugou-o por uma semana a uma empresa que se especializava em casas para turistas. A primeira ação foi cancelar o aspeto de "serviço" do negócio. Não precisava de uma empregada a meter o nariz nas suas coisas. O apartamento era modesto mas confortável, com uma cozinha totalmente funcional, uma sala grande e um quarto separado. A linha telefônica era direta, sem telefonistas envolvidas, e a casa tinha janelas grandes que davam para a rua.

Não perderam tempo. O alvo era um agente do MI6 chamado Colin Yardley, um antigo operacional de campo de cinquenta e quatro anos que servira na União Soviética, no Oriente Médio e, nos últimos tempos, em Paris, e que aguardava a reforma compulsiva a fazer serviço de secretária na sede. Enquadrava-se no perfil de muitos agentes dos serviços secretos no fim da carreira: esgotado, amargo, divorciado. Bebia demasiado e envolvia-se com inúmeras mulheres. O Departamento de Pessoal do MI6 dissera-lhe, sem rodeios, para acabar com isso. Yardley dissera aos lacaios do Pessoal que se danassem. Estava tudo no relatório de Delaroche. Seria fácil matá-lo. O desafio era matá-lo da forma correta.

Apesar dos anos passados em campo, desde que regressara a Londres Yardley tornara-se preguiçoso e descuidado. Apanhava todas as noites um táxi desde a sede do MI6 à beira rio até um restaurante e bar em Sloane Square. Era aí o seu terreno de caça: jovens atraídas pela sua boa aparência madura, divorciadas abastadas do West End, esposas aborrecidas em busca de uma noite de sexo anônimo. Chegou poucos minutos depois das seis e instalou-se no seu lugar habitual no bar.

Astrid Vogel estava à sua espera.

Não era a mesma mulher que Delaroche vira na livraria de Amsterdam dez dias antes. Passara a tarde na Harrod's e nas lojas resplandecentes de Bond Street, armada com uma boa provisão do dinheiro de Delaroche. Usava agora um vestido preto, meias pretas, um relógio de ouro e uma fiada dupla de pérolas ao pescoço. A mola preta simples desaparecera-lhe do cabelo, que fora aparado e penteado por um estilista italiano de um salão em Knightsbridge. Caía-lhe agora à volta do rosto e do pescoço. Astrid sabia disfarçar a sua beleza natural, mas também sabia como chamar a atenção quando necessário.

Delaroche estava sentado num banco em Sloane Square, fingindo ler um exemplar do The Evening Standard comprado numa banca perto da estação de metro da praça. Observou o desenrolar dos acontecimentos no interior do restaurante como uma pantomima. Astrid sentada sozinha no bar, o cigarro eterno entre os dedos compridos e magros. Yardley, alto, grisalho, distinto, pergunta se o lugar ao seu lado está livre. À frente dele surge de imediato uma bebida, o habitual, e, pela sua expressão, julga que ela ficou impressionada. Acena ao empregado para que este sirva à Sra. outro copo de vinho branco. Astrid, grata, vira o corpo para o encarar, uma perna comprida cruzada de modo sugestivo sobre a outra, a saia bem subida na coxa. Já lhe pertence. A mulher solitária e assustada da casa flutuante de Amsterdam desapareceu. É uma holandesa decidida e cosmopolita cujo marido ganha dinheiro e ignora-a demasiado e, sim, pode acender-me o cigarro, querido.

Após uma hora, ela levanta-se e veste o casaco. Apertam as mãos de modo formal.

Ela permite que os dedos permaneçam um instante a mais nos dele. Pergunta-lhe onde está hospedada? No Dorchester. Pode dar-lhe boleia? Não, não é necessário. Pode chamar-lhe um táxi? Não, ela trata disso. Poderão encontrar-se novamente, antes que deixe Londres? Volte amanhã à noite e, se tiver sorte, querido, estarei aqui.

Cruzou rapidamente a praça, passando por Delaroche, embrenhado na leitura do jornal. Dirigiu-se a norte, subindo Sloane Street.

Delaroche viu Yardley chamar um táxi e entrar para o carro. Levantou-se e atravessou a praça até Sloane Street.

— Como correu?

— Se deixasse, tinha-me fodido ali mesmo no bar.

— Quer dizer que se mostrou interessado?

— Convidou-me para ir a casa dele, para uma bebida e caril de take-away. Disse-lhe que o meu marido poderia ficar zangado se eu não estivesse no hotel quando a reunião acabasse.

— Ótimo, não quero que pense que és uma prostituta. Além disso, não pode ser tão estúpido como parece. E quanto a amanhã à noite?

— Deixei bastante claro que voltaria ao bar.

— Ele volta.

— Por favor, Jean-Paul, não quero que ele me beije. O hálito dele cheira a merda.

— Essa parte da operação fica nas tuas mãos.

— Meu Deus, espero que não tente beijar-me. Se tentar, juro que sou eu que o mato.

Na noite seguinte, Yardley chegou primeiro. De vigia no banco de Sloane Square, Delaroche reprimiu uma gargalhada ao ver o tão bem treinado agente dos serviços secretos britânicos lançar uma série de olhares ansiosos na direção da porta. Depois de meia hora, Delaroche decidiu que Yardley já esperara tempo suficiente pela sua recompensa. Fez sinal a Astrid, que estava sentada à janela de um bar do outro lado da praça. Cinco minutos depois entrava no restaurante, diretamente para os braços de Colin Yardley.

Provocou-o. Brincou com ele. Bebia-lhe cada palavra. Passou-lhe os dedos pelo cabelo. Permitiu que lhe pagasse demasiados copos de Sancerre. Inclinou-se para a frente, para que ele pudesse espreitar-lhe pela blusa e ver que não trazia sutiã. Afagou-lhe a barriga da perna com a ponta do caro sapato Bruno Magli. Tentou ir-se embora por várias vezes — o meu marido vai perguntar-me onde andei, querido — mas ele fazia sinal ao empregado do bar, que trazia outro copo de Sancerre. Ela não tinha força de vontade para se afastar daquele homem tão interessante, e seja um querido e peça outro maço de Marlboro Light 100s, por favor. Astrid, a sedutora. Astrid, a necessitada. Astrid, a holandesa faminta por sexo, que faria tudo pela atenção de um inglês de meia-idade, com um terno de Savile Row e uma casa dispendiosa. Delaroche apreciou o trabalho dela a partir da praça. Sentiu outra coisa: uma pontada de ternura. Levou a mão ao casaco e sentiu a coronha da Glock.

A parte seguinte correu de acordo com o planeado. Astrid inclinou-se para a frente e murmurou-lhe ao ouvido. Yardley pagou a conta e foi buscar os casacos.

Dois minutos depois, entravam para um táxi.

Delaroche observou-os a afastarem-se. Levantou-se e seguiu-os lentamente, através de Sloane Square, para oeste, ao longo da King's Road. Não ficou alarmado quando perdeu o táxi de vista. Sabia exatamente para onde iam, para a casa de Yardley, em Wellington Square.

Fá-lo entrar em casa, Astrid. Diz-lhe que tens pressa. Que o teu marido vai perder a cabeça se te demorares. Leva-o diretamente para a cama. Não te

preocupes com a porta. Eu trato da porta.

Delaroche virou à esquerda em King's Road e entrou na calma de Wellington Square. O ruído do trânsito da hora de ponta reduziu-se para um ronco abafado. Começou a chover ao de leve. Delaroche atravessou rapidamente a praça, a gola erguida, as mãos enfiadas nos bolsos.

A casa de Yardley estava às escuras, perfeito. A fechadura da porta da rua não levantou grande problema e, dali a poucos segundos, estava no interior da casa. Ouviu o som de vozes no andar de cima, no quarto. Astrid desempenhara bem o seu papel.

Quando Delaroche entrou no quarto, encontrou Yardley encostado à cabeceira da cama, de camisa e peúgas, a masturbar-se enquanto Astrid executava um striptease lento aos pés da cama. Por um momento, Delaroche chegou a ter pena do homem. Ia sofrer uma morte humilhante.

Delaroche retirou a Glock da cintura das calças e entrou no quarto. O alarme surgiu de imediato no rosto de Yardley. Astrid parou de dançar e afastou-se.

Delaroche ocupou o lugar deixado vago aos pés da cama. Depois ergueu o braço e alvejou Colin Yardley rapidamente, três vezes no rosto.

O corpo tombou da cama para o chão. Astrid avançou, deu um pontapé na cabeça de Yardley com a ponta do sapato Bruno Magli e cuspiu-lhe no rosto. Astrid, a revolucionária.

Delaroche informou a agência imobiliária que teria de cancelar as férias em Londres devido a uma emergência familiar. Antes de deixar o apartamento, ligou o computador portátil e enviou uma mensagem codificada aos empregadores, dizendo-lhes que a missão fora cumprida e que deveriam transferir os fundos determinados para a conta específica em Zurique. Apanhou com Astrid um comboio noturno para Dover e passaram a noite num hotel pitoresco. De manhã apanharam o primeiro ferry para Calais, onde alugaram um Renault, e seguiram para norte, ao longo da costa do Canal. A noite estavam de volta ao Krista, no calmo Prinsengracht em Amsterdam.

O corpo de Colin Yardley foi encontrado no início dessa tarde, quando Delaroche e Astrid passavam da França para a Bélgica. A Segurança do MI6 ficou alarmada, pois Yardley não se apresentara ao serviço e ninguém atendia os repetidos telefonemas para sua casa em Wellington Square. Uma equipe do MI6 arrombou a porta pouco depois da uma da tarde e encontraram o corpo no quarto do primeiro andar. A Polícia, contudo, apenas foi informada da morte às quatro e quinze. A BBC noticiou a morte de um homem não identificado nas *Nine O'Clock News*. Quando a ITN iniciou a transmissão das dez, o cadáver tinha nome e profissão: Colin Yardley, um quadro médio do Ministério dos Negócios

Estrangeiros. Durante o programa telefonaram para a redação. Quem ligou disse que a morte de Yardley fora levada a cabo pelo Provisional Irish Republican Army. Foi apresentado o código de reconhecimento especial como prova de que a reivindicação era autêntica.

Pela manhã, os repórteres da BBC tinham descoberto a verdadeira ocupação de Yardley: agente dos Serviços Secretos de Espionagem, o MI6.

Jean-Paul Delaroche escutou as notícias a bordo do Krista. Quando terminaram desligou o rádio e dedicou-se aos mapas e ao computador, preparando a morte seguinte.

Telefonou para Zurique. Herr Becker confirmou que, nessa manhã, fora efetuada para a sua conta uma transferência de um milhão de dólares. Delaroche indicou-lhe que deveria transferir o dinheiro para quatro contas das Baamas, um quarto de milhão para cada.

O sol despontou ao meio-dia. Levou emprestada a bicicleta de Astrid e passou o resto da tarde a pintar nas margens do rio Amstel, até que a imagem do rosto desfeito de Yardley lhe desapareceu da consciência.

MCLEAN, VIRGÍNIA

— Não sei por que Carter precisa te enviar a Londres. Por que diabos não manda outra pessoa?

Elizabeth foi buscar Michael na sede e estava dando carona até o Dulles Airport, a trinta quilômetros de Washington, no extremo leste da periferia urbana do norte da Virgínia. Eram 19 horas. Tecnicamente, a hora do rush já acabara, mas o trânsito continuava engarrafado no Capital Beltway. Quando estava tensa, Elizabeth tinha a tendência de colar na traseira dos outros veículos. Assim, viajavam a meio metro do para-choque de um Ford Explorer verde, que se deslocava a setenta quilômetros por hora.

— Pensei que tinha explicado nossa situação, Michael. Achava que ele tinha concordado em deixar você trabalhar em Nova York. Pensei que ele fosse aliviar por uma ou duas semanas.

Talvez devesse ter levado um carro da Agência até o aeroporto, pensou Michael. Não tinha vontade de discutir com a mulher antes de embarcar num voo internacional. Não que fosse supersticioso, nem tampouco receava voar, era simplesmente realista.

— É só um dia — garantiu. — Ida e volta, com algumas reuniões pelo meio. — Se é uma coisa tão rotineira, por que não enviou o Carter outra pessoa? Elizabeth não era litigante, exercia direito na calma das sombras empresariais, mas era mestre na arte do contra-interrogatório. Esmurrou a buzina. Michael sabia que acabara de ser declarado testemunha hostil.

— Um oficial da espionagem britânica foi assassinado em Londres, ontem à noite — replicou Michael calmamente. — Pode ter alguma coisa a ver com um caso no qual já trabalho há muito tempo.

— Li sobre isso no *Post* desta manhã. O IRA reivindicou a responsabilidade. Desde quando tens alguma coisa a ver com o IRA? Pensei que o teu currículo incluía exclusivamente terrorismo árabe.

— É verdade, mas julgamos que possa haver uma ligação.

Michael esperava que ela ignorasse o assunto. A viagem a Londres fora sua ideia, não de Carter, que queria o trabalho de ligação feito por um agente da Estação de Londres. Michael convencera Carter a enviá-lo.

— Daqui a dois dias vão recolher-me os óvulos. Nessa altura vão fertilizá-los com esperma. Preferia que fosse o teu, Michael.

— Eu volto. Não te preocupes. E, se por acaso houver algum problema, temos um trunfo na manga. Congelado.

Devido à natureza do seu trabalho, e à possibilidade de uma viagem inesperada, os médicos do Cornell Medical Center tinham recomendado que se congelasse algum do esperma de Michael.

— Gostaria que lá estivesses para me dar apoio emocional, Michael — disse Elizabeth. — Pensei que os agentes de casos fossem bons nessas coisas. O mínimo que podes fazer é estar comigo. — E vou lá estar. Prometo.

— Cuidado com aquilo que prometes, Michael.

Saiu da Beltway, entrando na estrada de acesso a Dulles. O trânsito reduziu de intensidade e Elizabeth acelerou até os cem. A lua cheia pairava sobre os campos de Virgínia, amortalhada por uma camada transparente de nuvens. Michael acendeu um cigarro e entreabriu o vidro da janela. Elizabeth conduzia com agressividade, mudando de faixa sem abrir o pisca, colando-se ao carro da frente, fazendo sinais de luzes a quem se atrevesse a conduzir a menos de cento e dez na faixa de ultrapassagem. Michael sabia o verdadeiro motivo do mau humor de Elizabeth. Ia para Londres investigar um ato de terrorismo, e a esposa sabia que isso levaria a que pensasse no assassinato de Sarah. O seu orgulho impedia-a de o admitir, mas os sentimentos estavam bem patentes na expressão ansiosa do rosto. Ficaria ainda mais perturbada se Michael lhe contasse a verdade: Que suspeitava que Sarah e o agente britânico tinham sido assassinados

pelo mesmo homem. ─ Entreguei ao tom Logan o material do disquete da Susanna informou Elizabeth. ─ Ele vai publicar o artigo?

─ Diz que não pode, sem antes confirmar os pormenores. Diz que as acusações são demasiado explosivas para serem editadas antes de serem analisadas pelos advogados. E, uma vez que a jornalista que redigiu a história está morta, não pode haver uma investigação profunda.

─ Que vai ele fazer?

─ Designou uma equipe dos melhores jornalistas para confirmarem os dados. Infelizmente, a Susanna não vai ser de grande ajuda no túmulo. Os apontamentos não contêm muitas pistas sobre a identidade das fontes. Por isso, a equipe do Logan tem de começar praticamente do zero.

─ Isso pode demorar muito.

─ Susanna precisou de três meses para fazê-lo sozinha.

Chegaram a Dulles. Elizabeth dirigiu-se às partidas e parou junto ao passeio. Michael saiu e tirou uma mala de roupa da bagageira. Fechou-a e aproximou-se da porta do condutor do Mercedes. Elizabeth baixara o vidro e tinha a cabeça de fora, à espera de um beijo de despedida.

─ Tem cuidado, Michael.

─ Eu tenho.

Esperou que as luzes de presença desaparecessem na escuridão e depois entrou no terminal.

Michael acordou quando o avião atravessou a camada de nuvens e deu início à descida para a manhã cinzenta de Londres. A Estação de Londres oferecera-se para lhe enviar um carro, mas Michael queria envolver-se o menos possível com os ingleses, por isso apanhou um táxi. Baixou o vidro. Gostava da sensação do ar frio no rosto, apesar do fedor a fumo dos tubos de escape. Londres fora a sua casa durante oito anos. Fizera mil vezes o percurso entre Heathrow e o centro da cidade. Os lúgubres subúrbios que passavam por ele eram-lhe mais familiares do que Arlington, ou do que Chevy Chase.

Registrou-se no hotel, um estabelecimento modesto e independente em Knightsbridge, com vista para Hyde Park. Gostava do sitio, pois cada quarto possuía uma pequena sala de estar anexa ao quarto de dormir. Pediu um pequeno-almoço inglês completo e foi debicando a comida até serem horas de ligar a Elizabeth. Acordou-a e travaram uma conversa desconexa antes que ela voltasse a adormecer.

Michael sentia-se cansado, por isso dormiu até o início da tarde. Quando acordou, vestiu um moletom impermeável. Pendurou o sinal não INCOMODAR na porta e enfiou um pedaço minúsculo de papel entre a porta e a lateral. Se

ainda lá estivesse ao regressar, provavelmente ninguém teria entrado no quarto. Caso tivesse desaparecido, alguém lá teria estado.

Correu pelos caminhos de Hyde Park debaixo de nuvens plúmbeas, carregadas de chuva. O céu abriu dez minutos depois de ter iniciado o treino. Os londrinos que passavam, abrigados pelos guarda-chuvas fustigados pelo vento, fitavam-no como se fosse um louco em fuga. Após quinze minutos ficou ofegante e começou a andar. Conseguira manter a forma física ao longo dos anos, apesar de ser fumante, mas agora os cigarros cobravam seu preço. E Elizabeth tinha razão: estava ficando com barriga.

Regressou correndo ao hotel. O papel caiu ao chão quando abriu a porta do quarto. Tomou uma ducha e vestiu um terno completo azul-marinho. Apanhou um táxi até Grosvenor Square e exibiu a identificação ao Marine de guarda à entrada. Michael sentia-se desconfortável nas embaixadas. Nunca deixara de ser um NOC. Quando se encontrava sedeado em Londres, apenas ia à embaixada em situações de emergência, e sempre "às escuras", o que significava que entrava pelo estacionamento subterrâneo, nos fundos de uma van. Gostava de não ter ido ali, mas as regras do Centro exigiam uma visita de cortesia ao chefe de estação local.

O chefe de pessoal de Londres era um homem chamado Wheaton, um anglófilo assumido de bigode fino, terno riscado de Savile Row e o hábito irritante de apertar uma bola de tênis sempre que não sabia o que dizer. Wheaton pertencia à velha guarda: Princeton, Moscou, cinco anos como chefe do gabinete russo antes de assumir o seu posto definitivo em Londres. Disse ter conhecido o pai de Michael, mas não disse que gostara dele. Também deixou bem claro que não acreditava que a Estação de Londres precisasse de ajuda do CTCNT, o Counterterrorist Center (Centro Contraterrorista) para aquele caso. Michael prometeu deixá-lo a par de tudo o que descobrisse. Wheaton disse educadamente a Michael que gostaria de o ver longe da cidade o mais depressa possível. O táxi deixou Michael no terraço georgiano branco de Eaton Place. Helen e Graham Seymour possuíam uma casa agradável e, da rua, Michel podia vê-los como atores num palco de vários níveis: Graham no andar de cima, na sala, Helen abaixo do nível da rua, na cozinha. Desceu as escadas e bateu à vidraça da porta da cozinha. Helen desviou a atenção dos cozinhados e exibiu um sorriso rasgado.

Abriu a porta e beijou-lhe a face.

— Jesus, Michael, há tanto tempo. — Serviu vinho Sancerre num copo e colocou-o na mão dele. — Graham está lá em cima. Vão pôr a conversa em dia enquanto acabo o jantar.

Quando Michael entrou na sala, Graham Seymour remexia na lareira a gás. A sala tinha painéis e soalho de madeira, com uma série de tapetes orientais

e decorações do Oriente Médio muito finos. Graham levantou-se, sorriu e estendeu a mão. Viam-se um ao outro da forma que apenas os homens de constituição idêntica conseguem. Graham Seymour era o negativo de Michael. Este tinha pele cor de azeitona e Graham era pálido. Michael tinha cabelo escuro e olhos verdes, e Graham era louro e de olhos cinzentos. Michael vestia terno marinho e Graham estava pronto para um safari, com calças e camisa caqui.

Sentaram-se e falaram sobre os velhos tempos. Tinham percursos de vida quase idênticos. À semelhança de Michael, também o pai de Graham trabalhara para os serviços secretos: na operação Double Cross do MI5 durante a guerra, e depois no MI6, durante vinte e cinco anos. Tal como Michael, também Graham seguiu o pai de comissão em comissão, e entrou para os Serviços Secretos logo após se ter formado em Cambridge. Ao longo dos anos, os dois homens tinham trabalhado em conjunto, embora Graham sempre tivesse operado com cobertura oficial. Desenvolveram respeito profissional e uma amizade pessoal. Com efeito, eram mais chegados do que ambos os serviços gostariam.

O cheiro do cozinhado de Helen chegou até a sala.

— O que está ela a fazer? — perguntou Michael, à cautela.

— Paella — respondeu Graham, com um franzir de cenho. — Talvez devesses ir à farmácia antes que feche.

— Eu fico bem.

— Dizes isso agora, mas nunca provaste a paella da Helen.

— É assim tão má?

— Não quero estragar a surpresa. Talvez seja melhor beberes mais um pouco de vinho.

Graham desceu à cozinha e regressou momentos depois com copos cheios de Bordéus branco.

— Fala-me sobre o Colin Yardley. Graham fez um esgar.

— Aconteceu uma coisa estranha há dois meses. Um traficante de armas chamado Farouk Khalifa decidiu instalar-se em Paris. Descobrimos o caso e informamos os nossos amigos franceses, que colocaram o senhor Khalifa sob vigilância. — Foi um gesto simpático por parte dos franceses. Ele vende armas a pessoas de que não gostamos.

— É um homem mau.

— É um homem muito mau. Abriu o bazar e começou a receber clientes. Os franceses fotografam toda a gente que entra e sai.

— Estou vendo o filme.

— Em Setembro, um homem faz uma visita ao senhor Khalifa. Os franceses não conseguem identificá-lo, mas desconfiam que seja britânico, por isso enviam-nos uma cópia da fotografia por fax seguro.

— Colin Yardley?

— Em carne e osso.

— A chefia confrontou-o. Exigiram saber por que raio se tinha encontrado com um tipo como o Khalifa. O Yardley inventou uma treta qualquer sobre estar aborrecido com o trabalho de secretária, e andar ansioso por voltar ao trabalho de campo. Trabalhou em Paris durante algum tempo. Disse que andava por conta própria. A chefia não ficou nada satisfeita, e isto é um eufemismo. Yardley foi repreendido com veemência.

— Cristo.

— Pois adivinha lá qual é a arma que o Farouk Khalifa tem em grande abundância. — Segundo as nossas informações, são mísseis Stinger. — Michael bebeu um pouco de vinho. -— Imagino que os teus serviços não tenham transmitido essas informações aos meus. Graham abanou a cabeça.

— Ficamos um pouco embaraçados com o assunto. Compreende, não, Michael? A chefia queria esquecer o caso, por isso desapareceram com ele.

Helen surgiu no alto das escadas.

— O jantar está pronto.

— Que maravilha — proclamou Graham, com um pouco de entusiasmo a mais. — Bem, imagino que o vídeo tenha de esperar.

Helen Seymour fazia pratos elaborados, mas terríveis. Acreditava que "cozinha inglesa" era um oximoro, e especializara-se na comida do Mediterrâneo: italiana, grega, espanhola, norte-africana. Naquela noite serviu uma paella horrorosa de peixe cru e camarão queimado, tão picante que Michael sentiu a garganta seca, à medida que empurrava garfada após garfada para a boca. Terminou corajosamente e Helen insistiu em que repetisse. Graham reprimiu uma gargalhada enquanto a esposa servia duas colheradas enormes no prato estendido de Michael.

— Está divino, não está? — ronronou Helen. — Acho que também vou me servir de mais um pouco.

— Você se excedeu mais uma vez, querida — elogiou Graham.

Havia muito que aprendera a lidar com a comida exótica da mulher. Comprava sanduíches e hambúrgueres quando saía do trabalho e devorava-os ao descer para o metrô. Há três anos exibia uma súbita devoção por pão. Helen fazia variedades novas e diferentes todas as noites, que Graham comia em grandes quantidades. Ganhara barriga por excesso de hidratos de carbono à noite. Marcava telefonemas importantes para a hora do jantar e fingia serem inesperados. À semelhança de uma criança impertinente, tornara-se perito em distribuir a comida pelo prato, criando assim a ilusão do consumo. Durante algum tempo, Graham recusara-se a permitir que Helen cozinhasse para os

convidados. Em vez disso, iam a restaurantes. Agora sentia prazer em ter amigos para jantar, tal como um condenado se reconforta com companhia nas últimas horas antes da morte. Graham mergulhou um naco de pão espanhol num prato de azeite virgem e enfiou-o na boca.

— Helen, Michael e eu temos de trabalhar mais um pouco. Importa-se que levemos o café para a sala?

— É claro que não. Levo a sobremesa daqui a pouco. — Virou-se para Michael, com um sorriso arrebatador nos lábios. — Oh, Michael, fico tão contente por ter gostado da paella.

— Helen, não me lembro da última vez que tive uma refeição destas.

Graham engasgou-se com um pedaço de pão.

Michael saiu do banheiro.

— Você está bem, camarada? — perguntou Graham. — Parece enjoado.

— Minha nossa Sra., como consegue comer assim todas as noites?

— Está pronto para ver um filme?

— Claro.

Sentaram-se no sofá da sala. Graham pegou o controle remoto que estava em cima da mesa de apoio.

— O senhor Yardley tinha outro problema — indicou. — Gostava de mulheres.

— Os serviços também sabiam disso?

— Sim, o Departamento de Pessoal pediu para ter calma. Ele respondeu que se danassem. Era solteiro, faltavam-lhe poucos anos para a aposentadoria, e ia divertir-se.

— Boa atitude.

— Os serviços encontraram o corpo. Entramos antes da polícia e revistamos a casa. Descobrimos que o adorável Colin Yardley tinha instalado no quarto um sistema secreto de gravação de vídeo para gravar as conquistas e vê-las quando quisesse. Tinha uma bela coleção. Os vigilantes usavam-na para aliviar o aborrecimento entre missões.

Graham apontou o comando ao reprodutor de vídeo e teclou PLAY. A câmara estava instalada em algum lugafr acima da cabeceira da cama. Yardley estava deitado, nu, masturbando-se lentamente enquanto uma mulher alta executava um striptease provocante. Desabotoou a blusa, passou as mãos pelos seios e enfiou-as por dentro do sutien.

Graham imobilizou a imagem.

— Quem é ela? — perguntou Michael.

— Acho que é Astrid Vogel.

— Segundo as nossas informações, ela está morando em Damasco.

— Nós achamos o mesmo. Na verdade, acreditamos que tenha deixado a Facção do Exército Vermelho de vez, o que torna o seu envolvimento neste caso ainda mais intrigante. — Graham acionou o comando e a imagem ganhou vida. — Esta é a melhor parte. Não vou estragar o fim.

O striptease de Astrid Vogel tornou-se mais intenso. Tinha as mãos entre as pernas e a cabeça inclinada para trás, fingindo êxtase.

— Ela é boa — comentou Graham. — Muito boa.

Helen entrou com uma travessa de café e tarte de maçã.

— Mas que maravilha. Deixo-os sozinhos dez minutos e vocês alugam um filme pornográfico.

Pousou a travessa na mesa de apoio, os olhos fixos na tela.

— Quem é aquela criatura?

— Uma antiga assassina do Baader-Meinhof chamada Astrid Vogel.

Uma expressão de terror cruzou o rosto de Yardley. Graham parou o vídeo.

— Esta parte é bem sangrenta, querida. Talvez fosse melhor ir lá para baixo.

Helen sentou-se no divã.

— Como queira — disse Graham e recomeçou o vídeo.

Uma figura escura penetrou no quarto, as feições ocultas por boné e óculos de sol. Levou a mão atrás das costas, puxou de uma arma com silenciador e alvejou Colin Yardley três vezes no rosto. A mulher avançou, deu um pontapé no cadáver e cuspiu-lhe em cima.

Graham parou a fita.

— Meu Deus do céu — disse Helen.

— É ele — garantiu Michael.

— Como sabe? Está sempre de cara tapada.

— Não preciso ver a cara. Já o vi empunhando uma pistola. É ele, Graham. Apostaria minha vida. É ele.

— Sei que nem preciso de dizer, Michael, mas as regras são as habituais. A informação que te dei serve apenas para uso pessoal. Não pode partilhá-la com outro elemento do teu serviço, nem com qualquer outro serviço.

— Se te ajudar a dormir melhor, até assino uma cópia da Lei dos Agentes Secretos.

Michael ergueu a gola do casaco e enfiou as mãos nos bolsos. A chuva parara e queria andar. Graham acedera em acompanhá-lo até meio caminho. Vaguearam pelos sossegados vales georgianos de Belgravia, tendo como único ruído de fundo o ronco distante do trânsito noturno de King's Road.

— Quero falar com Drozdov — disse Michael.

— Não podes falar com o Drozdov. Não está ao teu alcance. Além do mais, ele diz que deixou de falar e que pretende passar o resto dos dias em paz.
— Tenho uma teoria sobre o assassino que matou Yardley e quero que ele me dê a sua opinião.

— O Drozdov é o nosso desertor. Já partilhamos as informações com você. Se tentares falar com ele, vais ficar em maus lençóis, tanto pela tua parte como pela nossa.

— Por isso mesmo, vai ser uma conversa oficiosa.

— O que tem em mente? Estás pensando em cruzar com ele e dizer: "Ei, você não é Ivan Drozdov, o antigo assassino do KGB? Importa-se que lhe faça umas perguntas?" Tome juízo, Michael.

— Tinha pensado em utilizar uma abordagem um pouco mais sutil.

— Se descobrirem, nego qualquer envolvimento. Até te acuso de ser espião russo.

— Não esperaria menos do que isso.

— Ele está morando em Cotswolds. Numa aldeiazinha chamada Aston Magna. Toma chá e lê os jornais todas as manhãs num café de Moreton, a poucos quilômetros de distância.

— Conheço bem a região — disse Michael.

— É o homem com os cães corgis e a bengala nodosa. Parece mais inglês do que o príncipe Philip. Não há como errar.

Graham Seymour acompanhou Michael até Sloane Street antes de se despedir e regressar a Eaton Place. Michael deveria ter seguido em direção ao norte, até Hyde Park e seu hotel, mas, em vez disso, quando Graham desapareceu encaminhou-se para o sul, para Sloane Square.

Atravessou a praça e perambulou pelas sossegadas ruas secundárias de Chelsea, até chegar à Represa, virada para o Tamisa. As luzes brilhavam nas casas de luxo sobranceiras. O passeio cintilava com a névoa do rio. Michael tinha a zona só para si, não fosse um homem calvo e baixo que se apressava pela rua, as mãos enfiadas nos bolsos do oleado puído, a coxear como um soldadinho de chumbo que já não presta para brincar.

Apoiou-se à barreira, olhou para o rio e depois virou-se e fitou Battersea Bridge e as luzes brilhantes de Albert Bridge, mais além. Podia ver Sarah a dirigir-se a ele, através das trevas e da neblina, o cabelo negro puxado para trás, a saia a dançar à volta das botas de camurça. Sorria-lhe como se fosse a pessoa mais importante à face da terra, como se tivesse passado o dia a pensar nele. Era o mesmo sorriso que lhe oferecia sempre que ele entrava no apartamento, sempre que se encontravam para uma bebida no bar, ou para um *espresso*, no restaurante preferido.

Pensou na última vez que estiveram juntos. Fora na tarde anterior, quando passara pelo apartamento e a encontrara no chão, com um maiô branco, o corpo magro dobrado sobre as longas pernas nuas. Recordou como ela se levantara e lhe beijara a boca, como baixara o maiô dos ombros para que ele lhe tocasse nos seios. Mais tarde, na cama, confessara ter fantasiado que fazia amor com ele para aliviar o enfado dos exercícios de alongamento. Que ficava sempre terrivelmente tensa e que tinha de resolver o problema sozinha, pois ele estava a trabalhar.

Nesse momento sentiu-se completamente apaixonado. Fez amor com ela uma última vez. Ela ficou deitada de costas, imóvel, os olhos fechados, o rosto passivo, tanto tempo quanto conseguiu, até que o prazer físico foi demasiado e abriu os olhos e a boca, puxou-o para si e beijou-o até chegarem juntos. Foi essa imagem, e a visão dela a flutuar na sua direção à luz da Represa de Chelsea, que foi estilhaçada pelo homem com a arma.

Recordou o rosto dela a explodir, o corpo a dissolver-se à frente dos seus olhos. Recordou o assassino: tez pálida, cabelo muito curto, nariz fino. Viu mais uma vez a forma como sacou a pistola da cintura, o modo como o braço se levantou, como disparou três vezes sem hesitar. Michael correu para ela, mesmo sabendo que estava morta. Por vezes, desejava ter perseguido o assassino, embora soubesse que tal provavelmente lhe teria custado a vida. Em vez disso, ajoelhou-se a seu lado e abraçou-a, a cabeça dela apertada contra o peito para não lhe ver o rosto desfeito.

Começou a chover. Apanhou um táxi de volta ao hotel. Despiu-se, deitou-se e telefonou a Elizabeth. Ela deve ter percebido algo na voz do marido, pois soluçou quando se despediu e desligou. Michael sentiu uma pontada de culpa, como se tivesse acabado de traí-la.

LONDRES

Bem cedo na manhã seguinte, Michael deixou o hotel e alugou um Rover sedan metalizado numa agência da Hertz, a norte de Marble Arch. Entrou na A40 perto de Paddington Station e seguiu para oeste, contra o fluxo da hora de ponta. Ainda estava escuro e chovia ao de leve. Michael ligou o rádio e escutou as notícias das seis na BBC. Enquanto atravessava os subúrbios a noroeste de Londres, a A40 entrou na M40. A luz macilenta da alvorada foi surgindo à medida que ele subia as elevações suaves de Chilterns. O mapa fornecido pela Hertz estava fechado, em cima do banco do passageiro. Michael não precisava dele, pois conhecia bem as estradas.

A família de Sarah possuíra uma grande casa de campo em Cotswolds, na aldeia de Chipping Campden. Muros de pedra calcária, cobertos de clematite e de heras diversas, cercavam a casa. Michael passara aí vários fins-de-semana com ela, durante os meses em que estiveram juntos. O campo alterava-a, levando-a a despir a farda de couro preto do clã do Soho. Usava calças de ganga desbotadas e blusas no Inverno, e vestidos leves no Verão. De manhã, percorriam os caminhos nos arredores da aldeia, através de pastos repletos de ovelhas e de faisões. À tarde, faziam amor. No Verão, com o tempo quente, faziam amor no jardim, ocultos pelo calcário e pelas flores. Sarah preferia fazê-lo ao ar livre. Gostava da sensação de Michael dentro dela e do sol na pele clara. Desejava, em segredo, que as pessoas os vissem. Queria que o mundo soubesse como era o seu ato de amor. Queria que todos os invejassem.

Dançava, servia de modelo, lia muitos livros. Por vezes representava. Às vezes fotografava. As suas cores políticas eram atrozes e tão flexíveis como o seu corpo esguio. Era trabalhista e comunista. Era verde e anarquista. Vivia no Soho, num quarto atulhado de roupas de segunda mão e maiôs, em cima de um restaurante libanês que servia comida para fora. Ouvia os Clash e os Stones. Ouvia gravações do oceano e de sons da floresta e cantos gregorianos. Era vegetariana e o cheiro do borrego assado do restaurante deixava-a enojada. Para disfarçar o cheiro, queimava incenso e acendia velas. Da primeira vez que levou Michael para a cama, este teve a sensação incômoda de estar a fazer amor numa igreja católica.

Apresentou-o a um mundo que ele não conhecia. Levou-o a festas bizarras e a teatro experimental. Levou-o a sessões de leitura e a ver exposições. Escolheu-lhe roupas diferentes. Não dormia, a menos que primeiro fizesse amor com ele. Adorava olhar para os seus corpos à luz das velas.

— Olha só para nós — dizia. — Sou tão pálida e você tão moreno. Sou o bem e você o mal.

O trabalho dele enfadava-a e ela nunca lhe fazia perguntas. A noção de alguém correr o mundo a vender coisas parecia baralhá-la. Apenas lhe perguntava onde ia e quando regressava.

Adrian Carter era o agente de controle de Michael. Este tinha a obrigação de mencionar a relação que mantinha com Sarah a Carter e ao Departamento de Pessoal, mas eles iriam revolver-lhe o passado, investigar as tendências políticas, o trabalho, os amigos, os amantes, e talvez descobrissem coisas que Michael preferia não saber. Manteve a Agência ignorante da existência de Sarah e esta da Agência. Receava que ela o abandonasse, caso descobrisse a verdade. Tinha medo que tecesse comentários com os amigos, o que poria em perigo o seu disfarce em Londres. Estava a mentir aos patrões e à amante. Sentia-se feliz e desolado ao mesmo tempo.

Aproximava-se de Oxford. Uma van comercial Ford branca seguia-o desde há trinta quilômetros, mantendo-se sempre três ou quatro carros atrás. Era possível que a Ford se limitasse a viajar na mesma direção, mas Michael fora treinado a não acreditar em coincidências. Abrandou e deixou que o trânsito o ultrapassasse.

A Ford permaneceu à mesma distância.

Aproximou-se de uma área de serviço. Saiu da auto-estrada e estacionou perto do restaurante. A Ford seguiu-o e entrou na bomba de gasolina. O condutor saiu e fingiu ver a pressão do pneu do lado do passageiro, enquanto observava o Rover. Michael interrogou-se quem o poderia estar a seguir. Wheaton, da Estação de Londres? Graham Seymour e o MI6?

Entrou no restaurante, pediu café e uma sanduíche de bacon e ovo frito, e foi ao banheiro. Foi buscar a comida, pagou e saiu. A Ford continuava na bomba de gasolina, com o condutor a preparar-se para ver a pressão do pneu traseiro.

Michael dirigiu-se a um telefone público e ligou para o hotel onde estava hospedado. Disse à recepcionista que deixara um par de botões de punho valiosos na casa de banho. Ditou-lhe uma morada falsa em Miami, que ela prontamente anotou, enquanto Michael observava a Ford. Desligou e regressou ao Rover. Ligou o motor e afastou-se, entrando no trânsito da auto-estrada. Olhou para o espelho retrovisor enquanto comia o sanduíche.

Lá estava a Ford, três carros atrás.

O monovolume seguiu Michael até Moreton-in-Marsh, uma aldeia grande segundo os padrões de Gloucestershire, que abarcava o cruzamento da A44 e da A429. Parou num estacionamento em frente a uma série de lojas e saiu.

A Ford estacionou a cinquenta metros dele. O restaurante ficava ao lado de um talho, com faisões pendurados à porta. Michael pensou em Sarah, à sua frente com um prato de feijão com arroz e puré de abóbora, a fitá-lo enquanto ele arrancava a carne dos ossos de um faisão assado. Entrou no restaurante e pediu café e um bolo à jovem rechonchuda ao balcão.

Michael reconheceu Ivan Drozdov das fotografias da Agência. Era calvo, salvo por uma franja grisalha, e o corpo alto estava debruçado sobre uma pilha de matutinos. Tinha os óculos de leitura dourados na ponta do nariz e semicerrava os olhos contra o fumo do cigarro preso aos lábios finos. Vestia uma blusa cinzenta de gola alta e um blusão verde com gola de bombazina. Um par de corgis idênticos lambiam-se ao lado das botas Wellington sujas com lama úmida.

Michael levou a comida para a mesa ao lado e sentou-se. Drozdov ergueu brevemente o olhar, sorriu e regressou aos jornais. Passaram alguns minutos, com Michael a beber café e Drozdov a ler o The Times e a fumar.

Por fim, sem levantar os olhos, Drozdov disse:

— Será que vai falar, ou vai ficar aí sentado, a incomodar-me os cães? — Chamo-me Cari Blackburn, e estava a pensar se poderíamos falar um pouco — replicou Michael, surpreendido.

— Na verdade, o seu nome é Michael Osbourne. Trabalha para o Centro de Contraterrorismo da CIA, em Langley, na Virgínia. Já foi agente de campo, até que a sua amante foi assassinada em Londres e a Agência levou-o para a sede.

Drozdov dobrou cuidadosamente o jornal e deu pedaços de bolo aos cães. — Se quiser falar, podemos ir dar um passeio — indicou. — Mas não volte a mentir-me. É insultuoso e eu reajo mal aos insultos.

— Tem noção de que está sendo vigiado, senhor Osbourne?

Caminhavam ao longo de um trilha na direção da aldeia de Aston Magna, onde Drozdov se instalara quando a União Soviética se desmoronara e a ameaça de morte por parte dos seus antigos mestres do KGB desaparecera. Era um palmo mais alto do que Michael e, tal como muitos homens altos, inclinava-se ligeiramente para se encolher. Andava com lentidão, as mãos atrás das costas, a cabeça baixa, como se procurasse algo perdido. Os cães seguiam alguns metros à frente, como se fossem contravigilância. Michael, que por natureza andava depressa, esforçava-se por acompanhar o passo desajeitado de Drozdov. Interrogou-se como teria o idoso avistado quem o seguia, pois Michael não o vira a olhar.

— Dois homens — indicou Drozdov. — Uma van Ford branca.

— Avistei-os na M-40, alguns quilômetros fora de Londres.

— Alguém sabe que veio falar comigo?

— Não — mentiu Michael. — Não vim como representante da CIA, e não pedi autorização aos ingleses. É um assunto pessoal.

— Colocou-se numa posição bastante difícil, senhor Osbourne. Se fizer alguma coisa de que eu não goste, basta-me pegar o telefone e falar com o meu agente de ligação do MI-6, para que fique em maus lençóis.

— Eu sei. Obviamente, peço que não o faça, por cortesia profissional.

— Deve ser muito importante.

— É, sim.

— Imagino que aqueles homens na van branca tenham um microfone de longo alcance. Talvez devêssemos ir para algum sítio onde não nos possam seguir. Entraram num caminho que contornava um campo de erva seca. À distância, as colinas erguiam-se até as nuvens baixas. Um rebanho de ovelhas baliu-lhes do outro lado de uma vedação. Drozdov afagou-lhes a lã espessa das cabeças ao passarem por elas. O caminho estava enlameado devido à chuva que caíra durante a noite e, depois de alguns passos, os sapatos italianos de camurça de Michael ficaram arruinados. Virou-se e olhou para trás. A van regressava a Moreton.

— Julgo que já podemos falar, senhor Osbourne. Os seus amigos parecem ter desistido.

Michael passou dez minutos a falar. Percorreu a lista de assassinatos e os atentados terroristas. O ministro espanhol em Madrid. O oficial da polícia francesa em Paris. O executivo da BMW em Francoforte. O oficial da OLP em Tunes. O empresário israelense em Londres. Drozdov ouviu com atenção, por vezes aquiescendo, outras vezes resmungando baixinho. Os cães correram pelo prado e afugentaram faisões.

— E o que quer saber, ao certo? — perguntou Drozdov, quando Michael acabou de falar.

— Quero saber se foi o KGB que eliminou esses alvos. Drozdov assobiou para chamar os cães.

— Merece um elogio, senhor Osbourne. Falhou uns quantos, mas é um belo começo.

— Portanto, os atentados foram levados a cabo pelo KGB?

— Sim, foram.

— Foi sempre o mesmo homem?

— Sempre.

— Como se chama?

— Não tinha nome, senhor Osbourne. Apenas um nome de código.

— Qual era o nome de código?

Drozdov hesitou. Desertara, traíra seu serviço, mas revelar nomes de código era o equivalente em espionagem à quebra da omertà da Máfia. ─ Outubro, senhor Osbourne. O nome de código era Outubro ─ acabou por dizer.

O sol apareceu brevemente entre as nuvens, aquecendo o campo. Michael desabotoou o casaco e acendeu um cigarro. Drozdov imitou-o, a testa franzida enquanto fumava, como se procurasse a melhor forma de começar a narrativa. Michael já lidara com muitos agentes. Sabia quando devia forçar e quando era preferível esperar e ouvir. Não tinha como pressionar Drozdov, que apenas falaria se quisesse.

─ Ao contrário do que se pensa no Ocidente, não éramos muito bons a matar pessoas ─ acabou Drozdov por dizer. ─ Sim, no interior da União Soviética éramos muito eficientes. Mas fora do bloco soviético, no Ocidente, éramos terríveis no que dizia respeito a assuntos sujos. Um dos nossos melhores assassinos, Nikolai Khokhlov, mudou de ideias quando estava a tentar matar um líder da resistência ucraniana e desertou. Tentamos matá-lo e também fracassamos. Durante muito tempo, o Politburo desistiu do assassinato como ferramenta do ofício. Drozdov largou a beata do cigarro para a lama e pisou-a com a ponta da bota. ─ Isso mudou no final dos anos 60. Olhamos para o Ocidente e vimos conflitos internos um pouco por toda a parte: os irlandeses, os bascos, os Baader-Meinhof alemães, os palestinos. Além disso, tínhamos também os nossos próprios problemas para resolver, os dissidentes, os desertores, sabe como é. Tal como sabe, os assassinatos eram geridos pelo Departamento Cinco do Primeiro

Diretorado Principal. O Departamento Cinco queria um assassino muito bem treinado, com base permanente no Ocidente, que levasse a cabo mortes em cima da hora. Esse assassino era o Outubro.

─ Quem é ele? ─ indagou Michael.

─ Entrei para o Departamento Cinco depois de ele estar integrado no Ocidente. O seu arquivo não revelava nada sobre a verdadeira identidade. Havia boatos, é claro. Dizia-se que era filho ilegítimo de uma patente bastante elevada do KGB: de um general, ou talvez do próprio presidente. Não passavam de boatos.

Foi acolhido muito novo pelo KGB e recebeu uma educação e um treino intensivos. Em 8, ainda adolescente, foi enviado para o Ocidente através da Checoslováquia, fazendo-se passar por refugiado. Acabou por se mudar para Paris. Fingiu-se um jovem desalojado e foi recebido por um orfanato católico. Ao longo dos anos desenvolveu uma identidade francesa à prova de tudo. Frequentou escolas francesas, tinha um passaporte francês, tudo. Até cumpriu o serviço militar no exército francês.

— E depois começou a matar.

— Acima de tudo, era utilizado para promover a instabilidade no Ocidente, para levantar problemas aos governos ocidentais. Matava de ambos os lados do muro. Agitava as águas, por assim dizer. Lançava achas para a fogueira. E era muito bom no que fazia. Orgulhava-se de nunca ter falhado uma única missão. Não utilizava as ferramentas que lhe púnhamos à disposição para lhe facilitar o trabalho, as balas com ponta de cianeto, ou as armas que libertavam gás venenoso. Desenvolveu o seu método de matar muito próprio.

— Três tiros no rosto.

— Brutal, eficaz, bastante dramático.

Michael vira os resultados em primeira-mão. Não precisava que Drozdov descrevesse o efeito do método do assassino.

— Ele tinha um agente responsável? — perguntou Michael, com um tom de voz sereno.

— Sim, apenas trabalhava com um agente, um homem chamado Mikhail Arbatov. Cheguei a tentar substituir Arbatov, mas o Outubro ameaçou matar o novo elemento. Arbatov era o mais próximo que o Outubro tinha de uma família. Só confiava em Arbatov e, mesmo assim, apenas o suficiente.

— Há pouco tempo foi assassinado em Paris um Mikhail Arbatov.

— Sim, li sobre isso. A polícia disse que deve ter sido morto por delinquentes.

O relato do jornal descreve-o como sendo um diplomata russo aposentado a viver em Paris. Se há uma coisa que aprendi nesta vida, senhor Osbourne, é que não se pode acreditar em tudo o que se Le nos jornais.

— Quem matou Arbatov?

— O Outubro, é claro.

— Por quê?

— É uma boa pergunta. Talvez Arbatov soubesse demasiado sobre alguma coisa.

Quando o Outubro se sente ameaçado, mata. É a única coisa que sabe fazer.

Exceto pintar. Dizem que tem bastante talento.

— Começou a trabalhar por conta própria? Agora é assassino profissional?

— Dos melhores do mundo, bastante procurado. Arbatov era o seu agente. Enriqueceram bastante em conjunto. Ouvi dizer que havia muita inveja pela forma como Arbatov se aproveitara dos talentos do Outubro. Arbatov tinha muitos inimigos, muita gente que lhe desejava mal. Mas, se está à procura de quem o matou, talvez começasse pelo Outubro.

O sol voltou a desaparecer e as nuvens engrossaram, negras com a promessa de chuva. Passaram por uma mansão de pedra calcária, cercada por relvados amplos. Michael contou-lhe sobre Colin Yardley. Sobre a gravação vídeo da morte. Sobre Astrid Vogel.

Drozdov abanou lentamente a cabeça.

— Imaginaria que alguém com o ofício de Yardley soubesse os perigos de ter uma câmara no quarto. Tenho de admitir que é uma das consequências da velhice que não me incomodam. O eterno desejo pelo corpo da mulher deixou-me finalmente em paz. Tenho os meus cães, os meus livros, e a minha paisagem bucólica de Cotswolds.

Michael riu em silêncio.

Em tempos trabalhou com a Fação do Exército Vermelho. Foi durante essa missão que conheceu Astrid Vogel. Ela passou muitos anos escondida, em Tripoli, em Damasco, nas montanhas Shouf. Pagou muito caro pelo idealismo. Houve qualquer coisa que a voltou a atrair para este mundo. Imagino que tenha sido o dinheiro. — Porque iria o Outubro matar Colin Yardley?

Talvez devesse reformular essa pergunta: O que fez Colin Yardley para que alguém contratasse o melhor assassino do mundo para o matar? Talvez tenha adquirido um míssil Stinger a um traficante de armas do mercado negro chamado Farouk Khalifa, após o que o entregou aos homens que abateram o Voo 002, pensou Michael.

Começou a chuviscar e o tempo arrefeceu. Os cães rodearam as botas de Drozdov, ansiosos por voltar a casa, para junto da lareira. À frente deles surgiu a aldeia de Aston Magna, um aglomerado de casas espalhadas à volta do cruzamento de duas estradas secundárias.

— Oferecia-lhe boleia de volta a Moreton, mas não conduzo desculpou-se Drozdov. — Obrigado, mas vou a pé.

— Sinto muito pelos sapatos — indicou, apontando a bengala ao calçado arruinado de Michael. — Não foi uma muito boa escolha para uma caminhada através de Cotswolds, no inverno.

— Um pequeno preço a pagar pela ajuda que me deu.

Michael parou de andar. Drozdov continuou mais alguns metros, após o que se deteve e virou-se.

— Houve uma morte que ainda não referiu — comentou. O assassinato de Sarah Randolph. Imagino que não tenha a ver com o caso em que está envolvido neste momento. Admiro o seu profissionalismo, senhor Osbourne.

Michael não disse nada, limitando-se a aguardar.

Ela era uma comunista empenhada, uma revolucionária — explicou, abrindo os braços e olhando o céu. — Que Deus nos proteja dos idealistas. A sua

Sarah era amiga dos oprimidos do mundo: dos irlandeses, dos árabes, dos bascos. Trabalhou de bom grado para a minha agência. Conhecíamos a verdadeira identidade do Michael. Sabíamos que enviava agentes de infiltração contra as organizações guerrilheiras próximas da nossa causa. Queríamos saber mais acerca dos seus movimentos, por isso colocamos Sarah Randolph no seu caminho. Michael sentiu a cabeça às voltas. O coração acelerou. Tinha dificuldade em ouvir. Drozdov parecia estar a afastar-se dele, a transformar-se numa linha vertical ao fundo de um túnel comprido e escuro. Tentou recuperar o controle das emoções. Receava que Drozdov se apercebesse e se calasse. Queria ouvir tudo. Depois de tantos anos, queria a verdade, por mais dolorosa que fosse.

— Sarah Randolph cometeu um erro terrível — continuou Drozdov. — Apaixonou-se pelo alvo. Disse aos agentes de ligação que pretendia desistir. Ameaçou contar-lhe tudo. Ameaçou entregar-se à polícia e confessar. O oficial de controle decidiu que ela era demasiado instável para prosseguir com a missão. O Centro de Moscou quis eliminá-la, e eu fiquei encarregue do caso. Talvez lhe deva um pedido de desculpas, mas imagino que compreenda que não foi nada pessoal.

Michael debateu-se para tirar um cigarro do maço e levá-lo aos lábios. As mãos tremiam-lhe. Drozdov acercou-se e acendeu o cigarro com um isqueiro de prata com bastante uso.

— Julguei que merecia a verdade, senhor Osbourne, razão pela qual lhe contei tudo o resto. Mas acabou. Faz parte do passado, tal como a Guerra Fria. Regresse à sua esposa e esqueça Sarah Randolph. Ela nunca foi real. E, faça o que fizer, mantenha-se alerta — acrescentou, com os lábios junto ao ouvido de Michael. — Se for atrás do Outubro e cometer um erro que seja, ele mata-o tão depressa que nem vai dar por isso.

Michael regressou a Moreton sob chuva intensa. Quando chegou à aldeia, estava ensopado até os ossos e dormente com o frio. Dirigiu-se ao Rover no estacionamento e fingiu deixar cair as chaves ao tentar abrir a porta. Pôs-se de gatas e perscrutou rapidamente a parte inferior da carroçaria. Não avistou nada de invulgar, por isso entrou e ligou o motor. Colocou o aquecimento no máximo, fechou os olhos e apoiou a testa no volante. Não sabia se a devia odiar por lhe ter mentido, se amá-la ainda mais, por ter querido desistir e ter acabado por pagar com a vida. Imagens dela percorreram-lhe a mente. Sarah a flutuar na sua direção, a sorrir, uma saia comprida sobre botas de camurça. A pele luminosa, de um tom dourado à luz das velas. O corpo arqueado na direção do seu. O rosto esfacelado!

Esmurrou o painel e arrancou com o carro, os pneus a derraparem no pavimento molhado. A van Ford branca seguiu-o até Michael devolver o Rover

no

Aeroporto de Heathrow.

Michael apanhou o ônibus do serviço de aluguer de carros até o Terminal

Quatro e correu para o interior. A fila para o check-in no balcão da TransAtlantic Airlines era interminável, por isso procurou um telefone e ligou para o gabinete de Elizabeth. Foi o secretário, Max Lewis, quem atendeu e pediu a Michael que aguardasse, enquanto ia chamar Elizabeth a uma reunião. Michael pensou no que lhe dizer. Decidiu não lhe contar nada, por enquanto. Era um assunto demasiado complicado, demasiado emocional, para discutir ao telefone. Elizabeth atendeu.

— Estou no aeroporto. Vou apanhar o avião daqui a pouco, e queria apenas dizer que te amo — disse Michael.

— Está tudo bem, Michael? Pareces incomodado com alguma coisa.

— Foi uma manhã muito comprida, só isso. Conto-te tudo quando chegar a casa, logo à noite. Como te sentes? Estás pronta para amanhã?

— O mais possível. Neste momento estou a tentar não pensar muito nisso. Tenho uma pilha de coisas para despachar ainda hoje, e isso ajuda.

Michael virou-se para confirmar se a fila para o check-in tinha reduzido. Uma centena de pessoas aguardava em fila, como refugiados num centro de processamento, a bagagem aos pés, os rostos exasperados. Três jovens entraram no terminal. Todos usavam um boné de basebol. Todos seguravam um saco de couro preto. Estavam vestidos de modo informal, com calças de ganga e sapatos de ténis, cabelo escuro por baixo dos bonés, pele cor de azeitona.

Michael observou-os. Deixou de ouvir o que Elizabeth estava a dizer. Os três homens pararam e pousaram os sacos. Agacharam-se ao lado dos sacos e abriram-nos.

— Espera um pouco, Elizabeth — disse Michael. — Michael, o que foi?

Michael não respondeu, limitou-se a observar.

— Responde-me, Michael, que raio! O que se passa?

Em uníssono, os homens levaram as mãos às palas dos bonés e os rostos desapareceram atrás de véus de seda negra.

— Baixem-se! Baixem-se! — bradou Michael. Largou o receptor.

Os homens levantaram-se, de armas automáticas e granadas em riste.

— Armas! Armas! Baixem-se! — gritou Michael.

Os terroristas lançaram granadas para a multidão e começaram a disparar.

Michael correu na direção deles, aos berros.

Na baixa de Washington, Elizabeth gritava para o telefone. Ouviu Michael a gritar, depois tiros, finalmente explosões. Depois a linha ficou em silêncio. ─ Ai, meu Deus, Michael! Michael!

Procurou o controle remoto, ligou o televisor do gabinete e sintonizou a CNN. Estava a meio de uma qualquer reportagem idiota sobre os benefícios dos abacates para a saúde.

Percorreu o gabinete. Mordeu as unhas. Max sentou-se ao seu lado e esperou, dando-lhe a mão. Dez minutos depois, Elizabeth mandou-o embora e fez algo que não fazia há vinte anos.

Fechou os olhos, juntou as mãos e rezou.

LONDRES

No gabinete de primeiro andar da sua casa em St. John's Wood, o Diretor telefonou a Mitchell Elliott a partir de uma linha segura.

— Creio que o senhor Osbourne pode revelar-se um problema, senhor Elliott. Ontem à noite teve uma conversa interessante com um homem do Serviço de Espionagem, a qual escutamos com um microfone direcional localizado na rua. Esta manhã encontrou-se com um certo Ivan Drozdov, um desertor da KGB que em tempos supervisionou as atividades do nosso assassino. Do outro lado da linha, Elliott suspirou profundamente.

— Escusado será dizer que ele sabe muita coisa, e provavelmente desconfia de muito mais — continuou o Diretor. — O nosso senhor Osbourne é um adversário bastante valoroso. Na minha opinião, não o devemos menosprezá-lo.

— Não o menosprezo, Diretor. Pode ter a certeza disso.

— O que se passa no seu lado?

O Osbourne e a mulher encontraram umo disquete com os apontamentos de Susanna Dayton e uma cópia do artigo. Ao que parece, conseguiram quebrar o código de segurança. Entregaram o material aos editores do *Washington Post*.

— Um desenvolvimento infeliz — comentou o diretor, tossicando. — Parece-me que a Sra. Osbourne também se encontra em posição de criar problemas. — Já a mandei vigiar.

— Espero que desta vez seus homens se comportem de uma forma mais profissional. No presente estado dos acontecimentos, não precisamos que a melhor amiga de Susanna Dayton também apareça morta. Já o marido, é outro caso. Durante a carreira fez a sua dose de inimigos. Seria ocasional, caso um desses inimigos aparecesse e se vingasse. — Quanto a isso não há problema.

— Tem a bênção da Sociedade, senhor Elliott.

— Obrigado, Diretor.

— Enquanto este assunto se mantiver no campo do financiamento político, imagino que se consiga proteger. Vai ser embaraçoso e sujo, é claro. Talvez lhe surja uma multa pesada, alguma especulação desconfortável por parte dos meios de comunicação, mas o seu projeto vai sobreviver. Contudo, se o senhor Osbourne descobrir algo que se aproxime da verdade... Bem, creio que não preciso de explicar-lhe as consequências.

— É claro que não, Diretor. E quanto a Ivan Drozdov, o desertor? Representa algum problema?

— Não tenho certeza, mas não estou disposto a correr riscos. O assunto Drozdov está neste momento sendo tratado.

— Uma jogada sábia.

— Também achei. Boa tarde, senhor Elliott.

Em Aston Magna, Ivan Drozdov estava sentado à lareira, a ler à luz fraca que entrava pelas portas de correr, quando ouviu bater. Os corgis saltaram do cesto e correram até a porta da casa, a ladrar em fúria. Drozdov seguiu-os lentamente, as pernas rígidas por ter estado sentado. Abriu a porta e viu um jovem de macacão azul, o rosto como o de um menino do coro.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou Drozdov. O rapaz puxou de uma arma com silênciador.

— Faça as pazes com Deus — indicou. Drozdov retesou-se.

— Sou ateu — replicou calmamente.

— É uma pena — retorquiu o jovem.

Ergueu a pistola e alvejou Drozdov duas vezes no coração.

AEROPORTO DE HEATHROW, LONDRES

O pistoleiro mais próximo de Michael disparava furiosamente para a multidão. Avistou Michael a investir, apontou a arma automática e disparou. Michael atirou-se para trás de um quiosque de câmbio, com balas a fazerem ricochete no chão a seu lado. Duas pessoas agachavam-se com ele, uma mulher que gritava em alemão e um padre francês que murmurava o Pai-nosso.

O terrorista perdeu o interesse em Michael e voltou a apontar a arma aos passageiros indefesos. Michael espreitou por trás do quiosque. O ataque começara há menos de quinze segundos, mas para Michael, agachado por trás do quiosque, parecia uma eternidade. O chão estava coberto de mortos e de moribundos, e de pessoas aterrorizadas que tentavam em vão proteger-se atrás de bagagens e de balcões.

Raios partam! Onde está a força de segurança? pensou Michael.

Um dos atacantes fez uma pausa para recarregar. Levou a mão à mala, retirou a cavilha de outra granada e atirou-a para trás do balcão da TransAtlantic. O edifício estremeceu com o abalo. Michael viu um par de corpos a serem lançados pelo ar, os membros despedaçados. O ar tresandava com o cheiro de fumo e de sangue. Os gritos das vítimas quase abafavam o matraquear das armas automáticas.

Michael desejou ter uma arma. Olhou para a direita. Quatro agentes da força antiterrorista da polícia britânica assumiam posições de disparo atrás de outro balcão. Dois deles levantaram-se, apontaram e dispararam. A cabeça de um dos pistoleiros explodiu numa nuvem cor-de-rosa de sangue e de massa encefálica. Os dois terroristas restantes responderam ao fogo e alvejaram um dos agentes. Os policiais ergueram-se por detrás da barreira, armas disparando. Um segundo pistoleiro tombou, o corpo perfurado pelas balas.

O último terrorista desistiu da luta. Recuou até a porta, sem nunca deixar de disparar. Atravessou a porta automática, com vidros a estilhaçarem-se à sua volta.

Michael podia ver um quarto elemento da equipe ao volante do carro de fuga, um Audi metalizado. Levantou-se, passou por uma série de portas paralelas e correu pelo corredor de embarque, saltando por cima de viajantes e de funcionários do aeroporto deitados no chão.

O terrorista ao volante acelerava nervosamente o motor. Meia dúzia de seguranças corria pelo terminal, as armas em riste. Michael corria agora pelo passeio, as mãos estendidas.

O último pistoleiro encontrava-se a vinte metros de distância, prestes a entrar para o carro. O condutor escancarou a porta traseira. O terrorista estava quase a entrar para o carro quando ergueu o olhar e viu Michael a correr na sua direção. Virou-se e tentou empunhar a arma automática.

Michael baixou o ombro e derrubou o pistoleiro. O impacto fez com que o atacante largasse a arma.

Michael agarrou o homem pelo pescoço e golpeou-o brutalmente no rosto. O primeiro murro partiu-lhe o nariz, o segundo fraturou-lhe o malar e deixou-o inconsciente.

O terrorista ao volante abriu a porta e começou a sair do carro, a pistola automática na mão enluvada. Michael procurou freneticamente a metralhadora caída. Agarrou-a e disparou através do para-brisa do Audi. O pistoleiro ainda conseguiu disparar dois tiros ao acaso, antes de cair no passeio, sem vida. Com o coração aos saltos, Michael viu um lampejo de uma cor escura e aquilo que pensou ser uma arma. Girou sobre o joelho e apontou a um dos agentes de segurança ingleses.

— Largue a arma com calma, amigo — disse calmamente o policial. — Já acabou tudo. Largue a arma.

Wheaton, o Chefe da Estação de Londres da CIA, foi buscar Michael ao Aeroporto de Heathrow e levou-o para a cidade no banco de trás de um sedan do governo, conduzido por um motorista. Michael encostou a cabeça ao vidro e fechou os olhos. Fora interrogado durante uma hora por um oficial da polícia britânica e por dois homens do MI5. Durante algum tempo, Michael manteve a cobertura: um empresário americano que regressava a Nova York após uma breve reunião em Londres. Por fim, chegou alguém da embaixada. Michael pediu para falar com Wheaton, e este telefonou para a polícia e contou a verdade.

Michael nunca matara ninguém e não estava preparado para a reação que teve. Nos momentos que seguiram o combate, sentiu uma satisfação selvagem, um entusiasmo estranho que se assemelhava à sede de sangue. Os terroristas eram homens malignos que tinham chacinado pessoas inocentes. Mereciam uma morte violenta e dolorosa. Estava satisfeito por ter eliminado um deles e por ter esmurrado o rosto do outro. Passara a sua carreira a perseguir terroristas, usando apenas o seu inteleto e o seu talento para as armas. Finalmente pudera utilizar os punhos e uma arma, com efeito, uma arma que servira para massacrar pessoas inocentes. Sentia-se bem.

Começava agora a ser dominado pela exaustão, que lhe pressionava o peito e lhe fazia latejar a cabeça. Com a adrenalina eliminada das veias, as mãos já não lhe tremiam. Era acometido por ondas de náusea. Fechou os olhos e viu sangue a voar, cabeças a explodir, gritos e o matraquear das armas automáticas. Viu o condutor de fuga a tombar para trás, sentiu a arma a recuar-lhe na mão. Tirara uma vida. Uma vida de alguém mau, mas uma vida, não obstante. Já não se sentia bem. Sentia-se sujo.

Michael esfregava a mão direita.

— Talvez devesse ver o que se passa — comentou Wheaton, como se Michael sofresse de uma lesão antiga. Michael ignorou-o.

— Qual o número de baixas?

— Trinta e seis mortos, mais de cinquenta feridos, alguns com bastante gravidade. Os ingleses esperam que o número de mortes aumente.

Americanos?

— Pelo menos vinte dos mortos são americanos. A maior parte das pessoas que aguardava pelo check-in pretendia embarcar no voo para Nova York. Os restantes mortos são ingleses. Já agora, falei com a sua esposa. Ela sabe que está bem.

Michael lembrou-se de como a deixara. Num momento estavam a falar, no outro largara o telefone e começara a gritar. Interrogou-se o que teria escutado Elizabeth. Teria ouvido tudo, as explosões, os tiros, os gritos, ou teria a linha sido cortada? Imaginou-a no gabinete, preocupadíssima, e sentiu-se mal.

Queria desesperadamente falar com ela, mas não à frente de Wheaton.

Tinham entrado em Londres e seguiam a leste de Cromwell Road.

— Como é óbvio, as hienas da mídia estão ansiosas por falar com você — avisou Wheaton. — As testemunhas contaram-lhes sobre o herói de fato que matou um dos terroristas e subjugou outro. A polícia está a dizer-lhes que o homem deseja permanecer anônimo, pois receia uma retaliação por parte da Espada de Gaza. Por agora ainda acreditam, mas sabe Deus quantos policiais de Londres têm conhecimento da verdade. Basta que um deles dê com a língua nos dentes para termos um problema bastante sério.

— A Espada de Gaza já reivindicou o atentado?

— Enviaram um fax para o The Times há alguns minutos. Os ingleses estão a analisá-lo e já enviamos uma cópia para o CTC de Langley. Parece autêntico.

Deve ser revelado aos media em breve.

— Uma vingança pelos ataques aéreos aos campos de treino?

— É claro.

Dirigiram-se para norte por Park Lane, depois por Mayfair, para Grosvenor Square. O carro encaminhou-se para a entrada principal da embaixada americana. Michael gostaria que pudessem utilizar uma entrada subterrânea, mas talvez já não fizesse grande diferença. Saiu do carro. Sentia-se tonto e doía-lhe o joelho. Devia tê-lo magoado durante o confronto, mas a adrenalina ocultara a dor até aquele momento. Os Marines colocaram-se em sentido e fizeram continência quando Michael entrou no complexo da embaixada, com Wheaton a seu lado. O embaixador e os adidos aguardavam, com os restantes funcionários da grande embaixada atrás deles. O embaixador começou a aplaudir, sendo imitado pelos outros. Michael passara toda a carreira a trabalhar nas sombras. Os louvores eram atribuídos em segredo. Quando tinha um dia bom no gabinete, não podia contar a ninguém, nem mesmo a Elizabeth. Agora, os aplausos dos membros da embaixada envolviam-no e sentiu um arrepio na nuca.

O embaixador avançou e levou a mão ao ombro de Michael.

— Imagino que neste momento não tenha grande vontade de celebrar, mas quero que saiba que estamos muito orgulhosos de si.

— Obrigado, senhor embaixador. Fico muito grato.

— Há mais alguém que deseja falar com você. Siga-me, por favor.

Quando Michael entrou na sala de comunicações, entre Wheaton e o embaixador, podia ver o selo presidencial na tela maior. O embaixador pegou um telefone, murmurou algumas palavras para o bocal e desligou. Segundos depois, o selo presidencial dissolveu-se e James Beckwith apareceu, sentado numa poltrona branca, ao lado da lareira da Sala Oval, vestindo uma camisa e uma blusa de lã.

— Michael, não há palavras que possam expressar a gratidão e o orgulho que sentimos — começou o Presidente a dizer. — Pondo em risco a sua própria integridade física, dominou sozinho um terrorista da Espada de Gaza e matou outro. A sua ação poderá ter salvo inúmeras vidas e desferiu um rude golpe nesse bando de covardes. Vou insistir para que receba a mais alta das condecorações. Apenas gostaria de a poder colocar pessoalmente no seu peito, à frente da nação, pois hoje o seu país ficaria bastante orgulhoso de si. Michael esboçou um sorriso.

— Estou habituado a trabalhar em segredo, Senhor Presidente, e, se não se importar, prefiro continuar assim. Beckwith exibiu um sorriso rasgado.

— Já imaginava que assim fosse. Além disso, é demasiado valioso para ser desperdiçado numa fotografia oportunista. Graças ao meu chefe de gabinete, já tenho quanto baste.

A câmara fez um plano mais alargado, revelando os outros homens sentados à volta do Presidente: o Chefe de Gabinete Vandenberg, o diretor da CIA Clark, o Conselheiro para a Segurança Nacional Bristol. Num dos extremos da tela estava um homem pequeno de terno de grife que lhe assentava mal, as mãos cruzadas sobre o colo, o rosto pouco visível, como qualquer bom espião que se preze. Michael soube de imediato que se tratava de Adrian Carter.

— Peço desculpa por interrompê-lo, Senhor Presidente — disse Michael. — Será que a câmara poderia deslocar-se um pouco para a esquerda? Não consigo ver aquele homem minúsculo sentado no divã.

A câmara moveu-se, revelando o rosto de Carter. Como já era habitual, parecia com sono e enfadado, mesmo estando sentado na Sala Oval, com o Presidente e a respectiva equipe de segurança nacional à sua volta.

— Ora vejam só, como é que deixaram entrar na Sala Oval um bronco como o Adrian Carter? — gracejou Michael. — Tenha cuidado, Senhor Presidente. Ele rouba cinzeiros e toalhas de hotel. Se fosse a si, punha-o sob vigilância. -Já tirou uma dúzia de pacotes de M&M presidenciais — replicou Beckwith, claramente divertido. Carter acabou finalmente por sorrir.

— Se vais começar a agir como uma espécie de herói americano, fico com o estômago às voltas. Lembra-te de que estou com você desde o início, Michael. Sei onde os corpos estão enterrados, literalmente. Se fosse a ti, tinha cuidado.

— Michael, precisamos de falar sobre outra coisa — disse Beckwith, quando as gargalhadas esmoreceram. — Vou deixar que o Carter e o diretor Clark o informem dos pormenores.

— Vou ser direto, Michael — começou Clark.

O diretor da CIA era um político, um antigo senador do New Hampshire que se orgulhava do fato de falar como uma pessoa normal. Como resultado, o léxico do mundo da espionagem deixava-o constantemente baralhado. Era alto e magro, com caracóis grisalhos rebeldes e usava laço. Parecia mais adequado a uma posição catedrática em Dartmouth do que à direção de Langley.

— Por mais estúpido que pareça, a Espada de Gaza gostaria de se encontrar connosco — Clark pigarreou. — Deixe-me ser mais específico. A espada de Gaza não se quer encontrar connosco, quer encontrar-se com você.

Como fizeram o pedido?

. Através da nossa embaixada em Damasco, há cerca de uma hora. ?— Porquê eu?

— Ao que parece, sabem exatamente quem é, e qual o seu trabalho. Dizem que se querem encontrar com o homem que mais sabe acerca do grupo, e essa pessoa é o Michael.

— Como irá processar-se o encontro?

— Amanhã de manhã, no primeiro ferry entre Dover e Calais. Querem que espere no convés, a meio do barco, e o representante deles fará a abordagem. Sem observadores, sem aparelhos de gravação, sem câmaras. Se virem alguma coisa de que não gostam, o encontro fica sem efeito.

— Quem vai ser o representante deles?

— Muhammad Awad.

— O Awad é o segundo membro mais importante da organização. O simples fato de o quererem colocar a bordo de um ferry e cara a cara com um agente da CIA é notável.

— Por isso mesmo, deve ser bom demais para ser verdade interveio Carter, enquanto a câmara fazia uma panorâmica para captar a sua imagem. — Não gosto disto. Vai contra todas as nossas regras quanto a encontros deste gênero. Somos nós que controlamos o local. Nós estabelecemos as condições. Mais do que ninguém, devia saber disso.

— Imagino que seja contra este encontro — disse Michael.

— Cento e dez por cento.

— Gostaria de ouvir sua reação, Michael — adiantou Beckwith.

— Adrian tem razão, Senhor Presidente. Em geral, não nos encontramos com terroristas de renome em situações como esta. A doutrina da Agência diz que somos nós a controlar o encontro: a data, o local, as regras básicas. Posto isto, creio que neste caso devemos esquecer as regras.

— E se o objetivo for assassiná-lo?

Se a Espada de Gaza me quisesse morto, haveria formas muito mais simples de o fazer, e não preparar um encontro elaborado, a bordo ao ferry entre Dover e Calais. Receio bem que bastaria enviarem um atirador para Washington, que esperasse à porta da sede.

— Bem visto — admitiu Clark.

— Julgo que apenas querem falar — continuou Michael. — E julgo que seríamos tolos se não escutássemos o que eles têm a dizer.

— Não concordo, Michael — discordou Carter. — Estamos a falar de um dos piores grupos terroristas em atividade. Eles falam todos os dias com as suas ações. Muito sinceramente, estou-me borrifando para aquilo que podem ter para dizer. — Carter olhou para Beckwith e disse: — Sinto muito pela linguagem, Senhor Presidente.

— Eu avisei-o de que ele não era uma pessoa decente, Senhor Presidente — disse Michael.

O conselheiro para a Segurança Nacional William Bristol esperou que as gargalhadas esmorecessem.

— Acho que vou apoiar o Michael, Senhor Presidente. É verdade, Muhammad Awad é um terrorista perigoso que não merece uma audiência só porque a pede. No entanto, muito sinceramente, gostaria de ouvir o que tem a dizer. Este encontro pode ser proveitoso. Certamente poderá dar à CIA informações preciosas sobre os elementos e sobre a maneira de pensar do grupo. E concordo com o Michael noutro ponto: se a Espada de Gaza o quiser matar, há maneiras mais fáceis de o conseguir.

O Presidente dirigiu-se a Vandenberg. — Qual é a sua opinião, Paul?

Detesto ir contra si, Bill, pois a política externa é a sua especialidade e não minha, mas julgo que não temos nada a ganhar com um encontro com o líder de um bando de vilões sanguinários como a Espada de Gaza. O Adrian tem razão: a Espada de Gaza fala com ações e não com palavras. E temos de pensar noutra coisa. Não gostaria de ter de explicar ao povo americano por que motivo nos encontramos com Muhammad Awad numa altura como esta. A forma como tem lidado com a crise tem sido exemplar e os Americanos já o recompensaram. Não gostaria de ver essa boa vontade desperdiçada só porque um terrorista como Muhammad Awad quis trocar dois dedos de conversa.

Beckwith caiu num silêncio pensativo. Michael sabia que não era bom sinal. Nunca estivera na presença do Presidente, mas já ouvira histórias sobre o poder de Paul Vandenberg. Se este não quisesse que o encontro tivesse lugar, provavelmente o encontro não se realizaria.

Por fim, Beckwith olhou para a câmara e dirigiu-se a Michael em Londres, e não aos homens sentados à sua volta.

— Michael, se estiver disposto a avançar com isto, gostaria de saber o que Muhammad Awad tem a dizer. Sei que vai comportar riscos, e sei que o Michael é casado.

— Vou encontrar-me com ele — respondeu Michael simplesmente.

Muito bem — declarou Beckwith. — Desejo-lhe muito boa sorte. Falamos amanhã. Depois, a imagem de Washington desvaneceu-se.

LONDRES

O embaixador permitiu que Michael utilizasse o seu gabinete para telefonar a Elizabeth, em Washington. Michael ligou para o número privado, mas foi Max, o secretário, quem atendeu. Mostrou-se aliviado ao ouvir a voz de Michael e depois explicou que Elizabeth já partira para Nova York e que poderia ser contatada mais tarde, no apartamento do pai na Quinta Avenida. Michael sentiu uma pontada de fúria momentânea — como podia ela ter saído do gabinete

sem esperar para lhe ouvir a voz? ─ mas depois sentiu-se um tolo. Saíra mais cedo do trabalho pois de manhã iria extrair e fertilizar os óvulos no Cornell Medical Center, em Nova York. Durante a confusão do atentado, Michael esquecera-se completamente. E concordara em encontrar-se com Muhammad Awad no meio do Canal da Mancha, o que atrasaria a sua chegada a Nova York mais dois dias. Elizabeth ficaria furiosa, e com toda a razão. Michael disse a Max que lhe telefonaria mais tarde para Nova York e desligou.

Na verdade, Michael ficou aliviado por não ter falado com Elizabeth. Não queria ter uma conversa como aquela numa linha monitorizada da embaixada. Dirigiu-se ao gabinete de Wheaton e encontrou-o sentado à secretária, a apertar uma bola de tênis, um Dunhill entre os lábios exangues.

─ Perdi a mala em Heathrow ─ explicou Michael. ─ Tenho de fazer umas compras antes que as lojas fechem.

Por acaso, não pode ir ─ contrapôs Wheaton com desdém. Para começar, não gostava que Michael estivesse a trabalhar no seu território. O fato de Michael ser a coqueluche do momento também não ajudava. ─ O Carter quer vê-lo quieto e seguro. Temos uma casa de segurança perto de Paddington Station. Vai ver que é muito confortável.

Michael resmungou consigo mesmo. As casas de segurança da Agência eram o equivalente na espionagem a um hotel barato. Conhecia muito bem o apartamento de Paddington Station. Utilizara-o ao longo dos anos para esconder vários agentes de penetração assustados. A última coisa que ele queria era passar lá a noite como hóspede e não como ama-seca. Michael sabia que não valia a pena resistir. Ia encontrar-se com Muhammad Awad contra a vontade de Carter e não queria enfurecê-lo ainda mais, reclamando por ter de passar uma noite na casa de segurança de Paddington.

Continuo a precisar de roupa ─ insistiu Michael.

─ Faça uma lista e eu mando alguém comprar.

─ Preciso de apanhar ar. Preciso de fazer alguma coisa. Se tiver de passar as próximas doze horas trancado numa casa de segurança a ver televisão, vou dar em louco.

Claramente irritado, Wheaton levantou o receptor do telefone interno e murmurou algumas palavras ininteligíveis para o bocal. Momentos depois surgiram dois agentes à porta, vestidos com ternos cinza-claro idênticos.

─ Cavalheiros, o senhor Osbourne gostaria de passar a tarde no Harrods. Garantam que não lhe acontece nada.

─ Porque não envia um par de Marines fardados? ─ queixou-se Michael. ─ E, já agora, a Marks and Spencer serve perfeitamente.

Apanharam um táxi para Oxford Street, um dos agentes sentado ao lado de Michael no banco, o outro apertado num banco desdobrável. Michael entrou na Marks & Spencer e comprou dois pares de calças de bombazina, dois pulôveres de algodão, uma blusa cinzenta de lã, roupa interior e peúgas, e um casaco verde impermeável. Os vigilantes seguiram-no, enquanto reviravam pilhas de blusas e fileiras de ternos como um par de comunistas na sua primeira viagem ao Ocidente capitalista. De seguida entrou numa drogaria e comprou artigos de higiene: lâminas e creme de barbear, pasta e escova de dentes,

desodorizante. Queria andar, por isso levou as compras ao longo de Oxford Street, a olhar para as montras como um empresário enfadado a matar tempo, sempre com o instinto a fazê-lo olhar para trás, em busca de perseguidores. Não viu ninguém, salvo os homens da Agência, vinte metros mais atrás.

Chuviscava. O lusco-fusco caiu como um véu. Michael abriu caminho por entre a multidão que entrava e saía da estação de metro de Tottenham Court Road. Adorava o cheiro do final de tarde de Outono em Londres. Chuva no passeio. Gases dos escapes. Cerveja e cigarros nos pubs. Lembrava-se de noites como aquela, em que saía do gabinete com o seu terno azul e o sobretudo creme de um vendedor, dirigindo-se ao Soho para se encontrar com Sarah no café, ou no bar que ela frequentava, cercada por bailarinos, por escritores, ou por atores. Michael era um estranho nesse mundo, um símbolo da convenção e de tudo o que desprezavam, mas, na presença deles, Sarah apenas tinha olhos para si. Ignorava as regras românticas do clã. Dava-lhe a mão. Beijava-lhe os lábios. Partilhava intimidades sussurradas e recusava-se a divulgá-las, quando interrogada.

Ao atravessar Shaftesbury Avenue, Michael interrogou-se quanto disso seria verdade, e o que não passaria de invenção. Tê-lo-ia amado? Teria representado desde o início? Porque teria pedido aos russos para desistir? Imaginou Sarah no apartamento caótico, o corpo a subir ao seu encontro à luz das velas, o cabelo longo a cair-lhe sobre os seios. Sentiu o aroma do cabelo, do hálito, saboreou o sal na pele translúcida. O ato de amar fora religioso. Caso fosse mentira, Sarah Randolph era a melhor agente que alguma vez encontrara. Interrogou-se se ela teria descoberto algo valioso. Talvez devesse tê-la declarado ao Departamento de Pessoal. Eles teriam investigado os seus antecedentes, tê-la-iam colocado sob vigilância, descobririam os encontros que mantinha com o controlador russo, e tudo poderia ter sido evitado. Pensou no que diria a Elizabeth. Promete que nunca vais mentir-me, Michael. Podes ocultar-me coisas, mas nunca me mintas. Quem me dera poder contar-te a verdade, pensou, mas nem eu sei qual é.

Michael sentou-se num banco em Leicester Square e esperou que os vigilantes se juntassem a ele. Apanharam um táxi até a casa de segurança, localizada num prédio branco ofensivo, com vista para Paddington Station. O interior era pior do que o recordado por Michael: mobília reles manchada, cortinados cheios de pó, copos e pratos de plástico numa cozinha em estado de sítio. O fedor dos quartos lembrava-lhe a residência universitária em Dartmouth. Wheaton abastecera o frigorífico com carnes frias e cerveja encomendadas à loja Sainsbury's. Michael tomou uma ducha e vestiu uma muda da roupa nova. Quando voltou à sala, os agentes comiam sanduíches e viam futebol inglês numa televisão de imagem instável. A cena tinha algo que o deprimia. Precisava de telefonar a Elizabeth, em Nova York, mas sabia que iriam brigar, algo que não queria fazer com a Agência à escuta.

— Vou sair — anunciou Michael.

— O Wheaton diz que tem de ficar aqui — avisou um dos homens, com a boca cheia de presunto, queijo cheddar e pão francês.

— Não quero saber daquilo que o Wheaton diz. Não vou passar a noite aqui sentado com dois palhaços. — Michael fez uma pausa.

— Muito bem, podemos ir juntos, ou posso livrar-me de vocês em cinco minutos, e depois explicam ao Wheaton o que se passou.

Seguiram de carro até Belgravia e estacionaram à frente da casa dos Seymour, em Eaton Place. Os guardas esperaram no seda" da Agência. A rua brilhava com a chuva e com a luz das fachadas de marfim do terraço georgiano. Pelas janelas, Michael pôde ver Helen na cozinha, concentrada no desastre culinário dessa noite, e Graham no andar de cima, na sala, a ler o jornal. Percorreu os degraus, molhados da chuva, e bateu à vidraça da porta da cozinha. Helen veio abrir e beijou-lhe a face.

— Que surpresa maravilhosa — exclamou.

— Importas-te que venha incomodar?

— É claro que não. Estou a fazer bouillabaisse.

Tens que chegue para mais um? — perguntou Michael, com o estômago instintivamente a dar uma volta.

— Mas é claro, meu querido — ronronou Helen. — Vai lá acima beber alguma coisa com o Graham. Este atentado em Heathrow deixou-o muito perturbado. Ai, meu Deus, foi uma coisa tão horrível.

— Eu sei — garantiu Michael. — Infelizmente, estava lá.

— Estás a brincar! — exclamou Helen. Depois olhou para a expressão de Michael. — O, não estás a brincar, pois não, Michael? Estás com um ar terrível, coitadinho. A bouillabaisse vai fazer-te sentir melhor.

Quando Michael entrou na sala, Graham ergueu o olhar.

— Ora vejam só, o herói de Heathrow. — Pousou o The Evening Standard, cuja manchete proclamava TERROR NO TERMINAL QUATRO.

Uma travessa com brie e com patê estava em cima da mesa de centro, ao lado de uma fatia grossa de pão. Graham já devorara metade. Michael barrou um pedaço de pão com queijo e olhou desconfiado para o patê.

— Não te preocupes, meu caro. Comprei-o numa loja de Sloane Square. Ela tem vindo a ameaçar que vai aprender a fazê-lo em casa. Não tarda muito vai começar a cozer pão, e nessa altura estou perdido.

Em fundo, Michael podia ouvir as notícias da BBC na aparelhagem alemã de Graham. Este tinha um ótimo ouvido e poderia ter sido um pianista sinfônico, caso os serviços secretos não lhe tivessem deitado a mão. O seu talento atrofiara ao longo dos anos, como acontece com uma segunda língua que não se fala. Utilizava o Steinway de cauda uma ou duas vezes por semana, enquanto Helen assassinava o jantar, e escutava outros a tocar música. Michael ouviu uma testemunha a descrever o viajante de terno azul que matara um terrorista e incapacitara outro.

— Tenho de telefonar à Elizabeth, e não quero metade da Estação de Londres a ouvir a conversa. Importas-te que use o teu telefone? Graham apontou para o telefone em cima da mesa de apoio.

— Preciso de um pouco mais de privacidade. Ela não vai gostar do que tenho para lhe dizer.

— O quarto fica ao fundo do corredor.

Michael sentou-se na beira da cama, pegou no telefone e marcou o número.

Elizabeth atendeu ao primeiro toque, o tom de voz agitado.

Meu Deus, Michael, onde tens estado? Estou preocupadíssima.

Não queria que a conversa começasse dessa forma. O primeiro instinto foi culpar a Agência, mas Elizabeth há muito que perdera a paciência para desculpas sobre as exigências únicas do seu trabalho.

— O Wheaton disse-me que tinha falado com você. Quando pude usar um telefone, já tinhas partido para Nova York. Além disso, queria um aparelho sem escutas.

— Onde estás?

— com a Helen e o Graham.

Elizabeth passara bastante tempo com os Seymour e gostava bastante do casal. Dois anos antes, numa altura em que Graham estivera em Washington para um trabalho de ligação contraterrorista, os quatro tinham passado um fim-de-semana prolongado na casa de Shelter Island.

— Porque não estás a caminho de casa? A extração está marcada para as dez da manhã. Preciso que aqui estejas.

— Já não há mais voos. Não vou conseguir chegar a tempo.

— Michael, trabalhas para a Central Intelligence Agency. Eles conseguem desencantar um avião. Diz-lhes quais são as circunstâncias. De certeza que vão ser compreensivos.

— Não é assim tão simples. Além disso, custa dezenas de milhar de dólares. Não vão fazer isso por mim.

Elizabeth suspirou profundamente. Michael ouviu o isqueiro barato e ela parou de falar o tempo suficiente para acender outro cigarro Benson & Hedges. — Tenho passado o dia a ver a CNN — disse, mudando de assunto de repente. — Falaram sobre uma testemunha que disse que um passageiro prendeu um dos terroristas e abateu outro com a arma dele. O homem que descreveram era muito parecido com você. — O que te disse o Wheaton?

— Ah não, Michael, não vou deixar que vocês acertem as agulhas com a história que andam a contar. O que aconteceu? Quero a verdade.

Michael contou-lhe.

Meu Deus do céu! Não podias ficar escondido e esperar que resolvessem as coisas? Tinhas de te aventurar? De te armar em herói e arriscar a vida?

— Não me estive a armar em herói, Elizabeth. Reagi a uma situação. Fiz aquilo para que me treinaram e devo ter conseguido salvar algumas vidas. — Então parabéns. O que queres que eu faça? — A voz tremia com a emoção. — Que me levante e seja a primeira a aplaudir por quase ter feito de mim uma viúva?

— Eu não fiz quase de ti uma viúva.

— Michael, eu ouvi um estranho na televisão dizendo que um terrorista te apontou uma arma e que você conseguiu matá-lo antes que ele te matasse. Não me minta.

— Não foi assim tão dramático.

— Então por que o matou?

— Porque não tinha alternativa. — Michael hesitou. — E porque merecia morrer. Há vinte anos que persigo pessoas como estas, mas nunca as tinha visto em ação. Hoje tive essa oportunidade. Foi pior do que imaginei.

Michael não estava em busca de compreensão, mas as suas palavras atenuaram a ira da esposa.

— Oh, sinto tanto. Mas como está você, afinal de contas? — perguntou Elizabeth.

— Estou bem. Quase quebrei a mão esmurrando o cara, e devo ter batido como o joelho em algum lugar, porque dói como o diabo. Mas de resto estou bem.

— É bem feito — replicou, ao que acrescentou rapidamente —, mas vou dar beijinhos em todo lugar, quando chegar em casa, amanhã.

Michael hesitou. Elizabeth tinha o radar em potência máxima.

— Você volta amanhã, não volta?

— Surgiu um imprevisto. Tenho de passar aqui mais um dia.

— "Surgiu um imprevisto." Então, Michael, consegue fazer melhor do que isso.

— É verdade. Quem me dera poder dizer do que se trata, mas não posso.

— Seja o que for, por que não pode ser outra pessoa a tratar do assunto?

— Porque só eu é que posso. — Michael fez uma pausa. — Mas há uma coisa que posso dizer: foi o Presidente em pessoa que me deu as ordens.

— Não me interessa quem te deu as ordens! — retorquiu Elizabeth. — Prometeu que voltaria a tempo. Agora quebra essa promessa.

— Elizabeth, o caso não está nas minhas mãos.

— Uma porra! Está tudo nas suas mãos. Você faz exatamente o que quer. Sempre fez.

— É só mais um dia e depois regresso. Vou direto a Nova York. Chego a tempo da implantação.

— Michael, não quero que se incomode. Por que não fica em Londres mais um dia ou dois? Vai ao teatro, ou algo assim.

— Isso não é justo, Elizabeth, e não está ajudando.

— Pode crer que não é justo.

— Não posso fazer nada.

— Faça o que fizer, Michael, não precisa voltar às pressas por minha causa, pois não sei se quero te ver.

— O que está a dizendo?

— Não sei o que estou dizendo. Estou zangada, magoada e desapontada com você. E estou com medo, e nem acredito que você vai me obrigar a passar por isso sozinha.

— Não tenho escolha, Elizabeth. É o meu trabalho. Não tenho escolha.

— Tem sim, Michael. Tem escolha. E isso é o que mais me assusta.

Ficou em silêncio por um instante, o zumbido da ligação por satélite era o único som em linha. Michael esgotara o que dizer. Queria dizer que a amava, o quanto lamentava, mas isso parecia tolo.

— Quando estávamos ao telefone, em Heathrow, antes do ataque — disse Elizabeth, por fim —, disse que queria contar uma coisa.

Michael filtrou a confusão e a violência do atentado em Heathrow e percebeu que estivera prestes a contar o que descobrira sobre Sarah. Não queria piorar a situação dizendo a Elizabeth que investigara a morte da antiga amante.

— Não me lembro do que estávamos falando — disse.

Elizabeth suspirou.

— Meu Deus, que péssimo mentiroso. Sempre pensei que os espiões fossem bons em enganar as pessoas. — Fez uma pausa, à espera que o marido dissesse alguma coisa, mas ele não tinha mais nada a dizer. — Boa sorte amanhã, para aquilo que vai fazer. Eu te amo.

A ligação caiu. Michael voltou a ligar rapidamente mas, quando o telefone começou a chamar, apenas ouviu o ruído irritante do sinal de ocupado. Voltou a tentar mas nada conseguiu, por isso desligou o telefone e desceu para enfrentar o jantar de Helen.

— Talvez fosse melhor pedir a Carter para enviar outra pessoa — sugeriu Graham.

Estavam sentados lá fora, no jardim, em volta de uma mesa de ferro forjado, fumando os cigarros de Graham. A chuva parara e a Lua ia brilhando através dos farrapos de nuvens.

— Não podemos enviar mais ninguém. Eles pediram que fosse eu. Conhecem o meu rosto. Se tentarmos enviar outra pessoa, vai tudo por água abaixo.

— Já pensou que pode cair direitinho numa armadilha? Vivemos tempos perigosos. A Espada de Gaza pode querer abater um homem dos serviços, sobretudo depois do que fez hoje em Heathrow.

— Não ganham nada em me matar. Sabe tão bem quanto eu que eles não matam indiscriminadamente. Fazem por uma razão e só quando acreditam que isso poderá promover sua causa.

— Imagino que Elizabeth não esteja nada satisfeita com a situação.

— Você pode imaginar. Ela não sabe o que vou fazer amanhã, mas não anda contente. — Michael contou tudo. Mesmo que a natureza do seu trabalho por vezes exigisse discrição profissional, havia muito poucos segredos pessoais entre eles.

— Espero que saiba o que está fazendo, companheiro. Parece bem grave.

— Neste momento não preciso de um conselheiro matrimonial. Sei que estou me arriscando, mas quero ouvir o que o Awad tem a dizer.

— Minha experiência com esses sacanas sugere que não vai dizer nada de útil.

— Não me arriscaria se não tivesse alguma coisa para nos dizer.

— Por que não apanhas o filho da mãe e o mete na prisão? Ou melhor ainda, trata do seu desaparecimento conveniente.

— É tentador, mas nós não funcionamos assim. Além disso, o único resultado seria uma resposta com mais violência.

— Não podem fazer nada mais violento do que o atentado de hoje, meu caro.

Uma sirene uivou na direção de Sloane Square. Sem querer, Michael pensou em Sarah.

— Chegou a encontrar o nosso amigo Drozdov? — perguntou Graham.

Michael anuiu.

— Disse alguma coisa de útil?

— Na verdade, foi bem útil. Sabia quem eu era. Disse por que Sarah foi morta.

Michael contou-lhe a história.

— Valha-me Deus, lamento, Michael. Sei o quanto ela significava para você — garantiu Graham.

Michael acendeu outro cigarro.

— Não disse a ninguém de sua equipe que eu estava pensndo em fazer uma visita a Drozdov, não?

— Está brincando? Os manda-chuvas me esfolariam vivo se descobrissem. Por que pergunta?

— Porque dois brucutus num Ford branco me seguiram até Heathrow.

— Não eram nossos. Talvez Wheaton tenha posto você sob vigilância.

— Já pensei nessa possibilidade.

— É um filho da mãe, esse seu Wheaton. Os cavalheiros na suíte executiva de Vauxhall Cross mal podem esperar pelo regresso dele a Langley para a dança da vitória em volta da sede.

— Ele contou ao SIS sobre o encontro de amanhã com Awad?

— Que eu saiba não, e eu faria parte da lista de aviso, se uma coisa dessas acontecesse.

— E não vai contar nada a sua equipe, certo, Graham?

— Claro que não. As regras habituais se aplicam, meu caro.

Graham jogou o cigarro num canteiro agora seco. — Não quer alugar um copiloto experiente?

— Quando foi a última vez que fez trabalho de campo?

— Já faz algum tempo. E você também. Mas há coisas que não se esquecem. Se fosse você, neste momento desejaria ter alguém me protegendo.

WASHINGTON, D. C.

Paul Vandenberg ligou os televisores do gabinete e viu, em simultâneo, a abertura dos noticiários dos três canais de televisão. Cada um deles dedicou todo o primeiro bloco à emissão do ataque em Heathrow. Houve reportagens em direto de Londres, da Casa Branca e do Oriente Médio, e reportagens de fundo sobre a Espada de Gaza. O tom dos jornalistas era, regra geral, positivo, embora fontes diplomáticas europeias anônimas culpassem os Estados Unidos por atacarem as bases da Espada de Gaza. Vandenberg não se preocupava com as críticas dos europeus. O Congresso encontrava-se do seu lado. Até mesmo alguns dos democratas mais pacifistas, como Andrew Sterling, o adversário derrotado de Beckwith, tinham prometido apoio, e o *New York Times* e o *Washington Post* tinham concedido suas bênçãos editoriais. Ainda assim, os vinte civis americanos que regressavam a casa em caixões minaram necessariamente algum apoio da opinião pública em relação aos atos do Presidente.

O noticiário abandonou o assunto e transmitiu o resto das notícias do dia. Vandenberg levantou-se e preparou um copo de vodka com água tônica, o qual bebeu enquanto arrumava a secretária e trancava os documentos importantes.

Às sete e dez, a secretária espreitou à porta.

— Boa noite, senhor Vandenberg.

— Boa noite, Margaret.

Tem uma chamada. Um tal detective Steve Richardson, da Polícia Metropolitana de D.C.

— Ele disse do que se trata? — Não, senhor. Quer que pergunte?

— Não, vá para casa, Margaret. Eu trato do assunto. Vandenberg baixou o som dos televisores, carregou na luz a piscar do telefone multilinhas e pegou no receptor.

— Fala Paul Vandenberg — disse com brusquidão, adicionando intencionalmente uma nota de autoridade ao tom de voz.

— Boa noite, senhor Vandenberg. Peço desculpa por incomodá-lo tão tarde, mas isto vai demorar apenas um ou dois minutos.

— Posso saber do que se trata?

— Do assassinato de uma jornalista do Washington Post, chamada Susanna Dayton.

Tinha conhecimento da sua morte, senhor Vandenberg?

— Claro. Na verdade, falei com ela nessa noite.

— Bem, é por isso que estamos a telefonar. Sabe...

— Foram consultar os registros telefônicos e descobriram que eu fui uma das últimas pessoas com quem ela falou, e agora querem saber o tema da nossa conversa.

— Já tinha ouvido dizer que era um homem esperto, senhor Vandenberg.

— De onde está a telefonar?

— Para dizer a verdade, estou mesmo do outro lado da rua, em Lafayette Park.

— Ótimo, porque não falamos cara a cara?

— Eu conheço-o. Tenho-o visto na televisão ao longo dos anos.

— Parece que a televisão serve para alguma coisa.

Cinco minutos depois, Vandenberg atravessava o Portão Noroeste da Casa Branca, cruzando a alameda pedestre que antigamente fora a Pennsylvania Avenue. O carro aguardava no Acesso Executivo, no interior do recinto. A noite caíra e, com ela, viera uma chuva miudinha e fria. Vandenberg caminhava pelo Lafayette Park num passo rápido de marcha, a gola virada para cima a fim de se proteger do frio, os braços a baloiçar ao lado do corpo. Dois sem-abrigo aproximaram-se e pediram-lhe dinheiro. Vandenberg passou por eles a toda velocidade, sem sequer se aperceber da sua presença. O detetive Richardson levantou-se do banco onde estava sentado e caminhou na direção dele, de mão estendida.

— Ela telefonou para que eu comentasse uma reportagem em que estava trabalhando — adiantou Vandenberg, tomando de imediato a iniciativa. — Era um artigo de investigação complexo e eu recomendei que fosse ao gabinete de imprensa da Casa Branca.

— Lembra-se de algum pormenor da história?

Quer dizer que não havia nenhuma gravação, pensou Vandenberg.

— Nem tanto. Era alguma coisa sobre as atividades de angariação de fundos do Presidente. Não me pareceu muito grave e, sinceramente, num domingo à noite, não queria muito falar naquilo. Por isso, mandei-a procurar quem de direito.

— Telefonou ao secretário de imprensa para informar do telefonema?

— Não, não telefonei.

— Posso saber por quê?

— Porque não achei que fosse necessário.

— Conhece um homem chamado Mitchell Elliott?

— Claro — respondeu Vandenberg. — Antes de entrar para a política, trabalhei para a Alatron Defense Systems e Mitchell Elliott é um dos apoiadores políticos mais chegados do Presidente. Encontramo-nos com muita frequência e falamos com regularidade.

— Sabia que Susanna Dayton também telefonou para Mitchell Elliott nessa noite? Na verdade, isso aconteceu momentos antes de falar com você.

— Sim, sei que ela telefonou para Mitchell Elliott.

— Posso perguntar como sabe disso?

— Porque Elliott e eu falamos posteriormente.

— Lembra-se sobre o que falaram?

— Não realmente. Foi uma conversa muito breve. Discutimos as alegações da Sra. Dayton e ambos chegamos à conclusão de que eram disparates sem fundamento que não mereciam comentário.

— Falou com Elliott mas não com o secretário de imprensa da Casa Branca?

— Sim, exatamente.

Richardson fechou o bloco de notas a fim de sinalizar que a entrevista terminara.

— Faz alguma ideia de quem assassinou a mulher?

Richardson abanou a cabeça. — Neste momento, estamos tratando do caso como um assalto que deu errado. Lamento tê-lo incomodado, senhor Vandenberg, mas tínhamos de confirmar. Espero que compreenda.

— Claro, detetive.

Richardson entregou-lhe seu cartão.

— Caso se lembre de mais alguma coisa, por favor, não hesite em ligar. — Não gosto de receber telefonemas da polícia de Washington para o meu gabinete na Casa Branca, Mitchell.

Os dois homens caminhavam lado a lado no seu ponto de encontro habitual, Hans Point, ao longo do Washington Channel. Mark Calahan deambulava alguns passos atrás, à procura de algum sinal de vigilância.

— A polícia de Washington não me faz sentir lá muito nervoso, Paul — respondeu Elliott calmamente. — Acho que a última vez que prenderam alguém por assassínio foi em 1950.

— Diga-me só uma coisa, Mitchell. Diga-me que não teve absolutamente nada a ver com a morte daquela mulher.

Pararam de andar. Mitchell Elliott virou-se para encarar Vandenberg, mas não disse nada.

— Ponha a mão sobre uma Bíblia imaginária, Mitchell — disse Vandenberg —, e jure por esse seu Deus que o Calahan ou outro dos seus rufiões não mataram Susanna Dayton.

— Sabe que não posso fazer isso, Paul — recusou Elliott calmamente.

— Seu sacana — murmurou Vandenberg. — O que aconteceu?

— Nós a pusemos sob vigilância total, física e áudio — explicou Elliott. — Entramos na casa dela para fazer algumas tarefas domésticas e ela nos surpreendeu.

— Ela surpreendeu vocês! Valha-me Deus, Mitchell! Sabe o que está dizendo?

— Sei exatamente o que estou dizendo. Um dos meus homens cometeu um assassínio infeliz. O chefe de gabinete da Casa Branca é agora cúmplice por encobrimento de assassinato.

— Seu filho da mãe! Como se atreve a fazer isto com o Presidente!

— Fale baixo, Paul. Nunca se sabe quem pode estar na escuta. E eu não fiz nada ao Presidente, porque não há como sermos ligados ao assassinato de Susanna Dayton. Se não perder a cabeça e fizer alguma coisa estúpida, nada vai acontecer.

Vandenberg lançou um olhar furioso a Calahan, que retribuiu, sem pestanejar.

Virou-se e começou a andar. Uma chuva suave flutuava sobre o rio.

— Tenho mais uma pergunta, Mitchell.

— Quer saber quem é que realmente abateu aquele avião.

Vandenberg olhou para Mitchell em silêncio.

— Limite-se a dizer suas deixas e faça seu trabalho, Paul. Não faça muitas perguntas.

— Agora, Mitchell! Diga-me agora!

Elliott virou-se para Calahan.

— Mark, o senhor Vandenberg não está se sentindo nada bem neste momento. Acompanhe-o até o carro. Boa noite, Paul. Falaremos em breve.

O carro com motorista de Vandenberg saiu de Hans Point e seguiu a alameda, contornando Tidal Basin. O Jefferson Memorial brilhava suavemente nas águas, com o reflexo tornado indistinto pela chuva. O carro virou para a Independence Avenue, passou pelo altaneiro Washington Monument e virou para Potomac

Parkway. Vandenberg olhou para o Lincoln Memorial.

Meu Deus, o que foi que eu fiz — pensou.

Precisava de uma bebida. Nunca na sua vida tinha precisado de uma bebida, mas agora sentia mesmo necessidade. Fechou os olhos. A mão direita

tremia-lhe, por isso cobriu-a com a esquerda e fitou o rio que fluía sob a ponte.

LONDRES

Na manhã seguinte, Michael levantou-se antes de amanhecer e vestiu-se sem fazer barulho no quarto horrível da casa de segurança. Estava tudo silencioso exceto pelo ronco do trânsito matutino perto de Paddington Station e pela tagarelice dos guarda-costas de Wheaton no quarto ao lado. Bebeu um café instantâneo abjeto por uma caneca lascada, mas ignorou um prato de croissants duros. Regra geral, Michael estava calmo antes de um encontro, mas agora sentia-se nervoso e irritadiço, tal como se sentira quando era um recruta calouro, enviado para o campo pela primeira vez, depois do curso de treino na Quinta. Era raro fumar antes do meio-dia, mas já ia no segundo cigarro. Dormira pouco, agitado na cama de solteiro encovada, perturbado pela zanga com Elizabeth. Em grande parte, o seu casamento sempre fora calmo, livre das discussões e tensão constantes que afligiam tantos casamentos da Agência. Pequenas altercações abalavam-nos profundamente. Uma batalha como a da véspera, com ameaças de vingança, era-lhes estranha.

Vestiu um colete à prova de bala por cima da blusa de gola alta fina e enfiou uma blusa de lã cinzenta. Pegou no telefone e marcou uma última vez o número do apartamento na Quinta Avenida. Continuava ocupado. Pousou o receptor no descanso e saiu. Wheaton estava à espera lá em baixo, na beira, no banco traseiro de um sedan anônimo da Agência. Foram até Charing Cross, Wheaton discursando monotonamente sobre as regras para o encontro com a intensidade de alguém que passara uma carreira em segurança, preso a uma secretária.

— Se não for o Awad, em nenhuma circunstância deve prosseguir com o encontro — avisou Wheaton. — Espere que o barco chegue a Calais e nós tiramo-lo de lá. — Não estou a entrar em território inimigo — disse Michael. Se o Awad não aparecer, apanho o próximo ferry para a Grã-Bretanha.

— Permaneça alerta — continuou Wheaton, ignorando o comentário de Michael. — A última coisa de que precisamos é que vá de encontro a um verdadeiro crente da Espada de Gaza com uma chave de madeira em volta do pescoço. Regra geral, os membros da espada de Gaza., e muitos outros terroristas islâmicos, usavam uma chave de madeira por baixo da roupa durante missões suicidas, pois acreditavam que os seus atos seriam recompensados com o martírio e um lugar no céu.

— Carter não quer que vá desprotegido — indicou Wheaton. Abriu uma pequena mala e retirou de lá de dentro uma potente

pistola automática Browning com um carregador de quinze balas, a arma regulamentar da Agência.

— O que devo fazer com isto? — perguntou Michael. Como muitos agentes de casos, podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que levara uma arma no cumprimento do dever. Raramente um agente de casos disparava para resolver um problema. Sacar de uma arma em legítima defesa era o derradeiro sinal de fracasso. Significava que o agente fora traído por um dos seus, ou que fora completamente descuidado.

— Não vamos mandá-lo para aquele ferry para que seja assassinado ou feito refém — insistiu Wheaton. — Caso se aperceba de que está a cair numa armadilha, riposte. Vai lá estar sozinho.

Michael colocou o carregador na coronha e puxou a culatra, introduzindo a primeira bala. Accionou a trava de segurança e enfiou a arma no cós das calças, por baixo da blusa.

Wheaton deixou Michael na estação. Michael comprou um bilhete de primeira classe para Dover e um molho de jornais matutinos, e depois foi à procura da plataforma. Entrou no comboio com cinco minutos de antecedência e avançou pelo corredor apinhado. Encontrou um lugar num compartimento com dois homens de negócios que já estavam a martelar nos computadores portáteis. No momento em que o comboio saía da estação, uma mulher entrou no compartimento. Tinha cabelo comprido e escuro, olhos escuros e pele pálida. Michael pensou que se parecia vagamente com Sarah.

Durante quase uma hora, o comboio avançou ruidosamente pelos subúrbios do Sudeste de Londres e depois entrou na terra de cultivo ondeada de Kent. No bar, Michael comprou café e umo sanduíche de presunto e queijo. Regressou ao compartimento e sentou-se. Os homens de negócios estavam em mangas de camisa e suspensórios, olhando para um relatório de lucros como se fosse um texto sagrado. A mulher não abriu a boca durante toda a viagem. Fumava um cigarro atrás do outro, até que o compartimento ficou a parecer uma câmara de gás. Os atraentes olhos castanhos acompanhavam o campo verde-acinzentado de Kent. A mão comprida encontrava-se sugestivamente pousada sobre uma coxa escondida por umas meias austeras.

O comboio chegou a Dover e Michael saiu do compartimento. A moça colocou um saco de pele ao ombro e seguiu-o. Era alta, tão alta como Sarah, mas não possuía a sua graciosidade, nem a agilidade física felina. Trazia vestido um casaco de pele preto, que lhe dava pelas coxas, e botas da tropa pretas que ressoavam quando andava.

Michael apressou-se a sair da estação e a dirigir-se ao terminal dos ferrys. Comprou um bilhete e entrou para o barco, um ferry multiuso com centro e trinta metros, capaz de transportar 1300 passageiros e 280 carros. Entrou para a área dos bancos dos passageiros no convés principal e sentou-se junto a uma janela, a bombordo. Olhou em frente e viu Graham Seymour sentado no centro do convés, vestido com calças de ganga e uma blusa cinzenta Venice Beach, e um estojo de guitarra nas mãos. Michael desviou rapidamente o olhar. A moça do comboio entrou, sentou-se diretamente atrás de Michael e começou de imediato a fumar.

Enquanto o ferry sulcava as águas, Michael lia os jornais. Dover desapareceu por trás de uma cortina de chuva. De minutos a minutos, Michael olhava para o parapeito a bombordo, pois era aí, a meio do navio, que Awad iria aparecer. Foi uma vez até o bar, o que lhe permitiu perscrutar o rosto de todos os que se encontravam sentados na área de passageiros. Comprou chá escuro servido num copo de papel muito fino e levou-o para o seu lugar. Não reconheceu ninguém, a não ser Graham e a moça do comboio, que estava absorta numa revista de moda de Paris.

Passou meia hora. A chuva parou, mas agora, bem no meio do Canal, o vento aumentava de intensidade e as ondas encrespadas lançavam-se em direção à ampla proa do ferry. A moça levantou-se, comprou café no bar e depois sentou-se ao lado de Michael. Acendeu outro cigarro e, por instantes, beberricou o café em silêncio.

— Ali está ele, junto ao parapeito, de gabardina cinzenta — indiciou, um vestígio de Beirute no seu inglês. — Aproxime-se dele devagar. Por favor, refira-se a ele apenas como Ibrahim. E não tente armar-se em herói outra vez, senhor Osbourne. Estou bem armada e Ibrahim tem cinco quilos de Semtex atados ao corpo.

Michael achou que o rosto lhe era vagamente familiar, como um amigo de adolescência que se materializa na meia-idade, gordo e a ficar calvo. Vira aquele rosto muitas vezes, mas nunca de perto e, decerto, nunca pessoalmente. Vira o perfil do lado direito, indistinto, num instantâneo tirado pelos fotógrafos do MI5 durante uma das visitas de Awad a Londres. O rosto desfocado capturado pelos serviços franceses durante uma escala em Marselha. A velha fotografia israelense do jovem Awad: atirador de pedras, perito no fabrico de cocktails Molotov, criança guerreira da Intifada que quase espancou até a morte um colono de Brooklyn com um pedaço do seu adorado Hebron. A foto israelense era de valor limitado, pois a Shin Bet apanhara-o primeiro e deixara-o quase irreconhecível com equimoses e inchaços.

Michael e a sua presa ficaram lado a lado no parapeito durante um longo momento, cada um com o olhar fito no seu ponto privado das águas em turbilhão do Canal, como amantes zangados sem nada mais a dizer. Michael virou-se e olhou mais uma vez para Awad. Por favor, refira-se a ele apenas como Ibrahim. Por um instante, interrogou-se se o homem seria mesmo Muhammad Awad. As entediantes advertências de Wheaton ecoavam na mente de Michael como anúncios de embarque num aeroporto.

A Michael, o homem a seu lado parecia o irmão mais velho e mais próspero de Awad. Estava vestido para fazer negócios, com um dispendioso sobretudo cinzento e um terno de bom gosto, com duas fileiras de botões, visível por baixo. As feições tinham sido alteradas por cirurgia plástica. Como resultado, a aparência árabe fora apagada e tinha sido criado algo de origem nacional incerta: um espanhol, um francês ou talvez um grego. O nariz palestino proeminente desaparecera, tendo sido substituído pelo nariz estreito e aquilino de um aristocrata do norte de Itália. As maçãs do rosto tinham sido realçadas, a testa suavizada, o queixo tornado quadrado e os olhos castanhos eram agora de um verde-claro, graças a lentes de contato. Tinham-lhe sido arrancados os dentes molares, a fim de lhe dar as faces felinas de um supermodelo.

A vida de Muhammad Awad assemelhava-se a um panfleto da literatura revolucionária palestina radical. Michael conhecia-a bem, pois compilara a biografia e o currículo de Awad para o Centro, com a ajuda da Mossad, do Shin Bet, do MI6 e de metade dos serviços de segurança da Europa. O avô fora arrancado aos seus olivais e laranjais nos arredores de Jerusalém em 1948 e enviado para o exílio na Jordânia. Segundo a lenda de Awad, no ano seguinte morreu de desgosto, conservando ainda o neto as chaves da sua casa em Israel no bolso. Outro ramo do clã Awad foi massacrado em Deir Yassin. Em 1967, a família foi expulsa novamente, desta vez para campos de refugiados no Líbano. O pai de Awad nunca trabalhou, limitava-se a ficar sentado nos campos, a contar histórias sobre como tinha sido a sua vida em pequeno, cuidando das azeitonas e das laranjas com o pai. O paraíso perdido. Nos anos 80, o jovem Muhammad Awad foi doutrinado no Islão radical do sul do Líbano e em Beirute. Juntou-se ao Hezbollah. Juntou-se ao Hamas. Recebeu treino no Irã e na Síria: armas leves, tácticas de infiltração, contra-espionagem, fabrico de bombas. Quando Arafat apertou a mão de Rabin na Casa Branca, Awad sentiu-se ultrajado. Quando as forças de segurança de Arafat começaram a perseguir o Hamas, a mando de Israel, Awad jurou vingança. Juntamente com cinquenta dos melhores guerrilheiros do Hamas, formou a Espada de Gaza, o grupo terrorista palestino mais mortífero desde o Setembro Negro.

Rajadas de vento assolavam o convés. Awad levou a mão ao interior do casaco. Michael hesitou, mas resistiu à tentação de pegar na Browning.

— Calma, senhor Browning — disse Awad. — Só me apeteceu fumar. Além disso, se quisesse matá-lo, o senhor já estaria morto.

O inglês era perfeito, com um leve sotaque irreconhecível por um ouvido destreinado. Os cigarros que foi buscar ao bolso do peito eram Dunhill sem filtro.

— Sei que fuma Marlboro Lights, mas talvez estes sirvam, sim? A sua esposa fuma Benson and Hedges, não é? Chama-se Elizabeth Cannon-Osbourne e exerce advocacia numa daquelas firmas importantes de Washington. O senhor vive na N Street, em Georgetown. Está a ver, senhor Osbourne, temos os nossos próprios serviços secretos e de segurança. E recebemos muitas ajudas dos nossos amigos em Damasco e em Teerã, claro está.

Michael aceitou o Dunhill e virou-se a favor do vento para o acender. Quando Awad levantou a mão para acender o seu próprio cigarro, Michael viu o detonador na palma da mão direita.

— Já percebi, Ibrahim — disse Michael.

— Sei que foi uma demonstração entediante, mas só a fiz para enfatizar que não desejo qualquer mal nem a si, nem à sua família. O senhor não é meu inimigo e não tenho tempo nem recursos para lutar contra si. — Então para que os explosivos presos à cintura?

— Num negócio como este, é preciso tomar precauções.

— Nunca me pareceu do tipo suicida.

Awad sorriu e soprou o fumo pelas narinas esculpidas.

— Sempre acreditei que era mais útil a Alá vivo do que morto. Além disso, não temos falta de voluntários para missões de martírio. Creio que passou algum tempo no Líbano quando era criança. Sabe as condições em que vive o nosso povo. A opressão pode gerar loucura, senhor Osbourne. Há miúdos que preferem morrer a passar uma vida inteira acorrentados.

Michael olhou para o lado esquerdo e viu a mulher do comboio encostada ao parapeito, a seis metros de distância, a fumar, os olhos vagueando pelo ferry.

— Pensei que acreditassem que o lugar de uma mulher era em casa, oculta por um chador — comentou Michael, olhando para a moça.

— É uma pena, mas por vezes este negócio exige os serviços de uma mulher talentosa. Para os objetivos desta conversa, ela chama-se Odette. É palestina e muito boa a manejar a arma. Os velhos serviços de segurança da Alemanha Ocidental davam ordens para abater primeiro as mulheres. No caso de Odette, esse seria, de fato, um excelente conselho.

— Agora já nos apresentamos todos — disse Michael —, que tal irmos diretos ao assunto? Porque quis conversar?

— O ataque de ontem em Heathrow foi obra da Espada de Gaza. Organizamos o ataque para vingar os vossos ataques aéreos ridículos contra os nossos amigos na Líbia, na Síria e no Irã. Ontem o senhor foi o herói, senhor Osbourne. A sua presença foi coincidência, garanto-lhe. Sinceramente, quem me dera que os tivesse morto aos dois. Os homens detidos deixam-me sempre um pouco nervoso. — Na verdade, o interrogatório está a correr muito bem — afiançou Michael, incapaz de resistir à oportunidade de brincar com Awad.

— Ouvi dizer que estava a fornecer uma tremenda quantidade de informação sobre a vossa estrutura organizacional e tácticas.

— Boa tentativa — afirmou Awad. — A nossa organização é altamente compartimentada, por isso os estragos que ele pode fazer são mínimos.

— Continue a acreditar nisso, Ibrahim. Vai ajudá-lo a dormir à noite. Quer dizer que pediu para falar comigo para reivindicar a responsabilidade pelo ataque terrorista em Heathrow?

— Preferimos utilizar o termo ação militar.

— Não há nada de militar em matar civis desarmados. Isso é terrorismo, puro e simples.

— O terrorista de um homem é um lutador pela liberdade de outro, mas não vamos entrar agora nessa discussão tola. Não há tempo. Os vossos ataques aéreos às nossas bases foram ridículos, pois não existia qualquer justificação para eles. A Espada de Gaza não disparou o míssil que fez cair o Voo Zero-Zero-Dois. Michael desconfiava que assim fosse, mas não ia demonstrá-lo em frente de Muhammad Awad.

O corpo de Hassan Mahmoud, um dos seus melhores agentes operacionais, foi encontrado no barco do qual o míssil foi disparado — declarou Michael, a voz baixa mas trêmula de emoção. O tubo de lançamento estava ao lado do corpo. Foi recebida em Bruxelas uma reivindicação válida.

O rosto de Awad contraiu-se. Deu uma longa baforada no Dunhill e jogou a guimba na água. Michael desviou o olhar de Awad e viu um iate a motor seguindo o ferry, atrás de um véu de névoa.

— Hassan Mahmoud deixou de ser membro da Espada de Gaza há quase um ano. Era um maldito de um psicopata que não aceitava a disciplina de uma organização como a nossa. Descobrimos que conspirava em segredo para assassinar Arafat, por isso o expulsamos. Teve sorte em não ter sido morto. Pensando em retrospectiva, devíamos tê-lo feito.

Awad acendeu outro cigarro.

— Mahmoud mudou-se para o Cairo e juntou-se aos fundamentalistas egípcios, al-Gama'at Ismalyya. — Awad levou novamente a mão ao bolso e, desta vez, fez aparecer um envelope. Abriu-o, retirou do seu interior três fotografias e entregou-as a Michael. — Foram-me dadas por um amigo dentro dos serviços de segurança egípcios. Esse homem é Hassam Mahmoud. Se pesquisar esta fotografia nos seus arquivos, descobrirá que este homem é Eric Stoltenberg. Creio que reconhece o nome.

Michael reconhecia-o, de fato. Eric Stoltenberg trabalhara para o Ministério da Segurança Interna da Alemanha de Leste, melhor conhecido como o Stasi. Trabalhava para o Departamento XXII, que conduzia operações de apoio levadas a cabo pelo Stasi a movimentos de libertação nacional por todo o mundo. O seu portfólio incluía terroristas conhecidos, como Abu Nidal, Carlos, o Chacal, e grupos como o IRA e a ETA espanhola. Michael examinou as fotografias: dois homens sentados a uma mesa de tampo cromado, no Groppi's Café, um de cabelo e pele escuros, o outro louro e de pele clara, ambos com óculos-de-sol.

Michael estendeu as fotografias a Awad.

— Fique com elas — disse Awad. — São uma oferta minha.

— Elas não provam nada.

— Como provavelmente será do seu conhecimento, Eric Stoltenberg teve de arranjar trabalho noutro lado — continuou Awad, ignorando o comentário de Michael. — Depois da queda do Muro, os alemães queriam a sua cabeça porque ele ajudou os líbios a bombardear o clube noturno LaBelle, em Berlim Ocidental, em 1986. Desde aí que Stoltenberg tem vivido no estrangeiro, utilizando os antigos contatos da Stasi para fazer dinheiro seja de que maneira for: segurança, contrabando, esse tipo de coisas. Há pouco tempo, ganhou uma bela quantia e não escondeu isso lá muito bem.

O iate aproximara-se mais do ferry. Michael olhou para Awad.

— Mahmoud realizou o ataque e Stoltenberg deu uma ajuda com a logística: o Stinger, os barcos, a rota de fuga. — Michael brandiu as fotografias. — Isto é tudo mentira, pois tem medo que voltemos a atacar.

Awad sorriu com um charme considerável.

— Boa tentativa, senhor Osbourne, mas o senhor conhece a Espada de Gaza melhor do que isso. Sabe que não tínhamos qualquer motivo para fazer explodir um avião americano e sabe que outra pessoa o fez. No entanto, não tem provas. Se eu estivesse no seu lugar, procuraria mais perto de casa.

— Está a dizer que sabe quem é o culpado?

— Não, estou apenas a dizer que deve fazer a si mesmo algumas perguntas simples. Quem ganharia mais com isso? Quem teria motivos para

fazer uma coisa daquelas e manter a sua identidade secreta? Os homens que o fizeram têm muito dinheiro, e recursos enormes ao seu dispor. Juro-lhe que não fomos nós. Se os Estados Unidos não retaliarem por causa de Heathrow, isto acaba aqui. Mas se voltarem a atingir-nos, não teremos outra alternativa a não ser ripostar. É essa a natureza do jogo.

O iate encontrava-se agora a cinquenta metros a bombordo do ferry. Michael viu dois homens no alto da ponte volante e um terceiro perto da proa. Olhou para a esquerda, na direção da mulher, e viu-a de olhos muito abertos, retirando uma pequena arma automática da mala. Deu meia volta e olhou para lá de Awad, para o parapeito a bombordo, e viu um homem muito bem constituído de cócoras, de arma em punho, a cabeça coberta por uma balaclava.

Michael agarrou Awad pelos ombros e gritou: ─ Abaixe-se!

Duas balas atravessaram o peito de Awad e cravaram-se no colete à prova de balas de Michael. Awad caiu sobre o convés. Michael meteu a mão no casaco para pegar a Browning, mas a moça palestina adiantou-se, arma apontada nos braços estendidos, as pernas afastadas. Disparou duas vezes com rapidez, derrubando o atirador encapuzado.

Awad jazia no convés e lançou um olhar irado a Michael, a boca cheia de sangue. Ergueu a mão direita, mostrando a Michael o detonador. Michael lançou-se pela porta para o interior da área de passageiros. Graham Seymour estava lá, de arma na mão. Michael agarrou-o pela camisa e puxou-o para o chão no momento em que a bomba explodia e estilhaços de vidro voaram por cima das suas cabeças. Durante alguns segundos, reinou um silêncio quase absoluto. Depois os feridos começaram a gemer e a gritar.

Michael levantou-se com dificuldade, os sapatos a escorregar sobre os estilhaços de vidro, e correu para o convés. A força da explosão desfizera Awad. Odette, a mulher palestina, jazia no convés, sangue a escorrer de uma ferida na cabeça. O atirador encapuzado devia estar a usar um colete à prova de bala, pois conseguiu saltar por cima do parapeito e o iate avançava na sua direção. Encontrava-se um homem na ponte volante e dois no convés, à popa. Michael ergueu a Browning e abriu fogo sobre a embarcação. Os dois homens na popa pegaram em armas automáticas e responderam ao fogo. Michael lançou-se para o chão, em busca de abrigo.

Odette levantara-se e estava sentada, com as costas apoiadas no parapeito. Empunhava uma arma na mão esticada, apontada a Michael, o rosto muito calmo.

Michael rolou sobre o corpo quando ela disparou o primeiro tiro. A bala atingiu o convés, falhando-o. Ela disparou mais duas vezes enquanto Michael rastejava desesperadamente em busca de proteção. De repente, o corpo dela

tremeu com violência e caiu para a frente. Graham Seymour saiu para o convés, de arma na mão, e ajoelhou-se ao lado dela. Olhou para Michael e abanou a cabeça.

Michael levantou-se e correu para o parapeito. O iate baloiçava nas águas agitadas. Os dois homens à popa estavam a retirar o atirador do mar. Michael ergueu a arma, mas era um tiro impossível. O avanço do ferry fazia com que estivesse já a cerca de cem metros do iate. Depois de o atirador estar a bordo, em segurança, o iate deu meia volta e desapareceu por detrás de uma cortina de nevoeiro.

NOVA YORK

O programa de fertilização in vitro no Cornell Medical Center possuía uma natureza de linha de montagem que fazia lembrar a Elizabeth os tribunais criminais de qualquer grande cidade. Sentou-se no banco de madeira lascado no corredor à porta da sala de operações, rodeada por outras doentes, enquanto os técnicos cirandavam por ali em silêncio, com batas e máscaras. Só Elizabeth estava sozinha. As outras quatro mulheres tinham os maridos a apertar-lhes as mãos e olhavam para Elizabeth como se ela fosse uma solteirona que decidira ter uma criança com o esperma que pedira emprestado ao marido da melhor amiga. Apoiou de propósito o queixo na mão esquerda para mostrar a aliança de casamento e um anel de noivado com um diamante de dois quilates. Imaginou o que as outras mulheres estariam a pensar. Será que o marido estava atrasado? Será que se divorciara há pouco tempo? Seria ele demasiado ocupado para estar com ela numa altura daquelas?

Elizabeth sentiu os olhos começarem a ficar marejados. Estava a utilizar cada pedacinho de autocontrole que tinha para não chorar. As portas duplas da sala de operações abriram-se. De lá saiu uma marquesa empurrada por dois técnicos, sobre a qual jazia uma mulher sedada. Outra foi levada lá para dentro, vinda do vestiário que existia ali perto, para tomar o seu lugar em cima da mesa. O marido foi enviado para uma sala pequena e escura com copos de plástico e revistas Playboy.

Na parede estava pendurada uma pequena televisão, silenciosamente sintonizada, sem som, na CNN. O ecrã mostrava uma reportagem ao vivo sobre um ferry soltando fumaçao no Canal da Mancha.

Não, pensou Elizabeth, não é possível. Levantou-se, foi até a televisão e aumentou o som.

— ... Sete pessoas mortas... Parece ser obra do grupo terrorista islâmico conhecido como a Espada de Gaza... Segundo ataque em dois dias... Acredita-se terem sido os responsáveis pelo terrível atentado terrorista de ontem no Aeroporto de Heathrow, em Londres...

Meu Deus, pensou, isto não pode estar acontecendo!

Voltou a sentar-se no banco e revirou a mala à procura do celular e da agenda telefônica. Michael dera-lhe um número especial a ser usado apenas em

emergências extremas. Folheou as páginas desenfreadamente, sentindo os olhares das outras doentes, e encontrou o número.

Marcou-o, carregando com violência nas teclas, enquanto caminhava para um local mais reservado junto às escadas. Após um toque, uma calma voz masculina disse:

— Alô?

— Meu nome é Elizabeth Osbourne. Meu marido é Michael Osbourne.

Ouviu o som das teclas de um computador.

— Como conseguiu este número? — perguntou a voz.

— Michael me deu.

— Em que posso ajudar?

— Quero falar com meu marido.

— O seu número de telefone, por favor.

Elizabeth deu o número do celular e voltou a ouvir o som do teclado novamente.

— Alguém vai lhe telefonar.

Um dos técnicos apareceu nas escadas.

— A Sra. é a próxima, Sra. Osbourne. Precisamos que entre agora.

— Quero saber se ele estava naquele ferry-boat no Canal — disse Elizabeth ao homem com quem falava ao telefone:

— Alguém lhe telefonará — voltou a dizer a voz, exasperante com a falta de emoção. Era como falar com uma máquina.

— Que diabo, responda! Ele estava naquele barco?

— Alguém vai telefonar — repetiu.

— Lamento, Sra. Osbourne — insistiu o técnico —, mas agora precisa mesmo entrar.

— Está dizendo que ele está no barco?

— Por favor, desligue e mantenha este número desocupado.

Em seguida, a linha ficou muda.

Uma enfermeira acompanhou Elizabeth a um pequeno vestiário e deu-lhe uma bata esterilizada. Elizabeth agarrava com força no celular. — Receio que tenha de deixar isso aqui — avisou a enfermeira.

— Não posso — respondeu Elizabeth. — Estou à espera de um telefonema muito importante.

A enfermeira olhou para ela com uma expressão incrédula.

— Já vi muitas mulheres do Tipo-A neste programa, Sra. Osbourne, mas não há dúvida de que a Sra. bate todas as outras aos pontos. Vai sofrer uma intervenção cirúrgica ali dentro. Não é altura para fazer telefonemas de trabalho.

— Não é um telefonema de trabalho. É uma emergência.

— Não interessa. Daqui a três minutos, vai estar a dormir como um bebê.

Elizabeth vestiu a bata. Toca, raios partam. Toca!

Subiu para a marquesa e a enfermeira empurrou-a até a sala de cirurgia. A equipe operatória estava à espera. O seu médico baixou a máscara e ofereceu-lhe um sorriso agradável.

— Parece-me um pouco nervosa, Elizabeth. Está tudo bem?

— Estou ótima, doutor Melman. — Ainda bem. Então vamos começar.

Acenou com a cabeça para o anestesista e, segundos mais tarde, Elizabeth sentia-se a flutuar para um sono agradável.

CALAIS, FRANÇA

O porto fervilhava de luzes de emergência azuis e vermelhas à medida que o ferry se aproximava da costa francesa. Michael estava de pé na ponte, rodeado pelo capitão e pelos oficiais, a fumar um cigarro atrás do outro, enquanto via a linha da costa avizinhar-se. Ora sentia um frio de morrer, ora um calor de abrasar. O peito doía-lhe muito, como se alguém muito forte lhe tivesse dado um par de murros. Graham Seymour estava do outro lado da ponte, rodeado pelo seu próprio grupo de elementos da tripulação. Estavam mais ou menos detidos. Michael dissera ao capitão que ele e Graham eram agentes dos Estados Unidos e da Inglaterra e que alguém de Londres estaria à espera do ferry em Calais, onde tudo lhes seria explicado. O capitão ficou desconfiado, tal como Michael ficaria no seu lugar.

Michael fechou os olhos e o filme desenrolou-se mais uma vez. Assistiu a tudo como se fossem imagens de um noticiário, ele próprio como um ator em palco. Viu o atirador aproximar-se e Odette à procura da arma, os olhos alucinados.

O homem de balaclava com a arma não pertencia à Espada de Gaza e Muhammad Awad não era o alvo. O alvo era Michael. Awad limitara-se a estar no caminho. Voltou a fechar os olhos e pensou nos dois homens dentro do iate. Lentamente, os rostos foram-se tornando mais nítidos, como se estivesse a focá-los com a lente de longo alcance de uma câmara de vigilância. Viu os homens dispararem contra si a partir do convés de ré. Tinha a sensação incômoda de já os ter visto de relance noutro lado qualquer: num restaurante, numa festa ou na farmácia em

Oxford Street. Ou teria sido numa estação de gasolina na M40 em Oxfordshire, a fingir estar a encher o pneu traseiro de um monovolume Ford branco? O ferry atracou em Calais. Michael e Seymour foram guiados para

longe das equipes de televisão e dos jornalistas aos gritos até um gabinete no interior do terminal. Wheaton e uma dúzia de oficiais diplomáticos e da Agência aguardavam-nos. Tinham vindo de Londres de helicóptero, cortesia da Marinha Real.

— Quem é este? — perguntou Wheaton, olhando para Graham, que se esquecera do estojo da guitarra mas assemelhava-se, ainda assim, a um estudante maduro, com as suas calças de ganga e a blusa Venice Beach.

Seymour sorriu e estendeu a mão.

— Graham Seymour, SIS.

— Graham quem, o quê? — perguntou Wheaton, incrédulo.

— Ouviu-o bem — confirmou Michael. — É um amigo meu. Por coincidência, encontrava-se a bordo do ferry.

— Mentiras!

— Bem, valeu a pena tentar, Michael — disse Graham.

— Comece a falar, vamos!

— Vá bardamerda — exclamou Michael, despindo a blusa e revelando duas balas cravadas no colete. — Porque não voltamos para Londres e fazemos lá o relatório?

— sugeriu, já mais calmo.

— Porque os franceses querem falar com você primeiro.

— Oh, meu Deus — suspirou Graham. — Eu não posso falar com os malditos dos franciús.

— Bem, uma vez que acaba de chegar à jurisdição deles, creio que vai ter de o fazer.

— O que é que lhes vamos dizer? — perguntou Michael.

— A verdade — respondeu Wheaton. — E rezar para que tenham o bom senso de ficarem de bico calado.

Em Nova York, Elizabeth estava deitada, a dormir na sala de recobro, quando o celular tocou suavemente. Uma enfermeira deu um passo em frente e estava prestes a desligá-lo quando Elizabeth acordou e disse:

— Não, espere. .-} Colocou o celular de encontro ao ouvido, de olhos fechados, e atendeu.

— Estou?

— Elizabeth — disse a voz. — É a Elizabeth Osbourne? — Sim — crocitou" ela, a voz rouca devido à anestesia.

— Daqui fala Adrian Carter. — Adrian, onde é que ele está?

— Ele está bem.'Está a regressar a Londres neste momento.

— A regressar a Londres? Onde é que esteve?

Na linha fez-se silêncio. Elizabeth estava agora completamente desperta.
— Raios partam, Adrian — exclamou —, ele estava naquele ferry? Carter hesitou e depois respondeu.

— Sim, Elizabeth. Ele estava numa missão e alguma coisa correu mal. Ficaremos a saber mais pormenores quando ele chegar à embaixada de Londres.
— Está ferido?

Ele está ótimo.

— Graças a Deus.

— Telefono-te quando souber mais.

Ao anoitecer, o helicóptero pousou num heliporto da Thameside em West Londres. Dois carros da embaixada aguardavam-nos. Wheaton e Michael entraram no primeiro, os autômatos de Wheaton seguiram no segundo. Viraram para Vauxhall Bridge e passaram pelo feio edifício moderno que funcionava como sede do MI6. Lá se foi a toca disfarçada de George Smiley em Cambridge Circus, pensou Michael. Agora, a sede dos Serviços chegara mesmo a aparecer num filme do James Bond.

Daqui a alguns minutos, o seu amigo Graham Seymour vai ter uma recepção agreste naquele edifício — informou Wheaton. — Falei com o Diretor-Geral de Calais. Nem é preciso dizer que ele não ficou satisfeito. Também me deu uma notícia que terá de esperar até estarmos atrás de portas fechadas.
Michael ignorou o comentário. Wheaton parecia sempre retirar demasiado prazer da infelicidade profissional dos colegas. Subira através do direktorado soviético, quando o pai de Michael era um alto comando em Langley, e trabalhara em Istambul e Roma. A sua tarefa era recrutar oficiais do KGB e diplomatas soviéticos, mas revelou-se de tal forma incapaz que depressa recebeu uma série de relatórios sobre a sua inaptidão deplorável, um deles redigido pelo pai de Michael. Wheaton foi transferido para a sede, onde prosperou na atmosfera falsa e oligárquica de Langley. Michael sabia que Wheaton lhe guardava rancor por causa do pai, ainda que o péssimo relatório de aptidão provavelmente lhe tivesse acabado por salvar a carreira. Chegaram a Grosvenor Square. Wheaton e Michael entraram na embaixada lado a lado, com os homens de Wheaton no seu encalço. Michael tinha a estranha sensação de estar preso. Wheaton dirigiu-se de imediato à sala segura de teleconferências. Assim que Wheaton e Michael se sentaram nas sumptuosas cadeiras de pele preta, Carter e Monica Tyler apareceram no ecrã.

— Fico contente por ver que está bem, Michael — disse Monica.

— Passou uns dias bastante desgastantes. Temos muito que falar, por isso vamos começar pela pergunta óbvia. O que correu mal?

Durante dez minutos, Michael relatou cuidadosamente o que acontecera a bordo do ferry: Awad, a moça palestina chamada Odette, o iate e o atirador. Descreveu o tiroteio, as balas a atravessarem o corpo de Awad, cravando-se no seu colete. Descreveu a explosão e a forma como os homens no barco cobriram a fuga do atirador, com disparos. Por fim, descreveu a última batalha com Odette e como Graham Seymour a matara a tiro.

— Para começar, o que estava Graham Seymour, um agente do MI-Seis, a fazer naquele barco?

Michael sabia que, naquela altura do campeonato, pouco ou nada poderia ganhar ao mentir.

— É meu amigo. Conheço-o há muito tempo. Quis alguém de confiança a proteger-me a retaguarda.

Isso não interessa — contrapôs Monica, com uma paciência experiente. Monica, regra geral, não gostava de operações de campo, nem dos agentes que as realizavam. — O Michael incluiu um agente dos serviços de outro país sem a autorização dos seus superiores na sede.

— Ele trabalha para os ingleses, não para os iranianos. E se ele não estivesse lá, neste momento eu estaria morto.

Monica franziu o cenho de irritação, o que tornou claro que não iria deixar-se levar por argumentos baseados na emoção.

— Se estava tão preocupado com a sua segurança — disse ela, num tom de voz inexpressivo —, devia ter-nos pedido reforços a nós.

— Não quis ir para lá seguido de um pelotão, que Awad e a sua equipe pudessem detectar a quilômetros de distância. — Essa era apenas parte da verdade. — Queria o menor número possível de pessoas de Londres e da sede envolvidas na operação. Trabalhara no terreno, trabalhara na sede e sabia que Langley vertia como uma peneira.

— Parece que Awad e a respectiva equipe identificaram o seu bom amigo Graham Seymour — declarou Monica com um tom de desdém.

— Porque diz isso? — quis saber Michael. Wheaton remexeu-se desconfortavelmente na cadeira e Carter, a seis mil e quatrocentos quilômetros de distância, em Langley, fez a mesma coisa. Monica Tyler não aceitava bem perguntas do pessoal, mesmo quando se tratava de agentes superiores, como Michael. Tinha a certeza da convicção que resulta da ingenuidade. — Por que outra razão um dos seus atiradores tentaria matá-lo? E por que outra razão Awad faria explodir uma bomba presa ao corpo?

— Está a partir do princípio de que o atirador pertencia à Espada de Gaza. Penso que essa suposição está errada. O atirador não fez qualquer tentativa de poupar a vida de Awad. Ele tentou matar-me eliminando Awad primeiro. A

mulher esteve atrás de mim o tempo todo. Se quisessem matar-me, ela poderia tê-lo feito e eu nem sequer teria tempo de agir. E quando o tiroteio começou, ela foi atrás do atirador primeiro, não de mim.

— Mas acabou por ir atrás de si.

— Sim, mas só depois de Awad detonar os explosivos. Acho que ela pensou que o atirador era dos nossos.

— Viu o rosto dele?

— Não, tinha a cabeça coberta por uma balaclava.

Monica inclinou-se e segredou ao ouvido de Carter. Este levantou as mãos e passou-as pela cabeça e pelo rosto. Michael percebeu que estava a explicar a Monica o que era uma balaclava. Monica ficou em silêncio por alguns instantes, observando as mãos, e depois continuou.

— O que lhe disse Awad antes de os problemas começarem? Michael narrou a conversa, não omitindo qualquer pormenor.

Fora treinado para memorizar grandes quantidades de informação e, quando trabalhava no campo, possuía uma capacidade lendária para reproduzir transcrições quase textuais de encontros com agentes. Carter costumava chamar-lhe "o Dictafone humano". Michael contou-lhes tudo o que Awad dissera, sobre Heathrow, sobre os ataques aéreos, sobre a expulsão de Hassan Mahmoud do grupo, com uma omissão notória. Não lhes falou nas fotografias do encontro de Mahmoud com Eric Stoltenberg, no Cairo.

— Acha que ele estava a dizer a verdade? — perguntou Monica.

— Sim, acho que sim — respondeu Michael, sem qualquer hesitação. — Sempre fui céptico no que diz respeito à reivindicação da Espada de Gaza. Não fiz segredo disso. Mas se não foi a Espada de Gaza, quem foi? E por que fariam uma reivindicação falsa?

E quem diabo tentou matar Muhammad Awad e a mim, a bordo daquele ferry?

Carter e Monica conferenciaram baixinho por um instante. Wheaton lançou a

Michael um olhar professoral por cima dos óculos de leitura em forma de meia-lua, como se Michael acabasse de dar a resposta errada a uma pergunta crucial num exame oral.

— Há outra coisa sobre a qual temos de conversar com você, Michael — disse Monica. Em seguida, acrescentou muito séria: — É de natureza muito grave. — Algo no tom de voz enervou Michael de imediato.

— Esta manhã, um agente do SIS britânico fez uma visita a um desertor chamado Ivan Drozdov. Parece que Drozdov faltou à apresentação semanal, algo que nunca faz, e o SIS ficou preocupado. O agente arrombou a casa dele e

encontrou-o morto. A tiro. O SIS e a polícia local deram logo início às investigações. Ontem, Drozdov foi visto num café local com um homem que condiz com a sua descrição. O SIS gostaria de saber se esteve com ele ontem. E, para dizer a verdade, nós também.

— Sabe que a resposta é sim, porque me colocou sob vigilância desde que deixei Londres até regressar a Heathrow.

— Se estava sob vigilância, não foi ordenada por mim, nem por ninguém na sede — ripostou Monica.

— Não foi a Estação de Londres — garantiu Wheaton.

— Por que raios se foi encontrar com Drozdov sem a nossa autorização, ou a autorização do SIS? — inquiriu Monica. — E já agora, sobre o que falaram?

— Era um assunto pessoal — respondeu Michael. No monitor, via Adrian Carter olhar para o céu, soprando através dos lábios franzidos. — Drozdov trabalhou para o Departamento Cinco do Primeiro Direktorado do KGB, os assassinos. Tenho trabalhado em algo há vários meses e quis discutir o assunto com ele. Garanto-lhe que estava vivo e bem de saúde quando saí de lá.

— Fico satisfeita por achar que isso é divertido, Michael, porque nós não pensamos que assim seja — retorquiu Monica. — Quero-o no primeiro voo de regresso a Washington amanhã de manhã. Considere-se de licença administrativa enquanto aguarda uma investigação de sua conduta nesta questão.

A tela ficou vazia. Sem dizer uma palavra, Wheaton estendeu a mão. Michael enfiou a mão por baixo da camisa e entregou-lhe a Browning carregada. Wheaton quisera que Michael permanecesse na casa de segurança durante a sua última noite em Londres, mas Michael dissera-lhe em termos bastante claros para se ir lixar e regressara ao pequeno hotel em Knightsbridge, com vista para o parque. No início do serão, ao sair para o passeio molhado pela chuva, avistou de imediato dois sentinelas de Wheaton dormitando num Rover estacionado. Ao fazer compras para Elizabeth na Harrods, localizou mais dois.

Ao caminhar para o sul, em Sloane Street, divisou um quinto espião a pé.

Também havia dois homens num Ford, desta vez azul-escuro.

Quem são vocês? Quem os contratou? Se não foi Wheaton, quem foi? Não foi difícil despistá-los, ainda que fossem profissionais. Michael estava em vantagem, pois treinara com eles na Quinta e conhecia as suas tácticas.

Durante uma hora, deambulou pelo West End sob a chuva leve, a pé, de ônibus, de táxi, de metro, através de Berkeley Square, Oxford Street, Bond Street, Leicester Square e dos subúrbios do Soho. Acabou no apartamento de Sarah. O take-away libanês transformara-se em vegetariano, um monumento a

Sarah, talvez. Bob Marley vibrava através de uma janela semiaberta, com cortinados sujos. A janela de Sarah. Provavelmente, os cortinados de Sarah.

Sarah Randolph cometeu um erro terrível, dissera-lhe Drozdov. Apaixonou-se pela vítima.

Ela fora uma mentira, um mito criado pelos seus inimigos, tragicamente heróica na sua ingenuidade sem limites. Ela traíra-o, mas não era real. Não podia amá-la, nem odiá-la. Só sentia pena dela.

Os sentinelas de Wheaton há muito que tinham desaparecido, por isso apanhou um táxi para Belgravia. Os homens de campo, tal como os ladrões, desenvolvem formas clandestinas de penetrar na sua própria casa para o dia inevitável em que sejam visitados por uma vida inteira de traição. Michael conhecia o método de Graham Seymour: através de uma cavalariça e por cima do muro caiado do jardim, com a ajuda de uma escada de corda deixada para essas ocasiões. Michael usava agora a escada para trepar o muro e caiu pela escuridão, indo aterrar na varanda de pedra de Graham. Este respondeu à pequena pancada nas portas de correr armado com uma das facas de cozinha de Helen, fabricadas na Suíça. Falaram no primeiro andar, na sala de visitas, o casaco ensopado de Michael a fumegar junto à lareira a gás, a aparelhagem alemã de Graham a troar Rachmaninoff para abafar a conversa.

Conversaram durante quase uma hora. Falaram sobre o que acontecera no ferry. Falaram sobre Sarah. Sobre Colin Yardley e Astrid Vogel, e o homem na escuridão que disparou três balas contra o rosto de Yardley. Sobre os homens no iate e no Ford: o monovolume branco e agora o azul. Michael precisava de dinheiro. Helen era rica e Graham tinha sempre guardado no cofre um ou dois milhares para emergências. Passaportes não eram problema.

Ao longo dos anos, Michael utilizara os seus contatos nos serviços aliados para reunir uma coleção de documentos de viagem falsos. Podia viajar como francês ou espanhol, grego ou alemão. Até como israelense. Telefona a Elizabeth, pediu Michael. Diz-lhe que lhe explico tudo quando voltar. Cuidado com o que dizes ao telefone. Não lhe digas para onde vou, nem o que ando a fazer. Diz-lhe que a amo. Diz-lhe que tenha cuidado. Comeram penne puttanesca e salada, e beberam vinho tinto. Helen e Graham conversaram como se Michael não estivesse ali. Michael sentia-se como se assistisse a um drama horrível na televisão. Devorou dois pratos de massa, que estava surpreendentemente boa.

Depois do jantar, Graham anunciou de repente que queria ver um filme novo que estava no cinema de Leicester Square. Helen concordou de forma entusiástica. Arrumaram a loiça e saíram. Na sala de visitas às escuras, Michael viu-os entrar para o BMW de Graham e arrancarem. Ouviu um motor de carro a

ser ligado algures na escuridão. Michael observou-o enquanto deslizava para a rua silenciosa, com os faróis apagados.

Saiu pelas portas de correr, atravessou o jardim, trepou o muro e desceu pelo outro lado, pela escada de corda. Apanhou um táxi em King's Road e foi para a Waterloo Station. Comprou um bilhete para Roma com o dinheiro do cofre de Graham. O comboio partia dali a uma hora. Wheaton, se fosse inteligente, estaria a vigiar os aeroportos e as estações de comboio.

Michael comprou um chapéu impermeável num quiosque e puxou-o para a testa. Saiu e esperou à chuva. Cinco minutos antes da hora de o comboio partir, voltou a entrar na estação e dirigiu-se rapidamente à plataforma. Subiu para o comboio e depressa encontrou um compartimento vazio. Ficou sentado sozinho na semiobscuridade durante muito tempo, a escutar o barulho rítmico do comboio, a olhar para o seu reflexo no vidro, a pensar em tudo. Depois, quando o comboio saiu do túnel do Canal e avançou a toda a velocidade para sul, atravessando a França em direção a Paris, mergulhou num sono leve e sem sonhos.

LONDRES

O Diretor via as notícias das dez na ITN à medida que o Jaguar metalizado com motorista avançava a ronronar através das ruas do West End. Jantara mal no seu clube Mayfair (borrego demasiado passado), onde os restantes membros acreditavam que era um capitalista internacional aventureiro e bem sucedido, o que, até certo ponto, era uma descrição exata do seu trabalho. Meia dúzia desconfiava que, outrora, fizera um ou dois biscates para os Serviços Secretos. Um ou dois sabiam a verdade: que, na verdade, fora o diretor-geral, o lendário C, dos Serviços Secretos. Graças a Deus que lá trabalhara nos velhos tempos, quando a Agência oficialmente não existia e os diretores tinham o bom senso de manter os nomes e as fotografias afastados dos jornais. Imaginem só, o chefe dos Serviços a conceder uma entrevista ao The Guardian: uma heresia, uma loucura. O Diretor acreditava que os espiões e os serviços secretos se assemelhavam muito a ratazanas e a baratas. É melhor fingir que não existem. Ajuda uma sociedade livre a dormir melhor à noite.

O ataque ao ferry que fazia a travessia Dover-Calais dominava as notícias. O Diretor estava furioso, embora o rosto tranquilo não revelasse nada a não ser insolência enfadada. Após uma vida inteira nas sombras, a sua dissimulação era uma arte. Era estreito de cabeça e de ancas, com cabelo cor de arenito a ficar grisalho e mãos brancas de cirurgião que pareciam estar sempre a

segurar um cigarro aceso de um comprimento adequado para um anúncio numa revista cara. Os olhos tinham a cor da água do mar no Inverno, a boca era pequena e cruel.

Vivia sozinho 250 em St. John's Wood com um rapaz da Sociedade que o protegia e uma moça bonita que tratava da papelada e cuidava dele. Nunca casara, não tinha filhos, nem familiares conhecidos. Os engraçadinhos nos Serviços costumavam dizer que tinha sido encontrado no início da meia-idade, dentro de um cesto, nas margens do Tamisa, vestido com um terno de riscas brancas, gravata Guarás e sapatos feitos à mão.

Desligou a televisão e olhou pela janela, observando a noite londrina passar. Não havia nada que detestasse mais do que o fracasso, nem mesmo a traição. Esta exigia inteligência e inexorabilidade, o fracasso apenas estupidez ou falta de concentração. Tinham sido dados todos os recursos necessários aos homens que enviara naquela missão no ferry para garantir o sucesso e, contudo, eles tinham falhado. Michael Osbourne era obviamente um adversário digno de respeito, um homem de talento, inteligência e engenho. Osbourne era bom, o seu assassino teria de ser melhor.

O carro parou à porta da casa. O motorista, um antigo membro de elite dos

Comandos Especiais Aerotransportados, acompanhou o Diretor até a porta, esperando que este entrasse. A moça estava à espera, uma jamaicana escultural cor de café chamada Daphne. Trazia vestida uma blusa branca, desabotoada até a elevação dos seios fartos, e uma saia preta que lhe dava pelo meio das coxas nuas. O cabelo castanho-alourado caía-lhe sobre os ombros quadrados.

— O senhor Elliott está ao telefone do Colorado, senhor — informou ela. Havia uma nota do ritmo melodioso da índia Oriental na sua voz, tendo o Diretor gasto milhares de libras em terapia da fala para o eliminar. Eram permitidos nomes dentro da residência Mayfair, pois era revistada regularmente em busca de escutas, e as paredes eram impermeáveis a microfones direcionais exteriores.

O Diretor foi para o escritório e carregou na luz intermitente do seu telefone preto multilinhas. Daphne entrou, despejou um centímetro de scotch de trinta anos para dentro de um copo e entregou-lho. Permaneceu no escritório enquanto a conversa decorria, pois não existiam segredos entre eles.

— O que é que correu mal? — perguntou Elliott.

O senhor Awad trouxe proteção, tal como o senhor Osbourne. E, ainda por cima, ele é mesmo bom.

— Tem de ser eliminado, sobretudo depois do que ficou a saber esta manhã, naquele ferry.

— Sei muito bem disso, senhor Elliott.

— Quando tenciona realizar outro ataque?

— O mais depressa possível — respondeu o Diretor, interrompendo-se para um gole de scotch. — Mas quero fazer uma substituição. O Osbourne é bastante bom. Assim sendo, o adversário tem de ser excelente. Gostaria de atribuir a tarefa ao Outubro.

— O preço dele é muito elevado.

— Tal como o que está em jogo neste ponto dos acontecimentos, senhor Elliott. Não me parece que seja altura para arengar sobre um ou dois milhões a mais, não acha?

— Não, tem razão.

— Vou preparar um dossiê detalhado sobre Osbourne e enviá-lo ao Outubro, por correio eletrônico codificado. Se ele optar por aceitar o alvo, o jogo vai recomeçar, e prevejo que o senhor Osbourne seja eliminado em breve.

— Espero que sim — afirmou Elliott.

— Conte com isso, senhor Elliott. Boa noite.

O Diretor pousou o receptor. Daphne colocou-se atrás dele e esfregou-lhe os ombros.

— Vai precisar de mais alguma coisa esta noite, senhor?

— Não, Daphne, vou apenas tratar de alguma papelada e depois vou deitar-me. — Muito bem, senhor — disse ela e saiu.

O Diretor trabalhou no escritório durante vinte minutos, terminando o scotch e vendo as notícias americanas sobre a explosão no ferry através do sistema de satélite. Desligou a televisão e subiu as escadas, dirigindo-se à suíte. Daphne encontrava-se deitada de costas na cama, blusa desabotoada, uma perna comprida cruzada sobre a outra, enrolando uma madeixa de cabelo no indicador fino.

O Diretor despiu-se silenciosamente e vestiu um roupão de seda. Alguns homens abastados divertiam-se com cavalos, ou carros. O Diretor tinha a sua Daphne. Ela despira-se. As roupas estavam a seu lado, na cama. Acariciava gentilmente os mamilos, a barriga, o alto das coxas. Daphne era uma provocadora, até consigo mesma. O Diretor entrou para a cama e fez deslizar um dedo pelo pescoço da jovem.

— Alguma coisa, meu amor? — perguntou ela.

— Não, minha flor.

A capacidade do Diretor para fazer amor com uma mulher encontrava-se gravemente comprometida, consequência, pensava ele, de uma vida inteira de mentiras e traição. Ela fez deslizar a mão por baixo do roupão, tomando-o entre as suas mãos compridas.

— Nada?

— Receio que não, meu amor.

— Que pena — disse ela. — Posso?

— Se quiser.

— O senhor é um tonto. Quer ajudar ou só ver?

— Só ver — respondeu ele, acendendo um cigarro.

Meteu a mão entre as coxas. Arquejou com força, lançou a cabeça para trás e fechou os olhos. Durante os dez minutos seguintes, tomou-a da única forma possível, com os olhos, mas, passado algum tempo, a sua mente começou a vaguear. Pensou em Michael Osbourne. No assassínio fracassado no ferry. No homem chamado Outubro. Seria uma luta interessante. Um deles não iria sobreviver. Se fosse Osbourne a morrer, a Sociedade subsistiria e Mitchell Elliott ganharia os seus bilhões. Se fosse Outubro... O Diretor estremeceu com esse pensamento. Trabalhara muito e durante demasiado tempo para que tudo ruísse. Estava demasiado em jogo, investira-se demasiado, para que agora terminasse em fracasso.

Voltou a fitar Daphne e encontrou os seus olhos castanhos fixos nele. Tinha o olhar direto e aberto de uma criança.

— Esteve longe durante alguns minutos — comentou.

A surpresa atravessou-lhe o rosto. Daphne despojava-o de todas as suas velhas defesas.

— Eu também olho, sabe. Quero saber se estou a fazê-lo feliz.

— Fazes-me muito feliz.

— Está tudo bem, amor? ?

— Está tudo ótimo.

— Tem certeza?

— Sim, certeza absoluta.

CAIRO

— Meu Deus, esta maldita cidade.

Astrid Vogel estava de pé, junto às portas de correr, abertas para o anoitecer frio de Inverno. Havia uma pequena varanda com uma balaustrada de ferro forjado ferrugento, mas o senhor Fahmy, o recepcionista, avisara que as varandas andavam a cair nos últimos tempos, por isso, por favor, é melhor não ir para lá. Estavam no hotel havia dois dias e a sanita deixara de funcionar três vezes. Por três vezes o senhor Fahmy aparecera, de casaco e gravata, munido com um rolo de fita-adesiva castanha e uma bobina de fio de cobre. Todos os bons faz-tudo estavam no Golfo (no Kuwait, na Arábia Saudita ou nos Emirados) a trabalhar para xeques do petróleo. O mesmo acontecia com os professores, os advogados e os contabilistas. Os profissionais e os ricos tinham fugido. O Cairo era uma cidade de camponeses em ruínas e não havia ninguém qualificado para a reparar. Depois o autoclismo começava a funcionar, como o esperado, e ele sorria tristemente e dizia: "Está arranjado, inshallah", embora soubesse que estaria de volta no dia seguinte com o seu elixir de fita-adesiva e fio de cobre.

Teve início a chamada para oração da noite, primeiro um único muezim, muito distante, depois outro e mais outro, até que mil vozes grosseiramente amplificadas gritavam em uníssono. O hotel encontrava-se situado ao lado de uma mesquita e o minarete erguia-se mesmo em frente à janela. Naquela manhã, quando aquela coisa começou a troar pela madrugada, Astrid acordou de tal forma assustada que pegou na arma que estava em cima da mesa-de-cabeceira e correu nua para a varanda. Astrid era uma ateia devota. A religião deixava-a nervosa. No Cairo, havia religião por todo o lado. Envolvia as pessoas, rodeava-as. Não havia forma de lhe escapar. A solução era troçar dela. Naquela tarde, quando a chamada do muezim começou, levou Delaroche para a cama e fez com ele amor desenfreado. Agora' ouvia a chamada como um biólogo marinho poderia estudar os sons de acasalamento das baleias-cinzentas. Apercebeu-se de que era ligeiramente musical, harmoniosa, como uma daquelas fugas em que um violino toca a mesma série de notas depois de outra ter acabado. O Cânone do Cairo, pensou. O chamamento extinguiu-se lentamente até uma única voz pairar no ar, algures na direção de Giza e das pirâmides, e depois também ela desapareceu. Astrid permaneceu junto às portas de correr, os braços cruzados sobre os seios, a fumar um horrível cigarro egípcio, a beber champanhe gelado porque o hotel estava sem água engarrafada e a agua da torneira podia matar um

búfalo-da-índia. Tinha vestido uma galabia de homem, as mangas arregaçadas e desabotoada até o umbigo. Delaroche, deitado na cama, observava o contorno indistinto do seu corpo de modelo através do tecido translúcido da túnica branca. Comprara-a naquele dia, num mercado de rua perto do hotel, chamando a atenção de uma forma apenas conseguida por uma loura alemã de um metro e setenta e oito nas ruas sexualmente oprimidas do Cairo. Durante algum tempo, Delaroche pensou que tinha cometido um erro ao deixá-la sair, mas era Inverno e havia milhares de turistas escandinavos na cidade, por isso ninguém se lembraria da alemã alta que insistira em comprar uma túnica de camponês no mercado. Alem disso, Delaroche gostava de andar a pé pelas ruas palpitantes do Cairo. Tinha sempre a sensação de estar a deslocar-se através de outras cidades: agora uma esquina de Paris, agora uma viela de Roma, agora um quarteirão da Londres vitoriana, tudo coberto de pó e entulhos como a Esfinge. Desejou poder pintar, mas naquela viagem não havia tempo para isso.

O vento noturno que entrava pelas portas abertas cheirava ao Deserto Ocidental. Misturava-se com o fedor que é exclusivo do Cairo: pó, lixo em putrefação, madeira a arder, fezes de macaco, urina, escapes de milhões de carros e camiões, fumos tóxicos das fábricas de cimento de Helwan. Mas era fresco e seco, maravilhoso na pele úmida e nua dos seios de Astrid. O pó acumulava-se no seu rosto. Estava por todo o lado, cinzento, fino como farinha. Penetrava-lhe na mala, nos livros e nas revistas. Delaroche estava constantemente a limpar a Beretta que lhe fora deixada no cofre de um banco do Cairo.

— Este pó — resmungava ele, passando com um farrapo oleado sobre o cano. — Este malvado deste pó.

Astrid gostava da janela aberta, pois o ar condicionado estava avariado e nada no saco de truques do senhor Fahmy podia arranjá-lo, mas as criadas fechavam sempre o quarto como um sarcófago.

— O pó — diziam, à laia de explicação, revirando os olhos para a janela aberta de Astrid. — Por favor, o pó.

Aventurou-se a ir à varanda, ignorando o terrível aviso do senhor Fahmy. Lá em baixo, homens empurravam carros silenciosos por uma rua estreita e obstruída. Havia um milhão de carros no Cairo e Astrid não vira um único verdadeiro estacionamento coberto. Os habitantes do Cairo tinham desenvolvido uma medida provisória completamente insana: limitavam-se a deixar os carros no meio da rua. Por uma mancheia de piastras amachucadas, empreendedores astutos tomavam conta de um carro o dia todo, empurrando-o de um lado para o outro, abrindo espaço para outros. Muitas ruas laterais da baixa eram intransitáveis, pois tinham sido transformadas em estacionamentos

temporários. Do outro lado da estrada, ao lado da mesquita, um edifício de escritórios ruía lentamente. Em vez de retirarem os móveis de uma forma ordeira, os trabalhadores limitavam-se a atirar as coisas pelas janelas. Vinte soldados, camponeses das aldeias, estavam sentados junto ao prédio condenado, a cozinhar sobre pequenas fogueiras.

— Por que razão destacaram soldados para a porta do edifício, Jean-Paul? — perguntou, observando o espetáculo.

— O quê? — interrogou Delaroche, do interior do quarto.

Astrid repetiu a pergunta, desta vez mais alto. Conversação ao estilo do Cairo. Devido à cacofonia ensurdecedora nas ruas, a maior parte das conversas era conduzida aos gritos. Isto fazia com que fosse difícil planear o assassinato de Stoltenberg. Por razões de segurança,

Delaroche insistia em que falassem na cama, cara a cara, para que pudessem conversar baixinho, diretamente ao ouvido um do outro.

— Destacaram soldados para manter os peões afastados do prédio, para o caso de ruir de repente.

— Mas se o prédio ruir de repente, os soldados vão morrer. É uma loucura.

— Não, é o Cairo.

Uma carroça apareceu na estrada, puxada por um burro coxo. O condutor era um rapazinho, louro e de olhos verdes, vestido com uma túnica andrajosa. Da base da carroça ia caindo lixo. Os soldados insultaram o rapaz e atiraram pedaços de pão ao burro. Por um instante, Astrid pensou em pegar na arma e dar um tiro a um dos soldados.

— Jean-Paul, vem aqui, depressa — pediu.

— Zabbaleen — disse Delaroche, dirigindo-se à varanda.

— O quê?

— Zabbaleen — repetiu ele. — Quer dizer coletores de lixo. O Cairo não tem saneamento básico, nem sistema oficial de coleta de lixo. Durante anos, o lixo era simplesmente jogado nas ruas, ou queimado para aquecer a água do banho. Nos anos 30, os Cristãos Copta migraram para o Cairo vindos do sul. Alguns deles tornaram-se abbaleen. Não ganhavam dinheiro com isso, apenas o lixo que recolhiam. Vivem numa aldeia de lixo nas montanhas de Mokattam, a leste do Cairo.

— Meu Deus — exclamou ela, em voz baixa.

— É hora de nos vestirmos — ordenou Delaroche, mas Astrid permaneceu na varanda, olhando para o rapaz e seu lixo.

— Não gosto dele — disse e, por um momento, Delaroche não teve certeza se ela falava do abbaken ou de Eric Stoltenberg.

— É um sacana cruel, e também é esperto.

— Limite-se a fazer tudo conforme o planejado e as coisas vão correr bem.

— Não deixe que ele me faça mal, Jean-Paul.

Olhou-a. Matou uma dúzia de pessoas, viveu em fuga e, contudo, às vezes ficava tão assustada como uma menina. Acariciou-lhe o rosto e beijou sua testa com suavidade.

— Não vou deixar que ninguém te faça mal — prometeu.

Olharam para cima. Uma grande mesa de madeira balançava na varanda de um andar alto do edifício condenado. Pairou ali por um momento, como um passageiro agarrado ao parapeito de um transatlântico afundando, e depois espatifou-se na rua, despedaçando-se em mil bocados. O burro do abbaleen desatou a correr. Os soldados dispersaram-se. Olharam para cima e começaram a falar num árabe rápido, abanando os punhos na direção dos homens na varanda.

— O Cairo — concluiu Delaroche.

— Meu Deus — disse Astrid. — Que cidade de loucos.

O elevador do hotel era antiquado, abrindo caminho pelo centro de uma escada em espiral. Estava outra vez avariado, por isso Astrid e Delaroche tiveram de fazer a descida desde o sétimo andar. Fahmy, o eterno recepcionista, encolheu os ombros em sinal de desculpas.

— Amanhã, vem o técnico, inshallah — disse.

— Inshallah — repetiu Delaroche com um sotaque do Cairo perfeito, o qual Fahmy acatou com um aceno formal da sua cabeça calva.

O hall estava calmo, a sala de jantar deserta exceto por duas empregadas com aventais que limpavam o pó em silêncio. Delaroche considerava-a deprimente e vagamente russa, com as suas mesas compridas, a carne enrolada e o vinho branco quente. Astrid quisera ficar num dos grandes hotéis ocidentais (o Inter-Com ou o famoso Nile Hilton), mas Delaroche insistiu num sítio mais isolado. O Hotel Imperial era o tipo de lugar que os roteiros de viagens recomendavam a viajantes aventureiros que desejassem provar um pouco do verdadeiro Cairo.

Delaroche roubara uma motorizada: pequena, azul-escura, o tipo de scooter que os jovens italianos usam para fazerem corridas pelas ruas de Roma. Sentiu-se ligeiramente culpado, pois sabia que um rapaz egípcio qualquer tivera três empregos e poupara durante anos para poder comprá-la. Pôs Astrid dentro de um táxi e, num árabe rápido e correto, indicou ao motorista para onde levá-la. Delaroche partiu na sua moto, Astrid atrás dele no táxi.

Zamalek é uma ilha, comprida e estreita, que o Nilo rodeia como se de um fosso se tratasse. É um enclave dos abastados do Cairo: os resíduos da

aristocracia, os novos-ricos, um grupo de jornalistas ocidentais. Apartamentos poeirentos elevam-se acima do penhasco e fitam com desaprovação o outro lado do rio, onde se encontra o barulho e o caos da baixa da cidade. Abaixo do penhasco, ao longo da água, existe uma represa onde uma juventude livre de Zamalek faz sexo até de manhã. Na ponta norte da ilha estão localizados os campos de críquete e os campos de tênis do Ghazira Sporting Club, os campos de jogos da velha elite britânica. Nas lojas e boutiques de Zamalek ouve-se o francês trazido para o Cairo por Napoleão. Os habitantes vestem roupas ocidentais, comem comida ocidental nos restaurantes e nos cafés, e dançam ao som de música ocidental nas discotecas. É o outro Cairo.

Eric Stoltenberg morava no último andar, o nono, de um edifício com vista para o rio. Os vizinhos queixavam-se das suas festas barulhentas e dos sons de acasalamento das conquistas frequentes. Todas as noites almoçava num dos restaurantes da moda de Zamalek e depois parava num clube noturno chamado Break Point para os seus copos e caça noturnos.

Tudo isso constava do arquivo de Delaroche.

O Break Point tinha um porteiro e uma ordem de entrada estatutária, como um clube de Nova York. O porteiro selecionava a clientela importante e as moças bonitas para entrarem em primeiro lugar. Eric Stoltenberg encaixava na primeira categoria, Astrid Vogel na segunda. Delaroche, um homem solteiro, atraente, na casa dos quarenta, teve de esperar dez minutos. Logo que entrou, dirigiu-se ao bar. Num árabe com o sotaque do Cairo pediu cerveja Stella, de fabrico egípcio. No clube noturno, com as suas luzes lúgubres e cortina de fumo, poderia passar por um qualquer egípcio da classe alta.

Pagou a cerveja e virou-se para perscrutar a sala. O sítio estava cheio, como era habitual: moças egípcias parcamente vestidas que dormiam com estrangeiros, rapazes que faziam o mesmo, umas quantas cabras da classe alta, alguns turistas aventureiros que não conseguiam suportar mais uma noite no terrível bar do Nile Hilton. Uma moça bonita convidou Delaroche para dançar, convite esse que ele recusou educadamente. Momentos mais tarde, surgiu o seu anjo da guarda, um rapaz grosseiro com um casaco de couro e uma camisa justa para provar que levantava pesos. Delaroche murmurou algo ao ouvido dele, o que fez com que o rapaz deixasse de imediato o bar, com a moça bonita a reboque.

Astrid dançava com Stoltenberg. Vestia uma das saias pretas compradas em Londres e um pulôver justo. Era uma turista chamada Eva Tebbe, nascida no Leste, que falava alemão com um sotaque saxônico. Astrid e Stoltenberg tinham-se conhecido na noite anterior, quando viera ali com Delaroche, o qual fez de turista francês do grupo. Stoltenberg atirou-se a ela de uma forma implacável.

Restava-lhe dois dias no Cairo e depois ia para Luxor. Stoltenberg tentara engatá-la, mas ela recusou com tristeza, dizendo que o pequeno francês ficaria furioso. Nessa noite estaria sozinha, motivo pelo qual Delaroche não quis dançar e permanecia no bar, nas sombras.

Stoltenberg já fora um homem atraente, mas engordara devido ao álcool e à comida suculenta. Tinha o cabelo grisalho cortado rente e olhos azuis gelados. Vestia-se de preto: calças de ganga pretas, blusa de gola alta preta, blusão de couro preto. Tocava em Astrid enquanto dançava e, pela expressão dela, estava a gostar muito. Após três canções, dirigiram-se à mesa habitual de Stoltenberg. Conversaram, próximos um do outro.

Passados dez minutos, levantaram-se e abriram caminho pela pista até a porta, Stoltenberg puxando Astrid pela mão. O olhar dela passou por Delaroche mas não se deteve nele. Astrid, a profissional.

Observou atentamente o rosto dela e percebeu que estava assustada.

Era evidente que os negócios corriam bem a Eric Stoltenberg. Possuía um grande Mercedes preto e um motorista. Abriu a porta a Astrid, deu a volta por trás do carro e entrou para o veículo, sentando-se ao lado dela. O carro rugiu pelas ruas estreitas, depois virou para o penhasco e rumou a sul, ao longo do rio. Delaroche seguiu-os de mota, luzes apagadas, a cabeça oculta num capacete. Abrandou quando se aproximaram do apartamento de Stoltenberg, virado para o rio. Tal como em Londres, pensou. Leva-o para dentro, mete-o na cama, deixa uma porta aberta se puderes. Sem problemas. De repente, o Mercedes acelerou, passando pelo edifício a voar. Delaroche praguejou em voz alta e apressou-se atrás deles.

— Não te chamas Eva Tebbe — anunciou Stoltenberg, enquanto o carro acelerava. — O teu nome é Astrid Vogel. És um antigo membro da Fação do Exército Vermelho. — De que raio estás a falar? O meu nome é Eva Tebbe e sou uma turista de Berlim. Leva-me para o clube agora, seu doido varrido, ou vou gritar pela polícia. — Soube que eras tu cinco minutos depois de nos conhecermos. Aquele teu sotaque saxônico maluco não foi bom o suficiente para enganar um profissional.

— Profissional do quê? Leva-me de volta para o clube, já!

— Trabalhei para a Stasi, sua idiota! Lidei com a Red Army Faction. Nunca esteve no Leste, mas muitos camaradas seus estiveram. Tínhamos fotografias e dossiês completos sobre todos os membros da Red Army Faction, incluindo uma tal de Astrid Vogel.

— Meu nome é Eva Tebbe — repetia ela como se fosse um mantra. — Sou uma turista de Berlim.

— Pedi a um velho companheiro meu que me enviasse por fax esta fotografia. Agora está mais velha, seu cabelo está diferente, mas é você.

Meteu a mão no blusão de couro e exibiu a fotografia. Astrid olhava pela janela. Tinham atravessado o rio para o Cairo Ocidental e avançavam em direção a Giza.

— Olhe — gritou —, é você, olhe!

— Não sou eu. Por favor, não sei do que está falando.

Podia ouvir a própria voz a perder a convicção. Aparentemente, Stoltenberg também, pois deu-lhe uma violenta bofetada na boca com as costas da mão. Os olhos dela marejaram-se e sentiu nos lábios o gosto a sangue. Olhou para a fotografia, uma antiga foto de identificação da Alemanha

Ocidental. Era uma magrizela revolucionária, uma expressão no rosto que dizia como se atreveram a tirar-me esta porra desta fotografia. O corte de cabelo espetado de Kurt Vogel, os óculos com lentes de cristal de rocha de Kurt Vogel. Sempre achara que era uma fotografia bastante horrorosa, mas quando a policial a colocou num cartaz a dizer "procura-se", tornou-se o símbolo sexual da Esquerda radical.

As pirâmides estavam à sua frente, recortadas de encontro ao azul profundo da noite do deserto. Uma Lua muito branca a três quartos pairava baixa no céu, brilhante como um archote. Onde diabo estás tu, Jean-Paul? pensou ela. Resistiu ao impulso de se virar para trás e procurá-lo. O que tinha ele dito? Não vou deixar que ninguém te faça mal É bom que faças alguma coisa depressa, querido, pensou, ou este homem vai fazer de ti um mentiroso. Por qualquer razão, ele não lhe revistara o corpo, nem a mala. A arma ainda lá estava, uma pequena Browning automática, mas sabia que jamais conseguiria tirá-la a tempo, no espaço limitado do banco traseiro. Não teve outro remédio a não ser esperar, ganhar tempo e pedir a Deus que Jean-Paul estivesse algures na escuridão. As pirâmides desapareceram. Viraram para um trilho estreito e sem pavimento, que se estendia até o deserto.

— Para onde me estás a levar? — perguntou Astrid. — Se queres dar uma queca, podemos dá-la aqui mesmo. Não tens de me levar para o deserto e pores-te com estes jogos estúpidos. Voltou a esbofeteá-la. — Cala-te — ordenou.

O Mercedes dava solavancos e baloiçava desenfreadamente.

— Quem te contratou?

— Ninguém me contratou. Não sou quem tu dizes. Quero voltar para o meu hotel.

Por favor, não faças isto.

Deu-lhe outra bofetada, desta vez com mais força.

— Responde-me! Quem te contratou?

— Ninguém, por favor.

— Quem é o homem? O teu parceiro, o francês?

— Ele não passa de um idiota do meu grupo de viagem. Não é ninguém.

— Mataste o Colin Yardley em Londres?

— Eu não matei ninguém.

— Mataste o Colin Yardley em Londres? Foi o francês?

Eu não mato pessoas. Trabalho para uma revista em Berlim. Sou designer gráfica. Não me chamo Astrid Vogel. O meu nome é Eva Tebbe. Por favor, isto é coisa de loucos. Para onde me leva?

— Para um lugar onde ninguém vai te ouvir gritar e onde ninguém vai te encontrar depois que eu te matar. — Levou novamente a mão ao blusão e desta vez retirou uma arma. Encostou o cano no pescoço dela e puxou seu cabelo. — Mais uma vez — disse. — Quem é o francês? Quem te contratou?

— Meu nome é Eva Tebbe. Sou designer gráfica em Berlim.

Pensou nas velhas palestras sobre doutrinação na Red Army Faction. Se forem presos, não lhes deem nada. Desafiem, censurem, mas não lhes deem nada. Eles vão provocar, mexer com sua cabeça. É isso que os policiais fazem. Não lhes deem nada. Naquele caso, o conselho tinha uma aplicação muito prática, pois no momento em que dissesse a verdade a Stoltenberg, com certeza ele a mataria.

Puxou-lhe o cabelo com violência e depois soltou-a. A mala dela estava sobre o banco, entre os dois. Abriu-a e revirou o conteúdo até encontrar a Browning. Mostrou-a, como prova da traição, e colocou-a dentro do blusão. — É muito desleixado, esse teu francês, Astrid. Enviou-te para uma situação muito perigosa. Ele sabia que trabalhei para a Stasi. Devia ter percebido que podia reconhecer uma antiga assassina da Fação do Exército Vermelho. E preciso ser-se um sacana muito frio para enviar uma mulher para uma situação destas. O carro parou numa escarpa do deserto com vista para a cidade. Abaixo deles, o Cairo estendia-se como um leque gigante, estreito a sul, amplo a norte, na base do delta do Nilo. Milhares de minaretes erguiam-se em direção ao céu. Interrogou-se qual seria o dela. Queria estar de volta àquele quarto de hotel horroroso, com a sanita que não funcionava, junto ao edifício prestes a ruir. — É evidente que amas esse homem. É por isso que estás disposta a suportar a dor física por ele. Ele não sente o mesmo por ti, garanto-te. Caso contrário, nunca teria permitido que te aproximasses de mim. Está te usando, como aqueles sacanas na Red Army Faction te usaram.

Stoltenberg disse algo ao motorista num árabe rápido que Astrid não compreendeu. O motorista abriu a porta e saiu. Stoltenberg encostou-lhe novamente a arma ao pescoço.

— Muito bem — disse. — Vamos tentar só mais uma vez.

Delaroche desligou o motor da mota quando viu as luzes de travão do Mercedes a acender. Parou em silêncio, retirou a mota do trilho e aproximou-se do carro a pé. A Lua projetava sombras. O Cairo murmurava à distância. Imobilizou-se quando ouviu uma porta do carro abrir e fechar. O veículo permaneceu às escuras; Stoltenberg, como qualquer bom agente, inutilizara a luz interior. Ao luar, Delaroche viu o motorista, de arma na mão, a verificar o perímetro. Delaroche acocorou-se atrás de um aglomerado rochoso e esperou que o homem se aproximasse. Quando o motorista se encontrava a cerca de dez metros de distância, Delaroche pôs-se de pé e apontou a Beretta na escuridão. Stoltenberg estava novamente a esbofeteá-la, no rosto, na nuca, nos seios. Ela sentiu que o homem começava a gostar daquilo. Pensou noutra coisa, qualquer coisa. Pensou na casa flutuante no Prinsengracht e na pequena livraria e desejou que Jean-Paul Delaroche nunca tivesse entrado na sua vida. A porta do motorista abriu e fechou-se. Na escuridão, Astrid mal conseguia distinguir a silhueta de um homem atrás do volante. Apercebeu-se de que não era o mesmo homem que lá estivera antes.

Stoltenberg pressionava novamente a arma contra o pescoço de Astrid. — Viste alguma coisa? — perguntou Stoltenberg em árabe. O homem atrás do volante abanou a cabeça.

— Yallah — ordenou Stoltenberg. Vamos embora. Delaroche virou-se e apontou a Beretta ao rosto de Stoltenberg. O alemão ficou demasiado estupefato para reagir. Delaroche disparou três vezes. — Ele podia ter-me matado, Jean-Paul.

Estava deitada na cama no Hotel Imperial, com a sua galabia vestida, a fumar um cigarro atrás do outro na semiobscuridade. Delaroche estava deitado ao lado dela, a desmontar as armas. Ela tinha o cabelo úmido da ducha. Esfregara-se até ficar em carne viva, a tentar lavar o sangue de Stoltenberg. O vento entrava pelas portas abertas. Arrepiou-se. A sanita deixara outra vez de funcionar. Delaroche telefonou para a recepção e pediu que alguém viesse arranjá-la, mas o senhor Fahmy, o guardião do conhecimento secreto, estava de folga nessa noite. — Bokra, inshallah — disse o empregado. Amanhã, se Deus quiser.

Delaroche acatou a afirmação dela. O profissional que havia nele não podia contestá-la. Eric Stoltenberg tivera muito tempo e oportunidade para matá-la. Optara por não o fazer porque precisava de mais informações.

— Ele podia ter matado você — disse Delaroche —, mas não o fez porque se portou com perfeição. Ganhou tempo, não contou nada. Você nunca esteve sozinha. Eu estava atrás de você o tempo todo.

— Se ele quisesse me matar você não teria podido impedir.

— Este trabalho não é isento de riscos. Sabe disso.

As palavras de Stoltenberg ecoavam-lhe na mente.

— É muito desleixado esse seu francês, Astrid. Enviou você a uma situação muito perigosa.

— Não sei se consigo continuar, Jean-Paul.

— Aceitou a missão. Aceitou o dinheiro. Não pode desistir agora.

— Quero voltar para Amsterdam, ao Prinsengracht.

— Essa porta se fechou para você.

Fez mais uma vez o inventário dos ferimentos: lábio rachado, face esmurrada, uma marca de mão no seio direito. Nunca antes se encontrara numa situação em que estivesse impotente e não tinha gostado. — Não quero morrer como um animal no deserto.

— Nem eu — concordou ele. — Não vou deixar que isso aconteça a nenhum de nós.

— Para onde vai, quando esta questão chegar ao fim?

— Para Brélés, se puder. Se não, para as Caraíbas.

— E para onde irei, agora que a porta para Amsterdam foi fechada?

Pousou as armas e colocou-se em cima dela.

— Pode vir comigo para as Caraíbas.

— E o que vou fazer lá?

— O que quiser, ou então nada.

— E o que serei para você? Serei sua mulher?

Delaroche abanou a cabeça. — Não, não será minha mulher.

— Haverá outras mulheres?

Voltou a abanar a cabeça. — Não, não haverá outras mulheres.

— Serei o que quiser que eu seja, mas não pode me humilhar com outras mulheres.

— Nunca te humilharia, Astrid.

Beijou-lhe a boca com suavidade, para não lhe magoar o lábio. Desabotoou-lhe a galabia e beijou-lhe os seios e a feia marca deixada pela mão de Stoltenberg. Deslizou pelo corpo dela e levantou a galabia. O terror que Astrid sentira horas antes desvaneceu-se com a sensação intensa do que ele estava a fazer entre as suas coxas.

— Onde iremos viver? — perguntou baixinho.

— Junto ao mar — respondeu ele, voltando ao que estava a fazer.

— Vais fazer-me isto junto ao mar, Jean-Paul? Sentiu a cabeça dele dizer que sim entre as pernas.

— Vais fazer-me isto muitas vezes junto ao mar, Jean-Paul?

Era uma pergunta tola e ele não respondeu. Astrid agarrou-lhe a cabeça e puxou-a com força de encontro ao corpo. Teve vontade de lhe dizer que o amava, mas sabia que tais coisas jamais seriam ditas em voz alta. Mais tarde, ele deitou-se ao lado dela, respirando suavemente.

— Dormes de noite, Jean-Paul?

— Algumas noites são melhores do que outras. — Vê-los?

Vejo-os durante algum tempo e depois desaparecem.

— Porque mata daquela maneira? Por que três tiros no rosto?

— Porque quero que saibam que eu existo.

Astrid fechou os olhos e sentiu-se a deslizar para o sono.

— Você é a Besta, Jean-Paul?

— Do que está falando?

— A Besta — repetiu ela. — O Diabo. Talvez deixe sua marca nos rostos deles por ser a Besta.

— Os homens que eu mato são maléficos. Se eu não os matar, outra pessoa o fará. É apenas um negócio, nada mais.

— Com você é mais do que apenas um negócio, Jean-Paul. É... — hesitou e, por um instante, Delaroche pensou que ela tivesse finalmente adormecido. — É arte, Jean-Paul. Sua forma de matar é como arte.

— Dorme, Astrid.

— Espere que eu durma antes de você dormir, Jean-Paul.

— Eu espero — prometeu. Ficou em silêncio mais um instante.

— Quando se aposentar, o que será do Arbatov? — perguntou ainda.

— Suponho que terá de se aposentar também — respondeu Delaroche. — Mas ele já tem uma certa idade.

— É o Diabo, Jean-Paul? — perguntou Astrid, mas adormeceu antes que ele pudesse responder.

Momentos antes de o Sol nascer, retirou da mala o pequeno artigo do Le Monde sobre um diplomata reformado russo morto por rufiões de rua em Paris. Delaroche estava a dormir, ou fingia dormir, nunca tinha a certeza.

Levou o recorte até a varanda pouco firme de Fahmy e leu-o mais uma vez à luz bege do despontar do dia. Talvez não tivesse sido Jean-Paul, pensou. Talvez tivesse sido mesmo apenas um assalto.

O Cairo agitava-se lá em baixo. Uma abbaleen surgiu no beco, uma menina, vestida com farrapos, cheia de sono, açoitando um jumento com uma chibata. O muezim fez-se ouvir e outros mil juntaram-se a ele.

Levou um fósforo ao recorte e segurou-o até a chama o engolir. Depois largou-o e viu-o flutuar, até cair em cima de um monte de lixo e transformar-se em pó cinzento. 267

CAIRO

A viagem de táxi desde o aeroporto demorara quase tanto tempo como o voo a partir de Roma. Estava calor, até mesmo para Novembro, e não havia ar condicionado no pequeno Fiat usado. Michael recostou-se e tentou descontrair-se. Sabia que ficar agitado só iria piorar as coisas. O Cairo era como um nó com truque, que quanto mais se tentava desatar mais apertado ficava. O taxista partiu do princípio de que Michael era um egípcio rico de regresso de umas férias em Roma e tagarelou sobre como as coisas tinham ficado más. Envergava a túnica modesta e a barba desalinhada de um islâmico devoto. A rua estava obstruída com todos os tipos concebíveis de meios de transporte: carros, ônibus e camiões a vomitarem fumo pelos escapes, carroças puxadas por burros, bicicletas e peões. Um rapaz magricela espetou com uma galinha viva no rosto de Michael e perguntou se a queria comprar. O taxista gritou-lhe que se fosse embora. Uma imagem colossal do presidente egípcio sorria com benevolência de um painel publicitário à beira da estrada.

— Não estaria rindo se estivesse preso neste trânsito com a gente — murmurou o taxista.

Michael nunca vivera no Cairo, mas passara ali muito tempo. Exercera o cargo de oficial de controle de um agente importante no seio da Mukhabarat, os serviços de segurança egípcios que tudo permeiam. O agente não queria ser interrogado por um oficial da Estação do Cairo, sabia que a embaixada e os residentes da CIA eram bem controlados, por isso Michael viajava até o Egipto ocasionalmente, fingindo ser um homem de negócios, e ele próprio ouvia os relatórios. O agente forneceu informações valiosas sobre o estado do islamismo radical no Egipto, o aliado mais importante dos Estados Unidos no mundo árabe. Por vezes, a informação fluía ao contrário. Quando Michael soube de um plano para assassinar o ministro do interior egípcio, passou a informação a esse agente. O conluio foi gorado e vários elementos da al-Gama'at Ismalyya foram presos. O homem de Michael recebeu uma grande promoção que lhe deu acesso a melhores informações.

O Nile Hilton encontra-se localizado na Praça Tahrir, com vista para o rio. Em árabe, Tahrir significa libertação e Michael sempre achou que era o lugar com o nome mais inadequado da terra. A praça imensa estava com um engarrafamento terrível. O táxi não avançara dois centímetros em cinco minutos. O ruído das buzinas era insuportável. Michael pagou a corrida e percorreu o resto do caminho a pé.

Entrou no quarto, tomou uma ducha, mudou de roupa e voltou a sair. A Mukhabarat tinha uma das operações de vigilância mais dispendiosas da terra. Michael sabia que o telefone do quarto de certeza que estava sob escuta, ainda que viajasse como um homem de negócios italiano, presente na cidade para uma série de reuniões. Dirigiu-se à estação de metro da Praça Tahrir e encontrou uma cabine telefônica. Falou baixinho para o receptor durante dois minutos, levantando a voz uma vez para gritar por cima do troar de um comboio que entrava na estação. Tinha duas horas para gastar. Aproveitaria o tempo. Entrou no metro seguinte, saiu na primeira estação e voltou atrás. Caminhou. Dirigiu-se ao museu egípcio. Foi seduzido por uma loja de turistas especializada em óleos perfumados. Os rapazes da loja empanturraram-no com chá e. cigarros enquanto ele experimentava vários óleos. Michael recompensou a sua hospitalidade comprando um pequeno frasco de um óleo de sândalo abjeto, que atirou para dentro do caixote do lixo mais próximo assim que saiu. Estava à vontade, sem ser vigiado. Fez sinal a um táxi e entrou.

O Cairo é uma cidade de elegância perdida. Outrora existiram cinemas, um teatro de ópera e villas rodeadas de muros que derramavam música de câmara para as noites quentes. Pouco resta, e o que sobreviveu tem a consistência de um jornal deixado muito tempo ao sol. Muitas das villas foram abandonadas, a ópera desapareceu e os teatros tresandam a urina. O restaurante Arabesque tem o toque do velho Cairo, fazendo lembrar um ancião que deambula pela casa o dia inteiro de terno e gravata.

Estava-se a meio da tarde, a altura calma entre o almoço e o jantar, e a sala de jantar estava quase deserta. Michael teve de se esforçar para ouvir o barulho do trânsito, tão bom era o isolamento do restaurante. Yousef Hafez estava sentado a uma mesa de canto, longe de todas as outras pessoas. Quando Michael se aproximou, ergueu o olhar e sorriu, fazendo brilhar duas filas de dentes perfeitos e brancos. Tinha a aparência de uma estrela de cinema egípcia, do tipo corpulento na casa dos cinquenta, com um cabelo farto e a ficar grisalho, que atrai mulheres mais jovens e ultrapassa homens mais jovens. Michael sabia que isso não andava longe da verdade.

Pediram vinho branco fresco. Hafez era muçulmano, mas achava que a fidelidade rígida à lei islâmica era para "os malucos e os camponeses". Brindaram e conversaram sobre os velhos tempos durante uma hora, enquanto os empregados traziam travessa após travessa de aperitivos ao estilo libanês.

Por fim, Michael falou no assunto que ali o levara. Disse a Hafez que estava no Cairo para tratar de um assunto pessoal. Esperava que Hafez o ajudasse por amizade e cortesia profissional. Sob quaisquer circunstâncias

poderia discutir o assunto com o seu oficial de controle atual. Seria pago pela ajuda prestada, diretamente do bolso de Michael.

Podes pagar-me um almoço ou outra garrafa deste vinho, mas guarda o dinheiro. Michael fez sinal ao empregado de casaco branco para que trouxesse mais vinho. Enquanto o empregado os servia, Hafez falou sobre uma pisga que comera em Cannes naquele Verão. A Mukhabarat empregava dezenas de milhares de informantes, logo era sempre possível que o empregado fosse um deles. Quando se afastou, Hafez declarou:

— Então, o que posso fazer por ti, meu amigo?

— Quero falar com um homem chamado Eric Stoltenberg. É um antigo elemento da Stasi, que vive no Cairo a trabalhar como freelancer.

— Sei quem ele é.

— Sabes onde encontrá-lo? — Para dizer a verdade, sei.

Hafez pousou o copo de vinho e fez sinal para que trouxessem a conta. O corpo estava numa sala quente com centenas de outros, coberto por um lençol cinzento. O macacão do funcionário estava salpicado de sangue. Hafez ajoelhou-se ao lado do corpo e olhou para Michael, a fim de se certificar de que este estava preparado. Michael acenou com a cabeça e Hafez afastou o lençol para trás. Michael desviou rapidamente o olhar e teve uma ânsia de vômito, o almoço no Arabesque a subir-lhe à garganta.

— Onde o encontrou? — perguntou Michael.

— Perto das pirâmides, na orla do deserto.

— Deixa-me adivinhar: três tiros no rosto.

— Exatamente — confirmou Hafez, acendendo um cigarro para disfarçar o cheiro. — Foi visto pela última vez num clube noturno em Zamalek. Um sítio chamado Break Point.

— Conheço — disse Michael.

— Estava dançando com uma mulher europeia: alta, loura, alemã talvez.

— Chama-se Astrid Vogel. Foi da Facção do Exército Vermelho.

— Foi ela quem fez isto?

— Não, desconfio que recebeu alguma ajuda. Tem imagem de todos os passageiros que chegam ao aeroporto de Cairo?

Hafez fez um esgar, considerando a pergunta algo divertida.

— Importa-se que dê uma olhada?

Hafez levantou-se e disse: — Vamos.

Colocaram Michael numa sala com um leitor de vídeo e um monitor. Dois funcionários entravam e saíam silenciosamente, trazendo novas cassetes numa direção e levando as velhas noutra. Trouxeram-lhe chá, ao estilo russo, num copo com uma pega de metal ornamentado. Trouxeram-lhe tabaco egípcio

quando acabaram os Marlboros. Trabalhou para trás no tempo, começando vinte e quatro horas antes do assassinato. Outubro seria meticuloso. Outubro planejaria tudo cuidadosamente.

Encontrou-a depois da meia-noite. Era alta e ereta, com o cabelo puxado para trás, o que acentuava seu nariz comprido. As mãos grandes pareciam debater-se com o passaporte ao entregá-lo ao funcionário da alfândega. Outubro apareceu cinco minutos depois, baixo, com ligeireza nos pés, como um esgrimista. A pala de um boné de basebol, puxada para a testa, obscurecia-lhe grande parte do rosto, mas Michael conseguia ver o suficiente. Imobilizou as duas imagens e chamou Hafez.

— Aqui estão os teus assassinos — anunciou Michael, quando Hafez entrou na sala. — Esta é Astrid Vogel, a alemã com quem Stoltenberg estava dançando no clube noturno.

Hafez apontou para a segunda imagem.

— E aquele?

Michael fitou a tela.

— Quem me dera saber.

AMSTERDAM

Estava uma madrugada muito fria quando Delaroche e Astrid regressaram à casa flutuante no Prisengracht. Delaroche inspecionou o barco cuidadosamente durante vinte minutos, para se certificar de que ninguém estivera a bordo. Verificou os detetores, revistou os armários na cozinha e as gavetas no quarto de Astrid, percorreu o convés gelado. Astrid não lhe foi de grande ajuda. Contente por finalmente estar a bordo do seu adorado Krista, deixou-se cair em cima da cama vestida como estava e observava-o só com um olho, como se estivesse louco.

Delaroche sentia-se alerta e revigorado, apesar da longa viagem. Na manhã anterior tinham apanhado um avião do Cairo para Madrid, tendo primeiro explicado ao senhor Fahmy que iam abreviar a estadia no Hotel Imperial porque a Sra. estava muito doente. Fahmy receava que fosse a sanita que os tivesse afugentado (ofereceu-lhes a melhor suíte do hotel para persuadi-los a ficar), mas Delaroche garantiu-lhe que fora a água, e não a sanita, que os obrigara a partir. Em Madrid, tinham apanhado o comboio para Amsterdam. Delaroche passou a viagem debruçado sobre o computador portátil como um homem de negócios, planeando o assassinato seguinte. Astrid dormia um sono sobressaltado ao lado dele, revivendo os últimos acontecimentos.

O canal congelara novamente e, mais uma vez, o Krista estava repleto dos gritos alegres dos patinadores. Astrid tomou comprimidos para dormir e tapou a cabeça com uma almofada. Delaroche sentia-se demasiado agitado para dormir, por isso, a meio da manhã, quando o sol consumiu as nuvens, foi para a coberta de proa e pintou, agasalhado com uma blusa grossa e luvas sem dedos. A luz era boa, bem como o assunto (patinadores no canal, casas com empenas em pano de fundo) e, quando terminou, pensou que era o melhor trabalho que produzira em Amsterdam.

Tinha um curioso desejo pela aprovação de Astrid mas, quando desceu para tentar acordá-la, ela limitou-se a resmungar que o seu nome era Eva Tebbe, uma designer gráfica de Berlim e para que, por favor, parasse de esbofeteá-la. Deixou-a ao início da tarde, pedalando por Amsterdam, com o computador portátil a tiracolo. Prendeu a bicicleta junto a um centro telefônico perto do Rijksmuseum e entrou. Dirigiu-se a uma cabine, ligou o computador e teclou durante alguns instantes. Tinha uma mensagem de correio eletrônico. Abriu-a e na tela surgiu uma série ininteligível de símbolos. Inseriu o nome de código e a mensagem apareceu num texto claro.

PARABÉNS PELO SUCESSO DA SUA MISSÃO NO CAIRO. O PAGAMENTO FOI ENVIADO PARA O NÚMERO DA SUA CONTA. TEMOS OUTRA MISSÃO. SE ACEITAR, RECEBERÁ UM MILHÃO E MEIO DE DÓLARES, RECEBENDO METADE COMO ADIANTAMENTO. PARA ACEITAR, DÊ ENTER. O PAGAMENTO SERÁ AUTOMATICAMENTE ENVIADO PARA A SUA CONTA E UM DOSSIÊ COM PORMENORES OPERACIONAIS SERÃO BAIXADOS PARA SEU COMPUTADOR. O ARQUIVO ESTARÁ CODIFICADO, CLARO, E O SEU NOME DE CÓDIGO IRÁ DECIFRÁ-LO. SE QUISER RECUSAR, TECLE ESCAPE.

Delaroche desviou o olhar da tela e pensou por um instante. Com aqueles honorários, ficaria com uma quantia extraordinária de dinheiro, mais do que suficiente para garantir o seu conforto e segurança para o resto da vida. Contudo, sabia que envolvia riscos. Os assassínios seriam cada vez mais difíceis (Eric Stoltenberg fora prova disso) e agora estavam a pedir-lhe para levar a cabo outro assassinato. Também se interrogou se Astrid seria capaz de continuar. O confronto com Stoltenberg no Cairo custara-lhe demasiado. No entanto, Delaroche apercebeu-se de que a vida de Astrid se encontrava agora inexoravelmente ligada à sua. Ela faria o que ele quisesse.

Carregou na tecla ENTER. O arquivo foi descarregado para o portátil pelo modem de alta velocidade. Deu uma vista de olhos ao dossiê e desligou o computador.

Conhecia o homem. Já o confrontara uma vez.

Guardou o computador e telefonou para o banco, em Zurique. Herr Becker atendeu. Sim, tinham sido efetuados dois depósitos na sua conta: um de um milhão de dólares e um segundo de três quartos de um milhão há momentos. Delaroche deu instruções a Becker para que transferisse o dinheiro para as contas nas Baamas. Saiu do centro telefônico e foi buscar a bicicleta de Astrid. Um ladrão estava a tentar arrombar o cadeado. Delaroche informou-o delicadamente de que aquela bicicleta lhe pertencia. O ladrão disse a Delaroche para se lixar. Delaroche enfiou-lhe um pé na região dos rins. Enquanto se afastava, montado na bicicleta, o ladrão continuava deitado no chão, contorcendo-se em silêncio.

Astrid dormiu até depois do pôr do Sol. Tomaram café num restaurante perto do Krista e deram um passeio pelos canais até a hora de jantar. Astrid inalou o ar frio e límpido de Amsterdam, tentando limpar os pulmões do pó e do fumo do Cairo. Estava um pouco nervosa devido aos soporíferos e ao café. Um homem com cabelo louro-acinzentado chocou com ela. Astrid estava já a levar a

mão à mala para pegar na arma quando Delaroche lhe pousou a mão no braço e lhe segredou que não era nada, apenas um desconhecido com pressa.

Comeram como amantes extenuados no restaurante no Herengracht onde Delaroche a levara na primeira noite. Ela não tinha comido nada no Cairo, por isso devorou o seu prato, bem como grande parte do de Delaroche. A sua pele, branca como a cal devido ao cansaço e ao nervosismo, foi ganhando cor com a comida, o vinho e o ar da noite. Contou-lhe enquanto comiam a sobremesa. O rosto dela não deixou transparecer mais do que uma ligeira irritação, como se Delaroche a tivesse informado de que, naquela noite, ia ficar a trabalhar até mais tarde no escritório.

— Não tem que fazer — disse-lhe. — Não quero ficar sem você.

Fizeram amor sob a claraboia do Krista, ao som dos gritos dos patinadores no Prinsengracht. Em seguida, Delaroche confessou ter abatido o avião em Nova York, bem como o rapaz palestino. Disse-lhe que acreditava que os homens que tinham matado também estavam envolvidos no ataque ou que, de alguma forma, sabiam a verdade.

— Quem são os homens que te contrataram? — perguntou ela, tocando-o nos lábios.

— Sinceramente não sei.

— Tem que saber que eles vão te matar, Jean-Paul. Quando terminar o contrato, eles virão atrás de você. E de mim também.

— Eu sei.

— Para onde iremos?

— Para a nossa casa na praia.

— Estaremos seguros lá?

— Estaremos tão seguros como em outro lugar qualquer.

Astrid acendeu um cigarro e exalou um esguio fio de fumo em direção à claraboia. Delaroche pegou no portátil, ligou-o e carregou em algumas teclas. O disco rígido zumbiu e depois a imagem de um homem de cabelo escuro apareceu no ecrã.

— Por que esse homem tem que morrer?

— Desconfio que sabe demais.

Surgiu outra imagem, a de Elizabeth Osbourne.

— A mulher dele é linda.

— Sim.

— É uma pena.

— Sim — concordou Delaroche, e fechou o notebook.

SHELTER ISLAND, NOVA YORK

Michael apanhou o último ferry da noite. Durante alguns instantes, deixou-se ficar encostado ao parapeito a apanhar o ar frio, mas o vento e os salpicos da água fizeram com que voltasse para dentro do Buick alugado no aeroporto JFK. Telefonara a Adrian Carter a partir da Long Island Expressway e disse-lhe que estava de regresso ao país. Carter quis saber onde diabo estivera metido. Michael respondeu-lhe que iria à sede na tarde do dia seguinte e lhe explicaria tudo. Quando Carter exigiu uma explicação naquele momento, Michael mentiu e disse que a ligação do celular estava má, desligando em seguida. A última coisa que ouviu foi Adrian Carter a gritar obscenidades, o que não era nada típico de sua parte, ao pousar o telefone no gancho.

As vagas rebentavam na proa, encharcando o vidro. Michael ligou o limpa para-brisa. As luzes de Cannon Point brilhavam do outro lado de Shelter Island Sound. As imagens das últimas semanas vieram-lhe à cabeça: o Voo 002, Colin Yardley, Heathrow, Drozdov, Muhammad Awad, Eric Stoltenberg, Astrid Vogel, Outubro. Eram como fragmentos de uma melodia que não era capaz de completar. Tinha a certeza de que a Espada de Gaza não tinha perpetrado o ataque. Acreditava que era obra de outro grupo, ou de um indivíduo, que o levara a cabo em nome da Espada de Gaza. Mas quem? E porquê? Outubro era apenas um assassino contratado. Se estivesse envolvido, seria por mandado de outros. O mesmo se aplicava a Astrid Vogel. A Fação do Exército Vermelho não possuía os recursos nem motivo para realizar o ataque. Michael desconfiava saber a verdade, ou pelo menos parte dela: o homem chamado Outubro fora contratado para eliminar a equipe que levara a cabo o atentado.

O ferry atracou em Shelter Island. Michael ligou o motor e arrancou. Shelter Island Heights estava deserta, as lojas e as casas vitorianas às escuras. Acelerou ao longo de Winthrop Road, através de um túnel de árvores despidas, e contornou Dering Harbor. No Verão, o porto estava repleto de barcos. Agora encontrava-se deserto, exceto pelo Athena, que ondulava nas amarras sobre as ondas encrespadas ao largo de Cannon Point.

Michael também desconfiava que fora ele o alvo no ferry no Canal, não Muhammad Awad. Quem era o homem debaixo da balaclava? Seria Outubro? Já o vira empunhar a arma, em pessoa, na Represa de Chelsea e em vídeo, e não parecia ser o mesmo homem. Tinha de partir do princípio que continuava a ser um alvo e era obrigado a encarar a possibilidade de agora enviarem Outubro, um dos melhores assassinos do mundo, para realizar a tarefa. Teria de contar tudo a

Carter e a Monica Tyler, pois precisava da sua proteção. Também diria tudo a Elizabeth, mas por razões muito diferentes. Amava-a mais do que a qualquer outra coisa e desejava ansiosamente recuperar a sua confiança.

Cannon Point surgiu diante dos seus olhos. Michael parou junto ao portão de segurança, baixou o vidro e digitou o código. O portão abriu e viu acenderem-se as luzes na casa do caseiro. Michael conduziu devagar pelo acesso de cascalho. Um grupo de veados de cauda branca, a pastar na erva morta do extenso relvado dos Cannon, olhou para cima e fitou Michael cautelosamente. Viu um raio de luz e ouviu cães a ladrar. Era apenas Charlie, o caseiro, a caminhar na sua direção, com os retrievers a latirem à volta dos seus tornozelos.

Michael desligou o motor e saiu do carro. Acenderam-se luzes na casa principal e a porta abriu de rompante. Viu Elizabeth emoldurada pela luz, envolta num dos velhos casacos do senador. Saiu para a rua, observando-o, com os braços cruzados sob os seios. O vento soprou-lhe o cabelo sobre o rosto. Depois deu alguns passos cuidadosos até junto dele e aninhou-se contra o seu corpo. ─ Nunca mais volte a me deixar, Michael.

─ Não volto ─ prometeu. ─ Meu Deus, Elizabeth, lamento tanto.

─ Quero conversar. Quero que me conte tudo.

─ Eu vou contar tudo, Elizabeth. Há coisas que precisa saber.

Conversaram durante horas. Elizabeth sentou-se na cama, o queixo apoiado nos joelhos, brincando com um Benson Hedges por acender. Michael andava de um lado para o outro, ora sentando-se ao lado dela, ora olhando pela janela, para as águas do Sound. Fiel à sua palavra, contou-lhe tudo. Sentiu a tensão diminuir com a revelação de cada segredo. Desejou nunca lhe ter escondido nada desde o início. Sempre dissera a si próprio que era para proteção de Elizabeth, mas agora apercebia-se de que isso era apenas parte da verdade. Tivera uma vida de segredos e de mentiras durante tanto tempo, que não conhecia outra forma de viver. O sigilo era como uma doença, uma maleita. O pai apanhara-a e dera com a mãe em louca. Michael deveria ter evitado cometer os mesmos erros.

Depois de terminar, Elizabeth ficou calada durante muito tempo.

─ O que queres de mim? ─ perguntou finalmente.

─ Perdão ─ respondeu ele. ─ Perdão e compreensão.

─ Tens isso, Michael. ─ Voltou a colocar o cigarro por acender dentro do maço.

─ O que vai acontecer amanhã em Langley?

─ Provavelmente vão pôr-me à frente uma quarenta e cinco carregada.

─ De que estás a falar?

─ Vou estar metido em grandes sarilhos. Posso não sobreviver.

— Não brinques comigo, Michael.

— Não há muito trabalho por aí para espiões caídos em desgraça.

Não precisamos do dinheiro. Podes tirar uns dias de licença e fazer alguma coisa normal durante o resto da vida. — Viu no rosto dele o impacto das suas palavras e disse: — Meu Deus, Michael, desculpa. Não estava a falar a sério. — Só há uma coisa que tenho de fazer antes de me vir embora. Quero saber o que realmente aconteceu àquele avião. Quero a verdade.

— E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará, certo, Michael?

— Qualquer coisa assim.

— Desapareceu?

— Quem é que desapareceu?

— Sarah. Desapareceu?

— Nunca esteve lá, para começar.

— Muito inteligente, Michael, mas responde minha pergunta.

— Às vezes penso no que aconteceu. Mas não a amo, Elizabeth, e não desejo que ela estivesse deitada a meu lado no teu lugar.

Uma lágrima rolou-lhe pelo rosto. Ela limpou-a com força e disse:

— Anda, Michael. Vem para a cama.

Deixou-se ficar nos braços dele durante muito tempo, a chorar. Michael abraçou-a até que ela parou de soluçar. Olhou para o marido, o rosto molhado, e perguntou:

— Importas-te que eu te fale um bocadinho sobre o meu dia agora, querido?

— Adorava ouvir-te falar sobre o teu dia.

— Quatro ovos fertilizados. Implantaram esta manhã. Tenho de descansar uns dias. Depois vão me fazer um teste de gravidez para ver se deu certo.

Colocou a palma da mão na barriga dela. Elizabeth beijou-o nos lábios.

— Michael Osbourne, é a primeira vez que te vejo sorrir em semanas.

— É a primeira boa notícia que tenho em semanas.

Passou-lhe um dedo pelo cabelo.

— Virão atrás de você?

— Não sei. Se for embora, já não represento ameaça para eles.

— Vai sair amanhã? Por mim?

— Não me parece que tenha escolha.

— E a verdade vos libertará — disse ela. — Amém.

CHIPRE

O pequeno jato Gulfstream aterrou na pista isolada, os motores a gemer na escuridão. O piloto chamava-se Roger Stephens, um antigo oficial da Royal Navy's Fleet Air Arm, condecorado na Guerra das Malvinas. Agora trabalhava para a Seção de Transportes da Sociedade. Ao fazer mecanicamente as verificações pré-voo, Stephens não possuía uma informação crucial: o plano de voo. Os passageiros, um homem e uma mulher, deveriam dar-lho a bordo. Contudo, partiu do princípio de que seria um voo longo, pois tinha recebido ordens para atestar o depósito.

Trinta minutos depois, um Range Rover preto entrou na pista e avançou em direção ao Gulfstream a toda a velocidade, com os faróis apagados. Parou junto das escadas, largou duas pessoas e afastou-se rapidamente. Stephens executara várias missões para a Sociedade, pelas quais foi bem compensado, e conhecia as regras. Não devia olhar para os rostos dos passageiros, nem falar com eles. O acordo estava bem para Stephens. A Sociedade e os homens que a ela pertenciam não eram farinha que se cheirasse e ele queria ter o menos possível a ver com eles. Os passageiros entraram no avião e sentaram-se nos seus lugares. Uma mochila de nylon preta fora-lhes deixada a bordo e o frigorífico estava bem abastecido com comida e vinho. Stephens ouviu o som de um fecho de correr, o estalido metálico de um atirador experiente a verificar o funcionamento de uma arma automática, o estouro de uma rolha de champanhe, o murmúrio de uma mulher a falar num francês com sotaque alemão.

Um instante depois, o homem entrou no cockpit e colocou-se atrás de Stephens.

— O plano de voo — disse, simplesmente.

Falou em inglês, com um ligeiro sotaque que Stephens não foi capaz de identificar. O plano de voo foi-lhe atirado para a frente dos olhos, juntamente com uma Beretta com silênciador. Stephens pegou no plano de voo.

— Permaneça no cockpit e não olhe para nenhum de nós — avisou Delaroche. — Se olhar para nós, eu mato-o e aterro eu próprio o avião. Entendeu? Stephens aquiesceu. Sentiu um arrepio pela espinha. Delaroche saiu do cockpit e sentou-se no banco. Stephens estendeu o braço e, sem se virar, fechou a porta do cockpit.

Momentos depois, os motores começaram a funcionar e o Gulfstream descolou para a noite mediterrânica.

SEDE DA CIA, LANGLEY, VIRGÍNIA

Michael sempre pensou que os ambientalistas teriam um dia em cheio no gabinete de Monica Tyler. Situado no sétimo andar era amplo e arejado, com vista para as árvores ao longo do rio. Monica escarnecera da ideia de decorar o seu covil com mobiliário do governo e trouxera o seu do escritório de Nova York: uma grande secretária de mogno, arquivos de mogno, estantes de mogno, e uma mesa de reuniões de mogno, rodeada por confortáveis cadeiras de pele. Viam-se adornos de marfim e de prata por aqui e por ali, e belos tapetes persas cobriam a quase totalidade da feia alcatifa azul-acinzentada do governo. Uma parede era exclusivamente dedicada às fotografias de Monica com pessoas famosas: Monica com James Beckwith, Monica com o Diretor Ronald Clark, Monica com um ator famoso, Monica com a princesa Diana. No mundo da espionagem notoriamente avesso às câmaras, Monica era uma autêntica miúda de capa de revistas. Ao entrar na sala, Michael sentiu o aroma do café acabado de fazer (um requintado love italiano ou francês) e, vinda de algures, ouviu uma calma música sinfônica. Adrian Carter chegou a seguir, parecendo muito ressacado. Farejou o ar, sentiu o odor do café e franziu o cenho. Monica foi a última a chegar, com cinco minutos de atraso, como era seu hábito, seguida por Tweedledee e por Tweedledum, cada um segurando na mão uma pasta de pele.

Sentaram-se à mesa de reuniões, Monica no topo, com os factótuns à sua direita e Michael e Carter à esquerda. Uma secretária trouxe um tabuleiro com café e natas e um prato de bolinhos delicados.

Monica assinalou o início da ordem de trabalhos, batendo com a ponta da caneta de ouro sobre o tampo polido da mesa.

— Onde está o McManus? — perguntou Carter.

— Teve de ir à baixa, ao Edifício Hoover, devido a um assunto urgente — respondeu Monica, com um tom de voz inexpressivo.

— Não lhe parece que o representante do FBI do Centro de Contraterrorismo deveria estar presente nesta reunião?

— Tudo o que o FBI precisar saber será transmitido na altura devida — respondeu. — Este é um assunto da Agência e será tratado como tal. Carter, incapaz de esconder a fúria, roeu a unha do indicador. Monica olhou para Michael.

— Após o incidente no ferry, foram-lhe dadas ordens para que regressasse a Londres de imediato e se apresentasse na sede. O senhor desobedeceu a essa ordem e foi para o Cairo. Por quê?

— Julguei que podia descobrir informações valiosas a respeito de uma investigação em curso — respondeu Michael. — Não fui por ter vontade de ver as pirâmides.

— Não se arme em esperto. Já tem problemas que chegue. O que soube no Cairo? Michael colocou em cima da mesa as fotografias que lhe tinham sido dadas por Muhammad Awad e virou-as para que Monica pudesse vê-las.

— Aqui está Hassan Mahmoud, o homem que foi encontrado morto no navio-baleeiro, num encontro com um homem chamado Eric Stoltenberg, no Cairo, algumas semanas antes do ataque ao avião. Stoltenberg é um antigo elemento da Stasi. Trabalhou no departamento que apoiava a libertação nacional e grupos de guerrilheiros por todo o mundo. Agora é freelancer. Muhammad Awad, antes de ser alvejado no ferry, disse que Mahmoud se aliara a Stoltenberg.

— Dois homens a beber um café no Cairo não é algo que possa ser considerado prova de conspiração, Michael.

Michael controlou-se. Algures durante a ascensão para o topo, Monica aprendera a arte de fazer descarrilar o seu adversário a meio da linha de raciocínio com uma crítica negativa ou uma contradição superficial.

— Fui ao Cairo porque queria falar com Stoltenberg.

— Por que motivo não passou essa informação a Carter no Centro, e deixou que alguém da Estação do Cairo tratasse do assunto?

— Porque queria eu próprio tratar dele.

— Pelo menos é honesto. Continue.

— Quando cheguei ao Cairo, Stoltenberg já estava morto. — Michael deixou cair sobre a mesa uma fotografia do rosto desfeito de Stoltenberg. Carter desviou o olhar e estremeceu. O rosto de Monica permaneceu inalterado. — Foi atingido com três tiros no rosto, tal como Hassan Mahmoud, tal como Colin Yardley.

— E tal como Sarah Randolph.

Michael olhou para as mãos e depois para Monica.

— Sim — disse. — Tal como Sarah Randolph.

— E acredita que estas mortes são obra do mesmo homem?

— Tenho a certeza disso. É um antigo assassino do KGB, com o nome de código Outubro, que foi introduzido no Ocidente em jovem e aqui se arraigou. Agora é um assassino contratado, o assassino mais caro e mais proficiente do mundo.

— E foi Ivan Drozdov quem lhe disse isso?

— Exatamente.

— Qual é a sua teoria, Michael?

— Que Muhammad Awad estava a dizer a verdade: a Espada de Gaza não perpetrou este ataque. Foi obra de qualquer outro grupo ou indivíduo, executado em nome da Espada de Gaza. E agora o Outubro foi contratado por este grupo ou indivíduo para liquidar a equipe que levou a cabo o atentado. — Michael ficou calado por um breve instante e depois continuou: — E vai acabar por vir atrás de mim. — Importa-se de explicar?

— Penso que já tentaram me matar uma vez, a bordo do ferry, durante o encontro com Awad. Fracassaram. Acho que tentarão novamente e desta vez penso que a tarefa será entregue a Outubro.

Houve uma longa pausa. As conversas com Monica eram sempre interrompidas por momentos de silêncio, como se ela estivesse recebendo as deixas seguintes através de um ponto nos bastidores.

— Quem são eles, Michael? O que são? Onde estão? Como?

— Não sei. Alguém explodiu aquele avião e por alguma boa razão. Veja o que aconteceu. O processo de paz no Oriente Médio ruiu. Estão a entrar armas na região como nunca.

E um presidente ferido recuperou e foi reeleito, pensou Michael, e este país está prestes a construir um dispendioso sistema de defesa antimíssil. — Valha-me Deus, Michael! Certamente que não está sugerindo algum tipo de ligação.

— Não sei todas as respostas. Aquilo que estou a sugerir é que consideremos seriamente a possibilidade de outras forças estarem envolvidas no ataque e que alarguemos as nossas investigações.

Adrian Carter falou finalmente.

— Pensei que o Michael andasse longe da verdade quando me falou sobre isto pela primeira vez, mas agora julgo que me enganei. Creio que a Agência deve fazer o que o Michael está a sugerir.

Monica hesitou por um segundo.

— É com relutância que concordo, Michael, mas receio que a investigação vá avançar sem o seu envolvimento. — Concedeu-se um longo gole no café. — Descobriu informações potencialmente valiosas, mas os seus meios e métodos foram imperdoáveis e, sinceramente, impróprios para um agente dos serviços secretos com a sua experiência. Receio bem que não tenha outra alternativa a não ser suspendê-lo, até se conhecer o resultado de um inquérito disciplinar. Lamento, Michael, mas não me deixou outra escolha.

Michael não disse nada. Já estava à espera, mas ainda assim foi atravessado por uma onda de choque ao ouvir as palavras da boca de Monica.

— Em relação às suas preocupações sobre a sua segurança pessoal, pode estar certo de que a Agência tomará todas as providências necessárias para o

proteger a si e à sua família.

Obrigado, Monica ─ agradeceu Michael, arrependendo-se de imediato. As garantias de Monica Tyler tinham a perenidade de um soneto escrito na superfície de um lago. ;

O carro com motorista que transportava Mitchell Elliott chegou à sua casa na cidade, em Califórnia Street, pouco depois das oito horas da noite. Fora um dia muito longo, a maior parte do qual passado em Capitol Hill, a adular. Elliott andava no mundo da política há tempo suficiente para perceber que, em Washington, a euforia tinha a tendência de se desvanecer rapidamente. Regra geral, as promessas feitas por presidentes acabavam por expirar, vítimas de milhares de golpes em comité. Só dali a muitos meses é que a defesa nacional antimíssil iria perante o Congresso para ser votada. Nessa altura, a tragédia do Voo 002 seria uma recordação longínqua e Beckwith um presidente inapto. Caberia a Elliott a tarefa de garantir que o programa não ia por água abaixo. Espalhara milhões de dólares por Capitol Hill. Metade dos membros do Congresso lhe devia. Ainda assim, sabia que seria necessária toda a sua influência e imaginação para se certificar de que o projeto chegava ao fim.

O carro parou junto à beira. Mark Calahan saiu e abriu a porta. Elliott entrou dentro de casa e subiu as escadas, dirigindo-se à biblioteca. Serviu-se de um copo de scotch e foi para o quarto. A porta da casa de banho abriu e uma mulher entrou no quarto, trazendo vestido um roupão de veludo, o cabelo úmido devido ao duche. Elliott ergueu o olhar.

─ Olá, Monica, querida, conta-me o teu dia.

─ Ele subestima-me ─ queixou-se, deitada ao lado dele, na cama. ─ Toma-me por idiota. Acha que é mais esperto do que eu e eu detesto pessoas que pensam que são mais espertas do que eu.

─ Deixa-o te subestimar ─ aconselhou Elliott. ─ É um erro fatal, neste caso literalmente.

─ Fui obrigada a reabrir a investigação hoje. Não tive escolha. Osbourne conseguiu descobrir muito do teu joguinho.

─ Só arranhou a superfície, Monica. Sabe disso tão bem quanto eu. E, além disso, ele jamais entenderá tudo. Osbourne está encurralado numa casa de espelhos.

─ Ele sabe a identidade dos teus assassinos e acha que sabe por que estão matando.

─ Não sabe quem está por trás deles e nunca chegará a saber.

─ Tive de lançar um alerta mundial em nome deles, Mitchell.

─ Quem controla a distribuição em Langley?

— Sou eu que recebo tudo — disse ela. — Teoricamente, ninguém mais a verá. E mandei McManus dar um recado, por isso a agência está completamente às escuras.

— E Michael Osbourne nem vai ter tempo de dizer ai. Menina bonita, Monica. Acabou de ganhar um belo bônus.

— Na verdade, estava pensar em outra coisa.

DEZEMBRO

NORTE DO CANADÁ

O Gulfstream posicionou-se abaixo do radar sobre o Estreito de Davis e aterrou numa estrada remota, iluminada por foguetes de sinalização, ao longo das praias orientais de Hudson Bay. Astrid e Delaroche desceram as escadas, Delaroche com a mochila de nylon a tiracolo, Astrid com as mãos sobre o rosto para se proteger do ar cruel do Árctico. Stephens não chegou a desligar os motores. Assim que Astrid e Delaroche se afastaram, fez novamente o avião deslizar pela estrada e o Gulfstream descolou em direção à límpida manhã canadiana. Um Range Rover preto aguardava-os na beira da estrada, cheio de equipamento para o tempo frio (calçado de neve, mochilas, parkas e comida desidratada) e um maço de instruções de viagem detalhadas. Entraram e fecharam as portas, deixando o ar frio lá fora. Delaroche deu à chave e o motor roncou, tentou arrancar e depois parou. Delaroche sentiu um aperto no coração. O avião desaparecera. Estavam completamente sozinhos. Se o carro não funcionasse, não conseguiriam sobreviver por muito tempo.

Deu mais uma vez à chave e, dessa vez, o motor pegou. Astrid, tipicamente alemã por um instante, disse:

— Graças a Deus.

— Pensava que eras uma boa ateia comunista — aventou Delaroche.

— Cale-se e liga o aquecimento.

Fez o que ela pediu. Depois abriu o maço e tentou ler as instruções, mas não lhe valeu de nada. Retirou uns óculos de leitura em forma de meia-lua do bolso do peito do casaco e colocou-os.

— Nunca te vi usar isso antes, Jean-Paul.

— Não gosto de usá-los na frente das pessoas, mas às vezes não posso evitar.

— Parece um professor, em vez de um assassino profissional.

— É essa a ideia, meu amor.

— Como é que mata pessoas tão bem, se não consegue ver?

— Porque estou atirando nelas, e não lendo-as. Se tivessem palavras escritas na testa, precisaria dos óculos.

— Por favor, Jean-Paul, dirija o maldito carro. Estou morrendo congelada.

— Tenho que saber para onde vou, antes de começar a viagem.

— Lê sempre as instruções antes?

Delaroche olhou-a com uma expressão zombeteira, como se considerasse a pergunta ligeiramente ofensiva.

— Claro que sim.

— É por isso que você é tão bom em tudo o que faz. Jean-Paul Delaroche, o homem metódico.

— Todos nós temos nossos defeitos — retorquiu, guardando o mapa. — Eu não ridicularizo os seus. — Engrenou a primeira no Range Rover.

— Para onde vamos? — perguntou Astrid.

— Para um lugar chamado Vermont. — É perto da nossa praia?

— Nem por isso.

Bolas — disse ela, fechando os olhos. — Acorda-me quando chegarmos.

WASHINGTON, D. C.

O primeiro dia de exílio de Michael foi terrível. Ao amanhecer, quando o despertador tocou, correu para o chuveiro e abriu a torneira antes de se aperceber de que não tinha sítio nenhum para onde ir. Desceu as escadas e entrou na cozinha, fez torradas e café para Elizabeth e levou-lhos. Ela tomou o pequeno-almoço na cama e leu o *Post*. Meia hora depois, Elizabeth saía pela porta principal, vestida para ir trabalhar com as suas duas pastas e os seus dois telemóveis. Michael ficou à janela, a acenar como um idiota, à medida que ela se afastava no Mercedes. Tudo o que precisava para completar o quadro era de um casaco de malha e de um cachimbo.

Acabou de ler o jornal. Tentou ler um livro mas não conseguia concentrar-se nas páginas. Tentou aproveitar o tempo verificando todas as fechaduras e substituindo as pilhas do sistema de alarme. Isso demorou vinte minutos. Maria, a empregada peruana, apareceu às dez horas e perseguiu-o de divisão em divisão com o aspirador industrial e o produto tóxico para os móveis.

— Está um dia lindo lá fora, Señor Miguel — disse ela, gritando-Ihe em espanhol sobre o troar do aspirador. Maria só falava com ele na sua língua nativa. — Devia sair e fazer alguma coisa, em vez de ficar enfiado em casa o dia todo. Michael percebeu que a sua própria empregada acabava de o pôr na rua. Subiu as escadas, vestiu roupa de treino de nylon, calçou tênis e voltou para o rés-do-chão. Maria enfiou-lhe um pedaço de papel na mão, uma lista de produtos de limpeza que precisava da loja. Ele meteu a lista no bolso e saiu para a Street.

Estava um dia quente para o início de Dezembro, o tipo de tarde que fazia sempre com que Michael pensasse que não havia bairro mais bonito do que Georgetown em qualquer lugar do mundo. O céu estava limpo, o ar fresco e suave, perfumado com fumo de madeira. A N Street estava coberta por uma camada de folhas outonais vermelhas e amarelas. Estalavam debaixo dos pés de Michael, enquanto ele corria calmamente ao longo do passeio de tijolo. Num gesto reflexo, olhou pelas janelas dos carros estacionados para ver se estava alguém lá dentro. Uma van com o nome de uma loja de produtos de cozinha da Virgínia estava estacionada à esquina. Mike memorizou o nome e o número de telefone.

Telefonaria mais tarde para se certificar de que o sítio era verdadeiro.

Correu encosta abaixo até a M Street e atravessou Key Bridge. O vento soprava forte na ponte, criando pequenas ondulações na superfície do rio, lá em baixo. Era como se fossem dois rios diferentes. À direita de Michael, um rio selvagem estendia-se para norte. À sua esquerda, jazia a zona ribeirinha de Washington: o complexo Harbor Place, o Watergate, o Centro Kennedy, mais adiante. Ao chegar ao lado do rio de Virgínia, olhou por cima do ombro em busca de algum sinal de estar a ser observado. Um homem de constituição débil com um chapéu de basebol de Georgetown encontrava-se cem metros atrás de si.

Michael baixou a cabeça e correu mais depressa, passando por Roosevelt Island, através da relva ao longo da George Washington Parkway. Avançou até a Memorial Bridge e olhou por cima do ombro enquanto descia a alameda. O homem com o chapéu de basebol ainda ali estava. Michael parou e fez alguns exercícios de alongamento, olhando da ponte para o caminho lá em baixo. O homem de chapéu continuou a correr para sul, ao longo do rio, em direção ao National Airport. Michael endireitou-se e continuou a correr.

Durante os vinte minutos seguintes, viu seis homens de boné e três homens que pensou poderem ser Outubro. Sabia que estava nervoso. Correu velozmente durante o resto do caminho de volta a Georgetown. Parou no Booeymongers, uma loja de sanduíches popular entre os alunos universitários e pediu um café para levar. Bebeu-o enquanto percorria a N Street e entrou em casa. Tomou uma ducha, mudou de roupa e saiu. Do carro, telefonou a Elizabeth para o escritório. — Vou a Langley — disse-lhe. — Tenho uns assuntos domésticos para tratar. — Houve alguns segundos de silêncio na linha e Michael continuou: — Não te preocupes, Elizabeth, não perderia esta tarde por nada deste mundo.

— Obrigada, Michael.

— Até daqui a algumas horas.

Michael atravessou mais uma vez Key Bridge e virou para a George Washington Parkway. Fizera aquele percurso milhares de vezes, mas agora, ao

dirigir-se a Langley para limpar a sua secretária, viu tudo como se fosse a primeira vez. Havia choupos gigantes, riachos que jorravam das colinas rochosas da Virgínia, precipícios íngremes com vista para o Potomac.

Na entrada principal, o guarda digitou a identificação de Michael, franziu o sobrolho e disse-lhe para passar. Enquanto atravessava os corredores severamente iluminados em direção ao CTC, Michael sentia-se como um leproso. Ninguém lhe dirigiu a palavra, ninguém olhou para ele. Os serviços secretos não são mais do que diques altamente organizadas. Quando um elemento contrai uma doença, os outros permanecem afastados, não vão apanhá-la também. O curral estava sossegado quando Michael entrou pela porta e se dirigiu à secretária. Durante uma hora, selecionou o conteúdo das gavetas, separando o pessoal do oficial. Uma semana antes, fora aplaudido pela sua ação em Heathrow. Agora sentia-se como um avançado que acabara de falhar o golo decisivo. De vez em quando, aparecia alguém que lhe punha a mão no ombro e se afastava rapidamente. Mas ninguém falou com ele.

Quando se preparava para sair, Adrian Carter espreitou e fez sinal a Michael para que entrasse no seu gabinete. Entregou-lhe um embrulho com uma fita. ─ Pensava que era apenas uma suspensão a aguardar o inquérito ─ disse Michael, aceitando o presente.

E é, mas de qualquer forma queria dar-te isto ─ respondeu Carter. Os olhos baixos faziam-no parecer mais taciturno do que nunca. ─ Abre-o em casa. Algumas pessoas por aqui poderiam não entender a piada.

Michael apertou-lhe a mão.

─ Obrigado por tudo, Adrian. Nos vemos por aí.

─ Pois ─ respondeu Carter. ─ E, Michael, tem cuidado com você. Michael saiu e dirigiu-se ao carro no estacionamento.

Atirou o presente de Carter para o porta-bagagens, entrou e arrancou. Ao passar pelos portões, interrogou-se se alguma vez voltaria.

Michael foi ter com Elizabeth ao Georgetown University Medical Center. Deixou o Jaguar com o arrumador e foi de elevador até o consultório do médico. Quando chegou à sala de espera não havia sinais de Elizabeth. Por um instante receou ter faltado à consulta mas, logo em seguida, ela entrou pela porta, de pastas na mão, e beijou-o na face.

Uma enfermeira acompanhou-os à sala de observação e deixou uma bata em cima da mesa. Elizabeth desabotoou a blusa e a saia. Olhou para cima e viu que Michael a fitava.

─ Fecha os olhos.

─ Na verdade, estava a pensar trancar a porta.

─ Animal.

— Obrigado.

Elizabeth acabou de se despir, enfiou a bata e sentou-se na mesa de observação.

Michael brincava com as saliências da máquina de sonograma.

— Importas-te de parar com isso?

— Desculpa, só estou um pouco nervoso.

O médico entrou na sala. A Michael fazia lembrar Carter: ensonado, desgrenhado, uma expressão de tédio eterno no rosto. Franziu o sobrolho ao ler a ficha de Elizabeth, como que dividido entre mahi mahi e salmão grelhado.

— Os resultados beta estão muito bons — indicou. — Na verdade, estão um pouco altos. Vamos dar uma vista de olhos com a eco grafia.

Levantou a bata de Elizabeth e cobriu-lhe o abdômen com um gel lubrificante. Depois pressionou-lhe a sonda do sonograma contra a pele e começou a movimentá-lo para a frente e para trás.

— Aqui está — declarou, sorrindo pela primeira vez. — Senhoras e senhores, aquilo está com muito bom aspecto.

Elizabeth estava radiante. Estendeu o braço para Michael e agarrou-lhe a mão com força.

O médico manipulou a sonda mais um instante.

— E aqui está um segundo saco com muito bom aspeto.

— Valha-me Deus — exclamou Michael.

O médico desligou a máquina.

— Vista-se e vá para o consultório. Temos de conversar sobre algumas coisas. E, desde já, parabéns.

— Pelo menos não vamos ter que comprar uma casa maior — disse Michael, seguindo Elizabeth até o quarto no primeiro andar. — Sempre achei que uma casa com seis quartos era grande demais só para nós dois.

— Michael, para de falar assim. Tenho quarenta anos. Já estou para lá da fase de risco elevado. Podem acontecer muitas coisas.

Deitou-se na cama. — Estou morrendo de fome.

Michael deitou-se a seu lado.

— Não consigo tirar da cabeça sua imagem cheia de lubrificante.

Beijou-o.

— Vai embora. Ouviu o que o médico disse. Tenho de ficar deitada e descansar por alguns dias. Neste momento, estou na hora mais vulnerável.

Ele retribuiu o beijo. — Não vou discutir isso.

— Vai lá embaixo e me faz uma sanduíche.

Michael levantou-se da cama e foi até a cozinha. Fez-lhe sanduíche de peru e queijo suíço e serviu um copo de suco de laranja. Colocou tudo numa

bandeja e levou para ela.

— Acho que me habituaria a isso. — Elizabeth mordeu o sanduíche. — Como correram as coisas no trabalho hoje?

— É óbvio que fui declarado intocável.

— Foi assim tão ruim?

— Pior ainda.

— Quem te deu isso? — perguntou ela, apontando para o embrulho.

— Carter.

— Não vais abrir?

— Achei que podia viver sem outro conjunto de canetas Cross.

— Me dá aqui — pediu ela, rasgando o papel enquanto mastigava um pedaço enorme do sanduíche. Por baixo do papel de embrulho estava uma caixa rectangular e, dentro dela, um maço de documentos com o timbre ULTRASSECRETO.

— Michael, acho que é melhor dares uma vista de olhos nisto avisou Elizabeth. Atirou-o a Michael, que folheou as páginas rapidamente.

— O que é?

Olhou para Elizabeth. — É o dossiê da CIA sobre um assassino da KGB com nome de código de Outubro.

FRONTEIRA ESTADOS UNIDOS-CANADÁ

Delaroche esperou pela luz da alvorada. Encontrara um local isolado na floresta, bastante distante da auto-estrada a sul de Montreal, a cerca de cinco quilômetros da fronteira. Astrid dormia a seu lado, no banco traseiro do Range Rover., tapada com um pesado cobertor de lã, o corpo enroscado para se proteger do frio. Implorara a Delaroche que, de vez em quando, ligasse o aquecimento, mas ele recusou, pois queria silêncio. Tocou-lhe nas mãos enquanto ela dormia. Estavam geladas.

Às seis e meia levantou-se, serviu-se de café de um termo e preparou uma grande tigela de papas de aveia. Astrid surgiu dez minutos depois, envolta numa parka e com um chapéu de lã.

— Serve-me um pouco de café, Jean-Paul — pediu, segurando o mingau de aveia e comendo o que restava.

Delaroche colocou aquilo de que necessitavam em duas pequenas mochilas. Entregou a mais leve a Astrid e pôs a outra ao ombro. Colocou a Beretta na cintura das calças, à frente. Revistou rapidamente o veículo de uma ponta à outra, para se certificar de que não tinham deixado nada que pudesse identificá-los. O Range Rover seria deixado para trás. Estaria outro à espera deles no lado americano da fronteira.

Caminharam durante uma hora pelas arestas montanhosas acima de Lake Champlain. Poderiam ter feito a travessia permanecendo junto à margem gelada do lago, mas Delaroche pensava que ficariam demasiado expostos. Dois pares de sapatos de neve tinham ficado no

Range Rover, mas Delaroche julgou ser melhor usarem apenas botas de caminhada, uma vez que o solo jazia poucos centímetros abaixo da neve congelada. Astrid subia e descia as encostas e atravessava o arvoredo denso com grande esforço. Era ligeiramente desajeitada e inábil na melhor das circunstâncias. O corpo longo era completamente inadequado aos rigores das caminhadas na montanha em pleno Inverno. Chegou a escorregar por uma encosta abaixo e acabou por parar de barriga para cima, com as pernas estateladas de encontro a uma árvore. Delaroche não tinha a certeza de quando exatamente tinham deixado o Canadá e entrado nos Estados Unidos. Não existiam quaisquer delimitações fronteiriças, quaisquer vedações, qualquer vigilância eletrônica visível, fosse de que espécie fosse. Quem o contratara escolhera bem o local. Delaroche recordou-se de uma noite, há muito tempo, era ainda jovem, em que entrara no Ocidente, da Checoslováquia para a Áustria,

acompanhado por dois agentes do KGB. Lembrava-se da noite morna, dos arcos voltaicos e do arame farpado, do fedor intenso a estrume no ar. Lembrava-se de erguer a arma e de matar os companheiros. Naquele momento, a caminhar pela manhã gelada do Vermont, fechou os olhos e pensou nisso, nas primeiras mortes.

Agira segundo as ordens de Vladimir. Descrever Vladimir como sendo o seu agente de casos seria um eufemismo. Vladimir era o seu mundo. Vladimir era tudo para Delaroche: professor, padre, algoz, pai. Ensinou-o a ler e a escrever. Ensinou-lhe línguas e história. Ensinou-o a ser espião e a matar. Quando chegou a altura de ir para o Ocidente, Vladimir entregou Delaroche a Arbatov, da mesma forma que um pai confia um filho a um familiar. A última ordem de Vladimir foi que matasse os seus acompanhantes. Esse ato instilou algo muito importante em Delaroche: nunca confiaria em ninguém, sobretudo em alguém do seu próprio serviço. Quando cresceu, acabou por perceber que fora exatamente isso que Vladimir tivera em mente.

O terreno suavizou-se à medida que desceram pela aresta. Delaroche, utilizando um mapa e um compasso, guiou-os até os arredores de uma aldeia chamada Highgate Springs, três quilômetros a sul da fronteira. O segundo Range Rover esperava-os, parado junto a uns pinheiros que orlavam um campo de milho coberto de neve. Delaroche colocou o equipamento na parte de trás e entraram no carro. Desta vez, o motor pegou de primeira.

Delaroche conduziu cuidadosamente ao longo da estrada gelada de duas vias. Astrid, exausta devido à caminhada, entrou de imediato num sono profundo e sem sonhos. Quarenta minutos mais tarde, Delaroche chegou à Interstate 89 e rumou a sul.

WASHINGTON, D. C.

— Por que Adrian te mentiria sobre a existência do Outubro?

A pergunta de Elizabeth soava estranha a Michael. Era como uma criança a fazer perguntas sobre sexo pela primeira vez. A nova abertura entre eles era-lhe estranha e sentia-se constrangido a discutir assuntos da Agência com a esposa. Mesmo assim, gostava. Elizabeth, com o seu inteleto de advogada e natureza reservada, teria dado uma boa agente dos serviços secretos, se não tivesse optado pela advocacia.

— Todos os serviços secretos assentam no conceito de necessidade de saber. Poderia dizer-se que eu não precisava de saber da existência do Outubro e, logo, tal nunca me foi dito.

— Mas, Michael, ele assassinou a Sarah à tua frente. Se devia ser dada autorização a alguém para ver o que a Agência tinha sobre ele, essa pessoa serias tu.

— Bem visto, mas está sempre a ser escondida informação dos agentes dos serviços secretos pelas mais variadíssimas razões.

— A União Soviética está morta e enterrada há séculos. Por que motivo o dossiê dele continua a ser tão restrito?

— Nos serviços secretos, renunciamos devagar aos nossos mortos, Elizabeth. Não há nada de que um serviço secreto mais goste do que de um bom monte de segredos inúteis.

— Talvez alguém quisesse que fosse confidencial.

— Já pensei nessa possibilidade.

Michael parou em frente ao edifício do *Washington Post*, na 1st Street. Tom Logan, o editor de Susanna Dayton, pedira para se encontrar com Elizabeth. Michael tencionara esperar no carro, mas agora dizia: — Importa-se que vá com você?

— De maneira nenhuma, mas temos que correr. Estamos, atrasados.

— Onde ficaram de se encontrar?

— No escritório dele. Por quê?

— Não sou grande apreciador de espaços fechados, só isso.

— Michael, não estamos em Berlim Leste. Para com isso.

Mas Michael já tinha o celular na mão.

— Qual é o ramal dele?

— Cinquenta e seis oitenta e quatro.

O telefone tocou e a secretária de Logan atendeu.

— Fala Michael Osbourne. Posso falar com o senhor Logan, por favor?

Logan atendeu.

— Olá, Mike — cumprimentou. — Elizabeth e eu estamos aqui embaixo. Importa-se que falemos em outro lugar?

— Claro que não.

— Estamos na Fifteenth Street, Jaguar metalizado.

— Estou aí em cinco minutos.

Michael voltou a guardar o celular.

— Qual é o problema? — quis saber Elizabeth.

— Sabe aquela sensação de que alguém está te observando?

— Claro.

— Estou tendo neste momento. Não consigo vê-lo, mas sei que anda por aí. — Michael fitou o espelho retrovisor por um instante. — Tenho bons instintos — declarou, num tom de voz distante — e confio sempre nos meus instintos.

Cinco minutos depois, Logan saiu do edifício do *Post*. Era alto e calvo e o vento assolava o contorno de cabelo grisalho demasiado comprido que lhe orlava a cabeça. Não vestia sobretudo, apenas tinha colocado um cachecol vermelho enrolado em volta do pescoço fino, e tinha as mãos enfiadas nos bolsos da calça cinza de flanela amarrotada. Osbourne esticou o braço e abriu a porta traseira. Logan entrou no carro.

— Meu Deus, adoro o tempo nesta cidade. Vinte graus ontem e quatro hoje — queixou-se.

Michael carregou com força no acelerador e o Jaguar mergulhou no trânsito intenso da baixa de Washington. Logan pôs o cinto de segurança e agarrou-se ao apoio para o braço.

— Qual é a sua profissão, Mike?

— Vendo equipamento de informática a grandes clientes no estrangeiro.

— Ah, parece interessante.

Michael virou à esquerda na M Street e acelerou em direção a oeste, atravessando a baixa. Virou à direita em New Hampshire, contornou Dupont Circle e voou para ocidente ao longo da Massachusetts Avenue. Circulou habilmente por entre o trânsito e passou mais tempo a olhar para o espelho retrovisor do que para a estrada à sua frente.

Por essa altura, Logan quase que arrancara o apoio para o braço na porta traseira.

— Não percebi o nome da empresa para a qual trabalha, Mike.

— Isso é porque não lho disse. E prefiro que me chame Michael, tom.

Elizabeth virou-se e olhou demoradamente por cima do ombro.

— Alguma coisa? — perguntou.

— Se lá estava alguém, agora deixou de estar.

Michael abrandou e seguiu o ritmo do resto do trânsito. Logan soltou o apoio para o braço e descontraiu-se.

— Vendedor de computadores, uma ova — reclamou.

Nesse dia, a tarefa de vigiar Elizabeth Osbourne cabia a Henry Rodriguez, mas interrompeu a perseguição na M Street. Michael Osbourne, um antigo agente de campo, fora treinado para reconhecer vigilância física sofisticada. Alguém grosseiramente disfarçado de moço de entregas de comida chinesa podia ser localizado numa questão de minutos. Parou junto ao passeio e telefonou a Mark Calahan, para o posto de comando em Kalorama.

— Não há dúvidas de que ele estava a tentar despistar alguém justificou-se Rodriguez. — Se tentasse não perdê-lo de vista, ia ver-me.

— Boa jogada. Volta para Georgetown. Espera que eles apareçam.

Calahan entrou na biblioteca para dar as notícias a Mitchell Elliott. — O Logan deve precisar de ajuda — supôs Elliott. — Por que motivo iria encontrar-se com ela agora?

— Ela está em posição de causar danos graves. Talvez devamos apertar um pouco o cerco.

— Concordo — anuiu Elliott. — Acho que é altura de o Henry voltar ao trabalho. — Ele não vai gostar de voltar a ser porteiro. Acha que estamos a discriminá-lo por causa da sua origem hispânica.

— Se não gostar, ele que se queixe à comissão de igualdade de oportunidades.

Pago-lhe bem para fazer o que lhe mandam.

Calahan sorriu.

— Sim, senhor, senhor Elliott.

Michael encontrou um sítio para estacionar na East Capitol Street. Desencantou um corta-vento para tom Logan no porta-bagagens e passearam pelo Lincoln Park, sob um céu frio e plúmbeo.

— Quanto do material original de Susanna é que leu? — perguntou Logan.

— O suficiente para ficar a perceber — respondeu Elizabeth.

Deixe-me refrescar-lhe a memória — disse Logan. — No início dos anos 80, Beckwith quis sair da política. Mais especificamente, Anne Beckwith queria sair da política. Ela desejava que o marido voltasse ao setor privado, onde podia ganhar dinheiro à séria, antes que ficasse demasiado velho. Ambos tinham algum dinheiro da família, mas não muito. A Anne gosta de coisas boas. Desejava mais do que aquilo que podiam comprar com o salário do governo. Ele já cumprira dois mandatos no Senado e ela disse-lhe que era a política ou ela.

Dois corredores aproximaram-se deles por trás, cada um com um cão em esforço na ponta da trela. Logan, como um bom homem de campo, esperou que eles passassem antes de continuar a falar.

— Beckwith é muitas coisas, mas é totalmente dedicado a Anne e a última coisa que queria era perdê-la. Mas também gostava da política e não se sentia particularmente entusiasmado com a ideia de voltar a exercer advocacia. Certa noite, reuniu os seus conselheiros e os homens do dinheiro em São Francisco e deu-lhes a notícia. Nem é preciso dizer que Mitchell Elliott quase teve uma apoplexia. Ao longo dos anos, investira muito tempo e dinheiro em Beckwith e não queria que esse investimento fosse um desperdício. Na manhã seguinte telefonou a Anne e pediu-lhe que se encontrasse a sós com ele. Nessa noite, ao jantar, Anne retirou tudo o que disse e encorajou Beckwith a candidatar-se a governador. Ele ganhou, claro está, e o resto, como se diz, é história.

— O que aconteceu durante o encontro entre Anne Beckwith e Mitchell Elliott? — perguntou Michael.

— Elliott garantiu a Anne que se o marido continuasse na política, ambos seriam bem tratados a nível financeiro. A primeira fase era simples e, no esquema global das coisas, foram apenas uns trocos. Elliott fez com que os seus amigos poderosos do mundo dos negócios colocassem Anne em mais de uma dúzia de conselhos de administração. Ganhava dinheiro como consultora, embora tivesse pouca ou nenhuma experiência em negócios. Também investia de forma muito assisada, desconfiamos que com a ajuda de Elliott, e ganhou bom dinheiro nos mercados financeiros.

"No espaço de três anos, Anne conseguiu uma reserva substancial, alguns milhões de dólares. Gastou quase todo esse dinheiro na compra de várias centenas de hectares do que, na altura, era um deserto sem valor, a sul de San Diego. Dois anos mais tarde, um empreiteiro anunciou tencionar construir nos terrenos de Anne uma nova comunidade de condomínios, moradias familiares individuais, e um centro comercial. De repente, a terra sem valor passou a valer muito dinheiro.

— Mitchell Elliott estava por trás de tudo isso? — perguntou Elizabeth.

— Achamos que sim, mas não pudemos prová-lo, logo, não pudemos publicar. Elliott precisava de ajuda para conceber todos estes esquemas. Tinha grandes planos para Beckwith e não queria o nome dele manchado por um escândalo. Precisava de alguém que compreendesse Washington e, acima de tudo, que compreendesse como enganar as leis para o financiamento das campanhas. Assim, recorreu a um poderoso advogado de Washington.

— Samuel Braxton — disse Elizabeth.

— Exatamente — concordou Logan. — E, por fim, depois de anos de espera, o investimento de Elliott compensou. O sistema nacional de defesa antimíssil estava arruinado. Mas vinte e quatro horas depois do Voo Zero-Zero-Dois ter sido abatido, Elliott estava dentro da Casa Branca para uma reunião com Beckwith. A Susanna viu. Também viu Elliott e Vandenberg juntos mais tarde, nessa mesma noite. No dia seguinte, ao final da tarde, Beckwith apresenta-se perante o país, anuncia ataques contra a Espada de Gaza e propõe construir um sistema nacional de defesa antimíssil. De repente, Capitol Hill é todo a favor da defesa antimíssil. Andrew Sterling é encostado à parede porque declarou ser contra. Beckwith promove o concurso e a Alatron Defense Systems de Elliott está prestes a ganhar vários bilhões de dólares.

— Nesse caso, por que não avançou com a história da Susanna? — perguntou Michael.

— Como já disse a sua mulher, numa história como esta revemos, em conjunto com o repórter, cada fato, cada citação, cada pedaço de informação, antes de o artigo ser publicado. Neste caso, a repórter morreu e tivemos de começar do princípio, utilizando o artigo original como guia. Já conseguimos a maior parte, mas falta uma peça fundamental do puzzle. Não sei como, a Susanna conseguiu documentos financeiros e de bens imobiliários originais. Desconfiamos de que tinha uma fonte na Braxton, Allworth & Kettlemen que lhe forneceu os documentos. Já reviramos os arquivos da Susanna e não conseguimos encontrá-los. Tentamos arranjar a nossa própria fonte na firma, mas não fomos bem sucedidos.

Logan arrepiou-se e aconchegou mais o cachecol em volta do pescoço. — Elizabeth, é claro que pode responder a esta pergunta da forma como entender, mas tenho de fazer. Foi você a fonte destes documentos?

— Não — respondeu Elizabeth prontamente. — Susanna pediu e eu disse que não o faria. Disse que não era ético e que se soubessem que tinha sido eu minha carreira ficaria arruinada.

Logan hesitou por um instante e depois indagou:

— Faria isso agora?

— Não, não faria.

— Elizabeth, Samuel Braxton é um advogado desonesto e criminoso que está prestes a ser recompensado com a nomeação para Secretário de Estado. Quanto a si não sei, mas isso irrita-me e, como jornalista, gostaria de fazer alguma coisa. Mas não posso, não sem a sua ajuda. Se está preocupada com a sua proteção, garanto-lhe que não deixaremos que a coloquem em perigo, seja de que maneira for. Pode confiar em mim.

— Tom, vivi em Washington a maior parte da minha vida e aprendi uma coisa. Nesta cidade não se pode confiar em ninguém.

Logan parou de andar e virou-se para enfrentar Michael.

— Você não trabalha para uma empresa de informática que vende a clientes no estrangeiro. Trabalha no Centro de Antiterrorismo da Central Intelligence Agency. Foi o herói naquele ataque no Aeroporto de Heathrow e esteve envolvido no atentado a bomba no ferry do Canal da Mancha. Sei que pode achar difícil de acreditar, Michael, mas até mesmo pessoas na sua organização gostam de falar com jornalistas. Não publicamos a informação porque não queríamos que corresse perigo.

Logan virou-se e olhou para Elizabeth.

— Não farei nada que possa prejudicá-la. Pode confiar em mim, Elizabeth.

BETHESDA, MARYLAND

Delaroche sentiu-se nervoso pela primeira vez quando saiu da Interstate 95 e começou a dirigir-se à Capital Beltway. Percorrera de carro algumas das mais exigentes estradas da Europa (auto-estradas sinuosas em França e Itália, estradas de montanha terríveis nos Alpes e nos Pirenéus), mas nada o tinha preparado para a loucura da hora de ponta ao final da tarde em Washington. A viagem a partir de Vermont decorrera sem incidentes. O tempo estivera bom, exceto por uma breve tempestade de neve a norte do estado de Nova York e uns chuviscos gelados ao longo de New Jersey Turnpike. Quanto mais viajavam para sul, mais a temperatura subia, e a chuva parara em Filadélfia. Agora, o que Delaroche mais temia eram os outros condutores. Carros passavam por eles a cento e quarenta quilômetros por hora, cinquenta quilômetros acima do limite de velocidade, e o caminhão atrás estava a dois metros do seu para-choque.

Delaroche pensou em como seria fácil ter um acidente em circunstâncias como aquelas. Os resultados seriam desastrosos. Como era estrangeiro, a polícia iria querer ver o seu passaporte. Se o agente estivesse atento e soubesse alguma coisa de passaportes, notaria que o de Delaroche não continha qualquer visto de entrada. Provavelmente seria detido e interrogado pelas autoridades de imigração e pelo FBI. A sua identidade ruiria e ele seria preso, tudo por causa de um maluco qualquer que tentava chegar a casa vindo do trabalho.

Os carros à sua frente travaram de repente. O trânsito parou. Delaroche encontrou uma estação de rádio só com notícias e ouviu a atualização do trânsito. Algures à sua frente, um atrelado tinha capotado. O trânsito estava uma confusão ao longo de quilômetros.

Delaroche pensou na casa de Brélés. Pensou no mar a embater nas rochas e em si próprio a pedalar na bicicleta de corrida italiana ao longo das calmas estradas secundárias da Finistère. Devia ter estado a sonhar acordado, pois o homem no caminhão buzinou e agitou freneticamente os braços. O condutor mudou de faixa, colocou-se ao lado de Delaroche e fez um gesto obsceno com a mão.

— Por favor, Jean-Paul — disse Astrid. — Deixa-me ir buscar a minha pistola lá atrás e dar-lhe um tiro.

Trinta minutos depois aproximaram-se da cena do acidente. Um policial de Maryland encontrava-se no meio da estrada, fazendo sinal aos carros para que contornassem o caminhão capotado. Numa reação reflexa, Delaroche ficou tenso na presença de um policial. Os camiões dos bombeiros e as ambulâncias

desapareceram atrás de si e o trânsito começou novamente a avançar. Delaroche saiu na Wisconsin Avenue e rumou para sul.

Acelerou através da baixa de Bethesda, passou pelas lojas luxuosas da Mazza Galleria, os pináculos altaneiros da Catedral Nacional. A Wisconsin Avenue ia dar a Georgetown. Pessoas às compras movimentavam-se com rapidez através do ar frio da noite e os bares e restaurantes começavam a encher-se. Virou à esquerda na M Street, avançou alguns quarteirões e virou para a entrada do Four Seasons Hotel.

Delaroche fez o registro e recusou a oferta do porteiro para o ajudar com as malas. Fechou a porta e deixaram-se cair os dois sobre a cama, exaustos pelas duas longas viagens de carro e pela caminhada para atravessar a fronteira. Delaroche acordou passadas duas horas, pediu café ao serviço de quartos e sentou-se em frente ao computador portátil. Enquanto Astrid dormia, abriu o dossiê de Michael Osbourne e começou a planear a sua morte.

WASHINGTON, D. C.

No fim da tarde, Elizabeth telefonou para o escritório de Max Lewis.

Como se sente? ─ perguntou ele sobre os papéis. Eram cinco da tarde e preparava-se para sair do escritório, razão pela qual Elizabeth telefonara a essa hora.

─ Estou ótima, mas o médico diz que tenho que repousar o mais possível na próxima semana. Na verdade, é por isso que estou telefonando. Será que esta noite, quando for para casa, poderia me trazer alguns documentos?

─ Claro. Do que precisa?

─ Da pasta do caso McGregor. Está em cima da minha mesa.

─ Para dizer a verdade, está guardada em seu arquivo. Hoje tomei a liberdade de arrumar sua mesa. Sinceramente, Elizabeth, não sei como você consegue trabalhar ali. Também joguei fora todos os maços de cigarro.

─ Não se preocupe, deixei de fumar. Também acabou o Chardonnay na banheira depois do trabalho.

─ Assim é que se fala ─ elogiou Max. ─ Estarei aí em quinze minutos. Precisa de mais alguma coisa? Quer que vá buscar sua roupa na lavanderia? Que vá comprar algo no Sutton Place? Dê as ordens, minha rainha.

─ Só quero que traga o arquivo McGregor. Recompenso com comida e vinho.

─ Nesse caso, estarei aí dentro de cinco minutos.

─ Estou de papo para o ar na cama, por isso use sua chave.

— Sim, minha rainha.

Max desligou. Michael estava numa poltrona aos pés da cama, ouvindo a conversa no telefone sem fio. Olhou para Elizabeth e disse:

— Fantástico.

Max demorou mais de meia hora no meio do trânsito desde o escritório da firma na Connecticut Avenue até Georgetown. Enfiou a chave na fechadura dos Osbourne, abriu a porta e entrou para o hall de entrada.

— Elizabeth, sou eu — gritou.

— Olá, Max, sobe. Há vinho fresco no frigorífico. Vai buscar um copo e um saca-rolhas.

Fez o que lhe mandaram e subiu as escadas. Foi dar com Elizabeth esticada em cima da cama, rodeada por pilhas de processos e blocos de notas. — Meu Deus — exclamou. — Talvez deva vir trabalhar para aqui, em vez de ir para a baixa.

— Talvez não fosse má ideia.

Colocou os arquivos McGregor sobre a mesa-de-cabeceira e, instintivamente, começou a endireitar papéis e a organizar as coisas dela. Michael entrou no quarto.

— Olá, Michael, como está? — cumprimentou Max.

Michael não respondeu. — O que há? — perguntou Max.

Elizabeth tocou-lhe o braço.

— Max, temos que falar.

— Susanna veio me procurar depois que você disse não — explicou Max.

Estava sentado na cadeira do quarto, as pernas estendidas em cima do pufe. Michael abrira o vinho e Max bebeu metade da garrafa muito depressa. O choque inicial do confronto atenuara-se e agora estava descontraído e falando à vontade. — Ela pediu que a ajudasse. Pensei sobre o assunto e depois concordei em fazê-lo.

— Max, se tivesses sido apanhado, estaria despedido e provavelmente processado. As firmas de advocacia não podem tolerar roubo e violação do privilégio entre cliente e advogado. Deixa mal os clientes e faz com que seja muito difícil atrair novos.

— Estava disposto a correr o risco. Quando se está na minha posição, Elizabeth, há a tendência de não se pensar nas coisas a longo prazo.

— Não quero te julgar, Max, mas devia ter vindo falar comigo primeiro — admoestou-o Elizabeth. — Eu te contratei. Trabalha para mim. A firma teria caído em cima de mim com uma tonelada de tijolos.

— E o que me teria dito?

— Teria dito para não fazer.

— Foi por isso que não falei com você.

— Por que, Max? Por que ir atrás de Braxton daquela maneira?

Max olhou para Elizabeth como se considerasse a pergunta ofensiva.

— Por que Braxton? Porque ele é um idiota sujo e desonesto que está prestes a tornar-se secretário de Estado. Estou surpreso por me perguntar. Já ouvi a forma como ele fala com você nas reuniões dos sócios e ouvi a forma como ele fala de você quando não está presente.

Hesitou um momento, olhou para Michael e disse:

— Posso filar um? — Michael estendeu-lhe o maço e um isqueiro. Max fumou por um instante e bebeu mais vinho.

— Também é pessoal — admitiu, por fim. — Alguém disse a Braxton que eu era seropositivo. Por trás das tuas costas, ele andava a arranjar maneira de eu ser despedido, como uma das suas últimas ações antes de deixar a firma. Quis tornar as suas últimas semanas ali tão lixadas que ele não teria tempo para tratar de mim, e a Susanna deu-me a oportunidade de o fazer.

— Onde conseguiu os documentos? — quis saber Michael.

— Roubei uma das chaves do arquivo dele e fiz uma cópia. Nessa noite, fui ao escritório com a desculpa de ter trabalho para fazer. Entrei no arquivo, peguei os documentos e fui à casa da Susanna. Só lhe impus uma regra: ela não podia copiar os arquivos. Fiquei em casa dela toda a noite enquanto ela trabalhava. Depois fui para o escritório cedo e voltei a guardar os arquivos no mesmo lugar de onde tirei. Na verdade, foi muito fácil.

— Ainda tem a chave? — perguntou Elizabeth.

— Sim, pensei em jogá-la da Memorial Bridge, mas acabei por guardá-la.

— Ótimo.

— Por quê?

— Porque esta noite vamos lá buscar esses arquivos outra vez.

WASHINGTON, D. C.

Oficialmente, na Casa Branca o dia estava dado como encerrado, o que significava que o gabinete de imprensa não esperava mais notícias nesse dia e que o Presidente e a Primeira-dama não tinham quaisquer acontecimentos públicos, nem tencionavam sair da residência. Contudo, às oito horas um único sedan preto esgueirou-se pelo Portão Sul da Casa Branca e entrou no trânsito noturno da baixa de Washington.

Anne Beckwith estava sentada sozinha no banco traseiro. Não havia qualquer limusina presidencial à prova de bala, quaisquer veículos Chevy pretos de perseguição suburbana, qualquer escolta policial. Apenas um motorista da Casa Branca e um único agente dos Serviços Secretos sentado no banco do passageiro. Durante anos, Anne evadia-se desta forma da Casa Branca pelo menos uma vez por semana. Gostava de sair para o mundo real, como apreciava dizer. Para Anne, o mundo real não se encontrava muito distante da opulência da Mansão Oficial. Regra geral, fazia uma pequena viagem de carro até os enclaves abastados de Georgetown, ou Kalorama, ou Spring Valley para tomar uma bebida e jantar com velhos amigos ou aliados políticos importantes.

O carro dirigiu-se a norte, Connecticut Avenue acima, e virou para oeste, para a Massachusetts, depois de deixar o trânsito intenso de Dupont Circle. Momentos depois, virou para Califórnia Street e abrandou à porta da grande mansão de tijolo. A porta da garagem abriu e o sedan preto deslizou em silêncio para o seu interior.

O agente dos Serviços Secretos esperou que a porta da garagem se voltasse a fechar antes de sair do carro. Contornou o veículo por trás e abriu a porta da Primeira-dama. O anfitrião esperava-a quando saiu do carro. Beijou-lhe a face e disse:

— Olá, Mitchell, é um prazer vê-lo novamente.

Anne Beckwith não fora em busca de uma noite de conversa agradável e boa comida. Tratava-se de negócios. Aceitou um copo de vinho mas ignorou a bandeja de queijo e de patê que um dos autômatos de Elliott colocara sobre a mesa de apoio entre eles.

— Quero saber se a situação está sob controle — disse com frieza. — E, se não estiver, quero saber o que diabo anda fazendo para que fique sob controle. — Se a Susanna Dayton tivesse vivido para publicar aquele artigo, os estragos poderiam ter sido graves. O seu assassinato lamentável deu-nos algum tempo, mas não me parece que já estejamos seguros.

— Assassinato lamentável — repetiu Anne, um tom trocista na voz. — Por que o *Post* não publicou a história dela?

— Porque estão tentando reconfirmar tudo o que escreveu e ainda não conseguiram.

— E vão conseguir?

— Só se eu não puder evitar.

Anne Beckwith acendeu um cigarro e exalou um leve fio de fumaça por entre os lábios tensos.

— O que vai fazer para impedir que isso aconteça?

— Acho que seria imprudente se Anne tomasse conhecimento de tudo isto.

— Não me venha com besteira, Mitchell. Diga o que eu quero saber.

— Achamos que a melhor amiga de Susanna Dayton, uma advogada chamada Elizabeth Osbourne, está ajudando o *Post*.

— Não é a filha do Douglas Cannon?

— Sim, é.

— Cannon odeia o Jim. Estiveram juntos nas Forças Armadas. Cannon era o diretor e Jim o republicano responsável. No final, já mal se falavam.

Anne terminou o vinho.

— Não vai me oferecer outro copo? Da Califórnia, não é? Meu Deus, fazemos um vinho maravilhoso.

Elliott serviu-lhe mais vinho.

— Mitchell, estamos juntos nisso há muito tempo. Jim e eu lhe devemos muito. Tem sido muito generoso ao longo dos anos. Mas eu não vou permitir que isto prejudique Jim, seja de que maneira for. Ele fez sua última campanha. Agora não tem nada a perder, a não ser o lugar nos livros de história.

— Compreendo.

— Não me parece. Se isto vier a público da pior forma, usarei todo o poder e influência que tenho para me certificar de que é o senhor quem cai. Não vou deixar que Jim saia prejudicado e, neste momento, não quero saber de você para nada. Fiz-me entender?

Elliott bebeu o resto do scotch. Não gostava de ouvir um sermão de Anne Beckwith. Se não fosse a ganância e as inseguranças de Anne, Elliott nunca teria conseguido estabelecer a sua relação financeira especial com o marido dela. Era sempre Anne quem ditava as cartas, mesmo quando se tratava de corrupção. Fitou-a com frieza por um instante, depois assentiu e disse: — Sim, Anne, fez-se entender perfeitamente.

— Se esta coisa explodir, Jim vai sobreviver. Mas seu projeto antimíssil vai por água abaixo. Não será construído, ou então o contrato será concedido a uma empresa menos controvertida. O senhor estará acabado.

— Eu sei o que está em causa.

— Ótimo. — Levantou-se e pegou o casaco.

Mitchell Elliott permaneceu sentado. — Só quero fazer-lhe uma pergunta, Mitchell. As pessoas que mataram a jornalista foram as mesmas que abateram o avião?

Elliott olhou para ela, a perplexidade estampada no rosto. — De que diabos está falando?

— Responde a uma pergunta com outra pergunta. Mau sinal. Boa noite, querido. Oh, não se levante. Sou apenas a Primeira-Dama. Saio sozinha.

Elizabeth representou o papel de uma atarefada advogada de Washington regressando ao escritório para trabalhar até tarde: jeans, botas de cowboy, uma confortável blusa de algodão bege. Max Lewis vivia perto de Dupont Circle e sua roupa diária de trabalho refletia as tendências do bairro: jeans, mocassins de camurça preta, suéter de gola alta preta, casaco cinza-escuro. Os escritórios de advocacia da Braxton, Allworth & Kettlemen ficavam na esquina da Connecticut Avenue com a K Street. Michael esperou no carro. Elizabeth e Max entraram juntos no hall, identificaram-se ao segurança e foram de elevador até o andar.

O escritório de Elizabeth ficava na extremidade norte do piso, com vista para a Connecticut Avenue. Samuel Braxton era quem possuía o maior gabinete da firma, uma série de salas ao longo da esquina da Connecticut Avenue com a K Street, com uma vista magnífica da Casa Branca e do Washington Monument.

Elizabeth destrancou o seu gabinete acendeu as luzes e entrou. Falou com Max numa voz alta e clara. Queria que tudo parecesse normal. Max colocou mais papel na fotocopiadora e fez café. Elizabeth ouvia o zumbido distante de aspiradores vindo de algures no piso.

Pegou nas chaves e atravessou o corredor até o gabinete de Braxton. Deu uma batida suave, não obteve qualquer resposta e destrancou a porta com a chave duplicada. Entrou e fechou rapidamente a porta. Retirou uma pequena lanterna da mala e ligou-a.

Elizabeth estava no gabinete exterior, onde trabalhavam as duas secretárias de Braxton. O arquivo estava na outra ponta, do outro lado de uma porta pesada. Elizabeth trocou de chave e abriu a porta. Fechou-a e acendeu a luz. Max disse-lhe onde encontrar os arquivos de Elliott e Beckwith: na parede em frente, em cima à esquerda. Ela não chegava à prateleira de cima. As secretárias de Braxton guardavam ali um banquinho do gênero que existe nas bibliotecas para estas ocasiões. Levou o banco para o outro lado da sala, subiu para cima dele e começou a inspecionar os arquivos.

Examinou a fila inteira uma vez e não encontrou nada. Começou do princípio, obrigando-se a ir devagar mas, mais uma vez, não encontrou nada. Experimentou ver na prateleira abaixo, mas aconteceu a mesma coisa. Nada. Praguejou baixinho. Braxton retirara dali os arquivos. Elizabeth desceu do banco e dirigiu-se à porta. Ouviu sons no gabinete, do outro lado da porta: uma chave a ser enfiada numa fechadura, o clique de um interruptor, o arranhar de um carrinho de metal. Em seguida, ouviu o estalido de uma chave a ser

violentamente empurrada para o interior da fechadura da porta que se encontrava a poucos metros dela. A fechadura cedeu e a porta abriu.

Elizabeth observou atentamente o homem que estava à sua frente e percebeu de imediato que algo de errado se passava. A maior parte do pessoal da limpeza eram indivíduos da América Central de origem índia, pequenos e de pele escura, que quase não falavam inglês. Aquele homem era alto, devia medir cerca de um metro e oitenta, e tinha pele clara. Era evidente que o cabelo escuro fora cortado e penteado por um profissional dispendioso. A bata era nova e não estava suja, e as unhas encontravam-se limpas. Contudo, foi o anel na mão esquerda que chamou a atenção de Elizabeth. Exibia as insígnias das Forças Especiais do Exército, os Green Berets.

— Posso ajudá-lo? — perguntou Elizabeth. Resolvendo tomar a iniciativa.

— Ouvi um barulho — respondeu o homem num inglês de pronúncia carregada. Elizabeth percebeu que ele estava a mentir, pois tivera muito cuidado para não fazer barulho algum.

— Porque não chamou a segurança? — ripostou ela. O homem encolheu os ombros. — Pensei em vir eu próprio dar uma vista de olhos primeiro, — disse. — Sabe, apanhar um ladrão, ser um grande herói, receber uma recompensa ou assim. Elizabeth olhou para a placa com o nome dele no macacão, e fez disso um grande alarde.

— É americano, Carlos?

Ele abanou a cabeça. — Sou do Equador.

— Onde arranjou esse anel?

— Na loja de penhores em Adams Morgan. Muy bonito, não acha?

— É lindo, Carlos. Agora, se me dá licença...

Passou por ele e entrou no escritório.

— Encontrou o procurava? — perguntou o homem, às costas dela.

— Na verdade, estava apenas arrumando uma coisa.

— Está bem. Boa noite, señora.

— Talvez estivesse dizendo a verdade — sugeriu Michael. — Talvez seja mesmo Carlos do Equador e tenha comprado o anel numa loja de penhores em Adams Morgan.

— Besteira — ripostou Elizabeth.

Max levara-os a um restaurante em Dupont Circle chamado The Childe Harold. Era popular entre jornalistas e jovens do pessoal do Congresso. Sentaram-se a uma mesa de canto no bar da cave. Elizabeth ansiava desesperadamente por um cigarro mas, em vez disso, roía as unhas.

— Nunca o vi antes — disse Max. — Mas isso não quer dizer grande coisa. As pessoas nestes empregos estão sempre indo e vindo.

— Nunca o viu antes, Max, porque ele não é merda nenhuma de contínuo nenhum e não é Carlos nenhum da merda do Equador. Eu sei o que vi. — Olhou para Michael. — Lembra do que disse sobre aquela sensação que temos quando alguém nos observa? Bem, estou com essa sensação neste preciso momento.

— Ela não é idiota — relatou Henry Rodriguez pelo telefone. — É uma advogada importante. Tentei me safar. Fiz minha melhor imitação do Freddie Prinze de *Chim and the Man*, mas sei que ela desconfiou.

— Por que diabos estava usando o anel? — perguntou Calahan.

— Esqueci. Atire em mim.

— Não me dê ideia. Para onde eles foram?

— Para um restaurante chamado The Childe Harold. Twentieth Street, norte de Dupont Circle.

— E você, onde está?

— Na cabine telefônica do outro lado da Connecticut Avenue. Posso me aproximar mais.

— Fique aí. Mando alguém em cinco minutos.

Calahan desligou e olhou para Elliott. — Temos outro pequeno problema, senhor.

WASHINGTON, D. C.

Na manhã seguinte, Delaroche sentou-se num banco em Dupont Circle, de onde observou a multidão de mensageiros de bicicleta a tomar o seu café da manhã. Achava-os vagamente divertidos: a forma como se riam, diziam piadas e atiravam coisas uns aos outros. No entanto, não estava a observá-los simplesmente para passar o tempo. Prestou atenção à forma como se vestiam, os tipos de pastas que transportavam, a forma como falavam. Pouco depois das nove, os mensageiros começaram a receber chamadas pelos rádios e cada um deles montou com relutância uma bicicleta e pedalou para o trabalho.

Delaroche esperou até que o último desaparecesse de vista, depois fez sinal a um táxi e deu uma morada ao motorista.

O táxi levou Delaroche ao longo da M Street até Georgetown e depositou-o na parte inferior da Key Bridge. Entrou na loja. Um empregado perguntou se precisava de ajuda e Delaroche abanou a cabeça. Começou com a roupa. Escolheu as blusas e os calções mais vistosos e mais coloridos que conseguiu encontrar. Em seguida, escolheu sapatos, meias, um capacete e uma mochila. Levou tudo para a parte da frente da loja e empilhou as coisas em cima do balcão. ─ Mais alguma coisa? ─ perguntou o empregado. Delaroche apontou para a bicicleta de montanha mais cara da loja. O empregado foi buscá-la e levou-a até o balcão.

─ Para onde a leva? ─ perguntou Delaroche calmamente, consciente do seu inglês carregado.

Temos de verificar a bicicleta. Vai demorar uma hora, mais ou menos.

─ Encha os pneus e dê-ma.

─ Como queira. Vai pagar em dinheiro ou com cartão? Mas Delaroche já estava a contar notas de cem dólares.

Delaroche passou a hora seguinte às compras na Wisconsin Avenue, em Georgetown. Numa loja de vestuário, comprou uma bandana para a cabeça, numa loja de eletrônica, um pequeno gravador a pilhas com receptores. Numa joalharia adquiriu várias correntes de ouro de mau gosto para o pescoço, furou as duas orelhas e pôs argolas.

Mudou de roupa na casa de banho de uma bomba de gasolina. Despiu a roupa e vestiu os calções de ciclista e a blusa de Inverno. Atou a bandana à cabeça e colocou as correntes de ouro ao pescoço. Prendeu o gravador ao cós dos calções e passou os receptores à volta do pescoço. Enfiou as roupas na mochila, juntamente com a Beretta com silênciador, e viu-se ao espelho. Faltava

qualquer coisa. Colocou os óculos de sol Ray-Ban, os mesmos óculos que usara para matar o homem em Paris, e olhou mais uma vez para o reflexo. Agora estava bem. Saiu para a rua. Um homem com um casaco de couro estava prestes a roubar-lhe a bicicleta.

— Canalha — disse Delaroche, imitando o dialeto dos mensageiros em Dupont Circle —, a última coisa que quer é mexer na minha bicicleta.

— Ouve, calma. Estava só olhando — disse o homem, recuando rapidamente. — Paz e amor e essas mentiras todas.

Delaroche subiu na bicicleta e dirigiu-se à casa de Michael Osbourne.

Enquanto pedalava ao longo das ruas cobertas de folhas de East Georgetown, Delaroche reviu uma última vez o plano para matar Osbourne. Seria difícil acabar com ele. Era um homem casado sem quaisquer pontos fracos graves. Não sucumbiria a um avanço sexual da parte de Astrid. Era um agente profissional dos serviços secretos que passara muitos anos em situações perigosas.

Instintivamente, estaria sempre alerta. Delaroche pensou em limitar-se a bater à porta de Osbourne, sob o pretexto de ir entregar uma encomenda, e dar-lhe um tiro quando ele aparecesse. Mas Osbourne poderia reconhecer Delaroche, afinal de contas, ele estivera na Represa de Chelsea, e disparara primeiro. Pensou em tentar entrar na casa de Osbourne pela calada, mas decerto que uma casa grande e opulenta numa cidade assolada pelo crime como Washington se encontrava protegida por um sistema de segurança. Decidiu que teria de matá-lo de surpresa, algures a céu aberto, razão pela qual Delaroche estava vestido como um mensageiro de bicicleta.

A N Street apresentou a Delaroche o seu primeiro problema grave. Não havia lojas, nem cafés, nem cabines telefônicas, nenhum sítio onde Delaroche pudesse matar o tempo de forma discreta. Só se viam grandes casas de tijolo ao estilo federal, firmemente implantadas no passeio.

Delaroche aguardou na esquina da 33rd Street com a N Street, à porta de uma casa enorme com uma imponente sacada assente em pilares, a pensar sobre o que havia de fazer. Só tinha uma opção: andar para a frente e para trás na sua bicicleta pela N Street e esperar conseguir avistar Osbourne a entrar ou a sair de casa. Era uma situação estranha a Delaroche: sempre que possível, preferia matar estando exatamente no sítio certo, exatamente à hora certa. Mas não tinha outra opção.

Montou a bicicleta, pedalou em direção à 35th Street, deu meia volta e pedalou de volta à 33rd Street, observando a casa de Osbourne o mais atentamente possível.

Passados vinte minutos, um homem saiu de casa, vestindo roupa de corrida cinza e branca. Delaroche observou cuidadosamente o rosto. Era o mesmo rosto da imagem no arquivo. Era o mesmo rosto que vira naquela noite na Represa de Chelsea. Era Michael Osbourne.

Osbourne dobrou-se e esticou a parte de trás das pernas. Encostou-se a um poste e alongou os músculos da barriga das pernas. Delaroche, à espera a dois quarteirões de distância, viu os olhos de Osbourne passar em revista a rua e os carros estacionados.

Por fim, Osbourne pôs-se de pé e iniciou uma corrida ligeira. Virou à esquerda na 34th Street, à direita na M Street e dirigiu-se a Key

Bridge, em direção à Virgínia. Delaroche marcou o número de Astrid no Four Seasons e falou com ela, enquanto pedalava a um ritmo regular na esteira de Osbourne.

Michael alcançou o lado da Virgínia do Potomac e dirigiu-se para sul ao longo do Mount Vernon Trail. Tinha os músculos rígidos e doridos e o tempo frio do mês de Dezembro não estava a ajudar, mas estugou o passo e aumentou o ritmo e, passados alguns minutos de corrida rápida, sentiu o suor por baixo a roupa.

Era bom estar fora de casa. Carter telefonara naquela manhã e informara Michael de que Monica Tyler ordenara formalmente ao Departamento de Pessoal que desse início a uma investigação sobre a sua conduta. Elizabeth concordara finalmente em aceder à vontade do médico e estava a trabalhar a partir de casa. O quarto deles transformara-se num escritório de advogados, completado por Max Lewis. As nuvens abriram e um quente sol de Verão brilhou ao longo das margens do rio. Michael passou a entrada para a Roosevelt Island. Uma ponte de madeira estendia-se perante si, sobre vários metros de pântano e juncos. Michael aumentou o ritmo, os pés a martelar as tábuas da ponte. Era dia de semana e estava sozinho no trilho. Jogou um jogo consigo próprio, fazendo uma corrida imaginária. Começou a correr em sprint, impulsionando os braços e erguendo os joelhos. Contornou uma esquina e o final da ponte apareceu, a cerca de duzentos metros de distância.

Michael obrigou-se a correr ainda mais depressa. Os braços ardiam-lhe, as pernas pareciam um peso morto e respirava com dificuldade devido ao ar frio e a demasiados cigarros. Chegou ao fim da ponte, parou e virou-se para ver a extensão que tinha percorrido com a sua pequena corrida de velocidade. Só nessa altura viu o homem a pedalar na sua direção, montado numa bicicleta de montanha.

WASHINGTON, D. C.

Astrid Vogel telefonou para a recepção e pediu ao camareiro para preparar o Range Rover. Saiu do quarto e foi de elevador até o hall. Trazia consigo uma mala e, no seu interior, estava uma Beretta com silênciador. O Range Rover encontrava-se sob a entrada coberta do hotel. Astrid deu ao camareiro o talão e uma nota de cinco dólares. Entrou para o carro e afastou-se. Delaroche tinha-a obrigado a ficar acordada durante metade da noite a decorar mapas. Cinco minutos depois, estacionava de marcha-atrás a alguns quarteirões de distância, em N Street. Desligou o motor, acendeu um cigarro e esperou pelo telefonema de Delaroche.

Michael retesou-se à medida que a adrenalina disparava pelo seu corpo. De repente, os braços e as pernas já não lhe doíam e a respiração saía-lhe em sopros curtos e rápidos. Fitou o homem que se aproximava de bicicleta. Um capacete cobria-lhe a cabeça e óculos de sol tapavam-lhe os olhos. Michael fitou a parte exposta do rosto. Já o vira antes... no quarto de Colin Yardley, no vídeo do aeroporto do Cairo, na Represa de Chelsea. Era Outubro.

O assassino levava a mão ao interior de um saco de nylon montado no guiador da bicicleta. Michael sabia que ele ia buscar a arma. Se desse meia volta e tentasse fugir, seria fácil para Outubro apanhá-lo e matá-lo. Se ficasse ali parado, o resultado seria o mesmo.

Correu a toda a velocidade em direção à bicicleta que se aproximava.

A jogada apanhou o assassino de surpresa. Encontrava-se a vinte metros de distância e os dois homens aproximavam-se um do outro rapidamente, numa rota de colisão. Outubro revolveu freneticamente o saco de nylon à procura da coronha da arma, tentando colocar o dedo no gatilho. Pegou na pistola, puxou-a de dentro do saco e tentou apontar a Michael.

Michael chegou quando a Beretta com silenciador emitiu um baque surdo. Baixou o ombro e enterrou-o no peito de Outubro. O golpe derrubou Outubro da bicicleta e este foi aterrar com violência na ponte de madeira. Michael conseguiu permanecer de pé. Virou-se e viu Outubro, deitado de costas, ainda de arma na mão.

Michael tinha duas opções: atacar Outubro, tentar desarmá-lo e capturá-lo ou fugir e pedir ajuda. Outubro era um assassino implacável, treinado em artes marciais. Michael recebera um treino rudimentar na Quinta, mas tinha consciência de que não poderia competir com alguém como Outubro. Além

disso, ele estava a empunhar uma arma na mão e provavelmente tinha uma segunda escondida algures no corpo.

Michael deu meia volta, correu alguns metros ao longo da ponte e depois saltou para o lado, para dentro da lama e dos juncos na margem do rio. Trepou uma ladeira escorregadia devido às folhas de Outono molhadas e desapareceu num aglomerado de árvores.

Delaroche sentou-se e recuperou. O golpe deixara-o sem fôlego, mas não sofrera ferimentos de maior. Enfiou a Beretta na cintura dos calções e puxou a blusa sobre a coronha. Dois homens de moletom camuflados contornaram a esquina no momento em que Delaroche se baixava para apanhar a bicicleta. Por um instante, pensou em matá-los a ambos. Depois lembrou-se que o pentágono ficava ali perto e que os soldados tinham simplesmente saído para uma corrida inofensiva ao meio-dia. ─ Está bem? ─ perguntou um deles.

Foi só um rufião que tentou roubar-me ─ respondeu Delaroche, deixando vir ao de cima o seu sotaque francês. ─ Quando expliquei ao homem que não tinha nada de valor, ele empurrou-me da bicicleta.

─ Se calhar era melhor ir ao médico ─ sugeriu o outro.

─ Não, uma nódoa negra, talvez, mas nada de grave. Quando encontrar um policial, apresento queixa.

─ Está bem, tenha cuidado.

─ Obrigado por pararem, cavalheiros.

Delaroche esperou que os soldados desaparecessem de vista. Pegou na bicicleta pelo guiador e endireitou-a. Estava zangado e excitado. Nunca falhara um assassinato e estava zangado consigo próprio por não ter reagido melhor. Osbourne provara ser um adversário de maior respeito do que Delaroche esperara. A sua corrida em direção a Delaroche demonstrava, ao mesmo tempo, coragem e astúcia. A segunda decisão, de fugir em vez de lutar, também demonstrava inteligência, pois Delaroche certamente que o teria matado.

Era por isso que Delaroche se sentia excitado. A maior parte das vítimas nem dava pelo que lhes acontecia. Ele surgia de forma inesperada e matava sem avisar. A maior parte das vezes o seu trabalho nada tinha de estimulante. Era evidente que esse não seria o caso com Osbourne. Delaroche perdera o elemento surpresa. Osbourne sabia da sua presença e nunca mais voltaria a permitir que Delaroche se aproximasse dele. Teria de trazer Osbourne até si.

Delaroche recordou-se da noite na Represa de Chelsea. Recordou ter alvejado três vezes o rosto da mulher chamada Sarah Randolph e de ouvir os gritos angustiados de Michael Osbourne enquanto fugia. Um homem que perdera uma mulher daquela forma faria quase tudo para evitar que tal voltasse a acontecer. Montou-se na bicicleta e pedalou para norte, em direção a Key

Bridge. Marcou o número de Astrid, que atendeu ao primeiro toque. Enquanto atravessava a ponte em direção a Georgetown, Delaroche disse-lhe calmamente o que fazer. Michael chegou a George Washington Parkway. Ao meio-dia havia pouco trânsito. Atravessou a alameda e correu por outra encosta acima. Os edifícios de escritórios de vidro e aço da seção Rosslyn de Arlington estavam à sua frente. Encontrou um telefone público em frente a uma loja de conveniência e teclou rapidamente seu próprio número.

Max Lewis atendeu.

— Chame Elizabeth, já!

Segundos mais tarde, Elizabeth atendia.

— Michael, o que há?

— Eles estão aqui, Elizabeth — disse Michael, arquejando. — Outubro acaba de tentar me matar no Mount Vernon Trail. Agora escute com muita atenção e faça exatamente o que vou dizer.

WASHINGTON, D. C.

Elizabeth correu para a sala de Michael e abriu a porta do armário. A pasta estava na última prateleira, uma caixa rectangular castanha tão feia, que só poderia ter sido criada pelo Gabinete de Serviços Técnicos da Agência. Não conseguia chegar à prateleira, por isso empurrou a cadeira de Michael da secretária até o armário. Empoleirou-se em cima dela e pegou na pasta.

Max estava no quarto. Elizabeth sentou-se aos pés da cama e calçou um par de botas de camurça castanhas, de cowboy. Depois foi até o armário e vestiu um casaco de pele, que lhe dava pelas coxas. Sem saber bem porquê, olhou para o reflexo do seu rosto no espelho e passou os dedos pelo cabelo despenteado. Max olhou para ela.

— Raios partam, Elizabeth! Que diabo se está a passar? Elizabeth obrigou-se a permanecer calma.

— Não posso explicar tudo agora, Max, mas um homem acabou de tentar matar o Michael enquanto ele estava a correr. O Michael acha que esse homem está a vir para aqui e quer que saiamos já.

Max olhou para a pasta.

— Que raio é isso?

— Chama-se uma lança — respondeu ela. — Explico logo. Mas agora preciso que me ajude.

— Faço qualquer coisa, Elizabeth, sabe disso.

— Agora ouve com atenção, Max — disse ela, pegando-lhe na mão. — Vamos sair pela porta da frente muito devagar, muito calmamente, e vamos entrar no meu carro.

Dois minutos depois de ter terminado o telefonema para Delaroche, Astrid Vogel viu abrir a porta principal da casa dos Osbourne e duas figuras saíram para a luz do sol de dezembro. A primeira era Elizabeth Osbourne (Astrid reconheceu-a pela fotografia do dossiê de Delaroche) e a segunda era um homem branco de estatura e constituição médias. A mulher trazia na mão uma pequena mala de homem, o homem não levava nada consigo. Entraram para um Mercedes-Benz classe E metalizado, a mulher no banco do passageiro, o homem ao volante, e o motor do carro começou a funcionar.

Astrid pensou no que fazer. Delaroche dissera-lhe para esperar que ele regressasse. Nessa altura, entrariam dentro de casa e tomariam a mulher como refém. Não podia permitir que a mulher fugisse. Decidiu segui-los e dizer a Delaroche para onde se dirigiam.

O Mercedes afastou-se do passeio e entrou na rua sossegada. Astrid ligou o motor do Range Rover e seguiu-os. Ligou para Delaroche e informou-o rapidamente dos últimos acontecimentos.

— Ele está aqui! — gritou Michael no telefone.

— Quem? — perguntou Adrian Carter.

— Outubro está aqui. Acabou de tentar me matar no Mount Vernon Trail.

— Tem certeza?

— Adrian, que raio de pergunta é essa? Claro que tenho certeza!

— Onde você está?

— Rosslyn.

— Diga o endereço. Vou enviar uma equipe para te buscar.

Michael procurou com os olhos uma placa e deu a Carter sua localização.

— Onde está Elizabeth? Vou mandar buscá-la também.

— Estava em casa, mas eu disse para sair de lá.

— Por que raios fez uma coisa dessas?

— Porque Outubro e Astrid Vogel estão juntos nisso. E provável que ela também esteja aqui. Se eu não mandasse a Elizabeth sair, Vogel teria ido lá e a apanharia. Tenho certeza.

— Qual é seu plano?

Michael contou.

— Jesus Cristo! Quem é o motorista?

— O secretário dela. Um garoto chamado Max Lewis.

— Raios me partam, Michael. Sabe o que Outubro vai fazer com ele quando descobrir?

— Cale-se, Adrian. Vem logo me buscar.

Elizabeth baixou a pala e olhou para o pequeno espelho enquanto se dirigiam para sul, pela Wisconsin Avenue. O Range Rover preto estava ali, uma mulher atrás do volante, a falar ao celular.

— Estamos fugindo de quem? — quis saber Max.

— Se eu te dissesse, não ia acreditar.

— A esta altura do campeonato, acredito em qualquer coisa.

— Ela se chama Astrid Vogel e é uma terrorista da Facção do Exército Vermelho.

— Deus do Céu!

— Vire à esquerda e dirija normalmente.

Max virou à esquerda para a M Street. Na 31st Street, o sinal mudou de verde para amarelo quando ele estava a quinze metros do cruzamento.

— Vai — disse Elizabeth.

Max carregou no acelerador. O Mercedes respondeu, reduzindo uma mudança e ganhando velocidade rapidamente. Atravessaram o cruzamento ao som furioso das buzinas. Elizabeth olhou para o espelho e viu que o Range Rover continuava atrás deles.

— Merda!

— O que queres que faça? — Continua a andar.

Na 28th Street, Max não teve alternativa a não ser parar num semáforo vermelho. O Range Rover parou mesmo colado a eles. Elizabeth observou a mulher pelo espelho da pala e Max fez o mesmo pelo espelho retrovisor. — com quem achas que ela está a falar?

— Está a conversar com o sócio.

O sócio dela também pertence à Fação do Exército Vermelho?

— Não, é um antigo assassino do KGB, com o nome de código de Outubro. O semáforo ficou verde. Max carregou tanto no acelerador que os pneus chiaram sobre o asfalto.

— Elizabeth, da próxima vez que me pedires para ir trabalhar na tua casa, acho que vou recusar, se não te importares.

— Cala-te e conduz, Max.

— Para onde?

— Para a baixa.

Max dirigiu-se para leste na L Street, com o Range Rover sempre a segui-los como uma sombra. Elizabeth brincava com a pega da pasta. Recordou-se das palavras de Michael. “Sai do carro e depois aciona o dispositivo.

Certifique-se de que a pasta esteja virada para cima. Ande calmamente. Faça o que fizer, não corra."

O trânsito ia ficando mais intenso à medida em que se aproximavam da baixa de Washington.

— Tem certeza de que essa coisa vai funcionar? — perguntou Max.

— Como quer que eu saiba?

— Talvez esteja dentro do armário há tempo demais. Vê se tem uma data de validade, ou algo do gênero.

Elizabeth olhou para ele e viu que estava rindo.

— Vai correr tudo bem, Elizabeth. Não se preocupes.

Virou à direita na Connecticut Avenue. O trânsito do meio-dia era intenso, os carros avançando a toda a velocidade pela rua larga e grandes camiões estacionados em segunda fila em frente a lojas de luxo. Meia dúzia de carros colocara-se entre eles e Astrid Vogel.

— Acho que é aqui — indicou Elizabeth. — Vira à direita para a K Street. Usa a faixa de serviço.

— É para já.

Carregou no acelerador e virou o volante para a direita.

— Acabaram de virar à direita para a K Street — disse Astrid a Delaroche. — Raios me partam, não consigo vê-los!

Girou o volante e descobriu o Mercedes a sair da beira para o trânsito compacto da K Street.

Já os apanhei. Vão para oeste na K Street. Onde estás?

— Na 23rd Street, a ir para sul. Estamos muito perto.

Astrid seguiu o Mercedes em direção a oeste, pela 20th Street e depois pela 21st Street.

— Estou a aproximar-me, Jean-Paul. Onde estás?

— Na M Street. Espera por mim na 23rd.

Ela atravessou a 23rd Street e parou na esquina noroeste. O Mercedes afastou-se. Olhou para norte e viu Delaroche a pedalar a grande velocidade, as pernas movendo-se como pistões. Parou, encostou a bicicleta num poste e entrou no Range Rover. — Vai!

Elizabeth recostou-se no banco de trás de um táxi, preparando-se para a viagem até a agência de aluguer de automóveis Hertz. A engenhoca de Michael tinha funcionado tal como ele dissera. Max parou o carro, Elizabeth saiu e acionou o dispositivo. Uma figura insuflou depressa, extraordinariamente real. Max afastou-se rapidamente e Elizabeth entrou no hall do seu prédio. Sentiu-se tentada a subir e esconder-se no gabinete, mas lembrou-se do porteiro com o penteado dispendioso e o anel das Forças Especiais e soube que o gabinete já

não era seguro. Esperou atrás do vidro até que o Range Rover passasse, depois saiu e fez sinal ao táxi.

O táxi deixou-a na agência Hertz. Entrou apressadamente e dirigiu-se ao balcão.

Cinco minutos depois, um empregado trouxe um Mercury Sable cinzento para a frente da garagem. Elizabeth entrou nele e mergulhou no trânsito da baixa. Avançou para oeste, atravessando Washington, através de Georgetown até a Reservoir Road. Seguiu essa estrada até a Canal Road e continuou para norte, ao longo das margens do C&O Canal. Percorridos dezesseis quilômetros, chegou à Beltway. Seguiu as placas rumo a norte, para Baltimore.

A mala encontrava-se ao seu lado, no banco do passageiro. Pegou no celular e ligou para o Mercedes. Após cinco toques, uma gravação informou-a de que o celular que estava a tentar contatar "não se encontrava disponível de momento".

Max Lewis atravessou a Key Bridge e virou para norte, para a George Washington Parkway. Perdera o Range Rover algures em Georgetown. Olhou para a figura sentada ao seu lado, um homem alto e bastante atraente, com cabelo escuro e bem barbeado. Apercebeu-se de que a figura se assemelhava um pouco a Michael Osbourne. Olhou pelo espelho retrovisor. Continuava a não haver sinais do Range Rover. Por um instante de demência, estava realmente a divertir-se. Depois pensou em Elizabeth e como ela se sentira assustada, e recuperou uma dose saudável de sangue-frio. Elizabeth dissera-lhe para ir diretamente para a entrada principal da CIA. Alguém se encontraria lá com ele e o levaria para dentro. Carregou no acelerador e a agulha do conta-quilômetros saltou para os cento e vinte. O Mercedes deslizava com facilidade sobre as colinas ondeadas e as curvas suaves da alameda. O Potomac brilhava lá em baixo, ao sol brilhante de Dezembro.

Max olhou novamente para o manequim.

— Ouça, senhor Lança, uma vez que vamos passar algum tempo juntos, acho que esta seria uma boa oportunidade para nos ficarmos a conhecer melhor. Chamo-me Max e, sim, sou homossexual. Espero que isso não o incomode.

Olhou para o espelho retrovisor e viu a luz azul intermitente de um carro de polícia da Virgínia. Olhou para o conta-quilômetros e viu que estava a conduzir a quase cento e trinta quilômetros por hora.

— Oh, merda — praguejou Max, carregando com suavidade no travão e parando num refúgio com uma bonita vista para o rio.

O policial saiu do carro e pôs o chapéu. Max baixou o vidro.

— O senhor estava a conduzir a bem mais de cento e vinte, ali atrás — disse o policial —, provavelmente quase a cento e trinta. Posso ver a sua carta de

condução, por favor? ─ Depois reparou no boneco inflável no banco do passageiro. ─ O que é aquilo?

─ É uma história muito comprida, senhor agente.

─ A sua carta de condução, por favor.

Max apalpou os bolsos do peito do casaco. Saíra da casa dos Osbourne tão à pressa, que se esquecera da pasta e da carteira. ─ Lamento, senhor agente, mas não tenho a carta comigo.

─ Desligue o motor e saia do carro, por favor ─ ordenou o polícial, num tom de voz monocórdico. Nesse momento, a sua atenção foi desviada para um Range Rover que parava no refúgio.

─ Senhor agente, o senhor vai pensar que eu estou maluco, mas é melhor ouvir o que eu tenho a dizer.

Delaroche saiu do Range Rover e encaminhou-se para o polícial. Astrid saiu e dirigiu-se para a frente do Mercedes. O polícial desapertou o coldre e tentou agarrar na arma.

─ Volte a entrar no carro, já!

Delaroche meteu a mão debaixo da blusa de ciclista e agarrou numa Beretta com silênciador. Levantou o braço e disparou duas vezes. O primeiro tiro atingiu o polícial no ombro, fazendo-o dar meia volta. O segundo acertou-lhe na nuca e o homem caiu sobre o rebordo do alcatrão.

Astrid estava à frente do Mercedes, os braços esticados e uma arma nas mãos. Olhou primeiro para o homem atrás do volante e depois para o manequim sentado onde estivera Elizabeth Osbourne. Estava lívida de raiva. Caíra num dos truques mais velhos que existia.

O motor foi ligado e o Mercedes meteu a primeira. Astrid disparou calmamente três vezes através do para-brisa. O vidro estilhaçou-se e ficou instantaneamente vermelho com sangue. O corpo caiu para a frente sobre a caixa de direção e a tarde encheu-se com o som da buzina do carro.

Michael mantinha uma vigília tensa no gabinete de Adrian Carter, a andar de um lado para o outro e a fumar cigarros. Carter dava tacadas em bolas de golfe para acalmar os nervos. Um dos factótuns de Monica Tyler esperava à porta do escritório de Carter, como se fosse um aluno de castigo. Michael fechou a porta para poderem conversar.

─ Porque é que nunca tive autorização para ver o arquivo sobre o Outubro? ─ Porque era restrito ─ explicou Carter num tom de voz inexpressivo, a cabeça curvada em concentração. Deu uma tacada na bola, mas falhou o alvo por quinze centímetros. ─ Merda ─ murmurou Carter. ─ Abusei.

Porque é que era restrito?

— Esta é uma agência de serviços secretos, Michael, não uma sala de leitura de Ciência Cristã. Durante o tempo em que o Outubro foi um agente ativo da KGB, provavelmente não houve necessidade de saberes da sua existência.

Carter deu outra tacada. Esta aterrou no sitio certo.

— Porque era mantida tão em segredo a informação sobre o Outubro? — quis saber Michael.

— Para proteger a identidade da fonte, creio eu. Regra geral, é esse o caso.

— Raios partam, ele matou a Sarah Randolph mesmo à minha frente. Por que é que alguém neste maldito lugar não me mostrou o arquivo e me ajudou a arrumar o assunto?

— Porque essa teria sido a coisa mais sensata a fazer. Mas a sensatez e o trabalho de espionagem raramente andam de mãos dadas. Certamente que, a esta altura, já aprendeste isso. — Como é que o conseguiste?

— Há uns dois anos tivemos provas de que o Outubro estava a trabalhar outra vez como freelance — explicou Carter. — O arquivo foi recuperado e posto novamente em circulação, mas de forma muito limitada. — Tiveste autorização para vê-lo? Carter aquiesceu.

— Raios partam, Adrian! Enquanto eu andava a tentar perceber o assassinato da Sarah com meias pistas e conjecturas, tu tinhas a resposta. Por que não me contaste?

Carter assumiu uma expressão que dizia que, por vezes, o trabalho de espionagem exigia mentir aos amigos.

— Estas são as regras pelas quais vivemos, Michael. Elas protegem as pessoas que arriscam a vida ao traírem o seu próprio país. Protegem pessoas como tu, que trabalham infiltradas no terreno.

Então por que é que quebraste as regras agora e me deste o arquivo do Outubro? — Porque, neste caso, as regras eram uma treta. Não faziam sentido. — Quem queria que o arquivo do Outubro permanecesse restrito? Carter agitou o polegar para o outro lado da porta e segredou:

— Monica Tyler.

Elizabeth finalmente telefonou e o painel de emergência fez a ligação para o gabinete de Carter.

— O que aconteceu? Está bem?

— Estou ótima — respondeu ela. — Fiz tudo o que me disse. Aquela mala funcionou na perfeição. Até se parecia um pouco com você. Agora estou no carro. Indo para onde me disse.

Osbourne sorriu com um alívio extremo.

— Graças a Deus — exclamou. — Já teve notícia do Max?

— Não, ainda não. Deve estar quase chegando.

A secretária de Carter espreitou pela porta e disse que havia outra chamada.

Carter atendeu-a numa extensão lá fora.

— Elizabeth, estou tão orgulhoso de você. Amo tanto você! — disse Osbourne.

— Eu também te amo, Michael. Este pesadelo já terminou?

— Ainda não, mas em breve vai terminar. Continua a dirigir. Vamos pensar em como e quando traremos você para cá.

— Te amo, Michael — repetiu ela e a ligação foi interrompida. Carter entrou no gabinete, o rosto pálido.

— O que se passa? — perguntou Michael.

— Max Lewis e um policial da Virgínia acabaram de ser mortos na George Washington Parkway.

Michael pousou o receptor com força.

WASHINGTON, D. C.

Delaroche atravessou Key Bridge e dirigiu-se de novo para Georgetown.

Percorreu rapidamente a M Street e virou para o acesso do Four Seasons Hotel. Esperou dentro do Rover enquanto Astrid foi ao quarto buscar as coisas deles. Isso deu-lhe um momento para reorganizar os pensamentos e planear o que fazer a seguir.

O mais fácil seria abortar: pedir uma extração e sair do país antes que fossem capturados. Delaroche estava confiante de que os tiros na alameda não tinham sido testemunhados por ninguém. As mortes tinham demorado segundos e, antes que outro carro passasse por ali, já se tinham vindo embora. No entanto, tentara matar Michael Osbourne uma vez e era evidente que este sabia que ele ali estava. O número que a esposa realizara com o boneco insuflável era prova disso. Agora seria muito difícil cumprir os termos do seu contrato: matar Osbourne. Contudo, Delaroche desejava continuar por duas razões. Uma era o dinheiro. Se não conseguisse matar Osbourne, perderia três quartos de um milhão de dólares. Delaroche queria viver os seus dias com Astrid livre de preocupações financeiras e de segurança. Para isso seria necessário muito dinheiro: dinheiro para comprar uma casa grande numa propriedade e sofisticados sistemas de segurança, dinheiro para subornar os oficiais da lei locais para conseguir permanecer escondido dos serviços de segurança do Ocidente. Também queria levar uma existência confortável. Vivera como um monge em Brélés durante anos, impossibilitado de gastar o dinheiro que tinha, com medo de atrair atenções.

Quando trabalhou para o KGB fora ainda pior. Arbatov obrigara-o a viver como um indigente em Paris, sobrevivendo com o pouco dinheiro que ganhava com os seus quadros.

A segunda razão, na verdade o motivo importante, era o orgulho. Osbourne vencera-o no caminho ao longo do rio, derrotara Delaroche no seu próprio jogo. Nunca tinha falhado uma missão e não desejava terminar a sua carreira com um fracasso. Matar era a sua profissão, nascera e fora educado para tal, e o fracasso era inaceitável. Osbourne era o primeiro alvo a ripostar com sucesso e Delaroche atrapalhara-se. Reagira como um amador no primeiro trabalho. Sentia-se envergonhado e zangado consigo próprio, e queria outra oportunidade. Pensou no arquivo de Osbourne. Recordou-se de que o pai de Elizabeth Osbourne, um senador dos Estados Unidos, tinha uma casa numa ilha isolada em Nova York. Pensou: Se eu estivesse assustado, iria para um sítio onde

me sentisse seguro. Para um sítio longínquo. Para onde as autoridades me pudessem proporcionar a ilusão de segurança. Sairia de Washington o mais depressa possível e iria para uma ilha isolada.

Astrid saiu do hotel. Assim que entrou no carro, Delaroche ligou o motor. Arrancou e estacionou por baixo de um viaduto ao longo da margem do rio.

Desligou o motor e ligou o computador portátil.

Percorreu os arquivos até encontrar o arquivo de Osbourne. Leu-o rapidamente e encontrou a localização da casa do senador. Sim, pensou. Até o nome era perfeito. Eles irão para lá, pois acreditam que é um local seguro. Saiu do arquivo e clicou na base de dados, onde armazenara mapas de estradas digitais de quase todos os países do planeta. Digitou o ponto de partida e o destino e o software depressa lhe forneceu um itinerário: a Beltway, 1-95, a Verrazano Bridge, a Long Island Expressway.

Voltou a ligar o motor do Range Rover e engrenou a primeira.

— Onde vamos, Jean-Paul? — perguntou Astrid. Ele tocou na telado portátil.

Astrid olhou e leu.

Shelter Island. Ilha, Abrigo.

Delaroche pegou no celular, marcou o número que lhe fora dado pelas pessoas que o tinham contratado e falou calmamente enquanto abandonava Washington. O helicóptero aterrou no aeroporto de Atlantic City. Elizabeth apanhara a 1-95 para norte e depois dirigira-se para a costa de Jersey. Os oficiais de segurança do aeroporto estavam à espera quando parou na zona de devolução da agência de aluguer de automóveis Hertz. Levaram-na sob proteção e fecharam-na durante dez minutos numa pequena sala de detenção dentro do terminal.

Quando os rotores do helicóptero pararam, Elizabeth foi levada numa van do aeroporto desde a sala de detenção até a pista. Chovia com intensidade. A última coisa que lhe apetecia fazer numa noite como aquela era voar de helicóptero. Mas queria ir para casa. Queria sentir-se segura. Queria cheirar os lençóis familiares, ver coisas estimadas da sua infância. Durante algum tempo, queria fingir que nada daquilo tinha acontecido.

A porta da van abriu e um golpe de chuva fria atingiu-a no rosto. Saiu e dirigiu-se ao helicóptero. A porta abriu a ali estava Michael. Correu para os seus braços e abraçou-o com força. Beijou-o e disse:

— Nunca mais te vou perder de vista.

Michael não disse nada, limitando-se a abraçá-la. Por fim, ela perguntou: — Onde está o Max? Algures num local seguro, espero. Michael

abraçou-a com mais força. Elizabeth leu algo no seu silêncio e afastou-se, olhando para ele com os olhos muito abertos.

— Raios partam, Michael, responde-me! Onde está o Max? Mas ela sabia a resposta. Não foi preciso ouvi-la.

— Meu Deus, não! — gritou, batendo-lhe com os punhos no peito. — Outra vez não! Meu Deus, não! Outra vez não!

— Parece que o nosso homem arranjou uma bela confusão em Washington — disse o Diretor.

Não foi capaz de matar o Osbourne e no processo conseguiu matar um secretário e um policial da Virgínia — declarou Mitchell Elliott. — Talvez a sua reputação como o melhor assassino do mundo seja imerecida.

— O Osbourne é um adversário de grande valor. Sempre soubemos que seria difícil eliminá-lo.

— Onde está o nosso homem agora?

— Rumo a norte. Acredita que Osbourne e a esposa irão procurar segurança na casa do Senador Cannon, em Shelter Island.

— Bem, tem razão.

— A sua fonte em Langley confirma isto?

— Sim.

— Muito bem. — Então toda esta história lamentável depressa chegará ao fim. O Outubro irá terminar o que começou. Tenho uma equipe de extração a postos. Quando ele acabar, irá contatar-me e eu tiro-o de lá. — O Outubro tinha outro alvo em Washington.

— Sim, eu sei, mas agora ele não será capaz de realizar essa tarefa. Se deseja que esse alvo seja eliminado, creio que teremos de contratar outra pessoa para o trabalho.

— Acho que seria sensato. Não gosto de pontas soltas.

— Concordo plenamente.

— E o Outubro?

— Alguns minutos após a sua extração, o Outubro será morto. Sabe, senhor

Elliott, eu gosto menos de pontas soltas do que o senhor.

— Muito bem, Diretor. — Boa noite, senhor Elliott.

Mitchell Elliott desligou o telefone e sorriu para Monica Tyler. Ela levou a bebida para a cama e deitou-se ao lado dele.

— Amanhã de manhã estará tudo terminado — disse ele. O Osbourne terá desaparecido e tu serás mais rica do que alguma vez imaginaste.

Monica beijou-o.

Serei rica, Mitchell, mas será que estarei viva para desfrutar dessa riqueza? Elliott apagou a luz.

— Ainda bem que o meu pai não está cá para ver isto — disse Elizabeth, enquanto o helicóptero pousava no relvado de Cannon point. — Quando cá está, gosta sempre de agir como se fosse um dos ilhéus. A última coisa que faria seria deixar que um helicóptero aterrasse no relvado.

— Estamos em pleno Inverno — respondeu Michael. — Ninguém vai saber.

Elizabeth olhou-o, incrédula.

— Michael, de cada vez que alguém atropela um veado nesta ilha, o acontecimento é publicado no jornal local. Acredita, as pessoas vão ficar a saber.

— Eu trato do jornal — indicou Adrian Carter.

Os rotores do helicóptero pararam de girar. A porta abriu e os três saíram. Charlie saiu da casa do caseiro, de lanterna na mão, os retrievers aos saltos à volta dos tornozelos. O vento marítimo açoitava com violência as árvores nuas. Uma águia-pesqueira guinchou e voou por cima das suas cabeças. A cinquenta metros da costa, o Athena agarrava-se às amarras nas águas da baía sacudidas pelo vento.

— Onde está o senador? — perguntou Carter enquanto percorriam a pé o acesso de cascalho em direção à casa principal.

— Em Londres — respondeu Michael. — Está a participar num painel de discussão sobre a Irlanda do Norte na London School of Economics.

— Ótimo. Menos uma pessoa com quem nos preocuparmos.

— Não quero transformar este sítio num campo militar — disse Elizabeth. — Não tenciono fazê-lo. Vou colocar dois agentes de segurança no relvado durante toda a noite. De manhã serão rendidos por outros dois da Estação de Nova York. A polícia de Shelter Island concordou em vigiar os ferries de norte e de sul. Têm uma boa descrição de Outubro e de Astrid Vogel. Foi-lhes dito que eram procurados por se encontrarem ligados ao assassinato de duas pessoas na Virgínia, mas nada mais que isso.

Vamos manter as coisas assim — afirmou Elizabeth. — A última coisa que quero é que as pessoas de Shelter Island pensem que trouxemos para cá terroristas.

— A verdade não virá ao de cima — garantiu Carter. — Entrem e vão dormir. Liga-me para Langley de manhã, Michael. E não te preocupes, a esta hora já o Outubro está bem longe.

Carter apertou a mão de Michael e beijou a face de Elizabeth.

— Lamento muito o que aconteceu ao Max — disse. — Quem me dera que pudéssemos ter feito alguma coisa.

— Eu sei, Adrian.

Elizabeth deu meia volta e começou a andar em direção à casa. Carter olhou para Michael.

— Existem armas aqui? — perguntou

Michael abanou a cabeça. — O Cannon detesta armas.

Carter estendeu a Michael uma Browning automática de alta potência e meia dúzia de carregadores de quinze munições. Depois virou-se e entrou no helicóptero. Trinta segundos depois, este levantou de Cannon Point, virou e desapareceu sobre a baía.

— O Carter deu-te uma arma, não deu? — perguntou Elizabeth quando Michael entrou no quarto. Estava de pé em frente a um grande guarda-roupa escolhendo um pijama de flanela. O quarto estava escuro, salvo por um pequeno abajur de leitura na cabeceira. Michael mostrou-lhe a Browning. Enfiou um carregador na coronha e acionou a trava de segurança.

— Meu Deus, detesto esse som — disse ela, despindo-se. Vestiu a camisa de noite e deitou-se na cama. Michael estava de pé, junto à janela, a fumar um cigarro e a observar a baía. A chuva batia contra o vidro. Um dos seguranças inspecionava com uma lanterna a divisória ao longo do pontão.

Elizabeth colocou as mãos no baixo-ventre. Interrogou-se se os bebês estariam bem. Pensou: Ouve bem, Elizabeth. Já lhes estás a chamar bebês quando eles não passam de um aglomerado de células. O médico dissera-lhe para levar as coisas com calma, para descansar. Não fizera nada disso. Passara o dia a fugir de um par de terroristas, a conduzir durante horas e a voar de helicóptero no meio de uma tempestade terrível. Pressionou as mãos com mais força contra o abdômen e pensou: Por favor, meu Deus, faz com que eles estejam bem.

Olhou para Michael, direito como uma sentinela junto à janela.

— Sabes, Michael, acho que tu queres mesmo que ele tente de novo.

— Depois do que ele fez ao Max...

— Ele também tentou te matar hoje, Michael.

— Acredite, não me esqueci.

— E Sarah? — perguntou ela.

Michael permaneceu em silêncio.

— É saudável desejar vingança, Michael. Mas tentar conseguir vingança é uma coisa completamente diferente. E algo perigoso. As pessoas podem se ferir. Neste caso, elas podem morrer. Para bem de todos nós, espero que ele esteja longe daqui.

— Não faz parte do seu temperamento. Não faz parte do seu treino.

— O quê?

— Desistir. Fugir. Li o arquivo sobre ele. Provavelmente sei mais sobre ele do que ele sabe sobre si próprio.

— Acha que ele está por aí, Michael?

— Eu sei que está. Só não sei onde.

NORTH HAVEN, LONG ISLAND

Delaroche saiu do Range Rover e fitou a outra margem do canal estreito em direção a Shelter Island. Era quase meia-noite. A viagem a partir de Washington demorara oito horas, pois Delaroche cumprira meticulosamente o limite de velocidade durante todo o caminho. Ergueu a gola do casaco para se proteger da chuva fria e batida pelo vento. Um ferry sulcou as águas na sua direção, dois carros no convés, vencendo a forte corrente que atravessava Shelter Island Sound em direção às águas abertas de Gardiners Bay. Junto ao pequeno gabinete ao ferry via-se um veículo castanho-claro de tração às quatro rodas com marcas da polícia. Era possível que o agente estivesse apenas a fazer rondas, ou tivesse parado para uma chávena de café. No entanto, Delaroche duvidava que fosse esse o caso. Desconfiava que a polícia vigiasse o ferry por Michael e Elizabeth Osbourne se encontrarem na ilha.

Regressou ao Range Rover, entrou e afastou-se do cais ao ferry. Por duas vezes teve de guinar para evitar pequenas manadas de veados de cauda branca. Virou para uma pequena estrada de terra batida e cascalho que conduzia a um conjunto de árvores. Aí, escondido, pôs os óculos de leitura e desdobrou um mapa de estradas de larga escala de Long Island que comprara pelo caminho num posto de gasolina. Astrid espreitou por cima do seu ombro. North Haven era um pequeno pedaço de terra que se projetava por Shelter Island Sound adentro. A sudeste encontrava-se o histórico porto baleeiro de Sag Harbor.

— A polícia está a vigiar os cais dos Ferrys — explicou Delaroche. .— Isso significa que provavelmente os Osbourne estão na ilha. O Ferry Sul fecha à uma da manhã. Os polícias irão para casa, pois vão chegar à conclusão de que não tentamos fazer a travessia.

— Se os ferries fecham, como é que vamos para a ilha? Delaroche apontou para Sag Harbor no mapa.

— Há barcos no porto e nas docas. Podemos roubar um e fazer a travessia depois dos ferries fecharem.

— O tempo está terrível! — exclamou Astrid. — Não é seguro andar de barco numa noite como esta.

— Não está assim tão mau — contrapôs Delaroche, retirando os óculos e voltando a guardá-los no bolso. — Em Brélés esta seria considerada uma bela noite para pescar.

Delaroche entrou em Sag Harbor e estacionou junto à marina. Saiu do Range Rover, deixando Astrid para trás. A cidade estava silenciosa, as lojas e os

restaurantes ao longo da margem fechados. Passados cinco minutos, Delaroche encontrou aquilo que procurava: um navio-baleeiro de oito metros com um grande motor Johnson fora de borda. Voltou rapidamente ao Range Rover e reuniu as coisas de que precisava: os celulares, as Berettas, a roupa à prova de água. Trancou as portas e enfiou as chaves no bolso.

Caminharam ao longo da marina e de uma doca de madeira, escorregadia devido à chuva. Delaroche entrou para o navio e ajudou Astrid a subir para o convés. Havia uma ponte e bancos da popa à proa. Delaroche enfiou uma gazua na ignição e pôs o motor a funcionar.

Saltou para a doca e soltou as amarras, depois voltou a saltar para dentro do barco e saiu de marcha à ré. Avançou lentamente através do porto, o barco a vibrar sob os seus pés. Vinte minutos mais tarde, entravam nas águas de Gardiners Bay.

Cinco minutos após iniciarem a travessia, Delaroche receou que Astrid estivesse certa. Na baía, o vento era feroz, soprando de noroeste a sessenta e cinco quilômetros por hora, com rajadas mais fortes. A temperatura era de quatro graus, mas a chuva e o vento faziam com que parecesse estar muito mais frio. A cabine do navio era aberta e, no espaço de minutos, Delaroche e Astrid estavam encharcados. As mãos de Delaroche estavam geladas ao leme, apesar das luvas. Astrid agarrou-se ao braço dele e enterrou o rosto no seu ombro para se proteger da chuva. A noite estava escura como breu, sem lua, sem luz das estrelas, nada por onde navegar. Delaroche manteve as luzes apagadas para evitar ser localizado a partir de terra. Ondas de um metro a um metro e meio fustigavam o navio a bombordo, sacudindo o pequeno barco.

Delaroche aproximou-se até se encontrar a duzentos metros da costa e seguiu para norte. As águas acalmaram-se ligeiramente. A bombordo, podia distinguir os contornos muito tênues de árvores e de terra. Pelos mapas que tinha, Delaroche sabia que era Mashomack Preserve, uma reserva natural gigantesca.

Continuou em direção a norte, passando por Sachem's Neck e Gibson's Beach. Quase encalhou em Nichols Point, por isso corrigiu a rota em alguns graus e afastou-se mais da costa. Passados alguns minutos, avistou Reel Point, um fino dedo de terra na entrada de Coecles Harbor. Sabia que estava a aproximar-se. Contornaram Ram Head e dirigiram o navio para noroeste, em direção a Cornelius Point. A mudança de rumo colocou-os diretamente no caminho do vento. Abrandaram a velocidade, avançando muito devagar à medida que as ondas iam ficando cada vez maiores. O navio-baleeiro elevava-se em direção ao céu de cada vez que uma onda passava por debaixo do casco. Em seguida, a proa caía violentamente no intervalo entre as duas ondas e a água do

mar açoitava os bancos. De uma vez Astrid desequilibrou-se e caiu para a frente, para cima do painel de instrumentos. Voltou a pôr-se de pé, com sangue na testa.

A partir de bombordo, Delaroche conseguia distinguir Cornelius Point: um promontório rochoso, a vaga silhueta de uma grande casa de Verão. Contornou o cabo e virou alguns graus para bombordo. De estibordo, podia ver as luzes de Greenport, indistintas devido à névoa marítima e à chuva. Alguns momentos mais tarde, passou por Hay Beach Point. Delaroche virou para sudoeste e avançou ao longo de Hay Beach durante cerca de um quarto de milha. Depois virou bruscamente para bombordo e reduziu a potência, dirigindo-se para a linha da costa.

Cannon Point encontrava-se cerca de cem metros mais abaixo. Delaroche sabia que podia aproximar-se da costa num silêncio virtual, pois os ventos fortes levariam todos os sons na direção oposta. Desligou o motor e ergueu a hélice. Alguns segundos mais tarde, o barco encalhou num baixio a alguns metros da praia.

Delaroche saltou para a água gelada que lhe dava pelos joelhos e patinhou para terra. Arregaçou a manga do casaco e olhou para o mostrador luminoso do relógio. Eram apenas duas horas. O navio fizera a viagem de Sag Harbor em cerca de noventa minutos mas, enquanto atava a bolina à pernada de uma árvore caída, Delaroche sentia-se como se tivesse estado atrás do leme a combater o mar durante metade da noite. Regressou ao navio, pegou na mochila e ajudou Astrid a descer para a água. Na praia, abriu a mochila, retirou do seu interior as Berettas com silenciador e entregou-lhe uma.

A chuva fustigava-os enquanto Delaroche procurava orientar-se. A praia conduzia diretamente a Cannon Point. Era rochosa e estreita, apenas com alguns metros de largura em certas zonas. Para lá da marca de maré-alta agigantava-se uma falésia íngreme, com cerca de seis metros de altura, repleta de um emaranhado de arbustos e erva.

Delaroche puxou a culatra da Beretta, introduzindo a primeira bala na câmara. Astrid fez a mesma coisa. Em seguida, pegou-lhe na mão e conduziu-a pela praia, em direção à casa.

Matt Cooper e Scott Jacobs tinham ambos trabalhado na segurança da CIA durante quase vinte anos. O seu sedan do governo encontrava-se estacionado mesmo junto ao portão, do lado de dentro do complexo em Shore Road. Faziam turnos para percorrer o perímetro dos terrenos a cada meia hora. Matt Cooper estava encarregue da ronda das duas da manhã.

Delaroche e Astrid deitaram-se na falésia olhando de cima para a água, escondidos atrás dos arbustos espessos e espinhosos. Delaroche assimilou a disposição do complexo: a grande casa principal perto da água, dois anexos para

convidados, uma garagem separada para três carros. Viam-se luzes no interior da casa principal e num dos anexos. Delaroche partiu do princípio de que os Osbourne estavam dentro da casa principal e que o agente de segurança ou um caseiro estava no anexo. Analisou a disposição dos terrenos: um relvado plano e bem cuidado salpicado de árvores altas, um acesso de cascalho que ia dos edifícios até o portão de entrada. Mesmo junto a este, Delaroche avistou os contornos de um sedan.

O agente de segurança apareceu alguns minutos depois. Trazia na mão direita uma lanterna poderosa, movimentando-a de um lado para o outro enquanto andava. Quando o homem se aproximou do sitio onde estavam, Delaroche pegou com firmeza no antebraço de Astrid e levou um dedo aos lábios. A mulher aquiesceu. Um raio de luz brilhou sobre as suas cabeças, e depois incidiu sobre o tabique e a praia lá em baixo.

Delaroche pôs-se de pé de repente, fazendo os arbustos restolhar. O raio de luz moveu-se freneticamente durante vários segundos antes de se deter sobre ele. A Beretta estava sacada e apontada. Utilizando a luz como alvo, Delaroche fez pontaria quatro ou cinco centímetros mais à direita a fim de compensar o fato de o homem segurar a lanterna na mão direita.

Disparou rapidamente três vezes.

O segurança caiu sobre a relva encharcada.

Delaroche deslizou para a frente e ajoelhou-se ao lado do homem caído. Os disparos tinham-no atingido no peito. Delaroche baixou-se, tentou sentir a pulsação no pescoço e não encontrou nenhuma. Fez sinal a Astrid para que se lhe juntasse. Caminharam ao longo da orla oriental da propriedade, mantendo-se junto às árvores, até se encontrarem a cerca de trinta metros do portão principal e do carro da segurança. Delaroche viu o segundo homem dentro do carro, sentado ao volante, a água da chuva a escorrer pelos vidros das janelas. Decerto que o homem pouco ou nada conseguia ver. Seria uma morte fácil. O desafio seria matá-lo de uma forma silenciosa. Atravessou o relvado, passando por trás do carro, e aproximou-se por trás, do lado do passageiro.

Cooper estava a demorar-se muito a dar sinal. Por norma, cada um dos homens transmitia via rádio atualizações contínuas do seu progresso. Cooper estabelecera contato a partir do anexo ocidental para convidados e das traseiras da casa principal, mas Jacobs ainda não tivera notícias dele desde que começara a dirigir-se para o tabique e a praia.

Jacobs pegou no rádio e tentou chamar Cooper, mas não obteve qualquer resposta. Estava prestes a sair e ir à procura dele quando ouviu a porta do passageiro abrir. Virou-se e disse: ─ Que diabo aconteceu?

Depois olhou para o rosto: cabelo cortado rente, pele muito pálida, duas orelhas furadas. Jacobs nem sequer tentou pegar a arma, dizendo apenas baixinho:

— Oh, valha-me Deus.

Delaroche ergueu a Beretta e alvejou-o no rosto três vezes. Em seguida, esticou-se sobre o banco e retirou o rádio da mão do homem morto.

Astrid permaneceu junto às árvores. Delaroche saiu do carro e fechou a porta com suavidade. Voltaram para trás pelo mesmo caminho, ao longo da fronteira oriental da propriedade, mantendo-se mais uma vez sob o refúgio das árvores. Delaroche ejetou o carregador meio gasto e inseriu um cheio.

Havia duas entradas para a casa principal, uma porta de entrada que dava para o acesso de cascalho e um alpendre envidraçado que dava para a água. Delaroche tencionava utilizar a entrada das traseiras.

As árvores curvaram-se sob uma rajada de vento marítimo. Delaroche aproveitou o ruído impetuoso para cobrir o som da sua aproximação. Pegou na mão de Astrid e correu pelos campos traiçoeiros por entre as árvores.

Passaram por trás do anexo, onde se via um abajur aceso. Delaroche pensou em entrar e matar os ocupantes, mas não tinha avistado quaisquer movimentos por ali, não existiam sinais de alguém ter dado pela sua presença, por isso passou por trás do anexo e começou a atravessar o relvado das traseiras.

Um cão ladrou, depois outro. Virou-se e viu um par de golden retrievers enormes a correr na direção deles. Introduziu a primeira bala na câmara da Beretta e fez pontaria aos cães.

Os cães acordaram Michael. Os seus olhos abriram-se e, num ápice, estava alerta. Ouviu o primeiro cão, depois o segundo. Em seguida, ambos ficaram silenciosos. Sentou-se na cama e pôs os pés no chão. Sobre a mesinha-de-cabeceira estavam a Browning automática, um rádio portátil e um telefone de linha múltipla. Pegou no rádio. — Fala Osbourne. Está alguém aí? Elizabeth mexeu-se.

— Fala Osbourne. Está alguém aí? Ouvi os cães a ladrarem. O rádio crepitou e uma voz respondeu:

— Os cães estão bem. Não há problema. ' Osbourne pousou o rádio, pegou no telefone e marcou o número da casa do caseiro. Deixou o telefone tocar cinco vezes antes de voltar a pousar o receptor com força. Elizabeth sentou-se na cama.

Osbourne marcou rapidamente um número especial de emergência para Langley. Atendeu uma voz calma.

— Fala Osbourne. O agente de segurança em Shelter Island não está na linha. Telefone à polícia local e envie homens para cá! Rápido!

Desligou o telefone.

— Michael, o que se passa? — perguntou Elizabeth.

— Ele está aqui — respondeu Osbourne. — Matou a equipe de segurança e tem o rádio deles. Acabei de falar com o filho da mãe. Veste umas roupas quentes. Despacha-te, Elizabeth.

Charlie Gibbons era o caseiro de Cannon Point há vinte anos. Nascera e crescera em Shelter Island e os seus antepassados eram pescadores de baleias que, três séculos antes, partiam de Greenport. Vivia apenas a cento e quarenta quilômetros de Nova York, mas só lá estivera uma vez.

Charlie ouviu o telefone a tocar na sua casa ao atravessar o relvado de roupão, espingarda numa mão e lanterna na outra. Avistou os cães um instante depois e correu desajeitadamente na sua direção. Ajoelhou-se ao lado do primeiro e viu que o pelo amarelo estava ensopado em sangue. Virou a luz da lanterna para o segundo e viu que se encontrava nas mesmas condições. Pôs-se de pé e apontou a lanterna ao tabique. Movimentou o raio de luz de um lado para o outro durante alguns segundos e avistou algo azul vivo. Os seguranças traziam vestidos impermeáveis azuis. Correu em direção ao corpo caído no chão e ajoelhou-se a seu lado. Era o homem que se chamava Matt Cooper e era evidente que estava morto.

Tinha de acordar Mike e Elizabeth. Tinha de telefonar para a polícia de Shelter Island. Tinha de ir buscar ajuda rapidamente. Pôs-se de pé e virou-se para correr de regresso a casa. Uma mulher alta e loura surgiu de trás de uma árvore, uma arma nas mãos esticadas. Viu o clarão na boca da arma mas não ouviu qualquer som. As balas rasgaram-lhe o peito.

Sentiu uma dor excruciante e viu o fulgor de uma luz branca e brilhante. Depois, a escuridão.

MCLEAN, VIRGÍNIA

— A equipe de segurança está fora de combate — disse o agente de serviço. — Osbourne acredita que o Outubro está no terreno.

Adrian Carter sentou-se na cama.

— Raios me partam!

— Já alertamos a polícia local e está outra equipe a caminho.

— É melhor que se despachem.

— Sim, senhor.

— Estou na sede daqui a cinco minutos. — Sim, senhor.

— Agora ligue-me à Monica Tyler. — Aguarde um momento, senhor.

Michael dormira vestido. Elizabeth enfiou calças de corrida de algodão cinza e uma blusa de lã bege. Michael calçou-se e foi buscar a Browning, o rádio e o celular, bem como o controle do sistema de segurança da casa. O sistema encontrava-se ativado. O alarme far-se-ia ouvir se Outubro tentasse entrar em casa. Surgiria um número no monitor digital do controle, mostrando qual a porta ou -janela pela qual o intruso entrara. Se Outubro tentasse forçar a entrada, Michael saberia instantaneamente onde ele estava. Michael apagou as luzes do quarto e conduziu Elizabeth para o corredor às escuras. Desceram as escadas até o hall de entrada. Ali havia outro abajur aceso. Michael desligou-o rapidamente.

As escadas para a cave eram logo a seguir à cozinha enorme. Michael pegou no braço de Elizabeth e conduziu-a através da escuridão. Abriu a porta que dava acesso às escadas e levou-a até a cave.

Delaroche e Astrid agacharam-se junto à porta do alpendre envidraçado. Delaroche enfiou uma faca no trinco básico e, passados alguns segundos, este cedeu. Atravessaram cuidadosamente a varanda, contornando mobília de palhinha almofadada e mesas baixas, até chegarem a umas portas de correr, em vidro. Experimentou a fechadura. Estava trancada. Agachou-se e manejou a gazua no buraco da fechadura. O mecanismo estalou. Delaroche empurrou as portas para trás e entraram.

Na verdade, a casa possuía três entradas: a porta da frente principal, o alpendre das traseiras e uma pequena porta para a cave no lado norte da casa, escondida atrás de um lance de escadas em vão. Michael e Elizabeth avançaram pelas divisões da cave até chegarem à porta.

O alarme soou na sua mão. Michael rapidamente o silenciou e reiniciou. Outubro entrara na casa através das portas de correr, junto à sala de estar. Segundos mais tarde, o alarme voltou a soar, e depois uma terceira vez. Dois

detectores de movimento tinham sido ativados, um na casa de jantar e outro na sala de estar. Os detectores encontravam-se a vários metros de distância. A menos que Outubro se estivesse a movimentar pela casa muito depressa, era improvável que tivesse feito disparar os dois. A casa estava às escuras e não lhe era familiar. Michael partiu do princípio de que Astrid Vogel também ali estava. Virou-se para Elizabeth.

— Vai para a casa de hóspedes e espera aí até que chegue a polícia — indicou.

— Michael, não quero deixar-te...

— Vai, Elizabeth — ordenou Michael. — Se queres viver, faz o que te digo.

Elizabeth assentiu.

— A polícia chega daqui a alguns minutos. Quando chegar, corre para perto deles. É a mim que ele quer, não a você. Compreende?

Anuiu.

— Ótimo — disse Michael.

Digitou o código de desativação e abriu a porta. Elizabeth beijou-lhe a face e começou a subir as escadas. No alto, parou e olhou em todas as direções. A noite estava escura como breu, mal se conseguindo distinguir o contorno tênue da casa de hóspedes com vista para o mar.

Correu pelo relvado, a chuva batida pelo vento a fustigar-lhe o rosto, até chegar à porta da casa. Abriu a porta, entrou, depois virou-se e olhou para Michael uma última vez.

A porta da cave fechou-se e ele desapareceu. Elizabeth fechou a porta atrás de si e trancou-a, deixando as luzes apagadas. Depois foi até a janela e olhou na direção do portão principal.

Foi Astrid Vogel, de pé no meio da sala de estar, quem vislumbrou algo a mover-se pelo relvado em direção à casa de hóspedes: uma blusa de cor clara, uma mulher, a julgar pelas passadas ligeiramente desajeitadas. — Jean-Paul — sussurrou, apontando para o relvado. — A mulher.

— Apanha-a — segredou Delaroche. Depois pousou uma mão sobre o braço dela e disse: — Viva, Astrid. Morta não nos vale de nada. E despacha-te. Não temos muito tempo.

Astrid esgueirou-se pelas portas de correr, atravessou o alpendre e começou a percorrer o relvado.

Michael reativou o sistema de alarme. Encontrou uma lanterna recarregável ligada a uma tomada, uma das muitas posicionadas por toda a casa devido às frequentes falhas de energia da ilha. Michael acendeu a lanterna e apontou o feixe para as paredes, movendo-o para a frente e para trás, até

encontrar o quadro elétrico. Abriu-o e iluminou-o. O interruptor principal era o maior. Puxou-o para baixo e cortou a luz na casa inteira. O sistema de alarme funcionava a pilhas, por isso permaneceria funcional. Pôs o alarme em modo silencioso.

Seguiu o raio de luz escadas acima e regressou à cozinha. Na parede, ao lado do telefone, ficava uma caixa de intercomunicação para o portão principal. O intercomunicador funcionava com o sistema telefônico e o portão possuía uma fonte de eletricidade autônoma. Carregou num botão e foi rapidamente para junto de uma janela da sala com vista para o relvado. Lá fora, no topo da propriedade, viu o portão de metal a correr, abrindo-se.

A casa de hóspedes parecia um frigorífico. Elizabeth não se recordava da última vez que alguém ali estivera. O termostato estava regulado no nível mais baixo, para evitar que os canos rebentassem devido ao gelo. O vento açoitava o telhado de ripas e batia de encontro às janelas que davam para Shelter Island Sound. Algo raspou no lado da casa. Elizabeth soltou um pequeno grito e depois percebeu que se tratava apenas do velho carvalho que trepara inúmeras vezes em criança. Não era a casa dos hóspedes. No léxico da família Cannon, era conhecida como a casa de Elizabeth. A casa era confortável e estava modestamente mobilada. O chão era feito de madeira clara e, na sala de estar, mobiliário rústico encontrava-se disposto em redor da grande janela com vista para o porto. A cozinha era minúscula, apenas um pequeno frigorífico e um fogão com dois bicos, e o quarto era simples. Quando era pequena, a casa era dela. Se a casa principal se encontrava repleta com o pessoal do pai, ou com alguma delegação de um país estranho, Elizabeth ia para ali, a fim de se esconder entre os seus haveres. Adorava a casa, cuidava dela, passava nela noites de Verão. Fumou o primeiro charro na casa de banho e perdeu a virgindade no quarto.

Pensou: Se eu pudesse escolher um sítio para morrer, seria aqui.

Soprou as mãos e apertou os braços em redor do corpo para se proteger do frio. Num gesto reflexo, tocou no baixo-ventre.

Mais uma vez, pensou: Será que os bebês estão bem? Meu Deus, faz com que estejam bem!

Foi até a janela e espreitou lá para fora. Uma mulher alta estava a correr em direção à casa, de arma na mão. Distinguiu suficientemente o rosto dela para perceber que era a mesma pessoa que a perseguira em Washington. Afastou-se da janela e quase tombou sobre uma poltrona.

É a mim que ele quer, não a você.

Soube que Michael estava mentindo. Iriam usá-la para chegar a Michael, mas também a matariam. Da mesma forma que tinham matado Max.

Da mesma forma que tinham matado Susanna.

Ouviu o raspar de botas nos degraus de madeira que levavam à porta da frente. Ouviu o estalido metálico de Astrid Vogel a experimentar a maçaneta. Escutou um ruído surdo quando Astrid Vogel tentou derrubar a porta com um pontapé e invocou cada réstia do autocontrole que possuía para não gritar. Foi para o quarto e fechou a porta. Ouviu uma série de sons abafados, três ou quatro, não tinha a certeza, e o som de madeira a ser despedaçada: Astrid Vogel a disparar contra a fechadura. Outro pontapé e, desta vez, a porta abriu, indo bater com violência na parede adjacente.

E a mim que ele quer, não a ti.

E tu és um mentiroso, Michael Osbourne, pensou. Eram impiedosos e sádicos. Com eles não haveria qualquer hipótese de argumentação nem, por certo, de negociação.

Recuou até o canto, olhos postos na porta fechada. Meu Deus, quantas vezes tinha estado ali? Em lindas manhãs de Verão. Em tardes frias de Outono. Os livros nas prateleiras eram seus, bem como as roupas no armário. Até o tapete puído aos pés da cama. Pensou na tarde em que ela e a mãe o tinham comprado juntas, num leilão em Bridgehampton.

Pensou: Não posso deixá-la apanhar-me. Vão matar-nos aos dois.

Ouviu a mulher a atravessar a casa, o som das botas no soalho de madeira. Ouviu o vento nas árvores, o grito das gaivotas. Deu um passo em frente e fechou a porta com o gancho.

Esconde-te no armário, pensou. Talvez ela não procure aí.

Não sejas tonta, Elizabeth. Pensa! Depois ouviu a mulher chamá-la.

— Sei que está aqui, Sra. Osbourne. Não quero fazer-lhe mal. Apareça, vá lá.

A voz era baixa e estranhamente agradável, com um sotaque alemão. Não lhe dê ouvidos!

Abriu o armário e esgueirou-se lá para dentro. Deixou a porta entreaberta, pois não conseguia suportar a ideia de estar trancada naquele espaço escuro e minúsculo. Por fim, ouviu o silvo das sirenas, ao longe, trazido pelo vento. Imaginou onde estariam: Winthrop Road, Manhanset Road se viessem do meio da ilha. Fosse como fosse, Elizabeth sabia que estaria morta antes de eles chegarem. Afastou-se da porta. Algo afiado espetou-lhe a omoplata: uma flecha, pousada sobre a prateleira. Tateou ao longo da parede. Sabia que estava por ali algures, o arco que o pai lhe oferecera quando fizera doze anos. Estava pendurado num gancho na parede, ao lado de um velho conjunto de tacos de golfe.

A mulher tentou abrir a porta do quarto e descobriu que estava trancada.

Agora sabe que estou aqui dentro, pensou Elizabeth.

Foi invadida pelo pânico. Obrigou-se a respirar.

Bateu suavemente com as mãos ao longo da parede até tocar em algo frio e duro. Elizabeth pegou no arco. Tinha um metro e sessenta e cinco de comprimento, medida padrão. Estendeu o braço para cima e agarrou na flecha. A haste era de alumínio com penas. Pegou na flecha entre os primeiros dois dedos da mão direita e, com o polegar, a ranhura para o fio atrás das penas. Fizera aquilo vezes sem conta, por isso fazê-lo na escuridão não era problema, mesmo com mãos trémulas.

A mulher deu um pontapé na porta, mas o velho gancho não cedeu. Elizabeth fixou a flecha no fio e apertou a haste contra os dedos da mão esquerda, a qual agarrava o arco. Puxou a flecha para trás a meio caminho e depois respirou fundo. A corda do arco estava velha e quebradiça, podendo simplesmente estalar quando a esticasse à tensão necessária para disparar uma flecha. Por favor, pensou Elizabeth, dedilhando o fio. Preciso de mais um disparo seu.

Seria ela realmente capaz de fazer aquilo? Nunca matara um ser vivo, nunca sonhara em caçar. Fosse como fosse, o pai nem sequer quereria ouvir falar nisso. Certa vez apanhou um dos seus namorados a perseguir um veado com o arco e a flecha dela e baniu-o da casa durante o resto do Verão.

A mulher deu um pontapé na porta. O trinco partiu-se e a porta abriu.

360

O corpo de Elizabeth ficou rígido. Sentia-se como se fosse feita de pedra. Obrigou-se a respirar devagar. Fá-lo: pelo Michael, pensou. Fá-lo pelas crianças dentro de ti.

Puxou a flecha para trás e empurrou a porta com o pé. Viu Astrid Vogel, à porta, a arma nas duas mãos, perto do rosto. Astrid virou-se para o barulho repentino e fez pontaria com os braços esticados.

Elizabeth soltou a flecha.

A ponta da seta atingiu Astrid na base da garganta a atirou-a para trás, encostando-a à porta aberta. Elizabeth gritou. Os olhos de Astrid abriram-se muito e os lábios apartaram-se.

De alguma forma, conseguiu permanecer com a arma nas mãos. Ergueu-a e começou a disparar. O silênciador abafava os disparos, transformando-os num ruído surdo. Elizabeth saltou de novo para dentro do armário. Os disparos lascaram a porta, estilhaçaram a janela do quarto e arrancaram estuque das paredes. Ela caiu no chão e enrolou-se numa bola.

Depois parou. O quarto ficou em silêncio à exceção do vento e dos cliques de Astrid Vogel a tentar disparar uma arma vazia. Elizabeth pôs-se de pé,

pegou noutra flecha e saiu do armário.

Astrid ejetara o cartucho gasto e remexia no bolso do casaco à procura de outro carregador. O sangue jorrava da ferida na garganta. Conseguiu retirar o carregador novo do bolso.

— Não, por favor, não faça isso — pediu Elizabeth. — Não me obrigue a voltar a fazer a mesma coisa.

Astrid olhou para ela e depois para a flecha na garganta. O carregador caiu-lhe das mãos. Respirou fundo duas vezes. O sangue gorgolejava-lhe na garganta.

Por fim, o seu olhar ficou inexpressivo.

Elizabeth caiu de joelhos e vomitou violentamente.

Michael, de volta à cave, podia ouvir os passos de Outubro no piso de cima, deslocando-se cuidadosamente por entre os móveis da sala de estar. Michael sabia que Outubro seria metódico e cuidadoso. Revistaria a casa, divisão a divisão, até encontrar o seu alvo. Para sobreviver, Michael teria, mais uma vez, de ser mais inteligente do que

Outubro, tal como o fora no caminho para peões, na Virgínia. Outubro encontrava-se em território desconhecido. Michael seria capaz de andar pela casa de olhos fechados. Utilizaria isso em seu proveito. Outubro saíra da sala de estar para a cozinha.

— Tenho a sua mulher, senhor Osbourne. Se aparecer agora, desarmado, com as mãos no ar, nada de mal lhe acontecerá. Se me obrigar a persegui-lo como a um animal, mato-a também.

Michael não respondeu, limitando-se a escutar o avanço de Outubro através do primeiro piso da casa. . Passado um instante, Outubro disse: >

— Também me lembro daquela noite em Londres, senhor Osbourne. Lembro-me do som dos seus gritos junto ao rio. Ela era uma mulher linda. Deve tê-la amado muito. Foi uma pena ter de morrer. Foi a primeira e única mulher que eu alguma vez matei, mas não hesitarei em matar a sua mulher, caso insista neste disparate. Entregue-se ou ela morrerá com você.

Michael sentiu a fúria crescer dentro de si. O simples fato de ouvir a voz daquele homem passados tantos anos enchia-o de horror. Tentou reprimir o que sentia, pois sabia que essa era exatamente a reação que Outubro estava a tentar instigar. Se perdesse a cabeça, se agisse com emoção em vez de inteligência, morreria. Também sabia que Outubro não tinha qualquer intenção de permitir que Elizabeth vivesse.

— Deve ter sofrido muito, ao perder a sua amante daquela maneira, abatida como um cão, mesmo à frente dos seus olhos — continuou Outubro. — Ouvi dizer que tiveram de o arrancar do campo e enviá-lo de volta à sede. Ouvi

dizer que foi a sua desgraça. Imagine só como se irá sentir se eu matar outra das suas mulheres. Não desejará viver depois disso, garanto-lhe. Por isso entregue-se, senhor Osbourne. Facilite-nos a vida aos dois.

Michael ouviu um grito vindo da casa de hóspedes: um grito de Elizabeth.

Parece que as coisas estão ficando interessantes lá fora, senhor Osbourne. Pegue o telefone e ligue para a casa. Diga a sua mulher para se entregar e nada de mal lhe acontecerá. Tem minha palavra.

Michael atravessou a divisão e apertou o botão FALAR do intercomunicador.

Muito calmamente, disse: ─ Sua palavra nada significa para mim, Nicolai Mikhailovich.

─ Do que é que me chamou? ─ gritou Outubro, após um momento de hesitação.

─ Chamei-o Nicolai Mikhailovich. É o seu nome verdadeiro, ou as pessoas maravilhosas do KGB esconderam essa informação? Nicolai Mikhailovich Voronstov. Seu pai era o General Mikhail Voronstov, líder do Primeiro Direktorad do KGB. Era seu filho bastardo. Sua mãe era amante dele. Quando teve idade suficiente, seu pai entregou-o ao KGB para que ser educado. Sua mãe acabou num gulag. Quer que continue, Nicolai Mikhailovich?

Michael soltou o botão e esperou a reação de Outubro. Ouviu uma porta sendo aberta com um pontapé, um abajur de cerâmica despedaçando-se no chão, o ruído surdo de uma arma com silenciador sendo descarregada. Michael estava conseguindo perturbá-lo.

─ Seu professor foi um homem que conhecia apenas como Vladimir. Tratava-o como a um pai. Na verdade, ele praticamente era seu pai. Com dezesseis anos, foi infiltrado no Ocidente através da Checoslováquia. Recebeu ordens para matar os seus acompanhantes. Um deles era uma mulher, o que faz de si um mentiroso, bem como um assassino. Ocultou-se no Ocidente. Dez anos mais tarde, já um homem, começou a matar. Posso nomear a maioria das suas vítimas se quiser, Nicolai Mikhailovich.

Michael ouviu uma janela a estilhaçar-se e mais balas a cravarem-se na parede. Ouviu um carregador vazio a cair no chão e um novo a ser colocado no sítio.

Depois ouviu sirenas ao longe e mais um grito vindo da casa de hóspedes.

Voltou a carregar no botão do intercomunicador.

─ Quem o contratou? ─ perguntou. Mais disparos.

─ Quem o contratou, raios? Responda!

— Não sei quem foi!

— Está mentindo. Toda a sua vida é uma mentira.

— Cale-se!

— Está encurralado aqui dentro. Nunca sairá desta ilha com vida.

— Você também não, nem sua mulher.

— Astrid já saiu daqui há muito tempo.

— O que será que está retardando?

— Telefone para a casa. Diga a sua mulher para se entregar.

Michael pousou o celular e pegou o receptor do telefone. Ouviu Outubro levantar uma extensão. O telefone tocou uma vez e Elizabeth atendeu, sem fôlego.

— Michael! Meu Deus, ela está morta. Eu a matei. Atingi-a com uma flecha. Michael, por Deus, não quero ficar aqui com ela. Oh, Michael, é horrível. Por favor, não quero ficar aqui com ela.

— Vai para o cais. Leva o barco a remo para o *Alexandra*. Espere até que a polícia chegue.

— Michael, o que é que...

— Faça o que digo. Vai para o *Alexandra*! Já!

Elizabeth desligou o telefone e dirigiu-se à janela. Conhecia Michael há mais de dez anos. Ele velejara naquele barco inúmeras vezes com o pai dela. Sabia que se chamava Athena e não Alexandra. Era possível que se tivesse enganado devido à pressão da situação, mas duvidava. Era intencional.

Havia um motivo. Ele queria que ela ficasse na casa, mas desejava que Outubro pensasse que estava indo para o barco.

Observou a casa principal pela janela. Ouvia as sirenes a aproximarem-se.

Queria sair dali. Queria um cigarro para disfarçar o cheiro do sangue de Astrid Vogel. Queria que aquele pesadelo acabasse. Segundos mais tarde, viu a porta de correr do alpendre abrir-se e o homem chamado Outubro correr pelo gramado em direção ao cais.

Delaroche precipitou-se para o meio das trevas. O vento açoitava as árvores e quase o levava pelo ar. O cais estendia-se adiante, avançando pela escuridão. A cinquenta metros da costa, o veleiro balançava nas amarras, o mastro oscilando como um pêndulo na crista espumosa das ondas, as adriças gritando ao vento.

A voz de Michael Osbourne, distante e metálica, soava na sua cabeça como as vozes nos alto-falantes de uma estação de trem.

Chamei-o Nicolai Mikhailovich. É o seu nome verdadeiro.

Raios me partam! pensou Delaroche. Como ele sabia?

O KGB prometera-lhe uma coisa: a sua existência no Ocidente seria tão secreta que apenas meia dúzia de pessoas da hierarquia saberia a verdade. Tão secreta que lhe fora permitido matar seus acompanhantes até o Ocidente naquela noite, na Áustria. Teriam mentido? Alguém o teria traído? Teria sido Vladimir? Ou Arbatov? Ou o traidor Drozdov? Teria Drozdov descoberto a verdade sepultada nos arquivos no Centro de Moscou e vendido aos seus novos senhores no Ocidente? Delaroche jurou matar Drozdov se chegasse a sair vivo de Shelter Island.

A revelação de que a CIA tinha um dossiê fez Delaroche sentir-se fisicamente doente. Também teriam uma fotografia? Normalmente era Delaroche que utilizava os dossiês, era Delaroche quem folheava as páginas negras da vida de um homem até descobrir a fraqueza que acabaria por se tornar na sua desgraça. Agora, Delaroche sabia que os seus inimigos tinham reunido um dossiê sobre a sua vida e Osbourne utilizara-o contra ele. Chamei-lhe Nicolai Mikhailovich.

De forma reflexa, as mortes passavam por sua mente. Tentou não pensar nelas, mas os rostos apareceram um por um, primeiro vibrantes e vivos, depois estropiados por três buracos de bala. Hassan Mahmoud, o rapaz palestino. Colin Yardley e Eric Stoltenberg. Sarah Randolph...

Podia ouvir os gritos de Michael Osbourne ecoando ao longo da Represa de Chelsea.

E seu nome verdadeiro.

Certas noites, Delaroche tinha um sonho e agora esse sonho desenrolava-se na sua imaginação. Os homens que ele matara iam confrontá-lo, armados com automáticas com silenciador, e ele tentava pegar na sua pistola Glock, ou na Beretta, e só encontrava pincéis. Depois tentava alcançar a sua arma de reserva e encontrava apenas uma paleta. "Sabemos quem és", diziam eles, começando a rir. Delaroche erguia as mãos e protegia o rosto e as balas despedaçavam-lhe a palma das mãos e penetravam-lhe nos olhos. Delaroche sentava-se na cama e dizia a si próprio que não passava de um sonho, era apenas um maldito e estúpido sonho.

Delaroche atravessou a correr o relvado em declive, os pés a voar sobre a relva molhada, até que o som dos seus passos sobre o cais de madeira desfez a imagem de pesadelo da sua própria morte. Ouviu o barco a bater contra os pilares do cais, mas o motor estava silencioso. Alguns segundos depois, chegou ao fim do pontão e olhou para baixo, a arma apontada para a escuridão.

O barco estava vazio.

— Largue a arma! — gritou Michael sobre o barulho do vento.

— Deite-se no cais, de barriga para baixo, e faça-o muito devagar.

Michael estava no início do cais, Outubro no fim, a quinze metros de distância. O braço esquerdo estava pendurado ao lado do corpo, o direito, dobrado pelo cotovelo, a arma perto do rosto. Permanecia imóvel. Pelo som das sirenes, a polícia encontrava-se agora em Shore Road. Chegaria numa questão de segundos.

— Largue a arma agora! — gritou Michael. — Acabou. Faça o que digo.

Outubro baixou o braço direito até este ficar hirto ao lado do corpo. A polícia chegou ao portão principal. Michael ouviu a porta da casa de hóspedes abrir-se. Virou-se na direção do som e avistou a blusa bege de Elizabeth, brilhando na escuridão.

— Fique onde está, Elizabeth — gritou!

Outubro agachou-se e deu meia volta. O braço ergueu-se. Michael disparou vários tiros com a Browning, mas todos eles voaram por cima da cabeça de Outubro. O assassino disparou três vezes através da escuridão. Um dos tiros atingiu o alvo, rasgando o lado direito do peito de Michael.

A Browning caiu-lhe da mão e retiniu ao longo da doca. Michael caiu de costas. Tinha o braço direito dormente e depois sentiu uma dor intensa e excruciante no peito.

A chuva batia-lhe no rosto. Os ramos das árvores contorciam-se sob o vento e, no seu delírio, Michael pensou que eram mãos gigantes rasgando seu corpo. Deslizou para a inconsciência.

Viu Sarah caminhando em sua direção na Represa de Chelsea, a saia comprida dançando sobre as botas de camurça. Viu o rosto desfeito. Ouviu a voz de Elizabeth, chamando-o de muito longe, incompreensível.

Por fim, ela atravessou a névoa do choque.

— Michael! Ele está vindo! Michael, por favor, meu Deus! Michael!

Michael levantou a cabeça e viu Outubro avançando lentamente na sua direção. A Browning estava no cais, a alguns centímetros de distância. Michael tentou alcançá-la com a mão direita, mas esta não obedecia à ordem para que se mexesse. Rolou para o lado direito e estendeu a mão esquerda. Sentiu o metal frio da Browning, a coronha escorregadia devido à chuva. Agarrou-a, colocou o dedo no gatilho e disparou.

Delaroche viu o clarão na boca da arma de Osbourne. Ergueu a Beretta quando a primeira série de disparos passaram por ele zumbindo, inofensivos, e fez pontaria ao corpo de Osbourne, deitado de barriga para baixo. Deu mais um passo. Queria atingi-lo no rosto. Queria vingar a morte de Astrid. Queria deixar sua marca.

Osbourne voltou a disparar. Desta vez, uma bala rasgou a mão direita de Delaroche, estilhaçando osso. A Beretta caiu-lhe da mão e mergulhou nas águas

em turbilhão sob o cais. Olhou para baixo e viu fragmentos de osso saindo do golpe feio nas costas da mão.

Quis matar Osbourne com a mão boa, partir-lhe o pescoço ou apertar-lhe a garganta, mas Osbourne ainda tinha sua arma e a polícia entrava no terreno. Deu meia volta, correu velozmente pelo cais e saltou para o barco. Puxou o codão de arranque quatro vezes até que o pequeno motor pegou. Desatou a amarra e dirigiu o barco para longe do cais, em direção a Shelter Island Sound.

Cannon Point estava resplandecente de luzes. As sirenes enchiam o ar. Acima de tudo, Delaroche ouviu uma coisa: os gritos de Elizabeth Osbourne, implorando ao marido que não morresse.

LONDRES

— Osbourne vai sobreviver? — perguntou o Diretor, a partir da biblioteca da sua casa em St John's Wood.

— O estado dele estabilizou esta noite — respondeu Mitchell Elliott. — Sofreu outra hemorragia por volta do meio-dia, por isso os cirurgiões tiveram de entrar novamente em ação. Infelizmente, parece que vai sobreviver.

— Onde está ele?

— Oficialmente, a sua localização é secreta. A minha fonte em Langley confirma que o Osbourne está na unidade de cuidados intensivos no Stonybrook Hospital, em Long Island.

— Espero que compreenda que, neste momento, o Osbourne é intocável. Pelo menos por agora.

— Sim, eu sei, Diretor.

— Ele sobreviveu a dois atentados. Sob quaisquer circunstâncias haverá um terceiro.

— com certeza, Diretor.

— É um adversário digno de respeito, o nosso senhor Osbourne. Tenho de confessar que o admiro muito. Quem me dera que houvesse alguma forma de convencê-lo a trabalhar para mim.

— Ele é um Escoteiro, Diretor, e os Escoteiros não encaixam bem na sua organização.

— Acho que tem razão.

— Qual é o estado do Outubro? — perguntou Elliott.

— Receio que tenha tido uma recepção bem indelicada por parte da equipe de extração.

— E os adiantamentos que depositamos na conta dele, no banco suíço?

— Desapareceu tudo, creio. Parece que Outubro transferiu o dinheiro da conta tão rapidamente quanto entrou.

— É uma pena.

— Sim, mas claro que um homem da sua posição não está preocupado em perder uns trocados aqueles.

— Claro que não, Diretor.

— Ainda há um alvo do qual temos de tratar.

— Já coloquei tudo em andamento.

— Excelente. Mas faça-o com habilidade. Há muito em jogo.

— Será feito de forma muito habilidosa.

— Senhor Elliott, sei que não tenho de lembrar de que, a esta altura, o seu primeiro dever é o de proteger a Sociedade a todo o custo. Não deve fazer nada que coloque a Sociedade em risco, seja ele qual for. Sei que posso contar com o seu auxílio nessa questão.

— Claro, diretor.

— Muito bem. Foi um prazer negociar com você. Só espero que não tenha sido tudo em vão. Será necessária toda a sua notável maestria para garantir a sobrevivência do seu sistema de defesa antimíssil.

— Estou confiante de que esse objetivo pode ser alcançado.

— Ótimo. Boa noite, senhor Elliott.

— Boa noite, Diretor.

O Diretor pousou o receptor sobre o descanso.

— É um mentiroso fantástico — comentou Daphne.

Deixou o robe de seda cair-lhe dos ombros e deslizou para a cama, deitando-se ao lado dele.

— Receio que seja necessário, nesta linha de trabalho.

Beijou-o na boca e pressionou os seios contra o corpo dele. Depois fez deslizar as mãos até entre as pernas dele e agarrou-o.

— Alguma coisa, meu amor? — murmurou. Ele beijou-a e respondeu:

— Talvez se você se esforçar um pouco mais, minha flor.

WASHINGTON, D. C.

Paul Vandenberg estacionou em Ohio Drive, com vista para o Washington Channel, e desligou o motor. Viera sozinho, no seu carro privado, tal como Elliott pedira. O encontro deveria ter lugar às dez da noite, mas Elliott estava atrasado, o que era pouco típico da sua parte. Outro carro parou atrás de si, um veículo de tração às quatro rodas, grande e preto, as janelas opacas pulsando ao som de rap. Vandenberg ligou o carro e deixou-o parado enquanto esperava. O veículo de tração às quatro rodas partiu às dez e um quarto. Cinco minutos depois, um sedan preto parava ao seu lado e o vidro da porta traseira desceu.

Era Mark Calahan, o assistente pessoal de Mitchell Elliott.

— O senhor Elliott pede imensas desculpas, mas tem de haver uma mudança de local — informou Calahan. — Venha comigo e eu o levo ao carro quando o encontro terminar.

Vandenberg saiu do carro e entrou no banco traseiro do sedan preto. Andaram durante dez minutos: contornaram Hains Point, atravessaram a Memorial Bridge para a Virgínia e depois seguiram para o norte, ao longo da alameda. Calahan permaneceu sempre em silêncio. Era uma das regras de Elliott: nada de conversas de ocasião entre seu pessoal e os clientes. Por fim, o carro entrou num estacionamento com vista para a Roosevelt Island.

— O senhor Elliott está a sua espera na ilha, senhor — declarou Calahan educadamente. — Vou levá-lo até ele.

Os dois homens saíram do carro.

O motorista, Henry Rodriguez, ficou à espera ao volante. Dois minutos depois, Rodriguez ouviu o estouro de um único tiro.

Um corredor encontrou o corpo às 7h15 da manhã seguinte. Jazia ao lado de um banco de mármore no memorial a Theodore Roosevelt, o que os órgãos de comunicação social consideraram adequado, uma vez que Paul Vandenberg sempre admirara TR. A arma fora colocada na boca. Uma grande porção da parte de trás da cabeça de Vandenberg desaparecera. A bala estava cravada no tronco de uma árvore a dezoito metros de distância.

O bilhete de suicídio foi encontrado no bolso do peito do sobretudo de lã. Exibia as caraterísticas de todos os bons memorandos de Vandenberg: conciso, econômico, direto. Acabara com a própria vida, dizia o bilhete, pois sabia que o *Washington Post* preparava um relato devastador de suas atividades de angariação de fundos ao longo dos anos em proveito de James Beckwith.

Vandenberg admitia a culpa. Beckwith e Mitchell Elliott não possuíam qualquer responsabilidade. Vandenberg planejara e executara tudo. Acabara com a própria vida, dizia o bilhete, porque era preferível morrer com um tiro do que com um procurador independente.

Um James Beckwith abalado apareceu na sala de imprensa da Casa Branca ao fim da tarde, a tempo dos noticiários da noite. Declarou sentir um choque e pesar profundos pela morte de seu assessor mais próximo. Em seguida anunciou que o Departamento de Justiça daria início de imediato a uma investigação minuciosa de todas as atividades de angariação de fundos de Vandenberg em prol de Beckwith. Abandonou a sala de imprensa sem responder a perguntas e passou uma noite sossegada com Anne nos aposentos da família da Casa Branca. Na manhã seguinte, o *Post* dedicava grande parte da primeira página ao suicídio aparente de Paul Vandenberg. A reportagem incluía longa explicação sobre a relação financeira entre James Beckwith e Mitchell Elliott. O artigo contestava a afirmação, patente no bilhete suicida de Vandenberg, de que ele, e só ele, fora o arquiteto da rede complexa de acordos financeiros que, ao longo dos anos, tinham enriquecido os Beckwith. Também implicava o advogado de Washington de Mitchell Elliott, Samuel Braxton, o candidato de Beckwith a secretário de Estado.

O artigo tinha autoria dupla: Tom Logan e Susanna Dayton, do *Washington Post*.

JANEIRO

SHELTER ISLAND, NOVA YORK

Algumas noites eram melhores do que outras. Em certas noites, Elizabeth assistia a tudo outra vez nos seus sonhos e acordava a gritar, esfregando as mãos para tentar tirar as manchas de sangue. Em certas noites, Michael acordava, tendo sonhado que Outubro lhe tinha dado três tiros no rosto, em vez de um no peito. A casa de hóspedes foi restaurada e repintada, mas Elizabeth nunca mais lá voltou. Por vezes, Michael sentava-se na ponta do cais e espreitava as águas em torvelinho. Por vezes, passava uma hora antes que despertasse do seu transe. Por vezes, Elizabeth observava-o do relvado e imaginava exatamente o que ele estava a pensar.

Sobre o que aconteceu a seguir, Michael só sabia o que lia nos jornais ou via na televisão mas, como qualquer membro dos serviços secretos, geralmente considerava as notícias dadas pelos órgãos de comunicação social como música de fundo irritante. Todas as manhãs, o novo caseiro ia até a drogaria em Shelter Island Heights buscar os jornais (The New York Times, The Wall Street Journal, Newsday) e deixava-os sobre a mesa-de-cabeceira de Michael. No dia de Ano Novo, Michael sentia-se forte o suficiente para fazer a viagem também. Sentou-se no banco do passageiro do seu Jaguar e, pela janela, fitou em silêncio a água e as árvores nuas de Inverno. O interesse esmoreceu à medida que Janeiro ia passando e, por altura do Dia da Inauguração, já deixara de ler completamente os jornais.

Beckwith suportou bem os tempos difíceis. O mérito foi atribuído à esposa, Anne. Esta tornara-se a conselheira mais importante do Presidente desde a morte de Paul Vandenberg. Foi capa da News week na edição da semana do Natal e, no interior, podia ler-se um artigo esplendoroso sobre a sua perspicácia política. Anne teria de desempenhar um papel fundamental a partir das sombras para que o segundo mandato de Beckwith fosse bem sucedido. Segundo os mexericos de Washington, foi Anne quem levou o Presidente a insistir numa reforma radical do financiamento das campanhas. Com o fervor dos recém-convertidos, Beckwith pediu a proibição de contribuições irregulares aos partidos (o "dinheiro fácil"), e pressionou as estações de televisão a dar aos candidatos tempo de antena gratuito. Por volta do Dia da Inauguração, a sua taxa de aprovação atingira os sessenta por cento.

Dois dos amigos e apoiantes mais chegados de Beckwith não se saíram tão bem. Samuel Braxton viu-se obrigado a recusar a nomeação para secretário de Estado. Negou ter cometido qualquer crime mas afirmou não querer enlear a política externa americana, envolvendo-se numa longa luta pelo reconhecimento, que iria causar cisões. De acordo com os órgãos de comunicação social, foi Anne quem tirou o tapete a Braxton.

A Alatron Defense Systems retirou-se voluntariamente do projeto nacional de defesa antimíssil depois de Andrew Sterling, o adversário derrotado de Beckwith e presidente do Comité das Forças Armadas do Senado, prometer levar a cabo "o equivalente congregacional a um exame rectal" a Mitchell Elliott. O contrato foi adjudicado a outro fabricante da Califórnia e Sterling deu o seu apoio relutante, garantindo que o sistema receberia financiamento e seria utilizado.

Dois dias antes da tomada de posse, o FBI e a US Park Police divulgaram os resultados da investigação sobre a morte do Chefe de Gabinete da Casa Branca, Paul Vandenberg. Os investigadores não encontraram qualquer prova que sugerisse que a sua morte não se ficara a dever ao suicídio. A investigação sobre os assassinatos de Max Lewis e do agente da polícia Dale Preston não resultou em detenções. A Polícia Metropolitana de Washington deu discretamente por encerradas as suas investigações sobre o assassínio de

Susanna Dayton. O caso permaneceu tecnicamente aberto.

Elizabeth passava longos fins-de-semana na ilha. Trabalhava três dias por semana a partir do gabinete de Nova York da Braxton, Allworth & Kettlemen, enquanto, pouco a pouco, resolvia os casos pendentes e sondava outras firmas. Graças ao seu currículo e às ligações políticas que mantinha, não lhe faltavam propostas. A venerável firma de Nova York, Titan, Webster & Leech foi quem lhe ofereceu mais dinheiro e, acima de tudo, maior flexibilidade. Aceitou a oferta e, nessa mesma tarde, enviou a Samuel Braxton, por fax, a sua carta de demissão.

Michael recuperou mais depressa do que o previsto pelos médicos. A neve caiu na primeira semana de Janeiro e o tempo ficou gelado. Contudo, na semana seguinte, o tempo aqueceu um pouco e os médicos mandaram-no sair de casa e dar pequenos passeios.

Nos primeiros dois dias, passeou cautelosamente por Cannon Point, o braço direito ao peito, pois a bala de Outubro esmagara-lhe a clavícula e fraturara-lhe a omoplata. No terceiro dia, caminhou ao vento em Shore Road, com um par de seguranças de Adrian Carter a segui-lo lentamente. No espaço de uma semana, de manhã ia até a aldeia a pé e regressava e, ao fim da tarde, percorria as longas praias rochosas de Ram Island.

À noite, escrevia na biblioteca de Douglas Cannon, com vista para Dering Harbor. Passados três dias, mostrou o primeiro esboço ao sogro. Cannon fez a revisão com um lápis vermelho, avivando a prosa formal e burocrática de Michael, aguçando a lógica dos argumentos e das conclusões. Quando terminou, enviou-a de imediato a Adrian Carter, em Langley.

— Não há nada que eu deteste mais do que Washington no Dia da Inauguração — disse Carter na noite seguinte. — Bem que precisava de um pouco de ar do mar e de um vinho dos Cannon. Importas-te que eu vá passar aí uns dias?

— Durante quanto tempo é que vou ter de aturar estes palhaços? — perguntou Michael na tarde seguinte, enquanto andava aos solavancos pelo sexto fainvay do Gardiners Bay Country Club, num carro de golfe. Dois agentes de segurança da CIA, com blusões de penas a condizer, vinham num carro atrás deles, resmungando para os rádios que traziam nas mãos. — Merda, falhei o buraco — disse Carter, parando o carro com um solavanco ao lado da bola e descendo. Retirou um ferro número nove do saco e preparou-se para uma tacada de 140 metros para o green.

— Vai responder minha pergunta? — quis saber Michael.

— Valha-me Deus, Michael, calma. Não quando estou preparando a tacada.

Carter deu a tacada. A bola caiu no bunker esquerdo.

— Raios me partam, Osbourne!

— Tenha calma, Tigre. O frio aqui fora é de três graus.

Carter subiu no carro e dirigiu-se ao green.

— Aqueles palhaços, como você os chama, estão aqui para proteger você e sua família, Michael, e vão ficar até eu ter certeza de que sua vida já não corre perigo.

— Neste momento a minha vida corre perigo porque estou dentro de um carro de golfe aberto em pleno inverno.

— Vou te levar em casa depois das nove e depois venho jogar sozinho.

— Você é doido.

— Devia se dedicar ao jogo.

— Já tenho frustração que chegue em minha vida. Consigo viver sem me autoflagelar. Além disso, terei sorte se algum dia puder levantar um copo de cerveja com este braço, quanto mais manejar um taco de golfe.

— Como vai Elizabeth?

— Tão bem quanto se pode esperar, Adrian. Matar alguém não é fácil, mesmo em legítima defesa. O fato de ter conseguido evitar que chegasse ao

conhecimento público tornou as coisas mais fáceis para ela. Não consigo agradecer o suficiente a você.

— Ela é uma joia — afirmou Carter. — Sempre disse que você é o homem mais sortudo que eu conheço. — O chip de Carter passou ao lado do buraco, deixando-o com um putt de três metros. — Porra! — exclamou. — Está frio demais para jogar golfe. Vamos passar a tarde em frente à lareira tomando um porre.

— Leu? — perguntou Michael, enquanto Carter retirava a rolha de uma garrafa de merlot italiano e enchia dois copos.

— Sim, li. Das duas uma: ou jogava fora ou deixava seguir.

— Qual delas tomou?

— Escolhi o caminho dos covardes. Deixei seguir sem comentário.

— Você é um fracote.

— Chama-se subterfúgio burocrático. Salvar a pele.

— Salvar o couro.

— É a mesma coisa. Você podia aprender uma ou duas coisas comigo. Normalmente anda com o couro ao léu.

— Sou um homem de campo, Adrian. Os homens de campo são péssimos em trabalho burocrático. Você mesmo disse muitas vezes.

— É verdade.

— Então como é que ficou tão bom nesse tipo de trabalho?

— Porque queria uma vida e não podia ter uma se corresse de buraco em buraco, tentando me lembrar do meu nome falso da semana.

— A quem deu meu memorando?

— A Monica Tyler, claro.

— Deixe-me adivinhar: ela jogou fora.

— Num instantinho.

— Não esperava outra coisa.

— Então por que escreveu?

— Por achar que é verdade.

— Acredita mesmo que Mitchell Elliott, com a ajuda de um bando secreto de agentes vendidos, abateu aquele avião para poder construir o seu sistema de defesa antimíssil?

Michael assentiu. — Sim, acredito.

— Isso se enquadra na categoria de acusações perigosas demais... pelo menos sem provas conclusivas. Monica reconheceu isso e eu também. Sinceramente, o que me incomoda é por que um agente com sua experiência não seja capaz de perceber isso.

Elizabeth bateu à porta e entrou. O senador convencera-a a sair com ele no Athena até a baía por algumas horas. Tinha o rosto corado devido ao frio.

Colocou-se em frente à lareira e aqueceu o traseiro junto às chamas.

— Pensei que você levaria as coisas com calma — disse Carter.

— Papai é que navegou. Eu só bebi chá de ervas e tentei não morrer congelada.

— Está tudo bem? — perguntou Carter.

— Está tudo ótimo. Os bebês estão fantásticos.

— Meu Deus, isso é maravilhoso — disse, abrindo um largo sorriso no seu rosto normalmente plácido.

— De que estavam a falar, rapazes?

— Assuntos de trabalho. — Tudo bem, vou-me embora. Fica — pediu Michael.

Michael, alguns destes assuntos...

— Ela pode ouvir a conversa em primeira-mão, ou pode ouvi-la mais tarde, na cama. Escolhe, Adrian.

— Fica — disse ele. — Além disso, é tão bom ter algo belo para onde olhar.

Torna-te útil, Michael, e serve-me mais um pouco de vinho. Elizabeth?

Ela abanou a cabeça.

— Nada de álcool nem de tabaco durante algum tempo. Carter bebeu um pouco de vinho e disse:

— Recebemos um relatório dos serviços franceses há dois dias. Acreditam ter descoberto a identidade falsa do Outubro. Estava a viver na costa bretã sob o nome de Jean-Paul Delaroche. Numa aldeia chamada Brélés.

— Meu Deus, nós estivemos lá, Michael.

— Vivia tranquilamente numa casa de campo com vista para o Canal. Parece que era também um pintor talentoso. Os franceses estão a manter as coisas bastante discretas, como só os franceses são capazes de fazer. Temos um alerta mundial em nome dele, mas até agora ninguém o viu. Também ouvimos dizer, de uma série de fontes diferentes, que está morto.

— Morto? Como?

— Parece que quem o contratou para te matar não ficou satisfeito por ele ter fracassado no cumprimento do contrato.

— Espero que o tenham torturado primeiro — disse Elizabeth.

Michael olhava pela janela, em direção ao cais e à baía encrespada mais além.

— No que está pensando, Michael? — perguntou Elizabeth.

— Gostaria apenas de ver o corpo, só isso.

— Todos nós gostaríamos — respondeu Carter. — Mas, regra geral, estas coisas não funcionam assim.

Terminou o vinho e estendeu o copo para que lhe servissem mais. Elizabeth abriu outra garrafa. O senador entrou na sala, o rosto corado e o cabelo desgrenhado. — Já vi que assaltaram a cave — disse. — Serve-me uma boa dose, por favor.

— Tenho outro assunto sério antes de ficarmos embriagados.

— Se tem de ser — retorquiu Michael.

— Monica concordou em desistir de todos os procedimentos disciplinares contra você. Acha que são inadequados nesta altura do campeonato, tendo em conta aquilo que tu e a Elizabeth sofreram. — Ah, que simpatia a da Monica.

— Vai lá, Michael. Ela está falando sério. Ela acha que as coisas se descontrolaram. Quer passar uma esponja em cima de tudo e seguir em frente.

Michael olhou para Elizabeth e depois novamente para Carter.

— Diga que agradeço, mas não, obrigado — disse.

— Quer que os procedimentos disciplinares avancem?

— Não, quero sair — disse Michael. — Decidi deixar a Agência.

— Não está falando sério...

— Sério como nunca — respondeu Michael. — Desculpa, má escolha de palavras. Pronto, agora podemos embebedar-nos.

Elizabeth atravessou a sala, abaixou-se e beijou os lábios de Michael.

— Tem certeza, Michael? Não faça isso por mim.

— Nunca tive tanta certeza de uma coisa em toda a minha vida. E não vou fazer por você. Vou fazer por nós. — Depois tocou a barriga de Elizabeth. — E por eles.

Ela beijou-o outra vez e disse:

— Obrigado, Michael. Amo-te. Espero que saibas isso.

— Eu sei — respondeu. — Se sei. Carter olhou para o relógio e exclamou: Oh, porra!

— O que foi? — perguntaram Michael e Elizabeth em uníssono.

— Perdemos o discurso do Beckwith.

E todos riram às gargalhadas.

EPÍLOGO

MYKONOS, GRÉCIA

Era a villa que ninguém queria. Estava localizada no topo de um penhasco, com vista para o mar, exposta ao vento eterno. Stavros, o agente imobiliário, desistira da ideia de vender a propriedade. Limitava-se a alugá-la todos os anos ao mesmo clã de jovens corretores ingleses que pilhavam a ilha em Agosto para três semanas de bebedeiras.

O francês com a mão ferida passou apenas cinco minutos dentro da casa. Percorreu os quartos e a sala de estar e inspecionou a vista do terraço de pedra. Prestou particular atenção à cozinha, que o fez franzir o cenho.

— Conheço homens que lhe podem fazer o trabalho, se desejar fazer renovações — disse Stavros.

— Isso não será necessário — respondeu o francês. — Eu próprio tratarei disso. — Mas a sua mão — assinalou Stavros, apontando com a cabeça para a ligadura. — Isto não é nada — alegou o francês. — Um acidente na cozinha. Em breve vai sarar.

Stavros franziu o sobrolho, como se achasse a história pouco convincente. — E alugada com frequência — continuou. — Se quiser deixar a ilha na época alta, tenho a certeza de que consigo arranjar um bom preço por ela, sobretudo se fizer reparações.

A villa já não é para alugar. — Muito bem. Quando gostaria de...

— Amanhã — antecipou-se o francês. — Dê-me um número de conta e o dinheiro será depositado esta tarde.

— Mas, monsieur, o senhor não é grego. Não é fácil para um estrangeiro comprar um imóvel. Existem impressos para preencher, documentos legais. Estas coisas levam tempo.

— Trate de tudo, senhor Stavros. Mas amanhã de manhã mudo-me para cá. Passou o resto do Inverno dentro de casa. Quando a mão ficou suficientemente boa, começou a trabalhar, restaurando a villa com a devoção de um monge a copiar livros antigos. Kristos, o homem da loja de artigos para o lar

ofereceu-se para encontrar bons homens para o ajudar com o trabalho, mas o francês recusou educadamente. Substituiu os eletrodomésticos da cozinha e colocou um novo balcão de cerâmica. Repintou todo o interior. Retirou a mobília velha (móveis modernos pavorosos) e encheu as divisões com cadeiras e mesas rústicas gregas. Em Março, quando o tempo aqueceu, virou a atenção para o exterior. Disfarçou rachas nas paredes e deu-lhes uma demão de cal reluzente. Substituiu as telhas partidas no telhado e as pedras partidas no terraço. A meio de Abril, a villa que ninguém queria era a mais bonita da aldeia.

A bicicleta de corrida italiana chegou nessa mesma semana. Todas as manhãs, pedalava pelas estradas sinuosas da costa e subia e descia as colinas íngremes no centro da ilha. Gradualmente, à medida que os dias aumentavam, ia passando cada vez mais tempo na aldeia. Regateava o preço das azeitonas, do arroz e do borrego no mercado. Algumas tardes por semana, almoçava na taberna, sempre com um livro como proteção. Às vezes, comprava robalo grelhado aos rapazes na praia e comia o peixe sozinho, numa gruta, onde brincavam focas cinzentas. Aventurou-se a entrar na garrafeira. De início, bebia apenas vinhos franceses e italianos mas, passado algum tempo, desenvolveu um gosto por variedades gregas baratas. Quando o empregado sugeria colheitas mais dispendiosas, o francês abanava a cabeça e devolvia a garrafa. As renovações, explicava ele, tinham-lhe dado um rombo nas finanças.

Ao princípio, o seu grego era limitado, algumas frases desconexas, um sotaque vago, difícil de identificar. Mas extraordinariamente no espaço de dois meses, conseguia tratar dos seus assuntos num grego aceitável com o sotaque de um ilhéu.

As mulheres da aldeia faziam avanços suaves, mas ele não possuía qualquer amante. Só tinha duas visitas: um pequeno inglês com olhos da cor da água do mar invernal e uma deusa mulata que apanhava banhos de sol nua em Maio. O inglês e a deusa ficaram três dias. Todas as noites jantavam no terraço, já a noite ia avançada.

Em maio, começou a pintar. De início, só conseguia segurar nos pincéis durante alguns minutos de cada vez, devido à cicatriz na mão direita. Depois devagar, gradualmente, a cicatriz deixou de repuxar e ele era capaz de trabalhar várias horas de seguida. Durante muitas semanas, pintou os cenários em redor da villa: as paisagens marítimas, os aglomerados de casas caiadas, as flores nas encostas, os anciãos a beber vinho e a comer azeitonas na taberna. A villa refletia as cores em mutação de cada dia que passava: um cor-de-rosa empoeirado da aurora, um castanho-avermelhado filtrado do crepúsculo que levou semanas de pacientes experiências para recriar na sua paleta.

Em agosto, começou a pintar a mulher.

Era loura, com uns admiráveis olhos azuis e uma tez pálida e luminosa. Segundo a empregada de limpeza, trabalhava sem um modelo a partir de uma mancheia de esboços desenhados a lápis.

— É evidente — contou ela às outras moças da aldeia — que o francês trabalha de memória.

Era uma obra grande, cerca de dois metros por um metro. A mulher vestia apenas uma blusa branca, desabotoada até o umbigo, tingida com o castanho-avermelhado do ocaso. O corpo longo encontrava-se disposto sobre uma pequena cadeira de madeira, a olhar para trás. O queixo repousava sobre uma mão. A outra segurava algo que parecia uma arma, embora ninguém colocasse uma arma na mão de uma mulher tão bela, disse a empregada. Nem mesmo um francês recluso.

Terminou a obra em outubro.

Colocou-a numa moldura simples e pendurou-a na parede, de frente para o mar.

FIM

AGRADECIMENTOS

Os acontecimentos retratados neste romance são inteiramente fruto da imaginação do autor, tal como as personagens que o povoam. Ainda assim, vários homens e mulheres semelhantes às pessoas desta história prestaram-me um auxílio inestimável, sem o qual este livro não teria sido possível. Os conhecimentos são todos deles; os erros, as simplificações e a liberdade dramática são todos meus.

Alguns elementos atuais e antigos dos serviços secretos americanos deixaram-me espreitar atrás do pano para o seu mundo e quero expressar-lhes a minha gratidão, sobretudo para com os profissionais do Centro Antiterrorismo da CIA em Langley, na Virgínia, que pacientemente responderam a tantas das minhas perguntas quanto possível e generosamente partilharam, pelo caminho, partes das suas vidas.

Muito tem sido escrito sobre trabalhar na Casa Branca, mas várias pessoas, de vários departamentos, ajudaram-me a preencher os espaços em branco com as suas recordações pessoais. Alguns dos seus conhecimentos ajudaram a moldar este livro, outros ficaram na gaveta, mas estou em dívida para com todas elas. Na minha vida anterior, tive o privilégio de trabalhar com Brooks Jackson, que faz a cobertura da interseção do dinheiro com a política para a CNN, e é um dos melhores jornalistas de Washington. A sua sabedoria foi inestimável, embora nada do que foi escrito nas páginas de um romance possa alguma vez fazer justiça ao espírito e à perícia do seu trabalho.

James Hackett e John Pike ajudaram-me a decifrar o Cubo Mágico da National Ballistic Missile Defense, tendo também falado apaixonadamente a favor e contra ele. Claro que a simplificação assustadora da defesa antimíssil patente neste livro é responsabilidade minha, não deles.

Também desejo expressar o meu profundo agradecimento ao doutor Zev Rosenwaks e a Wally Padillo do Center for Reproductive Medicine and Infertility, do New York Hospital-Cornell Medical Center. O meu obrigado também a Chris Plante, que me ajudou a compreender melhor os mísseis Stinger.

Ao longo dos anos, três queridos amigos, tom Kelly, Martha Rogers e Greg Craig, abriram-me uma janela para o mundo da advocacia de Washington, embora nunca se tivessem apercebido de que eu estava a recolher material para

um livro. Agradeço-lhes pelos seus conhecimentos e, acima de tudo, pela sua amizade. Como sempre, Lon Trewin, o diretor-geral da Weidenfeld & Nicolson em Londres, deu-me conselhos preciosos, tal como a sua assistente, Rachel Leyshon. Um obrigado muito especial à equipe do International Creative Management: Heather Shroeder, Alicia Gordon, Tricia Davey, Jack Horner, Sloane Harris e, claro, Esther Newberg.

E, por fim, à equipe talentosa e dedicada da Random House: Adam Rothberg, Jake Klisivitch, Sybil Pincus, Leona Nevler e Linda Gray e, sobretudo, aos meus editores, Brian DeFiore e Ann Godoff. Não há melhores.

Digitalização: Dores Cunha
Correção: Gonçalo Ferreira

